

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Ana Paula Lemos Oliveira

**ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA AUTOPROVOCADA: novos
desafios para a atuação docente**

Taubaté – SP

2021

Ana Paula Lemos Oliveira

**ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA AUTOPROVOCADA: novos
desafios para a atuação docente**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Formação Docente e Desenvolvimento Profissional

Orientadora: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Campos Diniz

Taubaté – SP

2021

ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA
ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA AUTOPROVOCADA: novos desafios para a
atuação docente

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Formação Docente e Desenvolvimento Profissional

Orientadora: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Campos Diniz

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro - Universidade de Taubaté

Assinatura_____

Profa. Dra. Maria Aparecida Campos Diniz - Universidade de Taubaté

Assinatura_____

Profa. Dra. Mariana Aranha de Souza - Universidade de Taubaté

Assinatura_____

Profa. Dra. Rosa Maria Frugoli da Silva - Professora no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

Assinatura_____

Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU

O48a Oliveira, Ana Paula Lemos

Adolescência e violência autoprovocada : novos desafios para atuação docente / Ana Paula Lemos Oliveira. -- 2021.

252 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, Taubaté, 2021.

Orientação: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro, Departamento de Psicologia.

Coorientação: Profa. Dra. Maria Aparecida Campos Diniz de Castro, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação.

1. Violência em adolescentes. 2. Escola. 3. Automutilação.
4. Adolescentes – Comportamento suicida. I. Universidade de Taubaté. Programa de Pós-graduação em Educação.

CDD – 155.5

Dedico este trabalho aos meus alunos e a todos os jovens que sofrem e pensam em suicídio.

Que eles encontrem uma saída para esse labirinto em que estão inseridos e que possam encontrar um objetivo de vida e ser felizes.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que ao longo da investigação e desenvolvimento da pesquisa me fortaleceu, guiou e iluminou.

A minha família, que é minha base, que me apoiou neste grande desafio.

A minha orientadora Profa. Dra. Débora Inácio Ribeiro, que aceitou trilhar comigo esse caminho de descobertas, que desde o início acreditou no projeto e me conduziu nessa trajetória com doçura e firmeza, constantemente me incentivando e fortalecendo

À coorientadora Profa. Dra. Maria Aparecida Campos Diniz, por seu acolhimento, direcionamento e provocações, que me proporcionaram grandes reflexões sobre o contexto escolar e sobre renomados teóricos do campo educacional.

À Profa. Dra. Mariana Aranha de Souza, pela atenção, suporte à análise dos dados e provocações, que iluminaram o caminho para a conclusão da pesquisa.

À Profa. Dra. Rosa Maria Frugoli da Silva que, como membro externo, contribuiu com um olhar atento sobre a pesquisa e sua estruturação.

À Coordenadora Profa. Dra. Ana Maria Gimenes Corrêa Calil, que me incentivou a vencer os desafios da investigação a que me propus.

À UNITAU – Universidade de Taubaté, pela oportunidade de crescimento e desenvolvimento acadêmico e a todas as bancas examinadoras que contribuíram com observações e orientações, em cada fase do desenvolvimento da pesquisa aqui relatada.

A minha turma e aos meus amigos, que foram grandes companheiros nessa trajetória. Acreditaram em mim e me incentivaram a acreditar que o meu sonho era possível, principalmente Virgílio Lisboa Do Val, um irmão com o qual a vida me presenteou.

À Instituição onde trabalho, Firjan SESI, que me desafia todos os dias a ser melhor e que possibilita meu desenvolvimento profissional.

Aos meus colegas de trabalho, aos colaboradores da minha equipe e aos meus alunos, que me provocam a mudar, a recomeçar e a me dedicar todos os dias à Educação.

“Mantenha seus pensamentos positivos, pois seus pensamentos se tornam suas palavras.
Mantenha suas palavras positivas, pois suas palavras se tornam os seus comportamentos.
Mantenha seus comportamentos positivos, pois seus comportamentos se tornam os seus
hábitos. Mantenha seus hábitos positivos, pois seus hábitos se tornam seus valores.

Mantenha seus valores positivos, pois seus valores se tornam o seu destino.”

(Mahatma Gandhi)

RESUMO

Objetivou-se investigar como os docentes percebem seus limites e possibilidades de atuação frente aos comportamentos de violência autoprovocada entre alunos adolescentes. Devido à complexidade do fenômeno e de seus fatores multicausais, buscou-se apoio em várias áreas do conhecimento. Os principais aportes teóricos da pesquisa foram: na dimensão sociológica, Almeida (2018), que propõe reflexões a partir das obras de Émile Durkheim e Karl Marx; na dimensão psicológica, Fukumitsu (2014); e na dimensão filosófica, reflexões de Frankl (2020). Ao elaborar discussões sobre o espaço escolar e a profissão docente, foram pesquisados os autores Huberman (1992), Tardif (2000), Fazenda (2002), Morin (2003), Libânio (2008), Gatti (2009), Marcelo (2009) e Shulman (2014). A pesquisa, de natureza aplicada, exploratória e descritiva, adotou uma abordagem qualitativa e quantitativa. Foram convidados 150 professores de quatro escolas do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio do Sul do Estado do Rio de Janeiro: uma pública e três particulares. Desse grupo, 73 docentes aceitaram contribuir com suas experiências. O delineamento metodológico pautou-se na utilização de questionário e entrevista semiestruturada, que permitiram dar voz aos professores. Por meio de suas narrativas, foi possível reunir material sobre suas rotinas de trabalho no enfrentamento dessa realidade, o que evidenciou a relevância do tema no contexto investigado. Os dados obtidos na produção teórica e nos documentos atuais sobre o tema permitiram concluir que, sozinhos, o docente e a escola dificilmente conseguem superar os desafios impostos pela natureza do problema investigado. Contudo, buscando subsídios e orientações com especialistas, a escola e os docentes têm possibilidades de contribuir na prevenção e posvenção do fenômeno. Quando atuam, ajudam os alunos e as famílias que sofrem com comportamentos de violência autoprovocada. Evidenciou-se que os professores percebem o fenômeno como presente e relevante e que a discussão sobre o tema saúde mental é fundamental para as escolas. Constatou-se que, como os docentes não têm conhecimento e formação sobre o tema, sentem-se preocupados e inseguros e demonstram atitudes e percepções que reforçam mitos e tabus. Os professores desejam ajudar os alunos, mas não sabem a forma correta de agir e esperam providências da escola e principalmente da família. Apesar de entenderem que a violência autoaflicta é provocada por múltiplos fatores, percebem a família como um dos fatores que desencadeiam esse fenômeno nos adolescentes. Como possibilidades de atuação, os participantes apontaram que a formação, as parcerias com profissionais de saúde e as atividades que propiciem a conversa e a informação sobre o tema são as principais ações de prevenção nas escolas. Suas narrativas evidenciaram que a relação entre professor e aluno deve ser construída com base em confiança, diálogo e respeito, e que o docente precisa observar, ter olhar atento e cuidadoso ao aluno adolescente, em seu desenvolvimento biopsicossocial, porque ele vivencia uma fase de crise de grande complexidade. É esperado que o estudo tenha conseguido provocar reflexões e traçar alternativas para a atuação do educador frente a essa realidade, com vistas a minimizar a incidência de tão cruel comportamento entre os jovens estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência. Escola. Automutilação. Suicídio. Violência autoprovocada.

ABSTRACT

This study aimed to investigate how teachers perceive their limits and possibilities of acting in the face of self-inflicted violence behaviors among adolescent students. Due to the complexity of the phenomenon and its multicausal factors, support was sought in several areas of knowledge. The main theoretical contributions of the research were: in the sociological dimension, Almeida (2018), which proposes reflections from the works of Émile Durkheim and Karl Marx; in the psychological dimension, Fukumitsu (2014); and in the philosophical dimension, Frankl's reflections (2020). In preparing discussions on the school space and the teaching profession, the authors Huberman (1992), Tardif (2000), Fazenda (2002), Morin (2003), Libânio (2008), Gatti (2009), Marcelo (2009) and Shulman (2014) were researched. The research, of an applied, exploratory and descriptive nature, adopted a qualitative and quantitative approach. A group of 150 teachers from four elementary schools in the State of Rio de Janeiro were invited: one public and three private schools. Of this group, 73 teachers agreed to contribute their experiences. The methodological design was based on the use of a questionnaire and semi-structured interview, which allowed teachers to give a voice. Through their narratives, it was possible to gather material about their work routines in coping with this reality, which evidenced the relevance of the theme in the context investigated. The data obtained in the theoretical production and in the current documents on the subject allowed us to conclude that, alone, the teacher and the school, can hardly overcome the challenges imposed by the nature of the problem investigated. However, seeking subsidies and guidance from specialists, the school and teachers have the possibility to contribute to the prevention and posvention of the phenomenon. When they act, they help students and families who suffer from self-harm ing behaviors. It was evidenced that teachers perceive the phenomenon as present and relevant and that the discussion on the theme of mental health is fundamental for schools. It was found that, as teachers do not have knowledge and training on the subject, they feel worried and insecure and show attitudes and perceptions that reinforce myths and taboos. Teachers want to help students, but they don't know the right way to act, and they expect action from the school and especially the family. Although they understand that self-afflicted violence is caused by multiple factors, they perceive the family as one of the factors that trigger this phenomenon in adolescents. As possibilities of action, the participants pointed out that training, partnerships with health professionals and activities that provide conversation and information on the subject are the main prevention actions in schools. Their narratives showed that the relationship between teacher and student should be constructed based on trust, dialogue and respect, and that the teacher needs to observe, have a careful and careful look at the adolescent student, in his biopsychosocial development, because he experiences a crisis phase of great complexity. It is expected that the study was able to provoke reflections and outline alternatives for the educator's performance in the face of this reality, with a view to minimizing the incidence of such cruel behavior among young students.

KEYWORDS: Adolescence. School. Self-mutilation. Suicide. Self-inflicted violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Prevalência do comportamento suicida na população brasileira	31
Figura 2 - Dimensões referentes ao fenômeno do suicídio.	51
Figura 3 - Mapa da região Sul Fluminense.....	85
Figura 4 - Mapa conceitual sobre o sentimento dos docentes em relação ao fenômeno.....	102
Figura 5 - Mapa conceitual dos motivos apresentados pelos docentes para seus sentimentos em relação ao fenômeno	103
Figura 6 - Mapa conceitual das dimensões do fenômeno.....	106
Figura 7 - Mapa conceitual dos aspectos associados ao fenômeno.....	108
Figura 8 - Mapa conceitual das possibilidades de atuação da escola	117
Figura 9 - Mapa conceitual de como o professor deve lidar com o fenômeno.....	121
Figura 10 - Nuvem de palavras	131
Figura 11 - Classificação hierárquica descendente.....	133
Figura 12 - Classes de palavras 1 e 4 associadas.....	134
Figura 13 - Classe de palavras 1	135
Figura 14 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 palavra questão	136
Figura 15 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 - palavra questão – motivo para a questão	137
Figura 16 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 palavra questão – possibilidades para a questão.....	138
Figura 17 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 - palavra social.....	139
Figura 18 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 - palavra estudar.....	142
Figura 19 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 - palavra realidade.....	144
Figura 20 - Classe de palavras 4.....	146
Figura 21 - Mapa conceitual Classe de palavras 4 - palavra tema	147
Figura 22 - Mapa conceitual Classe de palavras 4 - palavra assunto	148
Figura 23 - Mapa conceitual Classe de palavras 4 - palavra palestras	151
Figura 24 - Mapa conceitual Classe de palavras 4 - palavra formação	153
Figura 25 - Mapa conceitual Classe de palavras 4 - palavra área.....	154
Figura 26 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 e 4.....	155
Figura 27 - Classes de palavras 5, 3 e 2 associadas.....	155
Figura 28 - Classe de palavras 2.....	156
Figura 29 - Mapa conceitual Classe de palavras 2 - palavra ansiedade	157

Figura 30 - Mapa conceitual Classe de palavras 2 - palavra novo	158
Figura 31 - Mapa conceitual Classe de palavras 2 - palavra frescura	159
Figura 32 - Mapa conceitual Classe de palavras 2 palavra mãe	160
Figura 33 - Mapa conceitual Classe de palavras 2 - palavra pai	162
Figura 34 - Classe de palavras 3	165
Figura 35 - Mapa conceitual Classe de palavras 3 - palavra família.....	166
Figura 36 - Mapa conceitual Classe de palavras 3 – palavra gente.....	170
Figura 37 - Mapa conceitual Classe de palavras 3 - palavra tentar	177
Figura 38 - Mapa conceitual Classe de palavras 3 - palavra grupos	178
Figura 39 - Classe de palavras 5	180
Figura 40 - Mapa conceitual Classe de palavras 5 palavra - pergunta	180
Figura 41 - Mapa conceitual Classe de palavras 5 - palavra braços.....	183
Figura 42 - Mapa conceitual Classe de palavras 5 palavra - chorar	185
Figura 43 - Mapa conceitual Classe de palavras 5 palavra – menina.....	185
Figura 44 - Mapa conceitual Classe de palavras 5 - palavra aula.....	187
Figura 45 - Classes de palavras 5, 3 e 2 associadas.....	188

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características dos casos notificados de violência autoprovoçada entre jovens de 15 a 29 anos, segundo sexo, de 2011 a 2018, no Brasil	26
Tabela 2 - Características da ocorrência de casos de violência autoprovoçada notificados entre jovens de 15 a 29 anos, segundo sexo - Brasil, 2011 a 2018.....	27
Tabela 3 - Pesquisa nas bases de dados - últimos 5 anos	36
Tabela 4 - Pesquisa base de dados no ano de 2019.	40
Tabela 5 - Dados geográficos e populacionais da Estado do Rio de Janeiro	86
Tabela 6 - Número de professores pesquisados.....	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de notificações por violência autoprovocada, segundo sexo e ano, população total e na faixa de 15 a 29 anos, de 2011 a 2018.....	24
Gráfico 2 - Distribuição das notificações de violência autoprovocada e proporção de casos classificados como tentativas de suicídio entre jovens de 15 a 29 anos segundo ano de ocorrência no Brasil, de 2011 a 2018	25
Gráfico 3 - Número de óbitos por suicídio segundo sexo e ano, na população total (a partir de 10 anos) e na de 15 a 29 anos - Brasil, 2011 a 2017	28
Gráfico 4 - Principais fatores de risco associados ao comportamento suicida.....	85
Gráfico 5 - Participantes da pesquisa	89
Gráfico 6 - Gênero dos participantes da pesquisa	94
Gráfico 7 - Idade dos participantes da pesquisa	95
Gráfico 8 - Tempo de experiência dos participantes da pesquisa.....	95
Gráfico 9 - Número de participantes que têm filhos	96
Gráfico 10 - Idade dos filhos dos participantes da pesquisa.....	96
Gráfico 11 - Rede que os participantes da pesquisa atuam	97
Gráfico 12 - Área do conhecimento em que os participantes da pesquisa atuam	97
Gráfico 13 - Disciplinas que os participantes da pesquisa lecionam.....	98
Gráfico 14 - Relevância do fenômeno no Brasil	98
Gráfico 15 - Relevância do fenômeno na região Sul Fluminense	99
Gráfico 16 - Relevância do fenômeno no contexto escolar.....	99
Gráfico 17 - Relevância do estudo sobre o fenômeno.....	100
Gráfico 18 - Sentimento dos docentes em relação ao tema.....	101
Gráfico 19 - Fatores associados ao fenômeno	106
Gráfico 20 - Mito 1 sobre Suicídio.....	112
Gráfico 21 - Mito 2 sobre Suicídio	113
Gráfico 22 - Mito 3 sobre Suicídio.....	113
Gráfico 23 - Mito 4 sobre Suicídio	114
Gráfico 24 - Mito 5 sobre Suicídio.....	114
Gráfico 25 - Mito 6 sobre Suicídio.....	115
Gráfico 26 - Lei 13819, de abril de 2019	115
Gráfico 27 - Segurança do docente ao abordar o tema.....	116
Gráfico 28 - Papel da escola na prevenção do tema	116

Gráfico 29 - Preparação do docente para lidar com o fenômeno	117
Gráfico 30 - Contato do docente com o fenômeno.....	120
Gráfico 31 - Contato direto do docente com uma pessoa que apresentou um comportamento de autoagressão.....	121
Gráfico 32 - Participação em formações sobre o tema.....	124
Gráfico 33 - Formação continuada promovida pela escola ou pela rede de ensino em que atua	124
Gráfico 34 - Participação em formações sobre o tema com recursos próprios	124
Gráfico 35 - Acesso a materiais sobre o tema	125
Gráfico 36 - Desejo de participar de formação sobre o tema	126
Gráfico 37 - Contato com aluno adolescente que apresentou comportamento depressivo	127
Gráfico 38 - Contato com aluno adolescente que apresentou comportamento autoagressivo	127
Gráfico 39 - Sentimento do docente quanto ao contato com aluno adolescente que apresentou comportamento autoagressivo	128
Gráfico 40 - Desejo do participante do questionário em participar da entrevista	128
Gráfico 41 - Idade e tempo de experiência dos participantes da entrevista	129
Gráfico 42 - Estado civil e filhos dos participantes da entrevista	129
Gráfico 43 - Gênero dos participantes da entrevista.....	130
Gráfico 44 - Formação acadêmica dos participantes da entrevista	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais fatores de risco associados ao comportamento suicida	29
Quadro 2 - Bases de dados	35
Quadro 3 - Documentos orientadores sobre o tema	41
Quadro 4 – Mitos sobre o suicídio	42

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

OMS – Organização Mundial da Saúde

SUS – Sistema Único da Saúde

APB – Associação Brasileira de Psiquiatria

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade

CVV – Centro de Valorização da Vida

MS – Ministério da Saúde

CFM – Conselho Federal de Medicina

PPP – Projeto Político Pedagógico

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

HIV – Human Immunodeficiency Virus

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CAPSI – Centro de Apoio Psicossocial Infantil Juvenil

SIM – Sistema de Informações sobre Mortalidade

COVID-19 – Corona Virus Disease 2019

Sumário

MEMORIAL DESCRITIVO.....	18
1 INTRODUÇÃO.....	22
1.1 Relevância do Estudo / Justificativa	23
1.2 Delimitação do Estudo	30
1.3 Problema	33
1.4 Objetivos	33
1.4.1 <i>Objetivo Geral</i>	33
1.4.2 <i>Objetivos Específicos</i>	33
1.5 Organização da Dissertação	34
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	35
2.1 Panorama das pesquisas com foco no tema estudado	35
2.2 Panorama dos referenciais técnicos quanto ao tema estudado	40
2.3 – Violência autoprovocada: breve análise conceitual e histórica.....	48
2.3.1 – O suicídio e suas dimensões	48
2.3.1.1 – A Dimensão Social	52
2.3.1.2 – A Dimensão Psicológica	54
2.3.1.3 – A Dimensão Existencial	57
2.3.2 A automutilação e a dor silenciosa.....	59
2.3.3 Prevenir é preciso. Fatores de risco e proteção	62
2.4 Desenvolvimento biopsicossocial na adolescência: complexidade e crise	67
2.4.1 Adolescência e escola: interfaces relacionais.....	68
2.4.2 O Adolescente e o comportamento de violência autoprovocada no espaço escolar.....	69
2.5 As relações humanas no contexto escolar: complexidades e desafios de uma realidade	72
2.5.1 Uma escola para um novo tempo: inspirações em torno de um devir.....	72
2.5.2 Demandas para formação docente: olhar sensível à questão humana.....	76
3 METODOLOGIA	84
3.1 Participantes e contexto em foco	84
3.2 Instrumentos de Pesquisa	87
3.3 Procedimentos para Coleta de Dados.....	89
3.4 Procedimentos para Análise dos dados	91
4 RESULTADOS E DIVULGAÇÃO	94
4.1. Resultados dos questionários	94
4.2. Resultados das entrevistas.....	129
4.2.1 Perfil dos entrevistados	129
4.2.2 Nuvem de Palavras	131
4.2.3 Classes de Palavras.....	133
4.2.3. 1 Contexto Social	134
4.2.3. 2 Formação Docente.....	145
4.2.3. 3 Contexto Emocional	156
4.2.3. 4 Contexto Familiar	164
4.2.3. 5 Redes de Apoio	179
4.3 Análise e discussão dos dados.....	189

5 CONCLUSÕES FINAIS.....	211
REFERÊNCIAS.....	215
APÊNDICE A.....	220
APÊNDICE B.....	227
APÊNDICE C.....	230
ANEXO A.....	239
ANEXO B.....	242
ANEXO C.....	246
ANEXO D.....	249

MEMORIAL DESCRITIVO

Iniciei o curso de Psicologia, meu grande sonho, em 2007. Infelizmente, apesar da paixão, tive que desistir por dificuldades financeiras, pois meus recursos não eram suficientes para pagar a faculdade e outras despesas, como transporte e alimentação. Diante disso, busquei na minha cidade um curso mais acessível e, lembrando minha paixão pelas crianças, decidi fazer Pedagogia.

No início, tive dificuldade de aceitar a mudança do curso, mas aos poucos me encontrei. Logo me envolvi em um grupo de iniciação científica que realizava um trabalho de orientação vocacional. Realizei algumas oficinas e palestras com a professora orientadora e outros alunos do curso em escolas públicas de Ensino Médio e me encantei.

No terceiro ano, consegui um estágio na faculdade e comecei a atuar na secretaria da pós-graduação. Em poucos meses eu já estava responsável pelo setor. Foi um período de muito conhecimento.

No quarto ano da graduação em Pedagogia, tínhamos que escolher as especializações, e eu não tive dúvidas: escolhi Orientação Educacional e Administração Escolar. Tive professores que me marcaram, em virtude de seu conhecimento e de sua dedicação à educação.

Nessa época, os diretores da escola tinham sido obrigados a retornar para a graduação e a fazer especialização em administração escolar. Com isso, conheci dois gestores e amigos que foram fundamentais na minha trajetória profissional.

Um deles convidou-me para realizar um processo seletivo em uma Escola Particular da cidade, preparatória para o Vestibular e para ENEM. Fui escolhida no processo e admitida. Foi uma experiência muito significativa para mim, pois pude conhecer o cotidiano da escola, as relações e o trabalho pedagógico. Foi um período muito enriquecedor.

Nesse mesmo período, outro amigo gestor deu-me oportunidade de estágio em escola pública do Estado, onde aprendi muito sobre gestão escolar e processos administrativos de gestão.

Após me formar em 2008, fui aprovada em um Concurso Público do Município de Angra dos Reis. Foi uma alegria, essa oportunidade profissional, a conquista e a estabilidade.

A Escola para a qual fui designada era de na periferia, uma comunidade muito carente, à beira da praia. Nessa escola atendíamos Ensino Fundamental I a partir do 4º ano e Ensino Fundamental II do 6º ao 9ºano. No turno da noite atendíamos EJA, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Como orientadora educacional, recebi alunos que precisavam muito de atenção e orientação. As famílias não tinham muita informação, e sua condição socioeconômica era muito precária. A estrutura familiar era diversa. As famílias tinham muitos filhos e tratavam as crianças e adolescentes sem muito carinho e atenção.

Nesse processo, cheguei a cursar dois cursos de pós-graduação, de Pedagogia Empresarial e de Gestão Integrada, supervisão e administração escolar, mas infelizmente não consegui concluí-los, por causa da rotina de trabalho e da distância de minha cidade.

No meu segundo ano de atuação na prefeitura (2010), meu amigo gestor, da Graduação, incentivou-me a realizar o processo seletivo da Firjan, para trabalhar como pedagoga na Escola SESI, e fui admitida para atuar com EJA e cursos livres em comunidades no município de Angra dos Reis. Logo eu estava integrada e envolvida com o projeto. Contratamos profissionais, e todo o acompanhamento administrativo e pedagógico da equipe e das turmas era feito por mim. Eu trabalhava manhã, tarde e noite, mas estava apaixonada pela minha função e por meu desenvolvimento profissional. Com o tempo, iniciei atuação também em Barra Mansa, com a EJA.

Em 2012, fui convidada pela empresa a realizar um processo seletivo para a gestão da Escola SESI de Resende. Aceitei o desafio. Foi um processo árduo e extenso. Para assumir essa função, pedi licença da Prefeitura.

Quando cheguei, fui muito bem recebida pelo gerente da Unidade e pela diretora do SENAI, nosso parceiro em Educação profissional. A equipe também estava receptiva, pois tinham sofrido muito com a gestão anterior, nos quesitos comportamentais.

A escola, que atendia a Educação infantil até o Ensino Fundamental II – 7º ano, tinha um espaço muito pequeno, salas reduzidas, mobiliário obsoleto e pouca segurança. Com o tempo, conseguimos uma nova escola, mas para que ela fosse construída tivemos que passar um ano instalados em 17 contêineres, nos quais funcionavam salas de aula e o setor administrativo. Foi muito difícil passar por esse processo, mas crescemos muito, como equipe.

Em 2014, entramos no espaço novo e nossa escola já estava com todas as vagas ocupadas, uma média de 700 alunos.

Nesse período, comecei um MBA em Gestão Empreendedora e Educação, na UFRJ. Gostei muito do curso, pois o conteúdo era muito interessante e pertinente à minha realidade como gestora. Percebo que conheci ferramentas de gestão que me desenvolveram de forma mais estratégica e consciente para a prática.

Nesse ano eu engravidei. Após o nascimento de minha filha, afastei-me por seis meses, período em que fui substituída pela minha pedagoga mais experiente. Felizmente, tudo correu bem.

Quando retornei, percebi que estava mais sensibilizada com a realidade e necessidades dos alunos. Ficar longe de minha família foi muito difícil, pois a rotina de trabalho era exaustiva e era difícil ficar sem ver minha filha. Com o passar do tempo, a rotina foi se encaixando e os desafios de ser mãe trabalhadora foram sendo superados.

Na escola, por orientação da empresa, começamos a descontinuar os cursos livres e a EJA em comunidades, o que, infelizmente, resultou em um processo de muitos desligamentos na equipe.

Em 2015, meu esposo mudou de empresa e foi trabalhar na cidade do Rio de Janeiro. Assim, mudamos para Resende quando minha filha estava com 11 meses. Esse processo de adaptação a uma nova cidade e de viver e resolver tudo sozinha foi desafiador, mas com o tempo foi superado.

Na gestão da escola, por conta de problemas comportamentais, tive que desligar a pedagoga que me substituiu, e esse processo foi muito difícil para mim, pois eu tinha um vínculo de confiança e amizade muito grande com ela.

Em 2016, por conta de todo esse contexto de mudanças, vida no trabalho e volume de atribuições, tive o diagnóstico de depressão ansiosa. Foi muito difícil aceitar, mas com o tempo, tratamento medicamentoso e terapia, percebi que essa condição me veio como um presente, para que eu repensasse minha vida e minha trajetória futura.

Durante 2016, 2017, 2018 e 2019, a escola só crescia, mas tivemos que fechar a EJA, que seria oferecida pela empresa por meio de polos a distância, e iniciamos a atuação com o Ensino Médio. Foi transformador iniciar o atendimento a esse segmento, pois as demandas e realidades eram outras.

Hoje atendemos a 1200 alunos e temos excelentes resultados de aprendizagem, gestão e clima organizacional. Acredito que me encontrei na gestão, pois gosto de desenvolver pessoas e vivenciar as relações escolares.

Em 2019, decidi, junto com um amigo, cursar o Mestrado da Unitaú. Sempre desejei fazer o curso, mas não me via capaz, achava que era distante e impossível para mim, devido à falta de tempo e ao contexto do trabalho. Entretanto, ao fazer o processo seletivo, consegui entrar e me desafiei a realizar mais essa conquista.

Em pouco tempo no Mestrado, já me apaixonei e percebo que quero continuar, pois estou encantada com as aulas, com os professores, e muito feliz com a turma em que estou. São pessoas inteligentes, esforçadas, pessoas que têm muita prática.

Vivenciei desafios enormes ao longo do curso, e meu desenvolvimento pessoal e profissional foi extraordinário. Minha esperança é que essa experiência e o conhecimento que dela advir sejam úteis para que eu possa ajudar muitos alunos e professores e, assim, contribuir para o desenvolvimento das pessoas e para a promoção da vida.

1 INTRODUÇÃO

Do ponto de vista pessoal e profissional, o interesse por estudar esse tema veio da atuação da pesquisadora como educadora em escolas públicas e particulares e, principalmente de suas experiências vividas com os adolescentes.

Ao longo de sua atuação como educadora, pedagoga e gestora escolar, ela observou um aumento de alunos que apresentam sinais significativos de perda de sentido, de vazio existencial, de comportamentos de insegurança, ansiedade, automutilação, depressão e ideação suicida.

Especificamente em 2018, vivenciou uma triste realidade, quando um aluno do 8º ano do Ensino Fundamental, de 13 anos, declarou aos educadores da escola e à família que gostaria de se suicidar. Infelizmente, ao longo do tempo em que acompanhou a situação do aluno, por diversas vezes reforçou esse desejo, realizando alguns episódios de automutilação. No mesmo período, outros dois adolescentes, um da mesma sala de aula e outro do 7º ano, que sofriam de depressão e ansiedade, também realizaram episódios de automutilação. Ao longo do ano ocorreu mais um caso muito delicado, de um aluno no 1º ano do Ensino Médio, de 16 anos, que desmaiou dentro do banheiro após cheirar determinado comprimido. Depois de conversar com a família, descobriu-se que ele já havia tentado suicídio diversas vezes, com ingestão de medicamentos. O aluno relatava à família que gostaria de morrer da mesma forma que um rapper americano que ele admirava.

Diante desse contexto, diversas questões começaram a surgir na escola e entre os educadores. Houve um sentimento de insegurança e incerteza em todos os profissionais da escola. Os pais dos alunos também tiveram esse sentimento, pois procuraram a escola em grupos, questionando qual seria seu posicionamento diante desse cenário. Queriam saber o que seria feito com esses alunos, pois estavam muito preocupados com a situação, e alguns manifestaram preconceito, achando que eles deveriam ser afastados da escola, pois seriam influências negativas para os seus filhos.

Vivendo essa realidade e buscando informações sobre o tema, a pesquisadora descobriu que, infelizmente, há um grande número de adolescentes em sofrimento psíquico que apresentam comportamento suicida e de automutilação. Em alguns casos, geram violências e experiências terríveis contra o espaço e a comunidade escolar. Percebeu que o fenômeno da violência autoprovocada é ainda um tema não dito no campo da educação e um tabu no ambiente escolar; portanto é importante promover discussões sobre ele no cotidiano da escola e na formação dos professores. Essa discussão precisa ser ampliada, pois a escola,

além de ser um espaço para transmissão e construção do conhecimento, deve ser pensada também como um espaço da dimensão da prática, da construção de sentido, da construção do indivíduo de forma integral.

Segundo o informativo da Organização Mundial da Saúde (OMS), de agosto de 2018, a cada ano cerca de 800 mil pessoas tiram a própria vida, e ao menos outros 20 indivíduos atentam contra ela. Os dados mostram que o suicídio pode ocorrer em todas as fases da vida e que foi a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo, em 2016. A ingestão de pesticidas, enforcamento e uso de armas de fogo são os métodos mais comuns de suicídio, em nível global.

Os dados foram reforçados, em setembro de 2019, pelo Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, que tem o objetivo de apresentar o perfil epidemiológico dos casos notificados de violência autoprovoçada e óbitos por suicídio entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, de 2011 a 2018.

Segundo o estudo, o suicídio é um fenômeno que ocorre em todo o mundo. É um fenômeno complexo e multifatorial, de modo que generalizações quanto aos fatores de risco não são possíveis. Entretanto, é possível prevenir e tratar o problema. A partir da análise do contexto as situações de maior risco são passíveis de compreensão.

Contudo o estigma em relação ao tema é um entrave para a procura por ajuda, que poderia evitar mortes.

1.1 Relevância do Estudo / Justificativa

O suicídio, conforme abordado anteriormente, é considerado um problema de saúde pública. Infelizmente, não é um tema divulgado e debatido de forma efetiva, pois ainda é um assunto extremamente estigmatizado e os tabus prejudicam a discussão e a conscientização da população. É necessário conhecimento sobre o tema, para que assim possamos superar os mitos, tabus e estigmas. Para isso, a escola é extremamente importante.

A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2014) pontua esses estigmas e tabus como um dos fatores que impedem a prevenção do suicídio. Durante séculos o tema foi considerado, por razões religiosas, o pior dos “pecados”, e falar sobre o tema, motivo de medo e vergonha perante a sociedade.

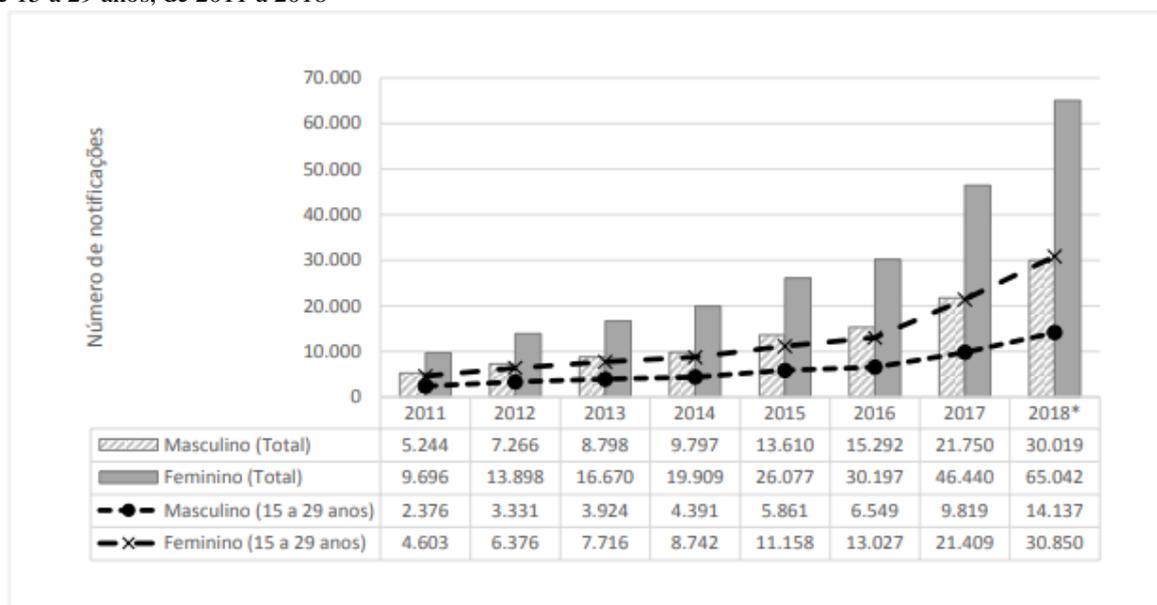
Além desse fator, a ABP (2014) aponta que outras barreiras, como a dificuldade das pessoas que sofrem em buscar ajuda, a falta de conhecimento e de atenção dos profissionais

sobre o tema e a ideia equivocada de que o suicídio não é frequente impedem que sejam tomadas medidas de prevenção efetivas. Portanto, o esforço de todos para promover discussões sobre esse tema é extremamente necessário, para que possa elaborar ações com vistas à prevenção desse problema.

Abordar o tema de forma responsável contribui como fator de prevenção. Discutir sobre o fenômeno sem alarmismo, enfrentar os estigmas e conscientizar a população ajuda a enfrentar o problema. Intervenções eficientes, bem fundamentadas em evidências e estudos técnicos podem ser aplicados aos grupos de maior risco, para inibir as tentativas de suicídio e evitar óbitos (Ministério da Saúde 2019, p.1).

A população jovem destaca-se como de risco, quanto ao suicídio. Segundo a ABP (2014, p. 18), “O suicídio em jovens aumentou em todo o mundo nas últimas décadas e no Brasil, representando a terceira principal causa de morte nessa faixa etária em todo o país”. O Ministério da Saúde (2019, p. 3) informa que “[...] no período de 2011 a 2018 foram notificados 339.730 casos de violência autoprovocada, dos quais 154.279 (45,4%) ocorreram na faixa etária de 15 a 29 anos”. No Gráfico 1 é possível observar aumento desses casos em ambos os sexos.

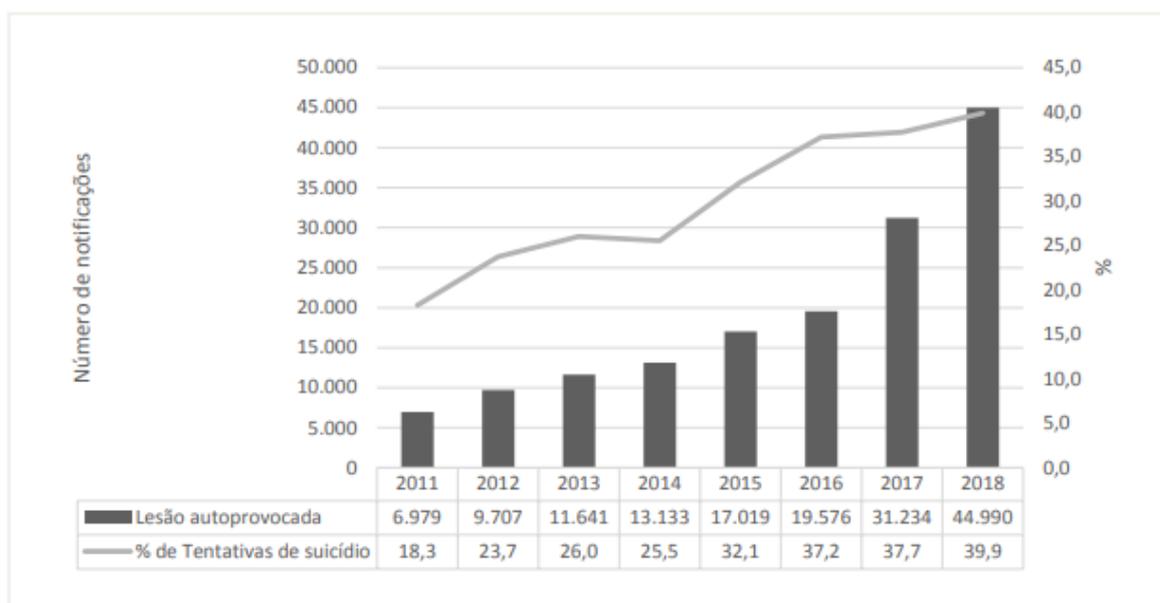
Gráfico 1 - Número de notificações por violência autoprovocada, segundo sexo e ano, população total e na faixa de 15 a 29 anos, de 2011 a 2018



Fonte: Boletim Epidemiológico do Ministério de Saúde, 2019.

Os casos de tentativa de suicídio acompanham esse crescimento (ver Gráfico 2).

Gráfico 2 - Distribuição das notificações de violência autoprovocada e proporção de casos classificados como tentativas de suicídio entre jovens de 15 a 29 anos segundo ano de ocorrência no Brasil, de 2011 a 2018



Fonte: Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, 2019.

De acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2019 p. 6), o perfil dos jovens nessa faixa etária com notificação de violência autoprovocada é de brancos (47,5%) com ensino médio incompleto ou completo (33,7%). Um quinto (19,5%) dos casos apresentou algum transtorno, e a maioria residia na zona urbana (89,4%) e nas regiões Sudeste (48,8%) e Sul (24,6%) (ver Tabela 1).

Tabela 1 - Características dos casos notificados de violência autoprovocada entre jovens de 15 a 29 anos, segundo sexo, de 2011 a 2018, no Brasil

Variável	Masculino (N = 50.388)		Feminino (N = 103.881)		Total (N = 154.259)	
	N	%	N	%	N	%
Raça/Cor						
Branco	23.377	46,4	49.826	48,0	73.203	47,5
Negro (preto + pardo)	20.434	40,6	40.346	38,8	60.780	39,4
Amarelo	345	0,7	687	0,7	1.032	0,7
Indígena	631	1,3	548	0,5	1.179	0,8
Ignorado	5.601	11,1	12.474	12,0	18.075	11,7
Escolaridade						
Analfabeto	224	0,4	190	0,2	414	0,3
Ensino fundamental incompleto	9.446	18,7	15.499	14,9	24.945	16,2
Ensino fundamental completo	3.539	7,0	6.666	6,4	10.205	6,6
Ensino médio incompleto	7.651	15,2	18.976	18,3	26.627	17,3
Ensino médio completo	7.421	14,7	17.923	17,3	25.344	16,4
Ensino superior incompleto	1.824	3,6	4.898	4,7	6.722	4,4
Ensino superior completo	641	1,3	1.899	1,8	2.540	1,6
Ignorado	19.604	38,9	37.752	36,3	57.356	37,2
Não se aplica	38	0,1	78	0,1	116	0,1
Deficiência/transtorno						
Sim	10.667	21,2	19.431	18,7	30.098	19,5
Não	28.537	56,6	61.621	59,3	90.158	58,4
Ignorado	11.184	22,2	22.829	22,0	34.013	22,0
Zona de residência						
Urbana	44.353	88,0	93.555	90,1	137.908	89,4
Rural	4.323	8,6	7.123	6,9	11.446	7,4
Periurbana	302	0,6	546	0,5	848	0,5
Ignorado	1.410	2,8	2.657	2,6	4.067	2,6
Região de residência						
Norte	2.501	5,0	4.874	4,7	7.375	4,8
Nordeste	6.968	13,8	14.775	14,2	21.743	14,1
Sudeste	24.201	48,0	51.000	49,1	75.201	48,8
Sul	12.697	25,2	25.294	24,4	37.991	24,6
Centro-Oeste	4.004	7,9	7.921	7,6	11.925	7,7

Fonte: Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, 2019.

Quanto ao local de ocorrência da violência autoprovocada, a residência foi mais frequente (79,6%), com maior frequência para mulheres (83,0%) do que para homens (72,6%), seguida da via pública (6,3%), aproximadamente duas vezes mais frequente para homens (10,0%) do que para mulheres (4,5%). A escola aparece em 0,9% dos casos, com predominância para o sexo feminino. Violência autoprovocada por repetição foi identificada

em 31,9% dos casos, com maior frequência entre mulheres (33,6%) (Ministério da Saúde 2019, p. 7).

Quanto ao meio de agressão, o envenenamento foi o mais frequente, correspondendo a 50,4%, seguido pelos objetos perfurocortantes (17,8%). Observou-se, entre os homens, maior proporção de violências autoprovocadas com meios de maior potencial letal (enforcamento e armas de fogo) (Ministério da Saúde 2019 p.7).

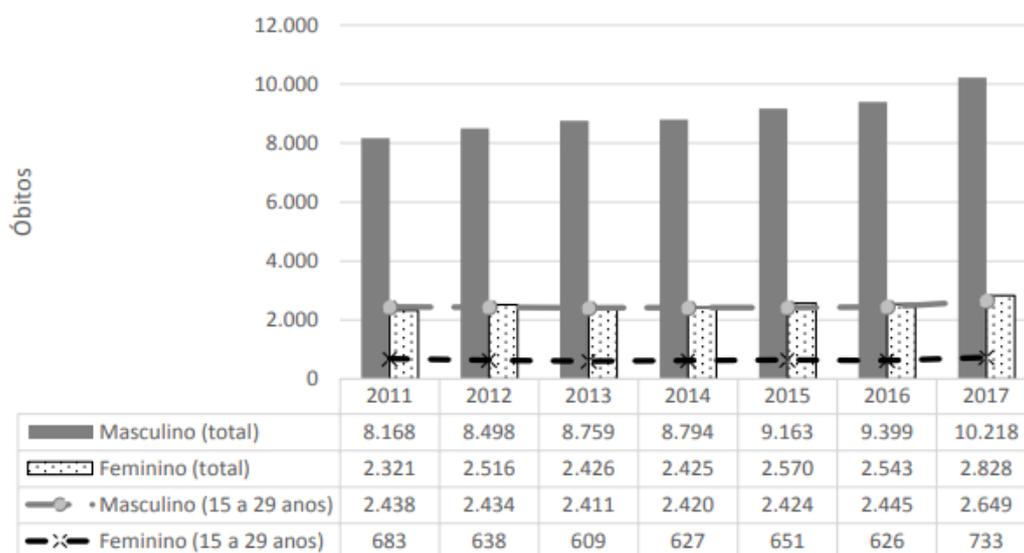
Tabela 2 - Características da ocorrência de casos de violência autoprovocada notificados entre jovens de 15 a 29 anos, segundo sexo - Brasil, 2011 a 2018

Variável	Masculino (N = 50.388)		Feminino (N = 103.881)		Total (N = 154.259)	
	N	%	N	%	N	%
Local de ocorrência						
Residência	36.600	72,6	86.170	83,0	122.770	79,6
Escola	421	0,8	900	0,9	1.321	0,9
Local de prática esportiva, bar ou similar, comércio/serviços, indústrias/construção	1.429	2,8	1.472	1,4	2.901	1,9
Via pública	5.061	10,0	4.721	4,5	9.782	6,3
Outro	2.758	5,5	3.075	3,0	5.833	3,8
Ignorado	4.119	8,2	7.543	7,3	11.662	7,6
Violência de repetição						
Sim	14.413	28,6	34.871	33,6	49.284	31,9
Não	23.423	46,5	44.670	43,0	68.093	44,1
Ignorado	12.552	24,9	24.340	23,4	36.892	23,9
Meio de agressão**						
Enforcamento	4.072	13,0	2.760	4,7	6.832	7,6
Objeto contundente	791	2,5	1.251	2,1	2.042	2,3
Objeto perfurocortante	6.219	19,9	9.853	16,7	16.072	17,8
Objeto/substância quente	468	1,5	845	1,4	1.313	1,5
Envenenamento	13.041	41,6	32.455	55,1	45.496	50,4
Arma de fogo	1.311	4,2	385	0,7	1.696	1,9
Outros	5.426	17,3	11.381	19,3	16.807	18,6

Fonte: Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, 2019.

Com relação aos óbitos por suicídio, o estudo base para o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2019) utiliza dados registrados no Sistema de informações sobre mortalidade (SIM) no período de 2011 a 2017. Verificou-se que no período houve aumento no número de óbitos por suicídio entre os jovens de 15 a 29 anos: 8,7% entre os homens e 7,3% entre as mulheres. O suicídio representou 6% das mortes violentas no Brasil, entre 2011 e 2017, na faixa etária estudada, e o estudo apontou um aumento de 10% nas taxas de suicídio no Brasil.

Gráfico 3 - Número de óbitos por suicídio segundo sexo e ano, na população total (a partir de 10 anos) e na de 15 a 29 anos - Brasil, 2011 a 2017



Fonte: Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, 2019.

Com relação ao local de ocorrência do óbito por suicídio, o domicílio foi o local mais frequente (57,3%), e o segundo local mais frequente foi o hospital (17,6%). As escolas obtiveram um percentual de 1,4%, correspondente a 302 casos.

O enforcamento foi o meio mais frequentemente utilizado para o suicídio com óbito, com maior percentual no sexo masculino (70,3%) do que no feminino (53,8%), seguido da intoxicação exógena, mais frequente no sexo feminino (28,0%) do que no masculino (11,9%). A arma de fogo foi mais utilizada pelos homens (8,7%) do que pelas mulheres (4,6%). Quanto à região de residência, um terço (36,5%) das pessoas que cometeram suicídio residia na região Sudeste, e um quarto (25,3%), na região Nordeste do Brasil (Ministério da Saúde 2019, p. 11).

Todos os dados apresentados através dos estudos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde reforçam de forma incontestável a relevância do fenômeno ao longo dos últimos anos, principalmente na população pesquisada, os adolescentes. Os estudos, inclusive, mostram a ocorrência de casos de violência autoprovocada e suicídios consumados no contexto escolar, cujos números, apesar de inferiores aos dos registrados no domicílio do adolescente, mostram que o fenômeno acontece na escola que não pode ser ignorado.

Segundo o Ministério da Saúde (2019, p. 12), “A tentativa de suicídio é a expressão de um processo de crise, que se desenvolve de forma gradual. Portanto, intervir precoce e

adequadamente na situação, envolvendo a pessoa e seu conjunto de relações, é uma estratégia de prevenção do suicídio”.

A motivação para esse comportamento nessa fase é complexa e multifatorial, pois inclui impulsividade, desesperança, abuso de substâncias, problemas emocionais, sociais e familiares, negligência, abuso físico e sexual na infância, entre outros fatores (ABP, 2014) (Ver Quadro 1). Conforme demonstra o quadro 1:

Quadro 1 - Principais fatores de risco associados ao comportamento suicida

DOENÇAS MENTAIS	ASPECTOS SOCIAIS
<ul style="list-style-type: none"> • Depressão; • Transtorno bipolar; • Transtornos mentais relacionados ao uso de álcool e outras substâncias; • Transtorno de personalidade; • Esquizofrenia; • Aumento do risco com associação de doenças mentais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Gênero; • Idade entre 15 e 30 anos; • Sem filhos; • Moradores de área urbana; • Desempregados ou aposentados; • Isolamento social; • Solteiros, separados e viúvos; • Populações especiais: indígenas, adolescentes e moradores de rua.
ASPECTOS PSICOLÓGICOS	CONDIÇÃO DE SAÚDE LIMITANTE
<ul style="list-style-type: none"> • Perdas recentes; • Pouca resiliência; • Personalidade impulsiva, agressiva ou de humor instável; • Ter sofrido abuso físico ou sexual na infância; • Desesperança, desespero e desamparo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Doenças orgânicas incapacitantes; • Dor crônica; • Doenças neurológicas (epilepsia, Parkinson, Huntington); • Trauma medular; • Tumores malignos; • AIDS.
<p>SUICIDABILIDADE: ter tentado o suicídio, ter familiares que tentaram ou se suicidaram, ter ideias e/ou planos de suicídio.</p>	

Fonte: OMS - Organização Mundial da Saúde.

Com base nessas informações, percebe-se a relevância da pesquisa sobre esse comportamento nos adolescentes, pois nessa fase há uma vulnerabilidade a diversos fatores de risco ao suicídio.

Para diminuição das taxas de suicídio, devem ser realizadas, em diversos âmbitos da sociedade, medidas e movimentos de prevenção que considerem o contexto complexo e global dos indivíduos, nos aspectos emocionais, sociais, biológicos, políticos e culturais. Uma das medidas ressaltadas pela ABP (2014) são as campanhas nas escolas para problematização do assunto, de forma a desconstruir mitos e preconceitos e facilitar a prevenção.

A escola, espaço onde o jovem se socializa e permanece ao longo de anos de escolaridade, deve atuar como agente de prevenção e observação do comportamento do adolescente. Pode ser que, na escola, esse jovem em sofrimento psíquico encontre um espaço de escuta e possa expressar seu sofrimento, para assim ser encaminhado aos serviços de saúde.

Entretanto, o docente, profissional que atua de forma contínua e intensa com o aluno, precisa ter conhecimento e ser preparado para lidar com esse jovem em sofrimento. Para isso, somente uma efetiva formação docente pode viabilizar a abordagem do tema de forma correta: observar a fala, os sinais e o comportamento desses adolescentes e saber agir nos casos suspeitos ou efetivamente revelados. O tema é complexo e implica alto risco à vida, por isso os educadores não podem se omitir. Infelizmente, poucos estudos e materiais são construídos sobre esse tema no universo da escola.

O presente trabalho, portanto, representa um avanço sobre esse tema no ambiente escolar. Isso porque preconiza que é preciso dar voz aos docentes, para entender suas percepções sobre o tema, suas vivências e as possibilidades consideradas para sua atuação nesse cenário desafiador. Além disso, busca-se reforçar o compromisso ético do educador de garantir e de promover a formação integral dos educandos e apontar a importância da promoção de discussões teóricas e práticas sobre o assunto na formação dos docentes, nas escolas e entre os educadores. Pretende-se, pois, contribuir para a saúde mental de nossos jovens e para a valorização da vida.

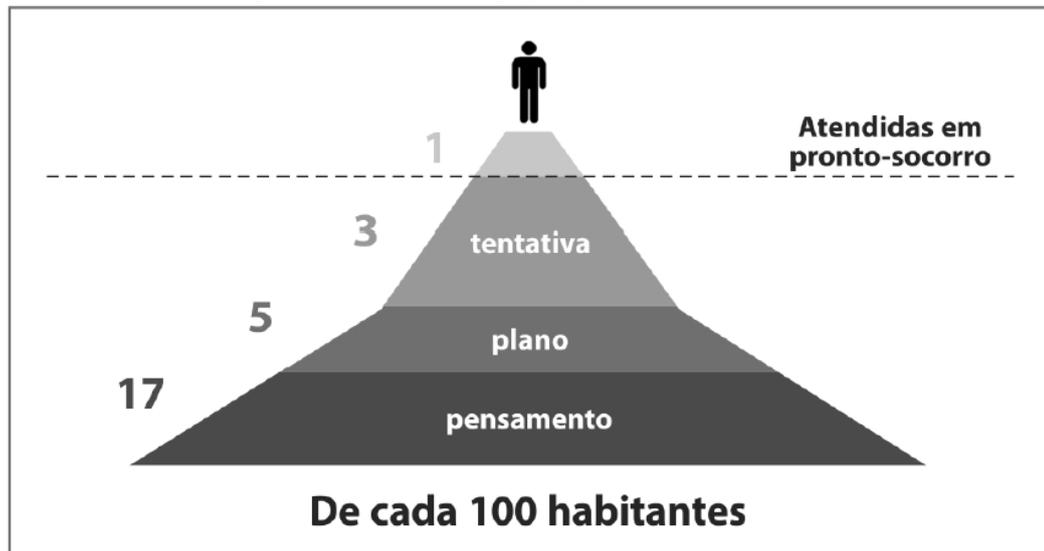
1.2 Delimitação do Estudo

O tema insere-se na área de concentração das análises e pesquisas desenvolvidas no grupo de Pesquisa intitulado Educação: desenvolvimento profissional, diversidade e metodologias. A pesquisa está vinculada a linha de pesquisa Formação Docente e

Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté – MPE UNITAU, junto ao Projeto de pesquisa Processos e práticas de formação, cujo objetivo é estudar os processos de formação docente para a Educação Básica, políticas de formação continuada, na perspectiva do desenvolvimento profissional.

Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP 2014, p. 9), “[...] o suicídio pode ser definido como um ato deliberado executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte, de forma consciente e intencional, mesmo que ambivalente, usando um meio que ele acredita ser letal”. No entanto, o documento aponta que outras ações fazem parte do comportamento suicida, como os pensamentos, os planos e a tentativa de suicídio.

Figura 1 - Prevalência do comportamento suicida na população brasileira



Fonte: OMS – Organização Mundial da Saúde.

A Figura 1 demonstra que uma pequena proporção do comportamento suicida chega ao atendimento de saúde, e que 17% das pessoas no Brasil pensaram, em algum momento, em tirar a própria vida. Sendo assim, os números são alarmantes, e infelizmente mostram que, no Brasil, muitas pessoas sofrem e pensam em tirar a própria vida.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018, p. 2) aponta o suicídio como um problema de saúde pública e alerta que todos os atores da sociedade precisam trabalhar em prol de sua prevenção:

O suicídio é uma questão complexa e, por isso, os esforços de prevenção necessitam de coordenação e colaboração entre os múltiplos setores da sociedade, incluindo saúde, educação, trabalho, agricultura, negócios, justiça, lei, defesa, política e mídia. Esses esforços devem ser abrangentes e integrados.

Mundialmente, intensificaram-se movimentos e ações com o objetivo de conscientizar sobre o tema, fazer da prevenção uma prioridade na agenda global e trabalhar para reduzir as taxas de suicídios dos países em 10%, até 2020. Além disso, a taxa de mortalidade por suicídio é um indicador da meta dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável até 2030, quanto à promoção da saúde mental e do bem-estar da população (OMS, 2018).

Em território Nacional, a Lei nº 13810, de 26 de abril de 2019, foi instituída para garantir essas ações de prevenção. A Lei assegura uma Política Nacional de Prevenção de Automutilação e Suicídio, garante diversos direitos às pessoas que estão em sofrimento psíquico e solicita às instituições de ensino notificação compulsória dos casos de suspeita ou confirmação de violência autoprovocada. Constituem violência autoprovocada, segundo a lei, o suicídio consumado, a tentativa de suicídio e o ato de automutilação com ou sem ideação suicida.

O Município de São Paulo instituiu, após esse período, a Lei nº 17.237, de novembro de 2019, que cria o Programa Municipal de Prevenção ao Suicídio e de Promoção do Direito ao Acesso à saúde mental por jovens e adolescentes. O objetivo do programa é promover a conscientização sobre o fenômeno, capacitar os profissionais para identificar sintomas presentes nos adolescentes e garantir o direito ao acompanhamento e à prevenção de transtornos psíquicos que possam conduzir ao suicídio.

No Programa estão previstas ações nas escolas, com a parceria da Secretaria de Saúde: palestras, discussões, rodas e eventos com especialistas que abordem o tema; exposição de cartazes e fomento de publicidade informativa sobre o Centro de Valorização da Vida (CVV), apontando seu número telefônico para atendimento; informação, por meio de folhetos e cartazes, de serviços para atendimento psicológico e psiquiátrico na rede pública de saúde; e, monitoramento de grupos em situação de vulnerabilidade.

Diante desses dados e das leis criadas, percebe-se que a escola tem um papel importante, para que essa prevenção seja efetiva, principalmente junto aos adolescentes. Esse contexto suscita reflexões sobre os novos desafios do docente no espaço escolar, principalmente sobre sua condição para lidar com essa realidade.

A pesquisa aqui relatada trata do fenômeno da violência autoprovocada com foco principal no suicídio e na automutilação em um grupo específico da população, os adolescentes, por conta da incidência de casos nessa fase do desenvolvimento, de 12 a 18 anos, que corresponde à do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. O contexto da pesquisa

também é específico quanto à população pesquisada: professores que atuam nesses segmentos em uma escola pública e em três escolas particulares da região Sul Fluminense.

1.3 Problema

Diante desse cenário complexo, surge o seguinte problema de pesquisa:

Como os docentes percebem sua atuação diante dos comportamentos de violência autoprovocada entre adolescentes no contexto escolar? Quais estratégias de enfrentamento se utilizam diante desse desafio educacional?

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo Geral

Investigar como os docentes percebem seus limites e possibilidades de atuação frente aos comportamentos de violência autoprovocada entre alunos adolescentes.

1.4.2 Objetivos Específicos

- Verificar como os docentes percebem o fenômeno da violência autoprovocada na adolescência;
- Identificar os sentimentos presentes entre os docentes ao lidar com comportamentos de violência autoprovocada entre alunos no contexto escolar;
- Conhecer as propostas de intervenção apresentadas pelos professores que sejam passíveis de implementação como ação preventiva à violência autoprovocada.

1.5 Organização da Dissertação

Para melhor estruturação e clareza, este relato de pesquisa está organizado em introdução, revisão de literatura, metodologia, resultados e discussão, conclusão, referências, apêndices e anexos.

Na Introdução, apresenta-se o delineamento do tema da pesquisa, o problema, o objetivo geral e os específicos, a delimitação do estudo, a relevância do estudo e a estrutura do texto.

Após a estruturação da ideia, do direcionamento e do foco do estudo, aborda-se o tema e suas interfaces com o contexto escolar. Assim, a revisão de literatura apresenta o panorama teórico, referenciais técnicos e conceitos relevantes para fundamentação e discussão sobre o tema. O panorama teórico foi construído com foco nos últimos 5 anos, pois muitos são os estudos e pesquisas atuais na área (2014 a 2018). A pesquisa foi realizada em diversas bases de dados confiáveis e pertinentes ao assunto pesquisado e a sua área do conhecimento.

O panorama de referenciais técnicos foi construído com base na pesquisa de materiais orientadores sobre o tema. Nesse item, abordam-se alguns manuais que foram construídos por Instituições da área da saúde e da educação com objetivo de informar, conscientizar e instrumentalizar profissionais e instituições sobre prevenção do suicídio.

Também compõe a revisão de literatura a apresentação de conceitos relevantes sobre o tema: o espaço escolar e a adolescência, a formação docente, a violência autoprovocada (suicídio e automutilação) e o contexto escolar em face do comportamento de violência autoprovocada.

Para fundamentar o trabalho e garantir sua legitimidade, a seção metodologia da pesquisa descreve a população e amostra, os instrumentos de pesquisa e os procedimentos para coleta e análise dos dados. Os dados encontrados estão apresentados em gráficos, em citações dos participantes da pesquisa e em mapas conceituais.

Com base nos dados, e após intensa e profunda análise e discussão com base nos referenciais pesquisados, busca-se, nas considerações finais, provocar reflexões acerca do tema e de sua complexidade no contexto estudado.

Finalizando, relacionam-se as referências bibliográficas e, nos apêndices e anexos, respectivamente, os instrumentos elaborados pela pesquisadora e os documentos não elaborados por ela.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Como introdução e suporte à revisão bibliográfica, e com o objetivo de contextualizar o tema no meio acadêmico, foram realizados dois estudos principais: o panorama das pesquisas atuais sobre o tema, analisando-se artigos em diversas bases de dados, e o panorama documental, analisando-se manuais construídos para orientação da população sobre o fenômeno.

2.1 Panorama das pesquisas com foco no tema estudado

Foi realizada uma pesquisa nas bases de dados descritas no Quadro 2, com o objetivo de investigar as pesquisas mais atuais e relevantes sobre o tema discutido neste trabalho. Como o tema consiste em um problema de saúde mental, tornou-se importante investigar bases de dados voltadas a essa área de conhecimento.

Quadro 2 - Bases de dados

BASES DE DADOS
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BVS - Biblioteca Virtual em Saúde
PEPSIC - Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia
SCIELO - Scientific Electronic Library Online
UNITAU – Universidade de Taubaté

Fonte: Elaborado pela autora.

A pesquisa foi realizada na primeira quinzena de junho de 2019, com o refinamento dos últimos cinco anos completos (2014 a 2018).

Os descritores, que foram escolhidos com base na combinação das palavras-chave sobre o tema, ajudaram a direcionar e delimitar o projeto de pesquisa e, conseqüentemente, a versão final da dissertação, como pode ser observado na Tabela 3:

Tabela 3 - Pesquisa nas bases de dados - últimos 5 anos

PALAVRAS-CHAVE	CAPES	BDTD	BVS	PEPSIC	SCIELO	UNITAU
Adolescência	6744	280	289.813	268	1450	0
Suicídio	2401	111	8.786	62	519	0
Automutilação	28	6	0	4	11	0
Adolescência suicídio	311	4	2.584	4	20	0
Adolescência automutilação	6	2	0	1	2	0
Escola suicídio	8	0	64	7	15	0
Escola automutilação	21	1	0	0	0	0
Adolescência saúde	1683	79	71.964	0	467	0

Fonte: Elaborada pela autora.

Após a análise dos estudos realizados sobre o tema foi observado que muito se pesquisa sobre suicídio e adolescência. Entretanto, esse universo da pesquisa não se mostra tão expressivo quando essas duas temáticas são relacionadas. Mesmo que a incidência de comportamentos suicidas sejam uma situação de saúde pública e a adolescência seja uma fase de alto risco para incidência desse comportamento, estudos sobre o tema já são bem mais restritos, e existem com mais robustez em base de dados voltadas à saúde.

Nesse contexto, ao focar essas pesquisas no âmbito da escola (escola e suicídio), poucos estudos são evidenciados. Dessa forma, percebe-se que pouco se discute e se problematiza o tema no ambiente escolar e no estudo de educadores.

Ao analisar os estudos sobre o tema suicídio, percebe-se que há um comportamento normalmente associado ao tema que não é objetivo de muitas pesquisas, a automutilação. Poucos estudos são realizados sobre esse tema e, em relação a esse comportamento no adolescente e no espaço escolar, os estudos restringem-se mais ainda.

Diante desse contexto, são analisados de forma mais detalhada os trabalhos que se detêm no contexto estudado neste trabalho (adolescência, suicídio e escola) e os estudos que abordam e relacionam a automutilação, adolescência e escola.

Com base nos artigos pesquisados foi realizada uma triagem com base na coerência e relevância para o tema a ser pesquisado, e assim foram selecionados 10 artigos, que são descritos adiante, para ampliar reflexões e evidenciar o que já foi discutido sobre o tema nos últimos cinco anos.

Os primeiros artigos a serem referenciados discutem sobre o espaço escolar como um espaço de interação social, com foco na formação de um ser integral, e não só no

desenvolvimento cognitivo. Os demais já estão focados no contexto da saúde mental, ideação suicida, suicídio e automutilação de forma abrangente ou específica no contexto adolescente e no espaço escolar. Foram escassos os estudos em que estavam entrelaçadas as palavras chave desta pesquisa: adolescência, suicídio e automutilação.

O artigo de Silva e Ferreira (2014), “O papel da escola e suas demandas sociais”, tem como objetivo analisar o papel das escolas no contexto atual, em que existe um grande número de demandas sociais. Essas demandas e seus atores são recebidos no contexto escolar de forma expressiva, e fazem com que os professores tenham que exercer um papel duplo, triplo, e funções que não lhes competem. Assim, ficam sobrecarregados e muitas vezes doentes, pois não estão preparados para enfrentar essa realidade. Alguns chegam ao extremo de se afastar ou de pedir exoneração.

O artigo de Carneiro e Coutinho (2015), “Infância e adolescência: como chegam as queixas escolares à saúde mental?”, aborda uma pesquisa realizada no Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência do Instituto de Psiquiatria da UFRJ. O foco do estudo é o contexto do atendimento de jovens encaminhados pela escola devido a problema mental. Concluiu-se que um terço dos jovens atendidos apresentam queixas iniciais. Dentre essas queixas, evidenciam-se as que envolvem escolarização, dificuldade de aprendizagem e agitação.

Luckow e Cordeiro (2017) buscam elucidar “As concepções de adolescência e educação na atuação de profissionais do CAPSI”, especialmente aquela que é realizada junto ao processo de escolarização. O estudo destaca o encontro entre saúde e educação e, por meio da pesquisa, foi possível revelar como se formam as relações do não aprender no contexto escolar é as relações da doença mental do adolescente nesse ambiente. O autor relata que, na percepção do professor, o fracasso escolar sempre é culpa da família e do aluno. Os autores afirmam que aquele que não se comporta, não aprende ou se não enquadra na escola é rotulado como inadequado. Esse estigma adere ao sujeito, e ele se torna realmente um incapaz.

Na conclusão da pesquisa, os autores ressaltam a necessidade de se ampliar os estudos sobre o encontro em saúde e educação, para possibilitar reflexões sobre como a escola, a família e as demais instituições sociais deveriam potencializar a construção de possibilidades de aprendizagem, em vez de estigmatizar e adoecer seus alunos.

Fukumitsu (2014), no artigo “O psicoterapeuta diante do comportamento suicida”, ressalta que lidar com esse tema exige do profissional um olhar atento aos fatores de risco, ao contexto da morte e ao desespero humano. O objetivo de seu artigo é oferecer ferramentas ao profissional que está diante de uma paciente em situação de crise suicida. Ele afirma que,

embora o suicídio seja um problema de saúde pública, a prevenção se dá pela compreensão da pessoa suicida e de suas motivações.

Os autores Melo e Sieba (2016), no artigo “Depressão em adolescentes: revisão da literatura e o lugar da pesquisa fenomenológica”, evidenciam que a depressão, nos adolescentes, é um fenômeno complexo e cada vez mais frequente. Diante desse contexto, realizaram uma pesquisa em diversas bases de dados com o objetivo de identificar e discutir sobre os estudos produzidos sobre o tema. Encontraram que, apesar de a depressão ser um adoecer bastante discutido e estudado, é um fenômeno em crescimento na sociedade contemporânea, principalmente entre os adolescentes.

Almeida (2018), à luz da sociologia sobre o tema suicídio, ao analisar autores clássicos e fundamentais em sua discussão sobre o tema. Em seu estudo “O suicídio contribuições de Emile Durkheim e Karl Marx para a compreensão desse fenômeno na contemporaneidade”, apresenta dados estatísticos que demonstram que o suicídio atualmente ocupa o terceiro lugar no ranking de mortes por causas externas e que há um aumento significativo desses números. O estudo suscita reflexões sobre qual seria a solução para enfrentar esse problema e aborda os fatores de risco, como exemplos, o nível socioeconômico e cultural do adolescente, o padrão da família, lembranças de fatos negativos durante infância, o estilo de personalidade e os transtornos psíquicos. O autor reforça que o tema suicídio não pode mais ser um tabu e um estigma social; deve ser entendido com um problema de saúde coletiva que atinge a todos, mesmo que alguns grupos estejam expostos a maior risco.

Sousa, *et al.* (2017) no artigo “Revisão de Literatura sobre o suicídio na infância”, analisam 29 artigos que teriam legitimidade quanto aos fatores associados ao suicídio de crianças até 14 anos. Os resultados mostraram que o suicídio está associado aos fatores neurobiológicos, escolares, sociais e mentais, dentre eles a relevância da ansiedade. Os autores dizem que é importante que os profissionais de saúde e os professores sejam capacitados para ajudar essas crianças e adolescentes.

Marquetti (2014), no artigo “O suicídio e sua essência transgressora”, discute como o suicídio pode ser concebido por meio de suas características de transgressão quanto à vida privada e ao padrão ocidental de morte. O autor realiza, em seu estudo, entrevistas com membros da família de pessoas que praticaram suicídio, com o objetivo de descrever o ato, com base nas lembranças do familiar, do contexto do suicida e dos fragmentos das cenas do local onde ele ocorreu. A partir das análises do autor, caracterizou-se o suicídio como público (ocorre em espaços da cidade), privado (ocorre em espaços particulares, reservados e protegidos) ou público-privado (permeando os dois ambientes). As análises realizadas

apontam que o suicídio é uma transgressão em sua essência, é um tabu em nossa sociedade e provoca uma reação no local, nas pessoas e nas Instituições onde ocorre.

Moreira e Bastos (2015), no estudo “Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura”, contribuem de forma intensa com reflexões sobre a temática do presente trabalho. A revisão de literatura, referente ao período 2002-2013 (período anterior ao da realização desta pesquisa), foi realizada em diversas bases de dados. O autor concluiu que a prevalência de ideação suicida é alta e que está intensamente relacionada a fatores como: depressão, uso de álcool e outras drogas, problemas de relacionamento com os pais, tristeza e solidão. Concluiu também que esse contexto é prevenível, desde que o adolescente receba apoio e tratamento, e aponta a necessidade de investimento, no Brasil, em pesquisas sobre o tema e em políticas públicas, devido ao crescente número de suicídios dentre os adolescentes.

O último artigo relevante a ser apresentado aborda o contexto da automutilação na adolescência. Em “Automutilação na adolescência – rasuras na experiência de alteridade”, Fontes e Macedo (2017) trazem uma reflexão sobre o tema a partir de análises de narrativas em blogs adolescentes. Destacam os aspectos do estremecimento da alteridade, articulando-a com a noção de vivência da indiferença e ato-dor. Com base em conceitos teóricos/clínicos da psicanálise, as autoras observam a ausência de um destinatário para dirigir a dor psíquica e de um movimento de descarga no corpo da dimensão elaborativa da psique. Afirmam que esse comportamento tem ganhado maior visibilidade na cena da clínica psicanalítica.

Concluindo o estudo, entende-se a automutilação como um ato que busca descarregar a dor psíquica e que não tem a finalidade de prazer ou autodestruição. A automutilação na adolescência pode ceder espaço, por meio de acompanhamento e tratamento especializado, a possibilidades de o sujeito existir na presença do outro e de si mesmo, ao endereçar sua dor à escuta.

Diante dos estudos apresentados, conclui-se que a escola precisa se transformar e se conceber como um espaço social onde os conflitos e as dores humanas estão presentes. Esses conflitos e dores precisam ser discutidos, trazidos à luz e observados nos adolescentes, que nessa faixa etária são vulneráveis, por estarem em desenvolvimento.

Como é evidente o aumento desse fenômeno, os profissionais de educação e as famílias precisam de mais conhecimento sobre o tema, para que possam atuar de forma preventiva, identificar casos de risco e solicitar a ajuda do grupo de saúde mental.

Quanto ao suicídio, foi possível identificar e organizar os conceitos que compõem o comportamento suicida (ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado) e seus fatores de risco e proteção.

Com relação à automutilação, a escassez de estudos na área impede uma visão mais completa e diversa desse fenômeno. Há necessidade de investigação sobre esse que hoje é muito presente entre os adolescentes. O ato é praticado em casa e, muitas vezes, no espaço escolar, diante de colegas e professores.

Com o objetivo de se observar se existem novas pesquisas relacionadas ao tema, foi realizada uma segunda investigação, com foco no ano de 2019.

Tabela 4 - Pesquisa base de dados no ano de 2019.

PALAVRAS-CHAVE	CAPES	BDTD	BVS	PEPSIC	SCIELO	UNITAU
Adolescência	1450	10	0	6	0	0
Suicídio	79	0	0	2	0	0
Automutilação	0	0	0	0	0	0
Adolescência suicídio	12	0	0	0	0	0
Adolescência automutilação	0	0	0	0	0	0
Escola suicídio	8	0	0	0	0	0
Escola automutilação	0	0	0	0	0	0
Adolescência saúde	83	0	0	0	0	0

Fonte: Elaborada pela autora

Os dados apresentados na Tabela 4 repetem a realidade observada nos últimos cinco anos. Os temas adolescência e suicídio, separadamente, apresentam maior número de pesquisas. Já o tema associado e relacionado ao ambiente escolar não se traduz em muitos estudos. Automutilação permanece como um tema de pouca produção (nenhuma produção foi encontrada nas bases pesquisadas). Portanto, novas pesquisas sobre a produção acadêmica sobre o tema devem ser efetuadas, nos anos subsequentes a 2019.

2.2 Panorama dos referencias técnicos quanto ao tema estudado

Foram encontrados na pesquisa de conhecimento sobre o tema diversos materiais técnicos que têm como objetivo orientar a população e os profissionais de diversas áreas, principalmente da saúde, sobre o tema abordado. Esses materiais foram construídos por instituições da área e por organizações públicas nos últimos 10 anos, por entenderem a

relevância do tema e a necessidade de maior conscientização da população sobre o assunto como uma forma de prevenir casos de suicídio (ver Quadro 3).

Quadro 3 - Documentos orientadores sobre o tema

DESCRIÇÃO	PÚBLICO-ALVO	FONTE	DATA
Comportamento suicida: conhecer para prevenir	Profissionais de imprensa	Associação Brasileira de Psiquiatria	2009
Prevenção do suicídio no nível local: orientações para a formação de redes municipais de prevenção e controle do suicídio para profissionais que as integram.	Profissionais que atuem na vigilância e prevenção do suicídio	Pesquisadores da Universidade Estácio de Sá, com apoio da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com Financiamento do Ministério da Saúde e parceria com o Estado do Rio Grande do Sul	2011
O Suicídio e os Desafios para a psicologia	Psicólogos	Conselho Federal de Psicologia	2013
SUICÍDIO: informando para prevenir	Profissionais de saúde	Associação Brasileira de Psiquiatria E Conselho Federal de Medicina	2014
Suicídio: Vamos falar sobre isso?	População em geral	Equipe de Saúde Mental do Município de Encantado-RS.	2014
Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros - 2012 a 2016	Gestores de áreas de desenvolvimento de Políticas Públicas	Ministério da Saúde e Universidade de Brasília	2018
O suicídio e a escola: reflexões com educadores.	Educadores da Rede pública do Estado do Rio de Janeiro	Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro	2018
O Suicídio e a automutilação tratados sob a perspectiva da família e do sentido da vida	População em geral	Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos	2019
Guia Intersetorial de Prevenção do Comportamento Suicida em crianças e adolescentes	Profissionais da área de saúde, educação, assistência social, segurança pública e Conselhos Tutelares	Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul	2019

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se que a iniciativa de construir materiais orientadores sobre o tema nasceu primeiramente dos Conselhos e Associações vinculados à saúde, com o objetivo de orientar os profissionais da saúde sobre o tema, para que eles atuem de forma eficiente na prevenção do suicídio.

Observa-se que, nos últimos anos, a produção sobre o tema se tornou mais intensa, com iniciativas do Estado, representado pelo Ministério da Saúde e pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

Após 2018, os estados começaram a construir seus manuais de orientação. Houve, nesse período, aumento do número de manuais orientadores e a criação de materiais específicos para os educadores que abordam o contexto do suicídio e da automutilação no espaço escolar, especificamente entre adolescentes.

A abrangência do público-alvo também se tornou maior nos últimos anos, pois todos os materiais referenciam a importância do envolvimento e da informação em todas as esferas da sociedade.

Quadro 4 – Mitos sobre o suicídio

MITOS	VERDADES
O suicídio é uma decisão individual, já que cada um tem pleno direito a exercitar o seu livre arbítrio.	FALSO. Os suicidas estão passando quase invariavelmente por uma doença mental que altera, de forma radical, a sua percepção da realidade, e que interfere em seu livre arbítrio. O tratamento eficaz da doença mental é o pilar mais importante da prevenção do suicídio. Após o tratamento da doença mental, o desejo de se matar desaparece.
Quando uma pessoa pensa em se suicidar terá risco de suicídio para o resto da vida	FALSO. O risco de suicídio pode ser eficazmente tratado e, depois disso, a pessoa não estará mais em risco.
As pessoas que ameaçam se matar não farão isso, querem apenas chamar a atenção.	FALSO. A maioria dos suicidas fala ou dá sinais sobre suas ideias de morte. Boa parte dos suicidas expressou, em dias ou semanas anteriores, frequentemente, aos profissionais de saúde, seu desejo de se matar.
Se uma pessoa que se sentia deprimida e pensava em suicidar-se, em um momento seguinte passa a se sentir melhor, normalmente significa que o problema já passou.	FALSO. Se alguém que pensava em suicidar-se e, de repente, parece tranquilo, aliviado, não significa que o problema já passou. Uma pessoa que decidiu suicidar-se pode sentir-se “melhor” ou sentir-se aliviado simplesmente por ter tomado a decisão de se matar
Quando um indivíduo mostra sinais de melhora ou sobrevive a uma tentativa de suicídio, está fora de perigo.	FALSO. Um dos períodos mais perigosos é quando se está melhorando da crise que motivou a tentativa, ou quando a pessoa ainda está no hospital, na sequência de uma tentativa. A semana que se segue à alta do hospital é um período durante o qual a pessoa está particularmente fragilizada. Como um preditor do comportamento futuro é o comportamento passado, a pessoa suicida muitas vezes continua em alto risco.
Não devemos falar sobre suicídio, pois isso pode aumentar o risco.	FALSO. Falar sobre suicídio não aumenta o risco. Pelo contrário, falar com alguém sobre o assunto pode aliviar a angústia e a tensão que esses pensamentos trazem.
É proibido que a mídia aborde o tema suicídio.	FALSO. A mídia tem obrigação social de tratar desse importante assunto de saúde pública e abordar esse tema de forma adequada. Isso não aumenta o risco de uma pessoa se matar; ao contrário, é fundamental dar informações à população sobre o problema e sobre onde buscar ajuda, etc.

Fonte: Manual: Suicídio – informando para prevenir.

O Manual “Comportamento suicida: Conhecer para Prevenir”, elaborado pela Associação Brasileira de Psiquiatria, em 2009, foi idealizado para os profissionais de imprensa. O material tem o objetivo de instrumentalizar esses profissionais da comunicação quanto ao dever de informar sem ferir a susceptibilidade das pessoas, sem provocar danos. O

material foi bem aceito pelo público-alvo e tem contribuído para informar e desmistificar o tema para a população. Com as informações corretas destinadas à população, esses profissionais podem contribuir para a prevenção do fenômeno. A cartilha aborda os dados sobre suicídio no Brasil, fatores de risco e prevenção, orienta como noticiar sobre o suicídio e informa fontes de dados confiáveis. É um conteúdo fácil, e o material pode ser acessado pela internet. Um aspecto interessante do material são as informações sobre os mitos relacionados ao tema, que apontam os preconceitos e o estigma em torno da doença mental e do comportamento suicida.

O Manual “Prevenção do suicídio no nível local: orientações para a formação de redes municipais de prevenção e controle do suicídio para profissionais que a integram” foi construído por pesquisadores da Universidade Estácio de Sá, com apoio da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com Financiamento do Ministério da Saúde e parceria com o Estado do Rio Grande do Sul, em 2011. Destina-se a profissionais que atuam na vigilância e prevenção do suicídio nas áreas de saúde, educação, assistência social, extensão rural, jornalismo e segurança. O material aborda o tema suicídio como um problema de todos e dá visibilidade às situações de vulnerabilidades, redes de prevenção, mitos e verdades sobre o suicídio, e aos sobreviventes, que são fortemente impactados pela perda de entes queridos. O material também traz orientações específicas a diversos profissionais da sociedade, como assistentes sociais, jornalistas, policiais militares, profissionais de saúde em geral, técnicos de extensão rural e educadores. O manual afirma que esses profissionais precisam desenvolver competências e habilidades, como: compreender a complexidade do fenômeno suicídio, saber identificar as situações de risco e vulnerabilidade e construir e articular uma rede de vigilância, prevenção e controle

A cartilha “O Suicídio e os Desafios para a psicologia”, elaborada em 2013 pelo Conselho Federal de Psicologia, para os profissionais de psicologia, aponta o suicídio como uma questão de saúde pública e como um desafio para a psicologia clínica. Defende a relevância do tema no contexto atual e o impacto social que ele exerce. Apresenta dados atuais e ressalta a vulnerabilidade do público adolescente e de adultos jovens e afirma que a prevenção precisa ser iniciada na família e que os psicólogos precisam conhecer mais sobre esse fenômeno.

A Associação Brasileira de Psiquiatria e o Conselho Federal de Medicina elaboraram, em 2014, a cartilha “O SUICÍDIO: informando para prevenir”, com foco nos profissionais de saúde. O objetivo do material é fornecer informações aos médicos sobre o tema, de forma a ajudá-los a identificar pessoas em risco e prevenir o ato suicida. Apresenta a definição de

suicídio, as barreiras para a detecção e a prevenção, mitos sobre o comportamento, o impacto do suicídio, o motivo de prevenir, dados referentes ao Brasil, fatores de risco e de proteção. Explica como identificar o paciente suicida e traz informações sobre os principais fatores de risco – a tentativa prévia e as doenças mentais –, avaliação e manejo do paciente, como abordar o paciente, avaliação de doença mental e avaliação de risco (risco baixo, risco médio e risco alto), urgência/emergência, posvenção do suicídio, importância da rede de saúde nesse contexto (o que compete à equipe de saúde – atenção primária, atenção secundária e terciária), prevenção do suicídio, sistema de saúde e promoção de qualidade de vida. No contexto da prevenção, além do sistema de saúde e de promoção da qualidade de vida, evidencia a necessidade das campanhas nas escolas, para problematização do assunto, de forma a desconstruir tabus e facilitar a prevenção.

A Cartilha Municipal de Prevenção ao suicídio, intitulada “Suicídio: Vamos falar sobre isso?”, que traz informações básicas sobre o tema para orientar o público em geral, foi criada pela Equipe de Saúde Mental do Município de Encantado-RS. Didático e com linguagem atrativa, o material é autoinstrutivo e de fácil acesso a todos.

O Manual “Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016” foi elaborado pelo Ministério da Saúde e pela Universidade de Brasília, em 2018, para atender a gestores de áreas de desenvolvimento de Políticas Públicas. O objetivo do trabalho é apresentar informações que possam dar visibilidade aos modos de adoecer e morrer da população negra no Brasil que refletem contextos de vulnerabilidade, um problema de saúde pública entre os negros. Trata-se, portanto, de material extremamente necessário e urgente. Os dados para elaboração do material foram selecionados pelo preenchimento do quesito raça/cor no sistema de informação do SUS- Sistema Único de Saúde. O estudo analisa e discute o contexto de políticas públicas específicas para a população negra, as desigualdades sociais, diferenças de gênero, as ações desenvolvidas como suporte social no contexto do suicídio, e ressalta que o fenômeno é maior na população negra devido à desigualdade social e ao preconceito racial.

O material de apoio Guia de Articulação Escolar “O suicídio e a escola: Reflexões com educadores”, elaborado pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro para atender aos Educadores da Rede pública do Estado do Rio de Janeiro no ano de 2018, é o primeiro documento que se destina especificamente à região e à população deste estudo. Aborda concepções e perspectivas históricas e epistemológicas sobre o suicídio, defende a importância da escola como meio de prevenção e o impacto do suicídio na comunidade escolar.

O *Guia de Articulação Escolar* (2018, p. 5) aborda o fenômeno suicídio por meio de algumas reflexões teóricas, trazendo conceitos em uma visão multidimensional (filosófica, sociológica, psicológica e de saúde). O estudo aponta que essa abrangência é necessária, devido à complexidade do tema e ao entendimento de que uma só análise não seria suficiente para conceituá-lo. O estudo aborda a temática em três dimensões, para análise teórica:

- Perspectiva Social - fundamentada em Karl Marx (1846) e Émile Durkheim (1897), para abordagem do suicídio como fato social;
- Perspectiva Filosófica/subjetividade humana: fundamentada em Sartre (2008), Puente (2008) e Viktor Frankl (2015), provoca reflexões sobre o contexto da existência humana, seu significado, a liberdade e a consciência da própria trajetória. Traz conceitos dialéticos de sentido da vida e de ausência de sentido; e
- Perspectiva de saúde: fundamentada em Botega (2015) e em documentos da OMS, aborda o suicídio como um problema de saúde pública, por ser manifestação de um sofrimento psíquico.

O estudo ressalta que uma perspectiva não descarta a outra, pois elas se complementam. É preciso compreender o fenômeno como o desfecho fatal de uma situação de crise causada pela combinação desses múltiplos fatores.

“O Suicídio e a automutilação tratados sob a perspectiva da família e do sentido da vida” é o manual mais atual sobre o tema, feito em 2019 pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Direcionado ao público em geral, tem como objetivo levantar as bases fundamentais do suicídio e da automutilação. Enfatiza alguns casos entre os jovens que tiveram grande repercussão pública e busca uma avaliação do problema na perspectiva familiar e na valorização do sentido da vida. Tais bases consistem em conceitos, dados estatísticos, características das vítimas e ações de prevenção, trazendo à tona questões que podem contribuir para adequação de políticas públicas à problemática abordada. O material é o único que aborda os custos relacionados ao suicídio, a influência das novas tecnologias sobre o tema, o fenômeno da automutilação em conjunto com suicídio como uma autolesão, mas não aprofunda esse conceito, assim como não aborda o suicídio em povos indígenas. O estudo conclui que são diversas as ações que podem ser realizadas frente ao desafio de reduzir o suicídio e a automutilação no Brasil. Em todas essas ações há necessidade do apoio familiar, por isso é imprescindível uma atuação junto às famílias, com o objetivo de conscientizá-las da importância das ações dos pais com os filhos, principalmente sobre o tema saúde mental. A necessidade de melhor qualidade de vida e de políticas públicas para informar as famílias, proporcionando-lhes meios de enfrentar as dificuldades e fortalecer os

vínculos familiares também foi apontada como de suma importância para prevenir o fenômeno.

O “Guia Intersetorial de Prevenção do Comportamento Suicida em crianças e adolescentes” foi criado para os profissionais da área de saúde, educação, assistência social, segurança pública e Conselhos Tutelares, pela Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, em 2019. O guia tem foco no grupo de adolescentes e suscita reflexões sobre a condição desse público. O documento defende que o adolescente é uma pessoa em situação peculiar de desenvolvimento. Dessa forma, é fundamental que se criem ações que possam apoiá-lo nessa fase de vulnerabilidade e contribuir para a prevenção da violência interpessoal e da violência autoprovocada.

O guia também aborda as diferentes formas de violência autoprovocada, como ideação suicida, autoagressão (automutilação), tentativa de suicídio e suicídio consumado. Além de trazer dados e informações muito relevantes, o material tem como diferencial um resgate das legislações sobre o tema no Estado. Um aspecto extremamente relevante do Guia é o que aponta a influência das mídias sociais na autoimagem de crianças e jovens. Assim, os adolescentes podem utilizar essas mídias como uma forma de disseminar ideias, buscar e trocar informações sobre o fenômeno. Isso porque elas potencializam o alcance dessas informações. As experiências online também poderiam ser fatores de risco relacionados ao suicídio, como humilhação, assédio, extorsão sexual, problemas de imagem corporal e medo de exposição. Poderiam também criar novos canais de apoio para acolher pessoas que sofrem com comportamentos suicidas, por exemplo, o atendimento online do CVV – Centro de Valorização da Vida.

O Guia (2019) traz informações simples de como acolher um adolescente que apresente violência autoprovocada: “pergunte, ouça e procure ajuda” é a orientação principal. E explica que, se a família se recusar a encaminhar a criança ou adolescente para tratamento, deve-se acionar o Conselho Tutelar, o Juizado da Infância e da Juventude e o Ministério Público.

Especificamente sobre espaço educacional, o material considera o protagonismo da escola na vida das crianças e adolescentes, afirma que é um lugar privilegiado para promoção da saúde mental e prevenção do suicídio. Relata que muitos casos de violência autoprovocada estão relacionados com o ambiente escolar, devido às diversas formas de violência, como humilhações, bullying e discriminação, presentes nas “brincadeiras” dos colegas, professores e demais profissionais da escola. Outro aspecto abordado é o sentimento de menos-valia diante dos colegas, por não ter a mesma capacidade produtiva de acompanhar o conteúdo

escolar, assim como a pressão por rendimento escolar elevado, que por vezes vem acompanhada de ameaças e perseguições.

O Guia (2019 p. 20) traz informações sobre como prevenir o fenômeno nas escolas:

- Insira a vigilância, a promoção da vida e a prevenção do suicídio no projeto político-pedagógico da escola;
- Crie parcerias com outros setores e entidades, como universidades e serviços de saúde da região, para construir projetos voltados à realidade do território de forma conjunta;
- Desenvolva ações voltadas à cultura da paz, respeito à diversidade e não discriminação, assim como ações de educação em saúde, para toda a comunidade escolar ou acadêmica;
- Crie espaços de diálogo seguro com os/as estudantes e profissionais, enfatizando a expressão dos sentimentos e a escuta compreensiva;
- Organize programas psicoeducativos e lúdicos sobre saúde mental e suicídio – falar é importante!
- Atue de maneira direta e imediata em situações de risco, tais como preconceito, discriminação e violência.

O documento orienta que a escola deve ser um espaço que desperte nos estudantes o desejo pela vida e o interesse pelo mundo externo. Deve estar pronta para acolher os jovens que estão no processo de construção de seu projeto de vida.

Quanto à atuação com alunos que verbalizem pensamentos de autoagressão, o documento (2019 p. 20) orienta:

- Preste os primeiros cuidados;
- Ouça com atenção de maneira calma e empática;
- Explique sobre os limites da confidencialidade, pois se a criança ou adolescente estiver em risco de prejudicar a si mesmo/a ou aos outros, a confidencialidade não poderá ser mantida;
 - Informe os pais/responsáveis. Caso haja razões claras para não o fazer, tal como violência familiar, entre em contato com os órgãos de proteção dos direitos da criança e do adolescente (Conselho Tutelar, Ministério Público e Segurança Pública);
 - Consulte os demais membros da escola, a criança ou adolescente e os pais/responsáveis sobre que tipo de apoio pode ser útil;
 - Tenha números de telefone e informações da rede de apoio local;
 - Faça combinações com a criança ou adolescente e acompanhe-os sistematicamente;
 - Entre em contato com a rede de saúde local para orientação ou encaminhamento, se apropriado.

No caso da ocorrência de autoagressão grave dentro do espaço escolar que demande atendimento médico, como lesão ou overdose por medicamentos, o manual orienta a solicitar ajuda dos membros da escola, convocar os serviços de emergência, prestar os primeiros socorros, entrar em contato com os pais e manter a confidencialidade. Observa que o adolescente deve ser informado do motivo do encaminhamento, devido à gravidade do

ocorrido. Observa também que a escola deve estar junto com ele e que é fundamental o acompanhamento e contato periódico da escola após o ocorrido.

É importante abordar também um estudo que foi realizado no ano 2000 em Genebra, pela Organização Mundial da Saúde, com o tema “PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: Manual para professores e educadores”. Esse manual foi o primeiro material encontrado, nesta pesquisa, que orienta especificamente os educadores sobre o tema suicídio, e até hoje mantém-se atual. O estudo aborda o suicídio como um problema subestimado e fatores de proteção e de risco; discute como identificar estudantes em conflito e com possível risco de suicídio e analisa como se deve manejar os estudantes sob risco de suicídio. Apesar de antigo, realizado há 19 anos, o estudo apresenta conceitos, informações e orientações pertinentes ao contexto educacional e às orientações atuais sobre o tema suicídio. O documento conclui que, para prevenção do suicídio, professores e funcionários da escola precisam enfrentar esse grande desafio por meio de conhecimento e de ações estratégicas.

2.3 – Violência autoprovoçada: breve análise conceitual e histórica

A violência autoprovoçada refere-se a automutilação, ideação e tentativa de suicídio, e a suicídio consumado. Para refletir sobre o tema há necessidade de se conhecer o fenômeno em sua complexidade e, a partir desse conhecimento, ampliar a discussão para o enfrentamento do fenômeno no contexto adolescente.

2.3.1 – O suicídio e suas dimensões

O termo suicídio, que surgiu no século XVII, na França, foi posteriormente traduzido para outras línguas, formado pelo pronome *sui* (si) junto ao verbo *caedere* (matar), do latim (Guia de Articulação Escolar 2018, p. 5).

Durante muito tempo foi compreendido como um homicídio, era tratado como “um homicídio de si mesmo”, tinha o pertencimento à mesma categoria dos crimes e dos sacrilégios, e sua punição acarretava ao suicida fracassado a pena de morte. As leis que vigoravam por volta do século XVII deixavam claro que o suicídio era um crime. Somente a partir do século XVIII a tentativa de suicídio passa a ser entendida como uma desordem da alma (Guia de Articulação Escolar 2018, p. 5)

A construção histórica do tema legitima o tabu que o envolve - é crime, pecado e/ou loucura – o que reforça o preconceito e o estigma desse fenômeno.

Moreira e Bastos (2015) conceituam o suicídio como a busca da morte por aqueles que não encontram alternativas para seus problemas. A adolescência é uma fase de modificações biológicas, psicológicas e sociais que normalmente vêm acompanhadas de angústia e conflitos. Por esse motivo, tem-se observado o aumento de comportamento suicida nessa população, e a idade de 15 anos seria a mais crítica para a manifestação do fenômeno. Segundo o estudo, as estatísticas sobre suicídio na adolescência são falhas e subestimadas, pois, por serem atos destrutivos, são escondidos e negados pela família. Além disso, esse fenômeno é complexo e pouco investigado, porque suas causas envolvem os fatores biológico, psicológico e socioeconômico. Esses autores escolheram realizar sua pesquisa com foco na população em geral e com adolescentes escolares, pois a maioria das pesquisas analisadas remetem ao contexto clínico.

Assim, Moreira e Bastos (2015) analisaram estudos que investigam o risco de suicídio e pensamentos de automutilação, por entenderem que ambos, assim como a ideação suicida, envolvem atitudes, desejos e manifestações da intenção de acabar com a vida. Os autores classificam o comportamento suicida em três categorias: ideação suicida, tentativa de suicídio e o suicídio consumado. Conceituam suicídio como ação de matar a si mesmo, morte intencional autoinfligida. O suicídio implica consciência do indivíduo quanto à necessidade de morrer e da consequência do ato que pretende praticar. O comportamento suicida existe desde os tempos antigos da humanidade, tendo mudado através do tempo a forma de se considerar esse fenômeno.

Os principais fatores associados ao suicídio seriam: tentativas anteriores, doenças mentais, tais como depressão, abuso de álcool e outras drogas, ausência de apoio social, história de suicídio na família, forte intenção suicida, situações estressantes e contextos sociais e demográficos, como pobreza, desemprego e baixo nível educacional.

Quanto aos dados sobre suicídio, o estudo aponta um crescimento dos índices em jovens, em sua maioria maiores de 14 anos; entretanto, em alguns países o número de suicídios tem aumentado de forma alarmante entre crianças menores de 15 anos, bem como na faixa etária de 15 a 19 anos.

A tentativa de suicídio, um ato que não se consumou de forma letal, é considerado um fator de risco para nova tentativa de suicídio. Os registros sobre esse fenômeno são escassos e menos confiáveis, mas o estudo afirma que o número de tentativas de suicídio pode superar, em pelo menos dez vezes, o de suicídios.

A ideação suicida, por sua vez, refere-se aos pensamentos de autodestruição e a ideias suicidas, desejos, atitudes e planos do indivíduo para dar fim a sua vida. Ter pensamentos suicidas uma vez ou outra é normal, pois esses pensamentos fazem parte do desenvolvimento e da passagem da infância para a vida adulta, na medida em que o indivíduo reflete sobre os problemas existências e busca compreender a vida, a morte e o significado da existência.

Sendo a adolescência uma fase de intensas mudanças e movimentos de dependência e independência, caracterizados por momentos de conflitos e contradições, esses comportamentos podem ser apenas a busca de sua identidade, sendo assim superados. O pensamento suicida torna-se anormal no momento em que a realização desse pensamento parece ser a única alternativa para a solução dos problemas, tornando-se, pois, um sério risco para tentativas de suicídio ou suicídio. A intensidade e a profundidade desses pensamentos diferenciam um jovem saudável de um jovem que se encontra à margem de uma crise suicida.

Já o desejo de morrer é o caminho para os atos de autodestruição. Representa a insatisfação do indivíduo com o seu modo de vida atual, e manifesta-se em frases como: *a vida não vale a pena, não tem sentido, o que eu deveria fazer é morrer*, entre outras.

A ideação suicida é um fator de risco para o suicídio efetivo, portanto não deve ser desconsiderada. Atitudes de arrogância, enfrentamento e força interior podem significar um pedido de ajuda, de limites, de carinho, de expressão de dúvidas, angústias e sofrimento. A identificação precoce desses pensamentos é necessária, assim como muito conhecimento sobre o tema.

Os autores apresentam dados alarmantes da OMS (2012) sobre suicídio no Brasil (MOREIRA; BASTOS, 2015 p. 447):

A taxa mundial de suicídio é estimada em torno de 16 por 100 mil habitantes, tendo a taxa de mortalidade por suicídio aumentado 60% nos últimos 45 anos. Calcula-se que as tentativas de suicídio sejam vinte vezes mais frequentes que o ato consumado. No Brasil, a taxa geral de mortalidade por suicídio, em 2012, foi de 5,3/100 mil habitantes. O total de suicídios no país, entre os anos 2002 e 2012, passou de 7.726 para 10.321, representando um aumento de 33,6%, superando o crescimento da população do país no mesmo período, que foi de 11,1%. Na população jovem (15 a 29 anos), na qual está incluída a faixa etária final da adolescência (15 a 18 anos), o aumento foi de 15,3%, passando de 2.515 para 2.900 suicídios entre 2002 e 2012. A taxa de suicídio, nessa população, passou, no mesmo período, de 5,1/100 mil para 5,6/100 mil jovens, ocupando o país a 60ª posição na classificação mundial. A taxa de mortalidade por suicídio na população jovem brasileira, em 2012, foi relativamente baixa (5,6/100 mil jovens) quando comparada com as taxas de outros países, porém alguns municípios apresentaram índices elevados para o contexto nacional.

Além desses dados, os autores afirmam que, a partir de dados da OMS do ano de 2000, a frequência do suicídio está crescendo entre os jovens. A maioria dos suicídios é de

adolescentes acima de 14 anos, principalmente no início da adolescência. Entretanto, em alguns países há aumento das taxas de suicídio entre crianças e adolescentes menores de 15 anos, assim como na faixa de 15 a 19 anos.

Os autores concluem o estudo afirmando que o Brasil avançou, quanto à prevenção do suicídio, mas que são necessários maiores investimentos em estratégias que visem à prevenção do comportamento suicida na população jovem e adolescente.

Com o objetivo de ampliar a discussão e o entendimento sobre o fenômeno, há necessidade de refletir sobre suas diversas dimensões.

Figura 2 - Dimensões referentes ao fenômeno do suicídio.



Fonte: Elaborada pela autora.

Essas dimensões se relacionam, formando um processo multidimensional, complexo e dinâmico que poderá compor um cenário de crise. Diante desse contexto de crise, o sujeito poderá chegar a um desfecho fatal, o suicídio. Sendo assim, qualquer interpretação isolada seria reducionista e irresponsável, tamanha a complexidade do fenômeno.

2.3.1.1 – A Dimensão Social

Do ponto de vista sociológico, Almeida (2018) concorda com a visão de Moreira e Bastos (2015), ao afirmar que o suicídio está associado ao baixo nível educacional, ao desemprego e à renda familiar, por atingir de forma intensa o status social do indivíduo. Nesse sentido o suicídio é compreendido como um fenômeno de ordem social.

O autor, à luz das contribuições de Durkheim (2004, *apud* ALMEIDA, 2018), afirma que o suicídio não é uma causa individual, mas social. Isso porque, historicamente, a sociedade sempre teve indivíduos dispostos ao suicídio. Portanto, o tema não pode ser estudado só no contexto orgânico-psíquico, ou só no meio físico, mas segundo as causas sociais que influenciam e geram fenômenos coletivos:

Existe para cada grupo social uma tendência específica ao suicídio que não é explicada nem pela constituição orgânico-psíquica dos indivíduos nem pela natureza do meio físico. Disso resulta, por eliminação, que ela deve depender necessariamente de causas sociais e constituir por si mesma um fenômeno coletivo (DURKHEIM, 2000, p.165).

Para Durkheim (2004, *apud* ALMEIDA, 2018), o suicídio deve ser compreendido como a morte que resulta de um ato realizado pelo próprio indivíduo, que tem consciência disso. Nesse sentido, ele pode ser explicado como uma questão social que varia com o grau de interação social entre indivíduo e sociedade. Sendo assim, quanto mais coesão social menor serão os índices de suicídio, em uma sociedade.

O autor aborda os tipos de suicídio apresentados por Durkheim (2004, *apud* ALMEIDA, 2018) e as causas sociais específicas que os caracterizam: suicídio egoísta, suicídio altruísta e suicídio anômico.

O suicídio egoísta seria o tipo de morte em que o indivíduo se mata por conta do enfraquecimento do grupo social a que pertence, um grupo organizado por confissão religiosa, familiar ou política. Quando maior o afastamento desses grupos sociais, que determinam maneiras de agir, pensar e sentir, maior será a probabilidade de o indivíduo cometer suicídio, pois a consciência coletiva será menor do que a individual.

Para explicar o suicídio egoísta, Almeida (2018) traz um exemplo de Durkheim (2004, *apud* ALMEIDA, 2018): seria causado por motivação religiosa. Nos países de tradição católica ou judaica, os índices de suicídio seriam menores do que nos países em que predomina a tradição da religião protestante diante do crescimento da ciência. Esse contexto

ocorre, não pela orientação da própria religião, mas pela dúvida referente a tradições e crenças religiosas. Diante desse cenário, a coesão exercida pela religião acaba por gerar enfraquecimento da consciência coletiva, o que vem a construir um contexto de vulnerabilidade para o suicídio. Sendo consciência coletiva, o conjunto de crenças e de sentimentos é comum para a maioria dos membros de uma mesma sociedade.

O autor ressalta que Durkheim (2004, *apud* ALMEIDA, 2018) não era contra a ciência, mas ressaltava que a religião teria que se transformar, para se adequar aos novos modos de vida e conduta. No judaísmo, haveria um índice quase zero de suicídios, por ser uma religião com poucos membros. Assim, há um fortalecimento dos vínculos e do sentimento de pertencimento, o que resulta em maior consciência coletiva.

Outro exemplo abordado no artigo sobre esse tema é o contexto familiar. Fica evidente que, para Durkheim (2004, *apud* ALMEIDA, 2018), a família serve como um fator de controle do suicídio, pois, quando se constitui uma família, instituem-se também responsabilidades para aqueles que a comandam. Desse modo, eles terão funções no seio familiar. Quando o indivíduo se afasta desse contexto, perde o sentido da vida, pois não encontra a função protetora e auxiliadora da instituição familiar.

Já o suicídio altruísta expressa o estado contrário, aquele em que o indivíduo não percebe que sua conduta está situada fora dele. Nesse caso, mata-se porque se sente no dever de cometer esse ato em prol do bem-estar de seu grupo social ou de toda a sociedade. Os estudos apontam que essa forma de suicídio não é muito presente nas sociedades complexas.

Os exemplos citados são derivados da religião hindu: quando o indivíduo atinge o grau mais elevado na terra, precisa tirar a própria vida para encontrar seu ser superior, e quando o suicídio é levado a termo por um soldado do exército em um contexto de vergonha pela derrota em uma guerra, ou quando ele se sacrifica para salvar um companheiro.

O último tipo de suicídio é o anômico, que seria o mais presente na sociedade moderna. Essa forma de suicídio está ligada à transição da solidariedade mecânica para a solidariedade orgânica, um período em que a consciência coletiva e a moral estão enfraquecidas. Com o surgimento da sociedade industrial, a consciência coletiva perdeu seu poder de regulação social e a sociedade entrou num estágio de anomia. A sociedade fica doente quando as pessoas não cooperam umas com as outras e passam a viver sem harmonia. Diante da mudança nas relações da sociedade, os laços entre os indivíduos se enfraquecem, devido à diminuição da consciência coletiva.

Almeida (2018) esclarece que esse tipo de suicídio está intimamente ligado à sociedade que, quando perturbada por crises econômicas e ou políticas, por guerras ou

revoluções muito radicais, torna-se incapaz de exercer a moral sobre os sujeitos, e a desigualdade é a fonte desse mal.

Para o autor, Durkheim (2004, *apud* ALMEIDA, 2018) propõe que nas sociedades modernas as corporações se tornem um sistema que possa orientar os indivíduos. Em cada profissão seriam instituídas normas e regras, regularizando o tempo no trabalho, a remuneração e seu dever para com a sociedade.

Já na ótica de Karl Marx (2006, *apud* ALMEIDA, 2018), o suicídio é marcado pelas críticas ao modo de produção capitalista e a todas as instituições e relações sociais. Nesse sentido, o autor aborda um ensaio realizado por Marx (2006, *apud* ALMEIDA, 2018), em que ele analisa quatro casos de suicídio. Em sua teoria, o modo de produção capitalista e suas relações sociais são permeadas por contradições e luta de classes: a classe trabalhadora não possui nada, só sua força de trabalho, e a classe dominante detém os meios de produção e compra a força de trabalho (ALMEIDA, 2018).

Marx (2006, *apud* ALMEIDA, 2018), traz à tona reflexões sobre a autoridade, a qual acaba se transformando em intolerância por parte de pessoas mais velhas e experientes, o que vem a gerar o suicídio, devido à não superação das relações de servidão na sociedade. Outro tema é o sentimento de posse: o indivíduo vê outro indivíduo como um objeto seu, com o qual pode fazer o que quiser, e esse seu sentimento deve ser respeitado. O terceiro caso suscita reflexões sobre os julgamentos e estigmas que os sujeitos sofrem na sociedade, e o quarto caso aborda o desemprego e a crise financeira.

Para Marx (2006, *apud* ALMEIDA, 2018),³ só uma revolução no sistema capitalista e em suas relações podem transformar essa realidade e pôr um fim aos males que levam ao sofrimento o ser humano e toda a sociedade.

2.3.1.2 – A Dimensão Psicológica

Do ponto de vista psicológico, Fukumitsu (2014) apresenta dados importantes sobre o tema no Brasil e afirma que o profissional de saúde precisa avaliar e diferenciar a gravidade e a intencionalidade suicida. Afirma que há necessidade de empatia com as pessoas que estão vivendo esse sofrimento e que os demais profissionais da educação também precisam refletir sobre isso. O foco não seria a cura, mas o cuidado para que o sujeito possa ressignificar seu desespero existencial e descobrir formas de trabalhar seus conflitos. Entretanto, nem sempre isso é suficiente para a pessoa optar pela vida.

A autora defende que o profissional não deve prevenir o suicídio sozinho, mas atuar juntamente com a família, com outros profissionais e instituições. Aborda o sofrimento de uma profissional e da família diante da perda e do sentimento de impotência, e explica que é importante um acompanhamento desses profissionais. Afinal, não se vive pelo outro, não se salva ninguém. O psicoterapeuta, que nesse contexto pode ser relacionado com os profissionais da educação, deve deixar sua fantasia de onipotência, mas não desistir diante da impotência. Precisa lembrar que cada um deve assumir suas responsabilidades existenciais. Sua função é incentivar a sensação da pessoa de estar viva e desejar a vida.

Outro aspecto evidenciado é a necessidade de respeito e de tolerância com as pessoas que pensam no suicídio. É preciso aprender a lidar com a relação vida/morte, com as imprevisibilidades da vida e com pessoas que morreram existencialmente, que não demonstram prazer em estar vivas e se perderam pela falta de fé e esperança.

Segundo a autora, não se deve compreender o fenômeno do suicídio direcionando o olhar só para as causas, pois o comportamento suicida é multifatorial; devem ser alvo de atenção também os fatores de risco. Além disso, o ato suicida envolve o contexto individual, social e cultural.

Ressalta-se, no artigo, que o período de maior prevenção é entre o pensamento e a ação suicida, pois esse fenômeno envolve a ideação, a tentativa e as ameaças, antes do ato consumado, a morte. Como os suicídios são realizados de forma impulsiva e de modo planejado, deve-se estabelecer um plano de segurança para que o sujeito em sofrimento possa acionar seu terapeuta em situações de emergência e também ter a possibilidade de ligar para o CVV - Centro de Valorização da Vida, para escuta e acolhimento. Esse Centro desenvolve um trabalho de apoio emocional de prevenção ao suicídio, atendendo de forma voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo. O atendimento é realizado por telefone, em parceria com o SUS, número 188, a partir de qualquer linha telefônica fixa ou celular. Também é possível acessar www.cvv.org.br para conversar pelo chat, skype ou e-mail. Todo o atendimento está disponível nesses canais 24 horas em todos os dias e de forma gratuita.

Com base em suas vivências, Fukumitsu (2014) destaca a necessidade de os profissionais terem disponibilidade afetiva, compaixão e capacidade de afetar e acolher o outro com sua atitude. Enfatiza sua preocupação com a tolerância dos profissionais ao se relacionarem com uma pessoa que vive sem sentido e “sem sabor”. A disponibilidade de atenção pode oferecer, a uma pessoa em desespero, sensação de alívio à solidão existencial e tranquilidade.

As fases de conduta e manejo psicoterapêutico para lidar com crises suicidas seriam:

- Perguntar e explorar os sentimentos e a intenção do suicídio;
- Compreender, confirmar e acolher o sentimento de impotência e solidão, adotando uma postura de acolhimento e escuta, se possível, envolvendo a família. Explorar a relação entre viver e morrer;
- Encaminhar e acompanhar o cliente, preocupando-se com a possibilidade de ele se matar. Pedir que ele entre em contato, para relatar sobre seu desespero, antes de tentar se matar, e para refletir sobre as possibilidades de buscar sentido para sua existência.

Refletindo sobre a representatividade do suicídio para o sujeito e a sociedade, Marquetti (2014) relata que, no início do seu estudo, a concepção era de que se tratava de um evento de foro íntimo, particular, pessoal, que guardava um certo afastamento daqueles que cercavam o sujeito suicida. Entretanto, nas entrevistas que realizou, observou ênfase inesperada nas cenas do suicídio, que era assim caracterizado como um espetáculo. O foco estava nas cenas, nos espectadores e nos cenários; a história de vida e as características psicológicas do suicida eram secundárias.

Ao buscar uma resposta quanto à história de vida do suicida, o estudo analisou sua relação com o mundo. Essas relações eram entrelaçadas com objetos da cena, lugares eleitos para o ato ocorrer, a composição do cenário e os espectadores da morte, os horários e dias para o ato ocorrer e a plateia, entre outros elementos. Esses aspectos levaram à construção da hipótese da pesquisa; se o suicídio é um espetáculo com cenas, espectadores e cenários, é também uma forma de comunicação sobre novos sentidos de vida, cotidiano e sociabilidade.

Como pano de fundo desses espetáculos, há outras formas de morte na sociedade moderna. No padrão ocidental a morte é marcada como algo discreto, privado, particular, íntimo, higiênico e tecnicamente controlado. Já no contexto do suicídio como forma de comunicação, o padrão de morte rompe com a vida privada, contrariando o modelo ocidental, e estabelece um diálogo com novas formas de morte da sociedade. São rompidos dois dogmas, o tabu sobre a morte e o código de conveniência entre o espaço público-privado. Nesse contexto, coloca-se como uma transgressão às regras do público-privado; assim, a autora afirma que o suicídio é um evento transgressor, em sua essência, e pergunta: seria o suicídio uma das formas culturais de indagar, romper e engendrar novas linhas divisórias entre público e privado? E diz que, ao que parece, sim.

2.3.1.3 – A Dimensão Existencial

Sobre a perspectiva filosófica do suicídio, busca-se fundamento em Viktor Frankl (2020), médico austríaco, fundador da escola da Logoterapia, que desenvolveu reflexões profundas sobre o sentido existencial da vida do indivíduo. O autor discute conceitos da fenomenologia, o existencialismo, a clínica, e sua transversalidade na vida do sujeito.

Segundo o autor, “[...] a busca do indivíduo por sentido é uma motivação primária em sua vida, e não uma “racionalização secundária” de impulsos e instintos” (FRANKL, 2020. p. 124). Não se trata de um estado de doença, mas da construção humana. Essa busca é individual, exclusiva, pois só pode ser feita pelo próprio sujeito. Nesse processo, esse sentimento assume uma importância que irá satisfazer sua própria vontade de sentido.

O fenômeno suicídio, na abordagem de Frankl (2020), está relacionado a dois conceitos dialéticos, sentido na vida e ausência de sentido, ou, como o próprio autor o nomeia, vácuo existencial.

Quanto ao sentido na vida, o autor traz luz à vida do indivíduo, que tem sentido para ele, pois é um processo em constante movimento que pode se alterar no próprio movimento de existir, de acordo com seu processo existencial em um determinado momento.

Já o segundo conceito, a ausência de sentido, traz o sentimento da falta que gera angústia e sofrimento diante do vazio, que passa a preencher todo o espaço que existe.

O suicídio seria a expressão da fuga desse sofrimento que preenche e uma resposta encontrada pelo indivíduo por não conseguir vislumbrar um sentido para o sofrimento e para a dor que sente, tampouco para a continuação de sua vida.

Segundo Frankl, (2020 p. 132), “[...] não são poucos os casos de suicídio que podem ser atribuídos a esse vácuo existencial”. O autor afirma que a ausência de sentido, o questionamento sobre o sentido da vida, pode realmente fazer as pessoas sofrerem, e esse sentimento não é necessariamente gerado por uma doença, visto que pode ser simplesmente parte da condição humana, principalmente na adolescência, um período de descoberta, questionamentos e amadurecimento:

O problema do sentido, posto em toda a sua radicalidade, pode francamente abater um homem. É este o caso corrente, sobretudo na puberdade, portanto na época em que a problemática essencial da existência humana se abre ao homem jovem, que vai amadurecendo e lutando espiritualmente (FRANKL, 1989 p. 56).

Ao elaborar teoricamente a essência da existência, o autor declara que o ser humano é uma criatura responsável pela vida e que precisa realizar seu potencial. Isso porque o

verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da psique humana, como se fosse um sistema fechado e isolado do externo. Essa seria a “autotranscendência humana”.

O homem, na concepção do autor, não atinge o sentido e os valores interessando-se exclusivamente por si mesmo; busca sentido no mundo, onde há espaço para ele decidir o que se tornar. O autor afirma que “[...] o ser humano precisa de algo ou alguém diferente de si mesmo, seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar” (FRANKL, 2020 p. 135).

Nesse sentido, quanto mais o indivíduo esquece de si mesmo e se dedica a uma causa ou a alguém, mais humano ele se torna. Nesse entendimento, a autorrealização só é possível com a autotranscendência.

Frankl (2020) reforça que o sentido da vida se modifica ao longo da trajetória do indivíduo, mas jamais deixar de existir. De acordo com sua teoria, a Logoterapia, é possível descobrir o sentido da vida de três diferentes formas: trabalhando, encontrando alguém ou pela atitude que se toma frente a um sofrimento inevitável.

A primeira forma refere-se a trabalhar ou praticar uma ação que tenha significado para a vida, construindo assim um caminho de realização profissional.

A segunda maneira seria experimentar algo como a bondade, a verdade e a beleza, no contato com a natureza e a cultura ou amando outro ser humano (FRANKL, 2020 p. 135). Afinal, o amor seria a única forma de apropriar-se do outro ser humano plenamente; só se tem consciência plena do outro ao amá-lo. A partir do amor haveria consciência plena das características e potencialidades do ser amado.

A terceira forma de descobrir o sentido da vida seria por meio do sofrimento. É possível encontrar sentido ao viver o sofrimento, ao se confrontar com uma situação sem esperança, por exemplo, uma fatalidade irreparável, e, diante dela, dar testemunho do potencial de superação do ser humano. Ao transformar uma tragédia pessoal em uma conquista humana, encontra-se sentido para o sofrimento.

O autor propõe uma reflexão profunda quanto à construção do homem e sua necessidade de encontrar uma missão, para que assim a vida tenha sentido. Esse processo de descoberta e questionamento seria parte da condição humana. Afinal, “[...] só ao homem, como tal, é dado – a ele exclusivamente – ter a vivência da sua existência como algo problemático; só ele é capaz de experimentar a problematicidade do ser” (FRANKL, 1989, p. 56).

O ser humano é, antes de mais nada, um ser histórico, um indivíduo inserido em um contexto e em um tempo histórico concreto, e esse sistema está determinado por um sentido.

Quanto ao suicídio, Frankl (2020) afirma que o ato perpetua o passado, pois, em vez de retirar do mundo uma infelicidade, o sofrimento ou a injustiça cometida, retira o “eu”, o sujeito que sofre. O cansaço de viver manifesta-se, segundo o autor, em um sentimento (o sofrimento) e nunca um sentimento deveria representar um argumento contra a vida. O ato de suicidar-se não irá resolver problema algum que esse indivíduo esteja enfrentando.

Frankl (2020) argumenta que, nesses casos, o importante é convencer o indivíduo de que ele, não só pode viver com aquela “falta” ou perda, como também pode encontrar sentido para sua vida ao superar sua infelicidade, em crescer com ela, demonstrando estar à altura do seu destino, mesmo que seu objeto de desejo tenha sido negado.

Contudo, o autor ressalta que só se pode levar o indivíduo a valorizar a vida se ele encontrar na vida um conteúdo, uma meta, uma finalidade, uma missão a cumprir.

Diante das dimensões apresentadas, são observados diversos aspectos comuns que, relacionados, compõem um complexo sistema que busca refletir sobre o humano, sua construção, potencialidades e subjetividade.

Esse olhar é evidenciado no Guia de Articulação Escolar “O suicídio e a escola: Reflexões para educadores”, elaborado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (2018). No guia, afirma-se que essas três dimensões, social, psicológica e existencial, não são isoladas, pois se relacionam e formam um todo complexo e dialético.

Diante disso, é fundamental entender o indivíduo em sua complexidade, como um produto de tudo que ele vive em sua trajetória e em seu contexto histórico e social. É preciso conhecer sua subjetividade para entender como ele se constituiu, como construiu sua individualidade, como irá se transformar ao longo do tempo e como poderá superar as adversidades da vida (GUIA DE ARTICULAÇÃO ESCOLAR 2018).

2.3.2 A automutilação e a dor silenciosa

A automutilação é a prática que está mais presente entre os adolescentes, nos últimos anos, de acordo com Dinamarco (2011). Em pesquisas realizadas com jovens de 12 a 16 anos de idade, verificou-se que 13,9% deles já havia cometido alguma agressão contra o próprio corpo. Esse fenômeno é complexo, pois esse comportamento também é recorrente em diversos transtornos emocionais.

Segundo esse autor, muitos indivíduos buscam o isolamento, a partir de um contexto de sofrimento emocional, diante das situações da vida e da estranheza da realidade. Com o

advento da internet, puderam desfrutar, ainda que anonimamente, a possibilidade de encontrar alguém com sintomas semelhantes aos seus.

De acordo com os estudos de Fortes e Macedo (2017), a automutilação caracteriza-se pela atitude do indivíduo que promove cortes superficiais na própria pele com objetivos afinados. Tais atos, que se tornaram consideravelmente frequentes nos últimos 30 anos, costumam surgir na adolescência, podendo ter continuidade por um curto ou longo período.

Em blogs na internet, foram encontrados testemunhos de adolescentes que se automutilam e que permitem constatar que não há relação direta desse fenômeno com o suicídio. Os cortes promovidos pelo adolescente envolvem uma relação entre o corpo e a expressão do sofrimento, e não a intenção de tirar a própria vida. Esse autoflagelo demonstra uma esfera íntima e facilmente acobertada pelo adolescente, pois é normalmente realizado em uma parte do corpo escondida e menos monitorada pelos pais. Geralmente o alarme só dispara quando um familiar descobre e se preocupa com essa condição, pois o adolescente não demonstra angústia e inquietação frente aos familiares.

Outro aspecto importante dos relatos analisados no estudo é que o adolescente não refere a dor que sente no momento da autoagressão. Ao contrário, refere sentimento de alívio, após cometer o ato. Esses atos são cometidos pelos adolescentes em momento de intensa e insuportável tensão interna, com a qual não sabem lidar. Sendo assim, essa dor é uma expressão do que não se pode expressar em palavras.

Nos relatos estudados é possível observar aspectos de isolamento, inexistência de um interlocutor com quem compartilhar a dor e sentimento intenso de solidão. Observa-se também o caráter compulsivo e viciante da automutilação. Nas narrativas é recorrente a referência a acontecimentos penosos que antecedem o início dessa prática, como um irmão que morreu, um namoro que terminou.

Tais acontecimentos produzem dor psíquica associada a sentimento de solidão, por não ter com quem compartilhar a dor. Assim, a automutilação surge como um recurso desesperado para aliviar essa dor. É uma descarga direta da dor psíquica na dimensão do corpo físico.

Diante disso, a dor física é vista na narrativa dos adolescentes como um substitutivo para a dor moral, como uma forma de expressar no corpo a impossibilidade de sentir a dor da alma. Buscam, portanto, apaziguar a dor psíquica por meio da autoagressão física. Assim, fazem um mal para obter menos mal.

Também foi observado no estudo que há uma tentativa de negação quanto à automutilação. Isso porque, por um lado, não há um interlocutor para receber a mensagem da

dor, e por outro lado, o adolescente tem dificuldade em admitir para os outros que está sofrendo, que está triste ou angustiado. A automutilação torna-se a descarga direta, no próprio corpo, de uma tensão insuportável, diante da impossibilidade de expressar essa dor em palavras. Essa condição é de suma relevância para que o sofrimento psíquico se constitua como tal. Quando a dor não é comunicada ao outro, acaba se mantendo no próprio corpo e redimensionada por meio da automutilação, sendo assim uma dor silenciosa.

As autoras afirmam, com base nos estudos realizados, que “[...] ao mutilar-se o sujeito busca dominar o mais íntimo e frágil que o constitui: seu desejo e seu corpo” (FORTES; MACEDO, 2017, p. 359).

Os autores também mencionam uma reflexão sobre o papel do outro nesse contexto: “[...] se por um lado, dependemos do outro como sendo o objeto de proteção e de identificação que nos permitirá o sentimento de unidade e integração imaginária, por outro lado, este mesmo outro pode ser fonte de hostilidade e ameaça de abandono e desproteção” (FORTES; MACEDO, 2017 p. 359).

Segundo esse estudo de Fortes e Macedo (2017), o corte realizado na automutilação, em ataque ao próprio corpo, é uma tentativa de apaziguamento da dor que possibilita a restauração das fronteiras perdidas do corpo, o choque de realidade, a dor sentida. O sangue que corre religa, restaura e alimenta o sentimento de estar vivo, a sensação de vida.

Geralmente, é na adolescência que esse fenômeno surge, e não é coincidência que seja nessa fase que o sujeito sofre diversas transformações, sensações e o desinvestimento das ligações com o contexto infantil. Esse desinvestimento significa, para o adolescente, o abandono, a perda da imagem dos pais e da onipotência da infância, para assim construir novos modelos identificatórios. Diante desse raciocínio, as autoras apresentam os conceitos de “vivência da indiferença”, que seria a indiferença dos pais, ao não dirigirem um olhar amoroso para os filhos, com intenção de tranquilizá-los. Esse ato seria uma violência do adulto em relação ao jovem, que está em uma fase de estruturação de seu psiquismo.

Como efeito dessa situação, é instaurado um contexto de indiferença do jovem em relação a si mesmo e em relação ao outro. Nesse contexto traumático, afirmam Fortes e Macedo (2017), a automutilação ocorre como uma expressão da intensidade psíquica. O momento em que ocorre a descarga da dimensão elaborativa da intensidade da psique é denominado ato-dor.

Concluindo seu estudo, Fortes e Macedo (2017) explicam que entendem a automutilação como um ato que busca descarregar a dor psíquica, um ato que não tem como finalidade prazer ou autodestruição. A automutilação na adolescência pode ceder espaço a

acompanhamento e tratamento especializado, a possibilidades de o sujeito existir na presença do outro e de si mesmo, endereçando sua dor à escuta.

2.3.3 Prevenir é preciso. Fatores de risco e proteção

Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP 2009), os dois principais fatores de risco são a tentativa prévia e a presença de transtorno mental, mas outros aspectos também estão diretamente ligados aos índices de suicídio: uso de álcool e outras drogas, desesperança e desespero, busca de sentido existencial, de razão para viver, falta de habilidade de resolução de problemas, isolamento social, ausência de amigos íntimos, acesso a meios letais e impulsividade.

Almeida (2018) aponta alguns fatores de risco, como nível socioeconômico e cultural, padrão da família, lembranças de fatos negativos durante a infância, estilo de personalidade e transtornos psíquicos. Outros problemas evidenciados pelo autor são a depressão e as crises de ansiedade, tristeza, nervosismo e isolamento. Também lembra o caso que repercutiu há pouco tempo em toda a sociedade, o Jogo Baleia Azul, por meio do qual os jovens eram desafiados e ameaçados.

Almeida (2018) refere diversas estratégias mundialmente utilizadas para combater o suicídio, como o aumento do conhecimento sobre o tema e a elaboração, por diversos países, de políticas públicas que buscam a prevenção desse problema. Entretanto, evidencia que, ainda que essas medidas atenuem o problema, não são suficientes, pois a desigualdade social é muito grave, o que gera vantagens e benefícios para poucos. O modo de produção capitalista ensina às pessoas a cultura do “ter”, e não a do “ser”.

O autor reforça que o tema suicídio, um tabu e um estigma social, precisa ser entendido como um problema de saúde que atinge a todos, mesmo que alguns grupos estejam sujeitos a maior risco.

Na introdução deste trabalho evidenciam-se diversos fatores considerados de risco para o comportamento suicida, conforme a ABP (2014). Esses fatores, que guardam semelhança com os encontrados por outros autores pesquisados, são derivados de problemas sociais, emocionais, doença mentais e doenças de caráter limitante.

Moreira e Bastos (2015) afirmam que os fatores associados à ideação suicida são multifacetados, como transtornos mentais, características da pessoa e da família, problemas comportamentais, do próprio adolescente e de amigos. Dentre esses fatores, sobressaem:

depressão, desesperança, solidão, tristeza, preocupação, ansiedade, baixa autoestima, agressão por parte dos pais e amigos, pouca comunicação com os pais, ser abusado fisicamente na escola, uso de substâncias, pessoa conhecida com histórico de tentativa de suicídio, e, pertencer ao sexo feminino.

O estudo assegura que a prevenção e o tratamento adequado contra o abuso de álcool e de outras drogas, e depressão, reduzem as taxas de suicídio. Sendo assim, a prevenção do suicídio se dá por meio de fatores protetores e pela diminuição dos fatores de risco no contexto individual e coletivo. Os fatores protetores são: relacionamento com a família e apoio familiar; boas habilidades sociais; confiança em si mesmo, busca e abertura a conselhos; integração social; bom relacionamento com colegas de escola, professores e outros adultos, e ajuda das pessoas relevantes.

Sendo a depressão um dos fatores relacionados ao suicídio de adolescentes, é preciso entendê-la, para que seja possível afastar os fatores de risco.

Os estudos de Melo e Sieba (2017) também se voltam para essa temática. Relatam que, na década de 1970, os estudos sobre depressão em crianças e adolescentes começaram a despertar interesse, o que culminou na legitimação do diagnóstico da doença, em 1975. Os estudos realizados nos últimos anos evidenciam a presença cada vez mais intensa de adolescentes, em média com 16 anos, que apresentam sintomas depressivos. Atualmente, a depressão é a doença mais frequente, nessa faixa etária.

Os estudos analisados na pesquisa evidenciaram cinco categorias científicas sobre o tema: sintomas depressivos, fatores associados, eventos estressores e fatores de risco, comorbidades associadas e depressão e suicídio em adolescentes. Essas categorias demonstram que ainda se tem muito a estudar sobre o tema, devido a sua complexidade. No entanto, há escassez de trabalhos com foco em uma perspectiva fenomenológica, apesar do crescimento dos estudos nos últimos anos. Os autores sugerem o fomento a novos estudos e discussões sobre a temática para subsidiar a prática dos profissionais que estão envolvidos nesse contexto, para que a compreensão sobre esse fenômeno seja integral e para desmistificar a depressão como algo acabado e saturado.

A depressão é um distúrbio que pode atingir todas as pessoas, nas diversas fases da vida. Entretanto, a depressão em crianças e adolescentes é um tema pouco explorado. O diagnóstico também não é simples, pois a diversidade de fenômenos que o adolescente expressa em um quadro depressivo dificulta a construção de uma orientação teórica para os profissionais que atuam com indivíduos dessa faixa etária.

Quanto aos sintomas da depressão, os autores ressaltam que, embora a maioria deles seja comum a todos os sujeitos depressivos, alguns são substituídos, na adolescência, por maior irritabilidade, humor mais irritado e rabugento do que tristeza e abatimento. Outras características pontuadas pelo autor, na busca de um quadro clínico para a doença são: disforia com humor irritável, angústia, inquietação, ansiedade, agressividade, dificuldade em lidar com seus sentimentos de baixa estima, desamparo e desapontamento consigo mesmo, desesperança, sensação de que as coisas não vão mudar, abuso de álcool e outras drogas, sentimentos de inferioridade e inutilidade, autodescrição de modo negativo, autorrecriminação, solidão, hipocondria, queda do desempenho escolar, perda de interesse por coisas que antes eram importantes, e alteração do sono, com frequente hipersonia.

Tal estudo evidencia maior preocupação dos profissionais com o diagnóstico cada vez mais precoce da depressão na adolescência, o que constitui um primeiro indicativo de vulnerabilidade, acendendo um alerta para outras doenças, como bipolaridade e esquizofrenia.

Os autores afirmam que é necessário considerar a singularidade que o processo depressivo tem, nos aspectos idade, gênero, significação do meio e dos eventos vividos, fundamentais para a compreensão desse adoecimento.

A idade é um fator a ser considerado, pois quanto menor a criança, mais somáticos os sintomas se mostram, e mais irritabilidade está presente. O gênero também se mostrou relevante, pois em uma pesquisa realizada com jovens foram observados sintomas de depressão com significativa relação com o sexo feminino. Nesse gênero os sintomas apresentaram-se excessivos e frequentes.

Outro aspecto relevante é o meio, que tem influência direta na intensidade dos sintomas. Isso porque a depressão é uma experiência constituída por aspectos culturais, sociais e econômicos da localidade onde vive o sujeito. Os eventos estressores mencionados no estudo afirmam que na adolescência ele depara várias situações que podem contribuir para sua alteração de humor e de comportamento. Essas mudanças caracterizam a adolescência como uma fase de reorganização, tornando-a propensa a distúrbios, sendo a depressão um dos principais. Os fatores de risco e de proteção pontuados pelos autores são: vulnerabilidade social, contexto familiar, contexto socioeconômico e comorbidades.

No artigo cita-se um estudo realizado com 60 adolescentes com média de 16 anos de idade, de escolas públicas e particulares de João Pessoa (Paraíba). Esse estudo revela que, para alunos de escola pública, os problemas socioeconômicos são os principais fatores que dão origem à depressão, nessa faixa etária. Já para os alunos de escola particular, destacaram-se os fatores afetivos e psicológicos.

Em relação à família, os autores apontam a importância do relacionamento dos pais com os filhos, pois os estudos têm mostrado um elo forte entre depressão e contexto familiar. Os adolescentes que apresentam sintomas depressivos percebiam suas famílias como desestruturadas. Sendo assim, o contexto familiar é fundamental para o desenvolvimento do adolescente, pois ele precisa de um ambiente de proteção, de tranquilidade e afeto, para que possa enfrentar as adversidades cotidianas, que são percebidas de forma intensa nessa fase da vida. Esse vínculo é essencial para a construção da personalidade do sujeito. Muitas das características emocionais, cognitivas e comportamentais dos adolescentes são oriundas dessa relação da forma como eles foram criados.

Observa-se, no estudo, que o suporte social mais significativo no início da adolescência está no contexto familiar, e que nos anos posteriores esse apoio é transferido para os pares. Essa rede de apoio próxima é muito importante. À medida que o adolescente cresce, as relações de amizade adquirem maior peso, devido ao desprendimento dos pais. Essas relações têm grande influência para que o adolescente se sinta seguro e procure um profissional especializado, pois a doença ainda é muito estigmatizada pela sociedade.

As comorbidades associadas pelos autores à depressão são transtornos de humor, transtornos psiquiátricos, como ansiedade generalizada, obsessão compulsiva e transtornos de conduta. A associação da depressão com o uso de substâncias psicoativas também é abordada em um estudo que comprovou que adolescentes usuários de maconha apresentam desempenho mais deficiente no autocontrole, em situações agressivas, e maior incapacidade para lidar com sentimentos e reações agressivas, gerados por situações sociais vivenciadas. O consumo de bebidas alcoólicas também foi associado a esse contexto pesquisado. O uso de tais substâncias tem impacto significativo no rendimento escolar e aumenta a probabilidade de tentativas de suicídio.

Melo e Sieba (2017) afirmam que há uma ligação intensa entre a depressão e o suicídio. Trata-se de tema delicado, nessa fase do desenvolvimento, tendo em vista que é uma das principais causas de morte em jovens. O estudo destaca que os índices de suicídio emergem no início da adolescência (10 anos de idade) e crescem de forma acentuada, chegando ao ápice quando os jovens estão com 18 e 19 anos. Dentre os fatores de risco estão a ideação suicida, o contexto familiar, o falecimento de algum dos pais, a doença física debilitante, o conhecer alguém que tentou suicídio e a falta de acompanhamento psicológico. Quanto aos fatores de proteção, boa relação na família e no trabalho, família próxima e alguém confiável no contexto social próximo. Sousa, *et al.* (2017) ampliam esse entendimento quando relatam que, na pesquisa que realizaram, o suicídio foi associado a fatores

neurobiológicos, escolares, sociais e mentais, e à relevância da ansiedade. Os autores explicam que todos esses fatores podem ser prevenidos, mas para isso devem ser identificados e tratados por especialistas. Estão associados ao suicídio: conflitos familiares, problemas na escola, bullying, impulsividade e depressão. Os autores afirmam que há escassez de estudos sobre o tema, o que pode gerar sua invisibilidade para as políticas e programas de proteção ao adolescente.

Ainda em relação a esse estudo, destaca-se limitada aptidão das crianças e adolescentes para resolver problemas, o que pode aumentar o risco de suicídio, pois eles não teriam estratégias para lidar com situações de estresse. A fase final da infância e o início da adolescência constituem um período crítico para crianças e adolescentes, devido às intensas transformações internas e externas que vivenciam, nos aspectos emocional, físico e social.

Souza *et al.* (2017) buscam literaturas específicas com foco na criança de 10 a 14 anos. No entanto, como são poucos os estudos encontrados, ampliaram a busca abrangendo o contexto adolescente. Os autores evidenciam que a criança verbaliza menos o desejo de morrer, quando comparada com os adolescentes. Observam-se apenas mudanças no comportamento e alguns conjuntos de sinais. Isso porque a criança tende a manifestar o desejo de morrer na semana que antecede sua tentativa de suicídio. Assim, diante desses dados não devem ser ignorados os sinais e as manifestações verbais de modo direto ou indireto que remetam à ideação suicida, e também curiosidades sobre a temática da morte.

Em relação ao aspecto cognitivo, foi evidenciado no estudo que alterações neurocomportamentais desencadeadas pela puberdade podem ter influência no suicídio nessa faixa etária, em que os impulsos e as mudanças emocionais são intensos e constantes. Outro aspecto relevante são os fatores escolares, os problemas de relacionamento na escola, o bullying, o abandono escolar, as crises disciplinares e a dificuldade de interação social. Dentre esses problemas disciplinares, 25,3% falharam na nota escolar, 18,3% abandonaram a escola e 16,3% foram suspensos. As faltas à escola estão interligadas ao isolamento social e ao comportamento suicida. Também podem estar relacionadas com o medo e a vergonha de lidar com esses problemas. As crianças que se suicidam têm um histórico anterior de problemas de desempenho e dificuldades acadêmicas. Entretanto, não se sabe se o suicídio é provocado por situações estressantes na vida ou por distúrbios de atenção, aprendizagem, conduta, ansiedade e depressão. Sendo assim, qualquer mudança súbita e dramática no rendimento escolar deve ser observada e levada a sério.

Atualmente, o bullying é um outro problema que merece atenção. Trata-se de comportamento violento manifestado por intimidação e maltrato entre os alunos de forma

recorrente e com a intenção direta de humilhar e submeter abusivamente uma vítima indefesa a alguma forma de violência. Há estudos que comprovam a associação de comportamento suicida e bullying. As vítimas desse mal são muito mais suscetíveis a sofrer emocionalmente, apresentam baixa autoestima, isolamento social e sintomas depressivos. Existe ainda uma relação do bullying com a insatisfação com a imagem corporal.

O autor ressalta que a fragilidade emocional dessas crianças em aceitar suas características físicas, as mudanças intensas que ocorrem nessa fase e a dificuldade para lidar com a diferença do outro reforçam a importância de a família e a escola investigarem e identificarem o sofrimento emocional nas crianças e adolescentes, para encaminhá-las para tratamento com um especialista. Há urgência de se criar estratégias preventivas que possibilitem o desenvolvimento das habilidades pessoais e sociais dessa população, para a manutenção de um ambiente escolar harmônico e saudável.

Em relação ao aspecto social, o autor aborda que há comprovação de que vários jovens tentam ou cometem suicídio devido a decepções amorosas e consumo de álcool e outras drogas. Já para crianças até 14 anos os fatores que têm maior impacto são conflitos familiares, ambiente marcado por tensões, rigidez e ausência de diálogo, separação, divórcio dos pais e abuso sexual. O abuso físico, sexual e emocional está intensamente relacionado com o suicídio nessa faixa etária, e se caracteriza por um grande sofrimento psíquico. Estudos apontam, inclusive, diminuição da serotonina, nas crianças que sofrem essa violência.

Em relação a transtornos mentais, Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), transtornos de personalidade, antissociais, depressão e problemas com álcool, inúmeras pesquisas comprovam que podem estar associados a casos de suicídio. Quanto ao atendimento especializado, 85% não estavam recebendo tratamento no mês em que cometeram suicídio. Essas crianças demonstram ser mais sensíveis, preocupadas e impulsivas que a demais.

2.4 Desenvolvimento biopsicossocial na adolescência: complexidade e crise

Na fase da adolescência, marcada por grande complexidade, o ser humano sofre mudanças intensas e profundas em sua estrutura física, social e psicológica. Diante dessa transformação, o adolescente pode passar por crises intensas. Todo esse cenário configura essa fase como um momento da vida em que há grande fragilidade e mudança.

A presente pesquisa refere-se ao comportamento de violência autoprovocada especificamente nessa fase do desenvolvimento humano, pois os dados de suicídio e automutilação mostram que o fenômeno impacta de forma assustadora o público adolescente.

2.4.1 Adolescência e escola: interfaces relacionais

O Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº. 8.069, de 13/7/1990, em seu Art. 2.º, considera criança a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente, aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Dorin (1978) define adolescência como crescer até a maturidade, e divide esse período em fases: pré-adolescência (10 a 12 anos), adolescência inicial (13 a 15 anos), adolescência média (16 aos 18 anos) e última adolescência (18 a 21 anos). Nessas fases, o sujeito sofre transformações físicas, sexuais, emocionais, intelectuais, sociais, morais e religiosas, modificando assim seu comportamento, sua comunicação e personalidade

Segundo o Ministério da Saúde (2007), a fase da adolescência é compreendida como a etapa da vida que ocorre entre a infância e a vida adulta, marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial.

Griffa e Moreno (2011) afirmam que essas mudanças podem ocorrer de forma lenta ou repentina, por meio de comportamentos que afetam a atitude do adolescente em relação ao convívio familiar, aos estudos e aos amigos. Os autores observam que a natureza flutuante do adolescente é caracterizada por opostos: exaltação/indiferença, atividade/passividade, egoísmo/generosidade e altruísmo, apego ao material/espírito desprezado, solidão e isolamento/agrupamento, submissão cega/rebeldia, otimismo/pessimismo, ascetismo/descontrole afetivo.

Os autores explicam que o indivíduo sofre três lutos, ao longo da adolescência: o luto do corpo infantil, o luto pela identidade e papel infantil e o luto pelos pais da infância. Explicam também que “[...] os fenômenos sociais de delinquência, do vício, da prostituição e da promiscuidade sexual estão associados a fase adolescente, embora não sejam exclusivos desse período” (GRIFFA; MORENO, 2011, p. 13).

Nessa fase, o indivíduo quer principalmente saber que pode ser ou vir a ser. O foco do questionamento é o seu futuro. O entendimento do seu papel no presente e no futuro proporcionam-lhe segurança e confiança para progredir em seu desenvolvimento (GRIFFA; MORENO, 2011, p. 14). Assim, o adolescente vai se preparando para a autonomia da vida

adulta, ao mesmo tempo em que ainda recebe apoio, proteção e cuidado da família, com menos exigências, em relação às que terá na fase adulta.

Para compor esse cenário, buscou-se refletir sobre as informações do Ministério da Saúde (2007), que apontam a adolescência como uma fase de vulnerabilidades diante das grandes e profundas transformações que ocorrem. Nesse contexto, essa população corre o risco de vivenciar situações como: gravidez precoce, contrair HIV – Human Immunodeficiency Virus, uso de drogas ilícitas e morte frente à violência. Isso porque essa fase se caracteriza por crises e desordens.

Tourrette e Guidetti (2012), ao estudarem a teoria de Wallon sobre o desenvolvimento afetivo e social de adolescentes, afirmam que a personalidade, nessa fase, torna-se autônoma, e o sujeito percebe-se como uma unidade. Diante disso, o adolescente questiona-se, não só sobre a razão de ser das pessoas, de si mesmo e do mundo que o cerca, mas principalmente sobre o sentido da vida.

Nessa fase surgem as crises emocionais, que podem ser acompanhadas por ideação suicida, tentativa de suicídio, suicídio consumado, depressão, ansiedade, automutilação.

2.4.2 O Adolescente e o comportamento de violência autoprovocada no espaço escolar

Diante desse contexto e das informações evidenciadas no subitem anterior, é preciso refletir sobre a fase da adolescência e entender suas transformações biológicas, emocionais e principalmente sociais, devido ao cenário atual, de intensa transformação social. Para educar, atuar e prevenir riscos aos jovens, há necessidade de entender os seus comportamentos, conflitos e crises, na contemporaneidade.

Nessa fase, o sujeito está no espaço escolar, mas infelizmente em muitas escolas não é dada a devida atenção ao seu desenvolvimento emocional, pois a principal preocupação da escola e dos professores, por vezes a única, é o cumprimento do currículo, dos planos de ensino para cada disciplina ou a conclusão da escolaridade (DORIN, 1978). Nesse cenário, o conhecimento técnico e o conteúdo são o único foco do processo ensino-aprendizagem, e não há tempo nem espaço para reflexões sobre os aspectos sociais e emocionais.

Seria importante que os educadores ampliassem esse olhar e refletissem sobre seu papel e agissem de forma a apoiar o adolescente, em seu processo de transformação. Assim, cumpriria seu papel de formar seu aluno de forma integral e garantiria o rendimento escolar.

Dorin (1978) contribui com orientações para essa atuação acontecer. Ressalta que os educadores devem orientar os alunos para que eles aprendam a controlar suas emoções e sentimentos, impor respeito, ter dignidade e espírito democrático nas aulas, evitando discussões inúteis e enfrentamento de opiniões. Devem discutir os conteúdos de forma objetiva, racional, e não sentimental. Precisam compreender o fator emocional como essencial para uma efetiva aprendizagem. Devem levar os alunos a trabalharem em grupo e a desenvolverem habilidades sociais, como enfrentamento da timidez, e sentimentos estéticos e morais. É importante evitar o pessimismo e o sarcasmo, pois esses comportamentos impactam o contexto emocional dos alunos. No que se refere ao relacionamento professor - aluno, o autor reforça a importância de se criar uma relação de autoridade, respeito, proximidade, admiração. Desse modo, os alunos irão gostar da disciplina, de estudar seus conteúdos.

Quanto ao fracasso escolar, Dorin (1978) afirma que ele deve ser compreendido, e que o professor deve atuar colaborando para que o aluno supere suas dificuldades e para que não seja estigmatizado.

Luckow e Cordeiro (2017) observam que, para entender a exclusão dos alunos que apresentam comportamentos fora do padrão de normalidade, é preciso lembrar que a escola está em uma sociedade capitalista, marcada pelo processo de exclusão, de inclusão precária, instável e marginal. Quanto à atenção à saúde mental de adolescentes, esses autores evidenciam que só a partir do século XXI esse público saiu da invisibilidade e foi alvo de intervenções.

A pesquisa desses autores, junto a 11 profissionais da área da saúde, comprovou que, apesar do conhecimento que adquiriram, não haviam superado uma visão naturalizada da adolescência, pois a entendiam como uma fase de conflito. No entanto, como parte importante do desenvolvimento, construída e significada pela própria sociedade, a adolescência deve ser compreendida a partir do contexto em que se constrói, e não como uma fase patológica e à margem da medicalização, dado o contexto da própria sociedade, que adocece cotidianamente diante das condições concretas de existência e diante das questões socioeconômicas e da violência em suas diversas formas. Diante desse entendimento, é preciso entender o sofrimento mental das crianças e dos adolescentes como inerentes à fase por que estão passando, e não por meio de uma avaliação moral. É preciso falar deles, mas também dar-lhes voz, o que nem sempre acontece.

As situações mais frequentes de encaminhamentos realizados pela escola são de dificuldade de aprendizagem, falta de rendimento e produtividade escolar, bem como de

inadequação do comportamento do adolescente na escola, que envolve rebeldia, agressividade, má conduta, agitação, hiperatividade, apatia e falta de participação.

Carneiro e Continho (2015) afirmam que compreender o contexto do adolescente com sofrimento emocional é complexo para a saúde e também para a educação. Isso porque as dificuldades de aprendizagem não podem ser pensadas isolada da inserção escolar, do contexto familiar e do contexto social do aluno. Esses contextos entrelaçam-se, regulando a relação do sujeito com o saber que se produz. Diante disso, discutem-se problemas de aprendizagem, dificuldades em relacionamentos entre pares na escola, dificuldades na relação professor e aluno, questões que envolvam leitura e escrita, agressividade e atenção, enfim, tudo que possa estar causando mal-estar na relação do aluno com a escola.

No estudo de Carneiro e Coutinho (2015) também foram observados casos encaminhados por alteração de humor e comportamento, dificuldade de socialização e interação social e comportamentos de risco para o suicídio. Grande parte dos casos foram encaminhados diretamente pela escola ao setor de psiquiatria, o que demonstra que a escola ocupa um lugar bastante expressivo na identificação e no encaminhamento de crianças e adolescentes. O estudo buscou, com base nessas informações, apontar a necessidade de um olhar mais atento à relação saúde-educação na infância e na adolescência, pois nessas fases do desenvolvimento a constituição do sujeito está intensamente relacionada ao contexto escolar.

Segundo Luckow e Cordeiro (2017), trabalhar com jovens propicia aos profissionais refletir sobre o processo de escolarização, bem como sobre a necessidade de envolvimento com a escola e a família, de forma a dar suporte aos adolescentes para que eles possam construir, com base em uma educação emancipatória, sua identidade e autonomia. A escola é fundamental no processo de humanização, é uma possibilidade de construção do sujeito social e singular. Entretanto, o espaço escolar está em um contexto ambíguo, na sociedade. Marcado por um padrão de homogeneidade, pode servir para legitimar as desigualdades sociais, excluindo aqueles que apresentam alguma diferença em relação a esse padrão de normalidade social.

O estudo de Moreira e Bastos (2015) conclui que é importante que os profissionais de educação, em conjunto com profissionais da saúde e da assistência social, participem de treinamentos e programas de capacitação continuada, para que tenham conhecimento sobre assuntos relacionados à vida, à morte, ao sofrimento, à depressão e à conduta autodestrutiva nas crianças e jovens. Assim, poderão abrir diálogo sobre esses temas com os atores escolares.

2.5 As relações humanas no contexto escolar: complexidades e desafios de uma realidade

Ao refletir sobre o fenômeno da violência autoprovocada nos adolescentes e o contexto da ação docente, não se pode deixar de abordar o contexto escolar como *locus* desse relacionamento professor e aluno. É nesse ambiente que o processo ensino-aprendizagem e as relações entre professor e aluno são estabelecidas.

A Escola é um espaço de relações humanas, de convívio social, de relações de afeto e de poder, que são transformadas ao longo do tempo, e de mudanças sociais que trazem novos desafios à atuação docente.

2.5.1 Uma escola para um novo tempo: inspirações em torno de um devir

Marcelo (2009) traz à luz a constatação de que a sociedade está mudando, uma transformação obviamente que não foi planejada, mas que está afetando o modo de viver, de se organizar, de trabalhar, de se relacionar e de aprender. Essas mudanças, segundo o autor, têm um reflexo visível e intenso na escola, instituição encarregada de formar os novos cidadãos.

Nesse sentido, Libânio (2008, p. 43) analisa o contexto contemporâneo, a sociedade e a escola:

As instituições escolares vêm sendo pressionadas a repensar seu papel diante das transformações que caracterizam o acelerado processo de integração e reestruturação capitalista mundial. De fato, o novo paradigma econômico, os avanços tecnológicos, a reestruturação do sistema de produção e as mudanças no mundo do conhecimento afetam a organização do trabalho e o perfil dos trabalhadores, repercutindo na qualificação profissional e, por consequência, nos sistemas de ensino e nas escolas.

Essas mudanças impactam, não só a estrutura da escola, mas também as características e desafios dos alunos, dos educadores, da família e da comunidade atendida. Para pensar essa escola e desenvolver um Projeto Político Pedagógico coerente, abrangente e efetivo é preciso conhecer as diversas esferas que impactam o cenário educacional e social. Assim, por meio de uma atuação consciente, será possível refletir sobre possibilidades de intervenção e mudança.

Segundo Libânio (2008), essas transformações ocorrem em todo o mundo de forma intensa, complexa e veloz, e acabam por caracterizar novos contextos sociais, políticos, econômicos, culturais e geográficos. Os aspectos mais relevantes nessa realidade seriam os avanços tecnológicos e a difusão da informação, que estão provocando uma revolução sem precedentes em todas as esferas da sociedade: a globalização e o desenvolvimento econômico

mundial, mudanças nos processos de produção, nos modelos de trabalho e conhecimento profissional, alterações na concepção de Estado, em seu papel e fortalecimento, nas concepções de ciência e conhecimento, nos processos de ensino aprendizagem e no agravamento das desigualdades e da exclusão social

Os autores Silva e Ferreira (2014) também proporcionam reflexões sobre essa realidade, quando afirmam que a escola é um espaço complexo de construção da vida social, de construção da cidadania, de inclusão de todos, de direito para o aluno, de igualdade e justiça. As principais demandas pontuadas em seus estudos são as desigualdades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, e as relações de gênero, étnico-raciais e regionais. Na escola, por ser um espaço de interação e de diversidade de pessoas, ocorrem problemas de relacionamento entre alunos, professores e demais agentes atuantes, como preconceito, discriminação, desobediência, intolerância, evasão escolar, violência escolar e bullying.

Segundo os autores, para enfrentar esse contexto a escola precisaria do suporte da família e do Estado. Precisaria, também, de provocar uma mudança do comportamento do aluno além dos muros da escola, e para isso seria fundamental a atuação de uma equipe multidisciplinar formada por psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais. Essa equipe buscaria as causas dos problemas sociais detectados, com o objetivo de trabalhar de forma preventiva.

Infelizmente, o contexto econômico atual não permite a incorporação de novos atores no espaço escolar, profissionais de extrema importância para a prevenção dos problemas sociais com que os educadores lidam no cotidiano e para a prevenção de riscos à população atendida pelas escolas de educação básica. Uma alternativa para as escolas é buscar parcerias com redes de apoio oferecidas pelo Estado e por especialistas.

Carlos Marcelo (2009, p.11) afirma que os alunos de hoje também se modificaram, e ressalta que essa mudança precisa ser percebida e valorizada pelos docentes:

Mas, se os alunos desempenham um papel importante na configuração da identidade profissional docente, não é menos verdade que os alunos de hoje em dia tenham mudado em relação àqueles de algumas décadas atrás. Os chamados “nativos digitais” – jovens que nasceram na era da computação, familiarizados com os celulares e a comunicação sincrônica, habituados a se exercitarem confortavelmente no hipertexto, amantes dos videogames e com capacidade de processamento flexível de múltiplas fontes de informação – começaram a povoar nossas escolas e centros de ensino. E essas mudanças devem ser levadas em conta pelos docentes, para saber a que tipo de alunos estamos nos dirigindo.

Gallo (2014) provoca reflexões sobre o contexto de crise da educação e o papel dos educadores nesse cenário, ao afirmar que, no processo educativo, os indivíduos são devorados

pela realidade e passam a compor um sistema, tornando-se engrenagem dessa máquina social, reproduzindo-a e fortalecendo suas normas, em suas atitudes cotidianas.

Sendo assim, diante do contexto atual da sociedade e da instituição escolar, os educadores precisam romper com paradigmas e ideias pré-concebidas, buscar conhecimento e alternativas de atuação, para transformação dessa realidade. Contribuirão, assim, para a construção de uma escola que realmente forme integralmente os alunos e possibilite que os profissionais tenham autonomia, liberdade de ação. Conforme Paulo Freire (2017), não é possível libertar o outro, pois cada sujeito se liberta sozinho e em comunhão.

Na sociedade contemporânea, o conhecimento é mutável, pois tudo se transforma, tudo evolui. Segundo Morin (2003, p. 55), “[...] a maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento. A maior certeza que nos foi dada é a da indestrutibilidade das incertezas, não somente na ação, mas também no conhecimento”.

Nesse sentido, posteriormente Carlos Marcelo (2009, p. 110) também se posiciona:

Uma das características da sociedade em que vivemos tem relação com o fato de que o conhecimento é um dos principais valores de seus cidadãos. O valor das sociedades atuais está diretamente relacionado com o nível de formação de seus cidadãos e da capacidade de inovação e empreendimento que eles possuam. Mas, em nossos dias, os conhecimentos têm data de validade, e isso nos obriga, agora mais que nunca, a estabelecer garantias formais e informais para que os cidadãos e profissionais atualizem constantemente sua competência. Ingressamos numa sociedade que exige dos profissionais uma permanente atividade de formação e aprendizagem.

Sobre esses contextos, Morin (2003) amplia suas reflexões, ao afirmar que a realidade física e biológica do mundo e a própria condição humana, o presente e o futuro são carregados de imprevisibilidade, e que, a esse contexto, o homem necessita se adaptar. “É preciso, portanto, prepararmo-nos para o nosso mundo incerto e aguardar o inesperado” (MORIN, 2003, p. 61).

Diante dessa realidade, a escola, que é esse espaço de construção e transmissão de conhecimento, de formação e de relações humanas e sociais, constitui-se também como um espaço de incerteza. Daí a necessidade de os educadores se prepararem para atuar nesse contexto de incertezas.

A organização do ensino e da escola está fundamentada em um programa, entretanto Morin (2003, p 62) pondera que a vida exige estratégia e, se possível, capacidade para lidar com o novo: “É justamente uma reversão de conceito que deveria ser efetuada a fim de preparar para os tempos de incerteza”.

Morin (2003, p. 65) propõe que a educação contribua, não só na aprendizagem dos conhecimentos acumulados pela humanidade, mas também na “[...] autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão”. Para o autor, a organização do ensino deve partir do ser humano, desde a escola primária, com o objetivo de trilhar um percurso que ligaria as reflexões sobre a condição humana à indagação sobre o mundo. Nesse cenário, o professor teria papel fundamental, e ser professor não seria uma função e/ou uma profissão, mas, muito além disso, uma tarefa de saúde pública, uma missão:

O caráter funcional do ensino leva a reduzir o professor ao funcionário. O caráter profissional do ensino leva a reduzir o professor ao especialista. O ensino deve voltar a ser não apenas uma função, uma especialização, uma profissão, mas também uma tarefa de saúde pública: uma missão (MORIN, 2003, p.101).

O autor não aborda o termo missão no sentido vocacional, e de forma alguma desmerece a profissionalização do professor, pelo contrário, propõe que ela também seja muito mais técnica, e não desejo por dinheiro ou poder para ser um professor. Isso porque, para cumprir essa missão, que requer evidentemente, muita competência, também seria necessário, além da técnica, a arte, o desejo, o prazer e o amor em transmitir ao aluno seu conhecimento, o amor pelo conhecimento e pelo aluno. Esse é, segundo o autor, o segredo para que os alunos sejam apaixonados pelo ensino, o amor que o professor transmite ao ensinar:

Exige algo que não é mencionado em nenhum manual, mas que Platão já havia acusado como condição indispensável a todo ensino: o eros, que é, a um só tempo, desejo, prazer e amor; desejo e prazer de transmitir, amor pelo conhecimento e amor pelos alunos. O eros permite dominar a fruição ligada ao poder, em benefício da fruição ligada à doação. É isso que, antes de tudo mais, pode despertar o desejo, o prazer e o amor no aluno e no estudante. Onde não há amor, só há problemas de carreira e de dinheiro para o professor; e de tédio, para os alunos. A missão supõe, evidentemente, a fé: fé na cultura e fé nas possibilidades do espírito humano. Portanto, é missão muito elevada e difícil, uma vez que supõe, ao mesmo tempo, arte, fé e amor (MORIN, 2003, p. 102).

A missão do professor seria, nesse entendimento, árdua e difícil, contudo também seria bela e significativa, pois teria como base uma atitude de esperança no ser humano.

2.5.2 Demandas para formação docente: olhar sensível à questão humana

A Escola Básica, seu cotidiano, a relação com as comunidades, com as famílias, com a equipe docente, os alunos, suas mazelas, necessidades e interesses reforçam a emergência de substituir um modelo pedagógico tradicional, ainda hegemônico, por um modelo mais dinâmico, humanitário e construtivo. Para tanto, deve-se adotar uma concepção pedagógica menos seletiva, mais inclusiva, com atenção voltada para a formação do educando, de sua identidade, de sua personalidade, subsidiando sua condição de sujeito humano com ideais, mas também considerando suas fragilidades e inseguranças diante da vida.

Diante desse cenário de incerteza e da complexidade do cotidiano escolar, com seus desafios e possibilidades, há necessidade de um professor bem formado, aberto ao novo, às incertezas, que deseje ir além da técnica e possa transcender sua atuação para tocar os alunos em sua individualidade e humanidade. Deve, esse professor, compreender que a aprendizagem não é algo dado, mas construído, que requer acolhimento, afetividade e a compreensão do ser humano que se faz presente em sala de aula.

Segundo Marcelo (2009, p. 111), para enfrentar os desafios da sociedade do conhecimento é preciso realizar profundas transformações nos sistemas educacionais atuais, por exemplo “[...] a consciência de que embora se comece a perceber que a escola não é a principal fonte de aquisição de conhecimento, ela está se convertendo em instituição fundamental na socialização da população jovem”.

Esse autor afirma que os professores do século XXI devem se conscientizar de que o conhecimento e os alunos estão se transformando em uma velocidade nunca antes vista e que, portanto, há necessidade de uma resposta adequada ao direito de aprender dos alunos. Nesse sentido o docente precisa fazer um esforço para continuar a aprender.

A escola, segundo Marcelo (2009), foi criada para transformar mentes e educá-las; portanto é preciso que os professores assumam uma postura de compromisso, confiança e motivação e que superem crenças que estão enraizadas em sua história pessoal. Assim, um bom professor pressupõe uma longa trajetória, competência técnica e investimento na formação.

O professor precisa refletir e dar atenção ao contexto humano, no ato de ensinar, e às relações humanas e sociais, no espaço escolar. Afinal, a escola é feita de pessoas, e pessoas são constituídas de emoções, sentimentos, dores, aflições e expectativas. Shulman (2014, p. 204) observa que:

Aspectos fundamentais do ensino, como o conteúdo lecionado, o contexto em sala de aula, as características físicas e psicológicas dos alunos ou a realização de propósitos não necessariamente avaliados por testes padronizados são tipicamente ignorados na busca pelos princípios gerais do ensino eficaz.

Essa realidade humana, emocional, não pode mais ser ignorada pelas escolas e seus currículos, visto que, se não for devidamente analisada, será passível de tornar-se mais destrutiva e letal.

Busca-se, há muito tempo, por essa nova ótica com relação às relações entre sujeitos na prática pedagógica. Em 2000, Morin já apontava essa necessidade que destaca em sua obra “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, ao abordar os setes buracos negros da educação. Segundo esse autor, existem temas de suma importância que são completamente ignorados, subestimados ou fragmentados no contexto educativo. Dentre esses temas, fundamentais para a formação dos jovens e futuros cidadãos, e que deveriam ser centrais na ação pedagógica, estão a Identidade Humana e a Compreensão Humana:

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos. Desse modo, a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino (MORIN, 2000, p. 15).

Diante dos desafios contemporâneos impostos à escola e ao professor, é imprescindível superar crenças e os paradigmas atuais, com o objetivo de ampliar o sentido da instituição escolar e de atender a dimensão humana em toda a sua complexidade. É preciso ensinar o aluno a aprender a viver neste mundo, conforme Morin (2003, p. 47) afirma, quando se refere ao objetivo da educação: “[...] mostrar que ensinar a viver necessita, não só dos conhecimentos, mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sabedoria, e da incorporação dessa sabedoria para toda a vida”. Nesse sentido, é preciso transformar a escola “dos conteúdos” em escola “de vida”.

Nesse contexto amplo e complexo, Morin, 2003, p. 54) observa que a escola precisa ensinar sobre a vida, a vida em toda sua plenitude e seu contexto:

O aprendizado da vida deve dar consciência de que a “verdadeira vida”, para usar a expressão de Rimbaud, não está tanto nas necessidades utilitárias – às quais ninguém consegue escapar –, mas na plenitude de si e na qualidade poética da existência, porque viver exige, de cada um, lucidez e compreensão ao mesmo tempo, e, mais amplamente, a mobilização de todas as aptidões humanas.

Na pauta de seus pensamentos, a necessidade de dar lugar à “[...] compreensão humana que nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias” (*Idem*, p. 51). É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão, e para “[...] enfrentar a dificuldade da compreensão humana exigiria o recurso não a ensinamentos separados, mas a uma pedagogia conjunta que agrupasse filósofo, psicólogo, sociólogo, historiador, escritor, que seria conjugada a uma iniciação à lucidez” (*Idem*).

O contexto em foco nesta pesquisa abriga adolescentes que estão perdendo o sentido da vida, estão sofrendo, se automutilando e pensando em tirar a própria vida. A escola não pode estar afastada da realidade, dessa verdade presente no mundo dos jovens. Tais questões, em toda sua complexidade, devem ser trazidas à luz, ser motivo de preocupação e reflexão entre todos aqueles que são responsáveis pelo desenvolvimento integral dos alunos - familiares e equipe escolar. Em geral, é a escola que se responsabiliza por dar encaminhamentos significativos, por revelações e descobertas decisivas em relação a fatos e circunstâncias graves e incomuns.

Entretanto, o professor, profissional essencial para a ação escolar, também está adoecendo, fragilizando-se, está com problemas emocionais, principalmente devido ao desgaste do trabalho cotidiano e de suas interfaces no trato com as mazelas do humano. Tal fato é evidenciado por Marcelo (2009, p. 12): “[...] nos últimos anos temos assistido a uma situação de stress e desmotivação entre os docentes”.

Muitos professores sofrem de transtornos mentais, estresse, depressão, ansiedade, Síndrome de *Burnout*. Esses profissionais também precisam de um olhar especial e cuidadoso. São essenciais para o ato de educar as futuras gerações e, mesmo assim, são negligenciados, em diversos momentos, pelo poder público e pela própria sociedade.

Convivendo com tais fragilidades físicas, psíquicas e socioemocionais, terá o professor condições e estímulo para abertura ao novo, esperança no ato de educar, disposição para olhar seu aluno muito além dos conteúdos técnicos, atento a sua integralidade e oferecer ensino a partir de uma compreensão humana? Como esse professor adoecido pode educar e ajudar esse aluno, que também está sofrendo, e contribuir para seu desenvolvimento físico, psíquico, cognitivo e emocional, estimulando-o a valorizar sua vida e refletir sobre sua existência?

Além disso, o ato de ensinar é solitário, pois “[...] os professores geralmente continuam enfrentando sozinhos a tarefa de ensinar. Apenas os alunos são testemunhas da atuação profissional dos professores. Poucos profissionais se caracterizam por maior solidão” (MARCELO, 2009, p. 123).

A formação dos professores seria um ponto importante nesse contexto, conforme elucida Bernadete Gatti (2009, p. 90):

A educação escolar pressupõe uma atuação de um conjunto geracional com outro mais jovem, ou, com menor domínio de conhecimentos ou práticas, na direção de uma formação social, moral, cognitiva, afetiva, num determinado contexto histórico. Presencialmente ou não, há pessoas participando e dando sentido a esse processo. Quando se trata de educação escolar são os professores que propiciam essa intermediação. Então, a formação de quem vai formar torna-se central nos processos educativos formais, na direção da preservação de uma civilização que contenha possibilidades melhores de vida e co-participação de todos. Por isso, compreender e discutir a formação, as condições de trabalho e carreira dos professores, e, em decorrência sua configuração identitária profissional, se torna importante para a compreensão e discussão da qualidade educacional de um país, ou de uma região.

É sabido que enfrentar a realidade da violência autoprovocada em adolescentes não é tarefa só do docente, mas de toda a escola; entretanto, o papel do professor é fundamental na prevenção e posvenção do fenômeno. Daí o fato de sua formação ser prioritária para que se possa garantir qualidade educacional.

Gatti (2013, p. 56) posiciona-se sobre essa questão, ao defender que os docentes da Educação Básica merecem mais atenção dos conselheiros de educação, gestores, coordenadores, e do ensino superior, quanto à sua “[...] iniciação formativa – estrutura, currículo e dinâmica das licenciaturas”.

Como a formação do professor tem impacto direto na formação do aluno, Gatti (2009) aponta a necessidade da formação em uma visão integradora que combine as atividades de aprendizagem com um contexto determinado, mas também com o desenvolvimento de atitudes e comportamentos voltados à convivência, ao compartilhar, à tolerância e ao desenvolvimento pessoal de cada aluno. Esse seria o conceito amplo de qualidade da educação.

Tal “conceito de qualidade na educação estaria, na perspectiva da autora, fortemente conectado à qualidade da formação dos professores, “[...] seja ela em graduações ou em processos de educação continuada, formais ou informais, fora da escola ou no cotidiano escolar” (GATTI, 2009, p.92).

Contudo, numa breve análise sobre a formação, destaca-se que ainda há problemas graves na formação docente. Ao abordar os cursos de licenciatura, a autora ressalta a falta de inovação, a dissociação entre teoria, prática e desenvolvimento do professor, para que possa enfrentar as múltiplas facetas da educação escolar:

A estrutura e o desenvolvimento curricular das licenciaturas, entre nós, aí incluídos os cursos de pedagogia, não têm mostrado inovações e avanços que permitam ao licenciando enfrentar o início de uma carreira docente com uma base consistente de conhecimentos, sejam os disciplinares, sejam os de contextos sócio-educacionais, sejam os das práticas possíveis, em seus fundamentos e técnicas. As poucas iniciativas inovadoras não alcançaram expansão ficando restritas às poucas instituições que as propuseram. Não se fez avanços na formação do corpo de formadores de professores a partir de exigências mais claras quanto às suas competências e habilidades na direção de serem detentores de saberes teórico-práticos que lhes permitam desenvolver, criar, ampliar os aspectos formativos específicos relativos ao desenvolvimento da educação escolar em suas variadas facetas (GATTI, 2009, p. 95).

Além disso, esse desenvolvimento profissional vai além das competências operativas e técnicas, pois tem sido ampliado em novas perspectivas, voltadas às questões humanas e sociais:

Esse desenvolvimento profissional parece, nos tempos atuais, configurar-se com condições que vão além das competências operativas e técnicas, aspecto muito enfatizado nos últimos anos, para configurar-se como uma integração de modos de agir e pensar, implicando num saber que inclui a mobilização de conhecimentos e métodos de trabalho, como também a mobilização de intenções, valores individuais e grupais, da cultura da escola; inclui confrontar ideias, crenças, práticas, rotinas, objetivos e papéis, no contexto do agir cotidiano, com seus alunos, colegas, gestores, na busca de melhor formar as crianças e jovens, e a si mesmos (GATTI, 2009, p. 98).

Gatti (2013, p. 59) provoca reflexões sobre quais seriam as mudanças a considerar nesse caminho da ressignificação da escola e da formação dos professores que transcende as disciplinas técnicas e se expande para abordar o contexto prático da escola e sua função social:

A formação de professores não pode ser pensada apenas a partir das ciências/áreas disciplinares, como adendo destas áreas, mas precisa ser pensada e realizada a partir da função social própria à educação básica, à ESCOLA e aos processos de escolarização – ensinar às novas gerações o conhecimento acumulado e consolidar valores e práticas coerentes com nossa vida civil; II. sua formação se volta para a ação pedagógica na educação escolar de crianças e adolescentes jovens em desenvolvimento e não de “homúnculos”; III. é necessário superar nossa tradição de modelo formativo de professores que se petrificou no início do século XX, com inspiração na concepção de ciência dos séculos XVIII e XIX; IV. fazer a formação de professores para além do improvisado, na direção de superação de uma posição missionária ou de um mero ofício, deixando de lado ambiguidades quanto a seu papel como Profissional e Agente Social da mais alta importância; V. cultura geral aprofundada é parte necessária ao exercício de seu trabalho.

Shulman (2014) questiona: como é possível aprender tudo que é preciso saber sobre o ensino durante o breve período destinado à formação de professores?

Nesse sentido, Gatti (2009) aponta a importância da formação continuada que, mesmo que oferecida em condições variadas, tem mostrado aos docentes um caminho para

fundamentar seu desenvolvimento profissional. Entretanto, a autora adverte que nem sempre essa formação está disponível e realizada com qualidade.

Outro aspecto fundamental evidenciado por Gatti (2009) é o do desenvolvimento da profissionalidade docente na prática cotidiana, pois o professor se desenvolve, tanto em sua formação básica, como em suas experiências com a prática e nos relacionamentos *inter pares*.

Por meio da prática, o professor desenvolve saberes importantes à profissão, voltados ao saber fazer, a sua atuação nas dimensões cognitivas, sociais e afetivas, que constituem a prática docente. Assim, a formação, inicial e/ou continuada, deveria ser encarnada no contexto concreto e real da prática docente. Nesse sentido, refere-se Gatti (2009) à importância de o currículo dos cursos de pedagógica propiciarem ao estudante:

O conhecimento da escola, conhecimento do ensino, do porquê ensinar, conhecimentos para ensinar, conhecimento de como se pode ensinar, gestão da sala e da escola, como também formação em aspectos da sociologia, da política, da filosofia, psicologia, antropologia, comunicação, linguagens (GATTI, 2009, p.100).

A formação precisa ser ampliada para as diversas dimensões que compõem o humano, para atender à necessidade real dos alunos e da sociedade. Há necessidade de se desenvolver competências docentes que transcendam o conhecimento e atuem no campo do sensível e subjetivo. Gatti (2013, p. 55) reforça essa formação ampla e diversa, ao afirmar que:

Nos processos formativos de professores para a educação básica, o eixo visado virá a ser a própria ação pedagógica em suas articulações filosóficas, históricas, sociológicas, antropológicas e psicológicas, articulações estas que fundamentam a ação com reflexão.

Nesse sentido, Fazenda (2002) provoca a formação e atuação dos professores, ao abordar, em seus estudos, as quatro competências docentes. A autora afirma que esse processo deve ir além das competências técnicas (intelectiva e prática), pois há necessidade de sua transcendência para a esfera intuitiva e emocional.

A autora apresenta a competência intelectual, ao descrever o professor em que a “[...] capacidade de refletir é tão forte e presente, que imprime esse hábito naturalmente a seus alunos. Analítico por excelência, privilegia todas as atividades que procuram desenvolver o pensamento reflexivo” (FAZENDA, 2002, p. 25). Esse professor é conhecido e reconhecido por seu conhecimento.

Quanto ao professor que tem a competência prática desenvolvida, “[...] a organização espaço-temporal é seu melhor atributo. Tudo com ele ocorre milimetricamente conforme o

planejado. Chega aos requintes máximos do uso de técnicas diferenciadas”. Gosta de inovar, mas realiza atividades já realizada por outros e alcança resultados de qualidade. Diante disso, tem o respeito e a confiança dos alunos.

Ao abordar as competências mais sensíveis, Fazenda (2002, p. 25) discorre sobre a competência intuitiva, “[...] própria de um sujeito que vê além de seu tempo e espaço. O professor intuitivo não se contenta em executar o planejamento elaborado; busca sempre novas e diferenciadas alternativas para o seu trabalho. Assim, a ousadia acaba sendo um de seus principais atributos”. Entretanto, observa que o docente com essa competência desenvolvida pode ter dificuldade para atuar em instituições que se limitam a planos rígidos e comuns e não perdoam os que ousam transgredir sua acomodação. Uma marca desse profissional é o comprometimento com a qualidade de seu trabalho. Outra característica é a dúvida, a pesquisa: “[...] o professor que pesquisa é aquele que pergunta sempre, que incita seus alunos a perguntar e duvidar” (*Idem*).

Já a competência emocional refere-se a uma "leitura de alma". O professor com essa competência desenvolvida entende o conhecimento sempre a partir do autoconhecimento:

Esta forma especial de trabalho vai disseminando tranquilidade e segurança maior no grupo. Existe em seu trabalho um apelo muito grande aos afetos. Expõe suas ideias por meio do sentimento, provocando uma sintonia mais imediata. A inovação é sua ousadia maior. Auxiliando na organização das emoções, contribui também para a organização de conhecimentos mais próximos às vidas (FAZENDA, 2002, p. 26).

Todas as competências abordadas pela autora são importantes e se relacionam, pois os saberes docentes precisam ser ampliados e ressignificados para acompanhar os desafios, a diversidade e a pluralidade de sua prática. Essas competências mostram-se essenciais ao professor do século XXI, para que ele possa atuar e refletir criticamente diante da complexidade de sua rotina cotidiana, superando paradigmas e sentimentos de insegurança e medo.

É necessário e urgente mudar a concepção vigente de prática educacional, transcender esse entendimento e sua atuação, pois não há como atender a realidade atual da sociedade e dos alunos sem ampliar a atuação educacional no caminho da prática social:

Prática educacional é prática social com significado e não pode ser tomada como simples receita, ou confundida com tecnicismos modeladores. É necessário transcender o senso comum reificado, superar os sentidos usuais atribuídos às práticas pedagógicas condenadas por muitos sem defesa (e muitas vezes sem argumentos). Prática pedagógica, por ser pedagógica, é ação política, de cidadania, comportando formas de ação guiadas por seus fundamentos, sejam filosóficos, sejam científicos. Implica fazer pensando e pensar fazendo, implica saber fazer e porque fazer (GATTI, 2013, p. 55).

Assim, será possível caminhar na direção de uma “*escola justa*” e de uma sociedade justa.

Para se ter uma escola justa, precisamos de professores que assumam esse compromisso e estejam preparados para isso. A escola justa – que faz justiça social – é aquela que, sem degenerar, inclui, não exclui e qualifica as novas gerações. É aquela que lida com as heterogeneidades, as respeita e leva a aprendizagens eficazes. Ou seja, aquela escola em que os alunos aprendem de forma significativa e se educam para a vida como cidadãos (GATTI, 2013, p. 53).

Nessa perspectiva, a reformulação no modelo de formação de professores é urgente, para que eles possam cumprir o seu papel com dignidade e competência, e para que sejam protagonistas da sua própria história, nas dimensões pessoal e profissional. Ao mesmo tempo, devem reconhecer que seus alunos são seres humanos ímpares e contribuir para a consolidação de uma escola que seja verdadeiramente inclusiva e significativa, preparada para ajudar na prevenção do fenômeno do suicídio e da automutilação. Assim, com compreensão, sensibilidade e ética, poderão atuar de forma a minimizar o sofrimento humano e garantir a qualidade educacional necessária.

3 METODOLOGIA

Segundo Silva e Menezes (2005, p. 9), “A Metodologia tem como função mostrar ao pesquisador como andar no ‘caminho das pedras’ da pesquisa, ajudá-lo a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo”. À luz dessas palavras, o presente estudo foi realizado com o objetivo de dar voz ao docente quanto aos novos desafios impostos pela sociedade contemporânea, especificamente quanto ao comportamento de violência autoprovocada de alunos adolescentes e seu reflexo no ambiente escolar. Buscou-se evidenciar o contexto atual e as possibilidades para a atuação do educador junto a esse público específico.

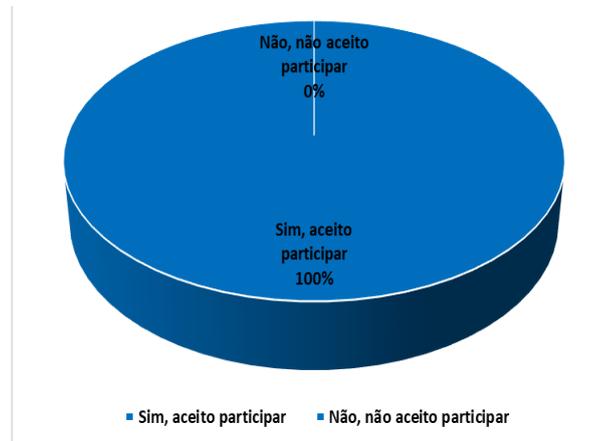
De acordo com Silva e Menezes (2005), a pesquisa é de natureza aplicada, na perspectiva de uma possível intervenção numa comunidade escolar localizada numa região específica do interior do Estado do Rio de Janeiro. É também exploratória, pois “[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil 2002 p. 41). É, ainda, descritiva, pois tem “[...] como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42).

Numa abordagem qualitativa e quantitativa, objetivou-se investigar como os docentes percebem seus limites e possibilidades de atuação frente aos comportamentos de violência autoprovocada entre alunos adolescentes. Buscou-se, também, identificar quais estratégias de enfrentamento eles utilizam, diante desse desafio educacional.

3.1 Participantes e contexto em foco

O grupo de participantes foi composto por uma amostra inicial de 150 professores, alocados em escolas públicas e privadas. Dentre eles, 73 aceitaram participar da pesquisa. Esses docentes, que são licenciados em diversas áreas do conhecimento, atuam com alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio.

Gráfico 4 - Principais fatores de risco associados ao comportamento suicida

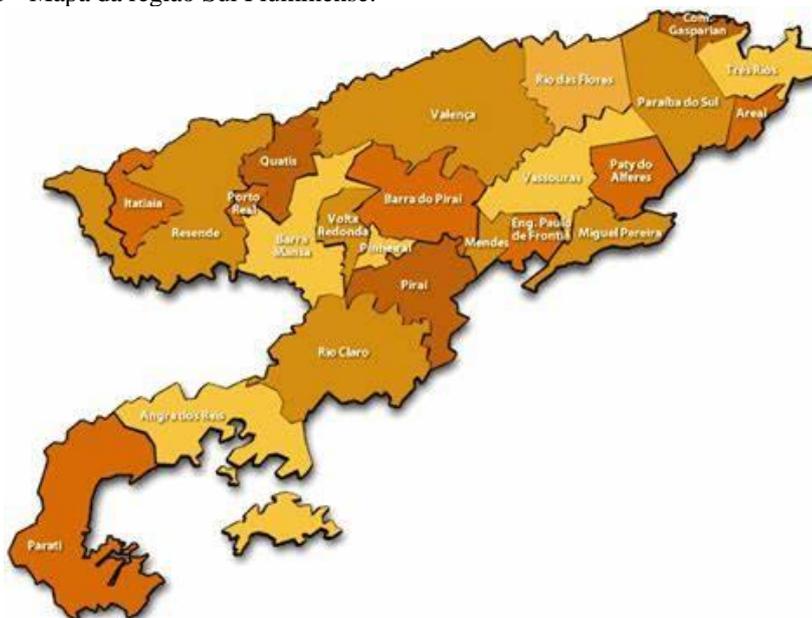


Fonte: Dados da pesquisa.

Entende-se que o retorno alcançado em relação à participação dos professores é satisfatório, pois abrange metade da população das escolas pesquisadas. Por tratar-se de um assunto delicado, considerado um tabu para a sociedade, e tendo em vista o momento da Pandemia de Covid-19 e o volume de trabalho dos professores, conclui-se que o retorno foi significativo.

A pesquisa foi realizada no estado do Rio de Janeiro, especificamente na região Sul Fluminense, que abrange 13 municípios. A pesquisa foi realizada em escolas localizadas em três municípios da região.

Figura 3 - Mapa da região Sul Fluminense.



Fonte: IBGE.

Os dados populacionais e geográficos do estado do Rio de Janeiro (IBGE, 2019 s/p) estão apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 - Dados geográficos e populacionais da Estado do Rio de Janeiro

	Área territorial	1.200,255 km ² [2018]	
	População estimada	6.718.903 pessoas [2019]	
	Densidade demográfica	5.265,82 hab/km ² [2010]	
	Escolarização 6 a 14 anos	96,9 % [2010]	
	IDHM Índice de desenvolvimento humano municipal	0,799 [2010]	▼
	Mortalidade infantil	11,22 óbitos por mil nascidos vivos [2017]	▼
	Receitas realizadas	26.018.740,29475 R\$ (×1000) [2017]	▼
	Despesas empenhadas	26.572.047,25788 R\$ (×1000) [2017]	▼
	PIB per capita	50.690,82 R\$ [2016]	▼

Fonte: IBGE.

Foram pesquisados professores de uma escola pública e de três escolas particulares da região Sul Fluminense, de acordo com a possibilidade de acesso da pesquisadora às instituições e com a disponibilidade dos profissionais. As escolas atendem a alunos do Ensino Regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos segmentos de Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Inicialmente, o grupo de escola públicas participantes seria maior, entretanto houve necessidade de excluir uma instituição pública estadual que fazia parte da pesquisa no escopo inicial, com duas escolas (totalizando 62 docentes). Essa exclusão decorreu da demora da Instituição para autorizar a pesquisa e da necessidade de definição para que se pudesse obter

aprovação do Comitê de Ética. A Instituição particular e a Instituição Pública Municipal convidadas para participar autorizaram a pesquisa.

Para melhor demonstrar as características da amostra inicial, veja-se a Tabela 6.

Tabela 6 - Número de professores pesquisados

ESCOLA	CARACTERÍSTICAS	Nº DE PROF.
Escola 1	Escola particular que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio na modalidade de ensino regular	37
Escola 2	Escola particular que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio na modalidade de ensino regular	39
Escola 3	Escola particular que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio na modalidade de ensino regular e EJA	29
Escola 4	Escola pública da rede Municipal que atende Ensino Fundamental II na modalidade de ensino regular e EJA	45
TOTAL DE PROFESSORES:		150

Fonte: Elaborada pela autora.

Diante da mudança no número de escolas pesquisadas e de a maioria da população pesquisada ser vinculada a escola particular, refletiu-se sobre a perda do caráter de diversidade com relação às Instituições participantes. Ainda assim, houve diversidade entre os participantes em relação aos seus contextos de trabalho, experiências de vida e formação. Cabe destacar que os docentes pesquisados atuam, tanto em escolas públicas, como em escolares particulares da região, e que, em suas respostas, mostraram essa abrangência de atuação e de experiências.

3.2 Instrumentos de Pesquisa

Para recolher as informações para a análise quantitativa, foi utilizado como instrumento o questionário, e para a análise qualitativa, o instrumento foi a entrevista semiestruturada.

O questionário é composto de 40 perguntas: 35 objetivas, 4 discursivas e uma para informações de dados pessoais.

Conforme afirmam Silva e Menezes (2005 p. 20), realizar uma pesquisa quantitativa é preciso “[...] traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas.”

A estratégia para aplicação do questionário e os dados coletados foi o uso do aplicativo *Microsoft Forms* que, conforme Frei (2017 p. 6), “[...] tem como objetivo a criação de questionários online usados para construir avaliações. Seu processo é fácil, intuitivo e proporciona a automatização de design e traz vários estilos de perguntas pré-elaboradas.”

Por meio desse formulário foi possível facultar aos participantes acesso rápido e fácil à pesquisa. Segundo Frei (2017 p. 6), “O sistema permite a inserção de funções matemáticas, imagens e vídeos em cada uma das perguntas, o que faz com que o processo de avaliação possa ser mais rico e interagir com outras mídias”.

Para a abordagem qualitativa, utilizou-se a entrevista semiestruturada. Nesse caso, participaram somente os professores que, na pesquisa quantitativa, assinalaram já ter vivido uma experiência com aluno que apresentou comportamento suicida e/ou autodestrutivo. A eles foi questionada a disponibilidade de participar da pesquisa.

Dessa forma, foi possível adotar um olhar provido de maior profundidade a seus relatos de experiência e a sua compreensão sobre o tema, crenças, valores, motivações e atitudes. Tal processo é evidenciado por Bauer e Gaskell (2002 p. 63):

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes e o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

Silva e Menezes (2005, p. 20) defendem que a “[...] pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e subjetivo do sujeito” [...].

Conforme Duarte (2004) orienta, a entrevista é fundamental para o pesquisador que deseja mapear as práticas, as crenças e os valores de um universo específico da sociedade. Quando bem realizada, permite um mergulho profundo para coleta de indícios do modo como aqueles sujeitos interpretam sua realidade e se relacionam com ela. Para a autora, a entrevista semiestruturada não é uma tarefa banal, pois permite uma situação de contato, formal e informal, que é significativo para o contexto investigado.

A entrevista, composta por um roteiro pré-estruturado, mostrou-se flexível ao discurso do entrevistado, considerando a relevância acadêmica e tendo como base o objetivo proposto, o conhecimento teórico e a devida atenção ao contexto pesquisado (DUARTE, 2004).

O roteiro da entrevista inicia-se com perguntas que buscam traçar o perfil dos participantes. Depois, o roteiro é dividido em quatro blocos: relevância do estudo, formação sobre o tema, relato da experiência e possibilidades de atuação com relação ao fenômeno.

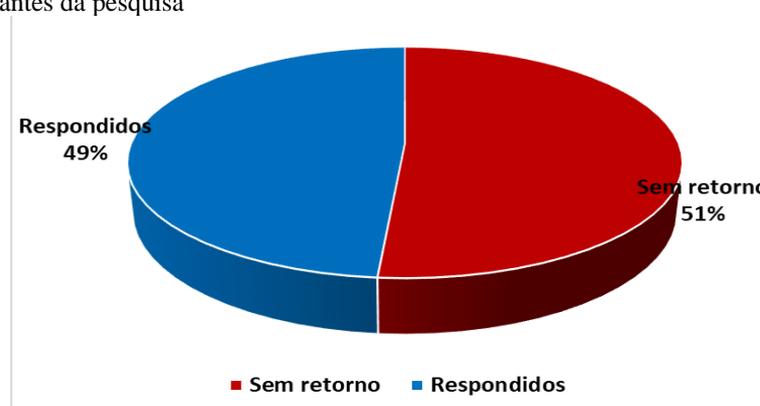
3.3 Procedimentos para Coleta de Dados

Por envolver seres humanos, para coleta de dados, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, que tem a finalidade maior de defender os interesses dos sujeitos participantes em sua integridade e dignidade, contribuindo assim para o desenvolvimento da pesquisa conforme padrões éticos. Após liberação do professor orientador e a validação do Comitê de Ética, conforme parecer nº 4.217.708, a investigação foi iniciada.

Os professores receberam convite para participar do estudo por e-mail e por mensagem no WhatsApp. Foram informados do link do questionário a ser respondido e receberam uma mensagem da pesquisadora, sensibilizando-os quanto à participação no estudo. O convite com o link do questionário por WhatsApp e e-mail foi enviado para todos que participaram da amostra inicial, por meio dos grupos de suas escolas.

Conforme evidenciado anteriormente, o convite para participação na pesquisa por meio do questionário foi enviado para 150 professores, entretanto obteve-se um retorno de 49%, totalizando 73 participantes, conforme Gráfico 5:

Gráfico 5 - Participantes da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa.

Foram feitas cinco tentativas de contato no decorrer de duas semanas, no período 17/08 - 31/08/20, para chegar ao número de 73 participantes. Entende-se que o quantitativo é representativo, pois representa 49% da amostra inicialmente planejada.

Um dos itens do questionário indagava aos participantes se eles haviam lecionado para algum aluno que apresentava comportamentos de violência autoprovocada, e perguntou-se aos que responderam afirmativamente se gostariam de participar da entrevista semiestruturada. Entre os demais, 19 (37%) assinalaram interesse em participar da entrevista e, após contatos do pesquisador durante duas semanas, 12 (63%) aceitaram o convite e foram entrevistados.

Por se tratar de um tema tão delicado, que envolve tabus sociais, emoções intensas, e considerando a rotina intensa de trabalho dos professores, entendeu-se que o número de participantes foi positivo e representativo para as análises propostas.

Após uma conversa da pesquisadora com cada um dos participantes, para confirmar seu interesse em participar, o encontro para a entrevista foi realizado, conforme disponibilidade do entrevistado, no período 09/09 - 17/09/20. Para o desenvolvimento da entrevista, com duração prevista de 30 minutos, foi utilizada uma plataforma online de reuniões, a Microsoft TEAMS. Cada entrevista foi gravada com permissão do entrevistado.

Essa estratégia foi necessária devido à pandemia da Covid-19 e das medidas de isolamento e distanciamento social decorrentes desse contexto, que exigiram dos docentes atuação online.

Na aplicação do questionário, assim como na entrevista, a abordagem à escola e aos professores foi feita com muito respeito e clareza quanto ao objetivo da pesquisa, o tema pesquisado e os resultados esperados.

Como o tema é delicado e envolve a saúde mental, há alguns riscos complexos na evolução da pesquisa, ou seja, a possibilidade de constrangimentos dos participantes e das instituições. Diante desse contexto, o pesquisador ressaltou a importância da pesquisa e garantiu o sigilo dos participantes.

Por ser um tema que envolve fatos fortes que podem desmobilizar o profissional emocionalmente, foi dada atenção total às condições do sujeito durante a coleta dos dados e, caso ele se desestabilizasse, seria tranquilizado pelo pesquisador e questionado se desejava continuar a pesquisa, sendo respeitada sua condição humana. Contudo, a participação dos participantes se deu de forma tranquila e serena. Demonstraram, ao longo das entrevistas, muita vontade de contar suas experiências, com o objetivo de contribuir e obter mais informações sobre o fenômeno.

Também existia o risco de que os participantes não fossem especialmente sinceros em relação às suas percepções sobre o assunto. Quanto a esse risco, o pesquisador tem ação limitada, mas ressaltou, no início da pesquisa, a importância de as respostas serem sinceras e diretas. Observou-se que os participantes estavam muito à vontade para relatar suas opiniões e experiências e para apresentar dúvidas sobre o tema. Na verdade, a maioria ansiava por dividir suas histórias e receber informações sobre como poderiam ajudar seus alunos.

3.4 Procedimentos para Análise dos dados

A análise dos dados fornecidos pelo questionário foi realizada com auxílio do *Microsoft Forms*, conforme informado anteriormente. Os dados gerados pela ferramenta, os gráficos e os estudos referenciados sobre o tema, quando analisados em conjunto possibilitaram a investigação e o entendimento de como os docentes participantes lidam com os alunos que apresentam comportamentos de violência autoprovocada e como compreendem suas possibilidades de atuação. Para as perguntas discursivas foram construídos mapas conceituais, de acordo com as narrativas dos docentes, para melhor apresentação dos dados.

Após a análise do material coletado por meio da entrevista semiestruturada, foi possível realizar uma reflexão com maior profundidade sobre o tema, a partir dos relatos de experiência e das compreensões, crenças, valores, motivações e atitudes dos participantes.

A análise dos dados coletados por meio desse instrumento foi realizada com base na análise de conteúdo, de acordo com Caregnato e Mutti (2006, p. 682):

A maioria dos autores refere-se à análise de conteúdo como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Na análise de conteúdo o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem.

Com base na análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), as autoras Caregnato e Mutti (2006) afirmam que a análise de conteúdo por categoria é o tipo de análise mais antigo e mais utilizado para analisar entrevistas, e que ocorre com o desmembramento do texto em unidades, em categorias, agrupadas por temáticas.

As categorias são construídas a partir dos temas que emergem do texto. Para classificar os elementos em categorias é preciso identificar o que eles têm em comum.

Bardin (1977) e Caregnato e Mutti (2006 p. 683) evidenciam as etapas para realização da técnica de análise:

A técnica de AC, se compõe de três grandes etapas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados e interpretação. A mencionada autora descreve a primeira etapa como a fase de organização, que pode utilizar vários procedimentos, tais como: leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação. Na segunda etapa os dados são codificados a partir das unidades de registro. Na última etapa se faz a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns. Portanto, a codificação e a categorização fazem parte da AC.

As etapas apresentadas por Bardin (1977) foram observadas, para realização da análise do conteúdo das entrevistas. Essa análise norteou a composição das categorias; entretanto, o que sustenta as categorias de análise sugeridas pela autora é o referencial técnico apresentado.

Após a transcrição das entrevistas, o primeiro passo foi organizar as narrativas dos docentes entrevistados, e esses dados geraram um “*corpus*” estruturado. Para tornar possível a análise desse conteúdo (*corpus*) com ética e clareza dos dados, foi utilizado o software IRaMuTeQ:

Este programa informático viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, desde aquelas bem simples, como a lexicografia básica (cálculo de frequência de palavras), até análises multivariadas (classificação hierárquica descendente, análises de similitude). Ele organiza a distribuição do vocabulário de forma facilmente compreensível e visualmente clara (análise de similitude e nuvem de palavras) (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 515).

Segundo Camargo e Justo (2013), o uso de softwares específicos para análise de conteúdos textuais tornou-se cada vez mais presente nas pesquisas realizadas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, principalmente quando as narrativas (*corpus*) a serem analisadas são volumosas. A utilização do software para a análise “[...] possibilita que se quantifique e empregue cálculos estatísticos sobre variáveis essencialmente qualitativas – os textos” (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 514).

O software IRaMuTeQ analisa o *corpus* das entrevistas e gera os agrupamentos por frequência e por associações temáticas - as classes de palavras. Gera um volume de documentos para análise detalhada do conteúdo das entrevistas com nuvem de palavras, classificação hierárquica descendente de palavras e um arquivo com os segmentos de texto relacionados a cada palavra selecionada.

O agrupamento lexical é feito a partir dos temas comuns que constituem as narrativas dos participantes da pesquisa. São agrupados recortes de textos, formando um volume de segmentos de texto (2 a 5 linhas) pertinentes a cada tema. Esses trechos de fala de cada participante são agrupados em um arquivo que está diretamente relacionado (lexicalmente) a esse tema, formando um segmento de textos. Depois, cada um desses temas são agrupados, com base em suas relações, a uma classe de palavras (classe de temas relacionados).

As classes são agrupadas por associações e, ao analisá-las, é possível relacionar e interpretar as narrativas dos entrevistados, identificando semelhanças e divergências. Para desenvolver essas análises, o pesquisador, a partir da classe de palavras, realiza leitura e reflexão sobre esses segmentos de texto, analisando o significado e o sentido empregado a elas e relacionando cada aspecto encontrado. Assim, relaciona a palavra, o segmento de texto e a narrativa dos participantes durante a entrevista.

É com base nessa análise de cada tema apresentado e de cada classe de palavras em que esses temas são relacionados que o pesquisador tem a possibilidade de analisar e apresentar os dados obtidos de forma clara e precisa.

A partir dessas análises, desses sentidos apresentados, foram criados os mapas conceituais (por classe e por palavra), construídos com base na análise de todos esses dados. Esse processo, que foi realizado com cada classe e em cada palavra/tema abordado nas narrativas, evidencia o sentido com que aquele tema é representado na voz do docente e em suas relações com o fenômeno estudado.

Para evidenciar essas relações, utilizaram-se análise de similitude e nuvem de palavras. Após a apresentação dos dados, com o objetivo de enriquecer a discussão, buscou-se associá-los com os estudos teóricos e materiais técnicos atuais sobre o tema que compõe a revisão bibliográfica. Com isso, acredita-se ter sido possível provocar reflexões e traçar alternativas para a atuação do educador frente a essa realidade.

4 RESULTADOS E DIVULGAÇÃO

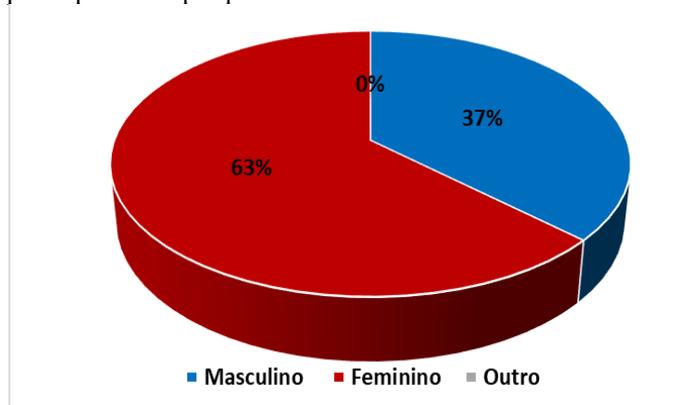
O estudo foi desenvolvido com base em dois instrumentos de pesquisa: o questionário e a entrevista semiestruturada. Os dados encontrados foram interpretados e discutidos à luz das contribuições trazidas pelos teóricos e pelos estudos consultados. Assim, obteve maior compreensão do problema em tela, e foram realizadas reflexões que geraram possibilidades de intervenção segura nas situações relativas ao tema.

4.1. Resultados dos questionários

Para caracterizar a população pesquisada, apresenta-se aqui o **perfil dos professores participantes**.

Quando ao gênero, no total da população pesquisada 63% do grupo é composto por mulheres, 37%, por homens, e nenhum docente se declarou de outro gênero.

Gráfico 6 - Gênero dos participantes da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa.

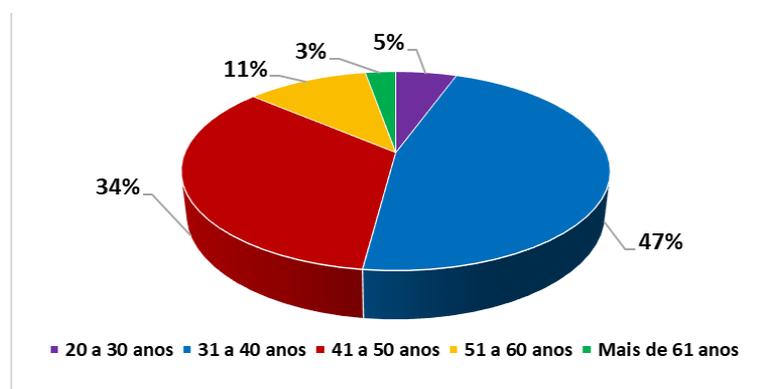
Gatti (2010, p. 1362) aponta predominância das mulheres na docência, sobretudo nos Anos Iniciais:

Quanto ao sexo, como já sabido, há uma feminização da docência: 75,4% dos licenciandos são mulheres, e este não é fenômeno recente. Desde a criação das primeiras Escolas Normais, no final do século XIX, as mulheres começaram a ser recrutadas para o magistério das primeiras letras (GATTI, 2010, p.1362).

A autora observa predominância de professores do sexo masculino, nos Anos finais; entretanto essa realidade não é observada nos dados desta pesquisa, que apontam que ainda existe predominância de mulheres na função.

Quando à idade dos participantes, observa-se, na Figura 10, que a maioria da população pesquisada pertence a uma faixa etária de 31 a 40 anos (47%) e de 41 a 50 anos (34%), totalizando 81%. Acima desse idade estão 14% da população pesquisada, e apenas 5% dos participantes têm menos de 30 anos de idade. Entende-se, a partir desses dados, que participou da pesquisa um grupo de indivíduos mais maduros e vividos.

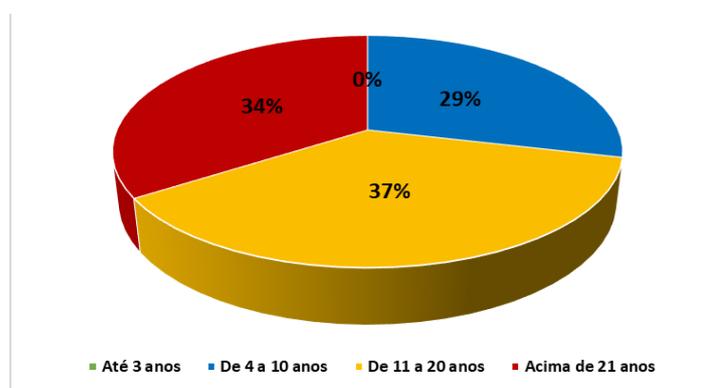
Gráfico 7 - Idade dos participantes da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa.

Confirma-se essa constatação quando se relaciona essa informação ao tempo de experiência dos professores pesquisados, pois a maioria deles (71%) tem mais de 11 anos de experiência como professor; 37%, acima de 21 anos; 34%, de 11 a 20 anos; e, 29%, de 4 a 10 anos (ver Gráfico 8).

Gráfico 8 - Tempo de experiência dos participantes da pesquisa

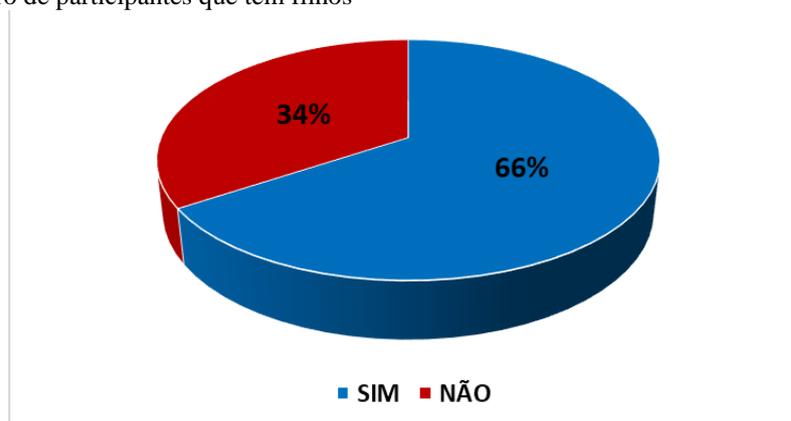


Fonte: Dados da pesquisa.

Não houve participação de nenhum professor iniciante, considerando-se nessa condição aqueles com menos de 3 anos de atuação docente, como sugere Huberman (1992). Portanto, a pesquisa foi realizada com professores experientes, ou seja, aqueles que, para Huberman (1992) já [...] sobreviveram” ao período inicial da carreira, já passaram pelo choque inicial da profissão. São professores considerados peritos em sua atividade profissional, conforme afirma Marcelo (2009).

Quando questionados se tinham filhos, 66% responderam positivamente.

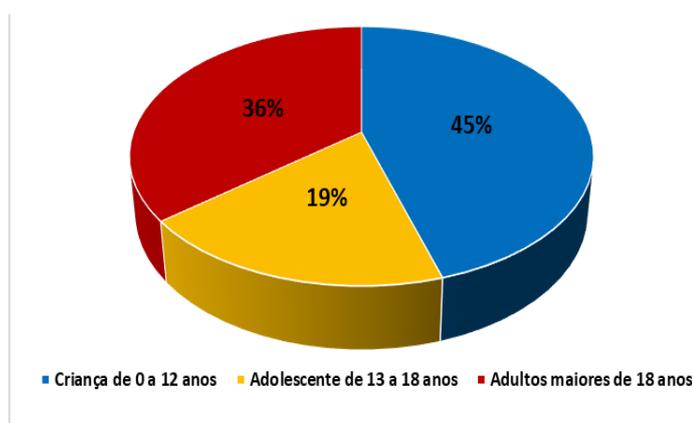
Gráfico 9 - Número de participantes que têm filhos



Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 66% dos docentes que têm filhos, a maioria, 55%, tem filhos que estão ou já foram adolescentes, e 45%, crianças de 0 a 12 anos. Assim, pelo menos 55% da população já têm experiências com os adolescentes em suas vivências pessoais.

Gráfico 10 - Idade dos filhos dos participantes da pesquisa

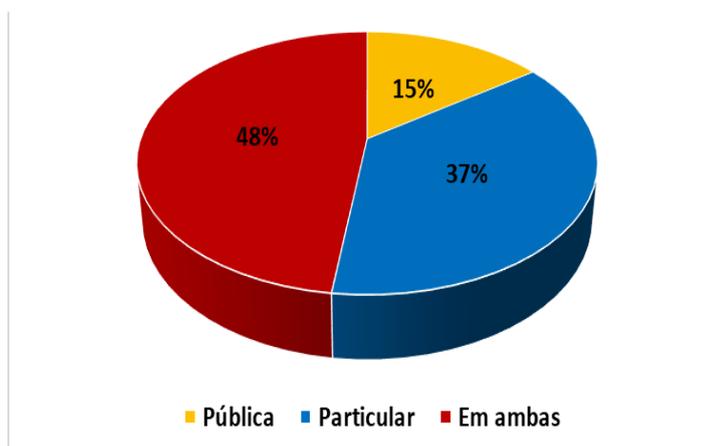


Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto aos vínculos empregatícios, a maioria dos professores relatou pertencer à rede pública e particular de ensino. Apesar de a pesquisa ter tido maior abrangência de escolas

ligadas à rede particular, percebe-se que um grupo significativo de docentes atua na rede pública: 63% da população pesquisada atua em escola pública, e 85%, em escola particular.

Gráfico 11 - Rede em que os participantes da pesquisa atuam

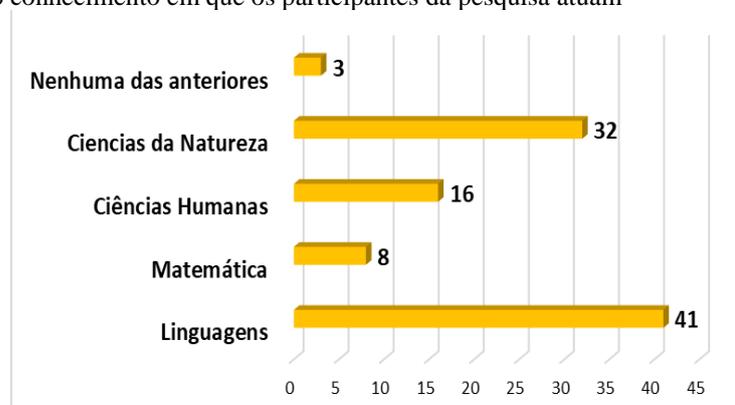


Fonte: Dados da pesquisa.

Este é um dado importante, pois demonstra que os participantes desta pesquisa apresentam diversidade em relação aos seus contextos de trabalho, experiências de vida e formação: 48% deles atuam, tanto em escolas públicas quanto em escolas particulares, na região, e em suas respostas mostraram essa abrangência de atuação e experiências.

Quanto à área de conhecimento em que se deu a formação inicial, a maioria dos professores é oriunda das áreas de Linguagem e Ciências da Natureza. Entretanto, é importante ressaltar que a pesquisa abrangeu todas as áreas do conhecimento, conforme Gráfico 12.

Gráfico 12 - Área do conhecimento em que os participantes da pesquisa atuam

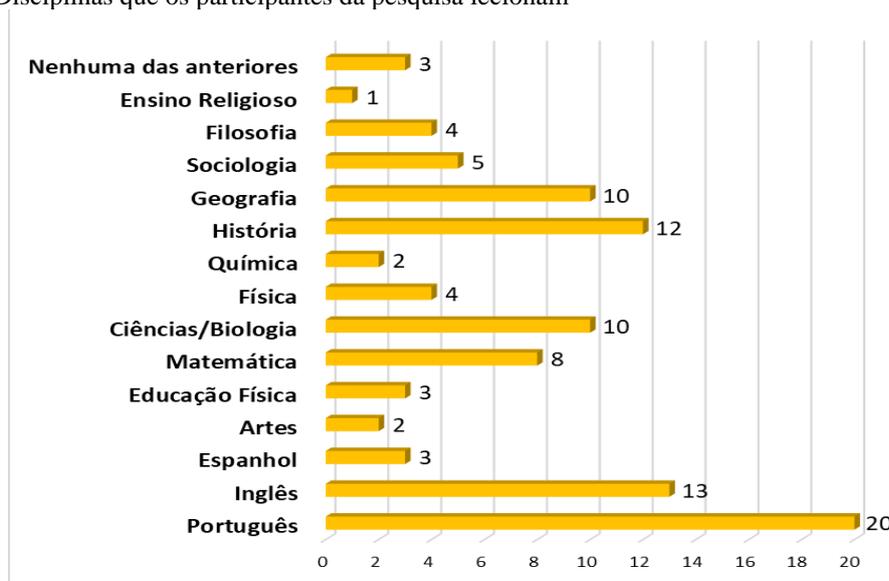


Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar as disciplinas que os docentes lecionam, observa-se que os maiores grupos são de Língua Portuguesa (20), Inglês (13), História (12), Geografia (10) e Ciências/Biologia (10), conforme pode ser observado na Figura 16.

Contudo, reforça-se que a pesquisa abrangeu todas as disciplinas do currículo escolar comum nos segmentos de Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Gráfico 13 - Disciplinas que os participantes da pesquisa lecionam



Fonte: Dados da pesquisa.

Abordando especificamente o tema da pesquisa, inicia-se a apreciação dos resultados com base na pergunta sobre a **relevância e incidência do fenômeno** no contexto do país pesquisado (Brasil), na região pesquisada (Sul Fluminense) e no contexto escolar em que o docente atua.

Gráfico 14 - Relevância do fenômeno no Brasil

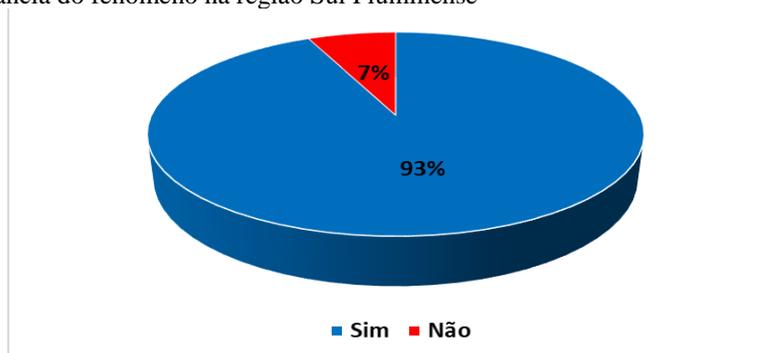


Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que 100% dos participantes entendem que o fenômeno é presente no Brasil, conforme demonstra a Figura 17. Essa percepção dos professores reforça a relevância do tema no contexto escolar.

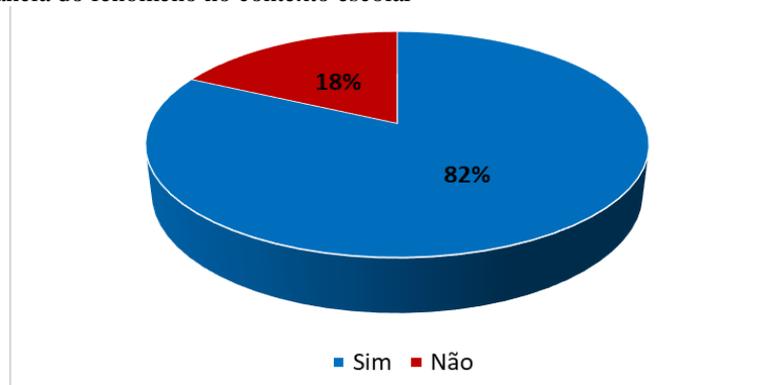
Na região Sul Fluminense, 93% percebem o fenômeno presente, e 82% percebem sua ocorrência em seu contexto escolar, conforme Gráficos 15 e 16.

Gráfico 15 - Relevância do fenômeno na região Sul Fluminense



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 16 - Relevância do fenômeno no contexto escolar



Fonte: Dados da pesquisa.

Diante desses dados, observa-se que o fenômeno da automutilação e ideação suicida em adolescentes, na percepção dos docentes, é um fenômeno intensamente presente nas escolas e na região pesquisada.

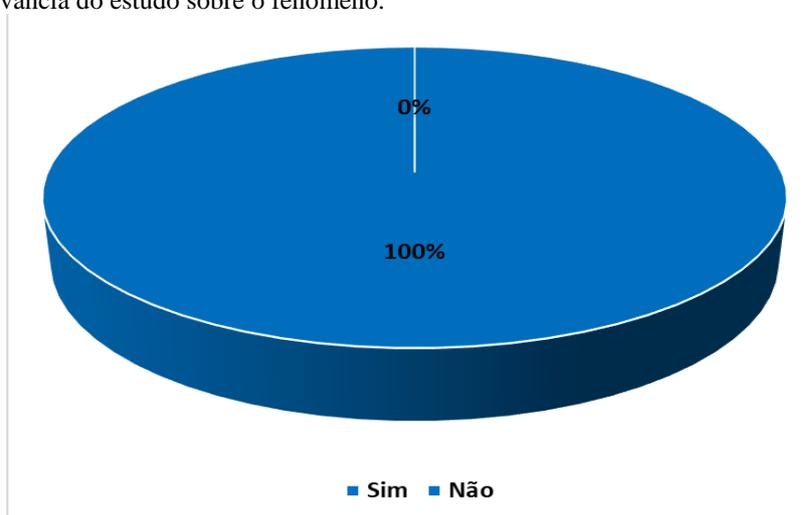
Contudo, faz-se necessário ressaltar que o percentual de docentes que responderam que percebem o fenômeno presente como relevante se reduz, ao passo que a realidade se aproxima do seu próprio contexto. A resposta dos docentes, quando se referem ao contexto Brasil, é de 100% de relevância. No Sul Fluminense esse percentual se reduz para 93%, e diminui ainda mais, quando se refere ao contexto escolar atual do docente (82%). Os participantes da pesquisa apontam que no Brasil há 100% de incidência, já no Sul Fluminense, 93%, e no contexto escolar desses docentes, 82%. Sendo assim, observa-se que,

para eles, o fenômeno é mais presente no Brasil e na região do que em seu contexto escolar real.

Essa percepção dos docentes pode ser originada do de não se ter sinais intensos e presentes do fenômeno em sua realidade cotidiana, ou do fato de ser comum a uma parcela de seus alunos. Ou, ainda, pelo fato de que admitir que essa ocorrência é parte do contexto escolar, interferindo na sua atuação cotidiana, implica comprometer-se a agir diante dessa realidade ou, no mínimo, desenvolver ações preventivas.

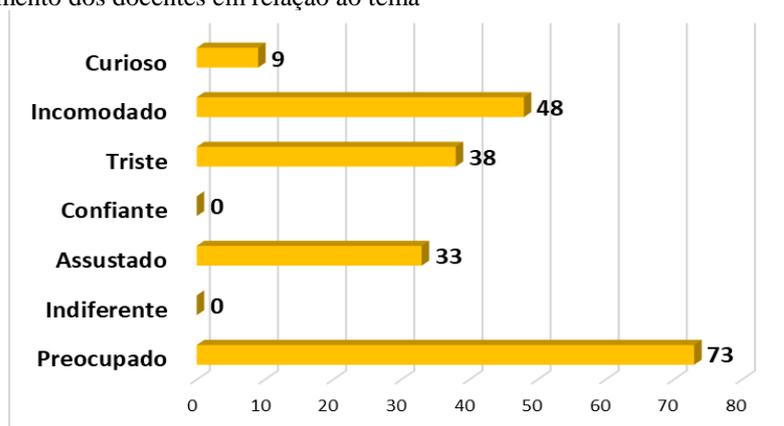
Esse dado é reforçado com base no Gráfico 17, que apresenta que 100% dos participantes afirmaram ser a automutilação e a ideação suicida um fenômeno crescente e importante de ser estudado.

Gráfico 17 - Relevância do estudo sobre o fenômeno.



Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação ao **sentimento sobre o tema**, todos os participantes (73) disseram que se sentem preocupados frente ao fenômeno; 48 professores, que se sentem incomodados; 38, tristes; e 33, assustados (ver Gráfico 18). Nenhum relatou que se sente indiferente ou confiante. É interessante observar que 9 professores marcaram que se sentem curiosos frente ao tema. Provavelmente são aqueles que, a partir do contato com a problemática, buscam conhecimento e/ou estão sedentos por ter mais informações sobre o tema.

Gráfico 18 - Sentimento dos docentes em relação ao tema

Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere aos fatores associados a esse comportamento de violência autoprovocada, a maioria (70 professores) relacionou o fenômeno aos aspectos psicológicos e, 61 professores, aos aspectos sociais. Doenças mentais, condições de saúde limitantes e outros aspectos ficaram próximos, apontados por 27, 18 e 19 professores, respectivamente.

No questionário, conforme informado anteriormente, foram feitas quatro perguntas discursivas (optativas). Para análise do conteúdo das respostas foram construídos mapas conceituais que auxiliam o pesquisador a realizar a exposição clara dos relatos e facilitam ao leitor do relato da pesquisa entender seus pontos relevantes.

Os sentimentos do professor com relação ao tema foram relacionados a preocupação, incômodo e tristeza. Poucos se sentem curiosos em ter mais conhecimento, como pode ser observado na relato do docente 3 e no Mapa Conceitual (Figura 4).

Esse é um problema que preocupa, assusta e entristece. Fico incomodada por não saber como perceber a tempo e ajudar da melhor forma. Fico curiosa para aprender mais sobre o assunto e, assim, contribuir com o bem-estar e a saúde mental dos alunos (Docente 3).

Figura 4 - Mapa conceitual sobre o sentimento dos docentes em relação ao fenômeno



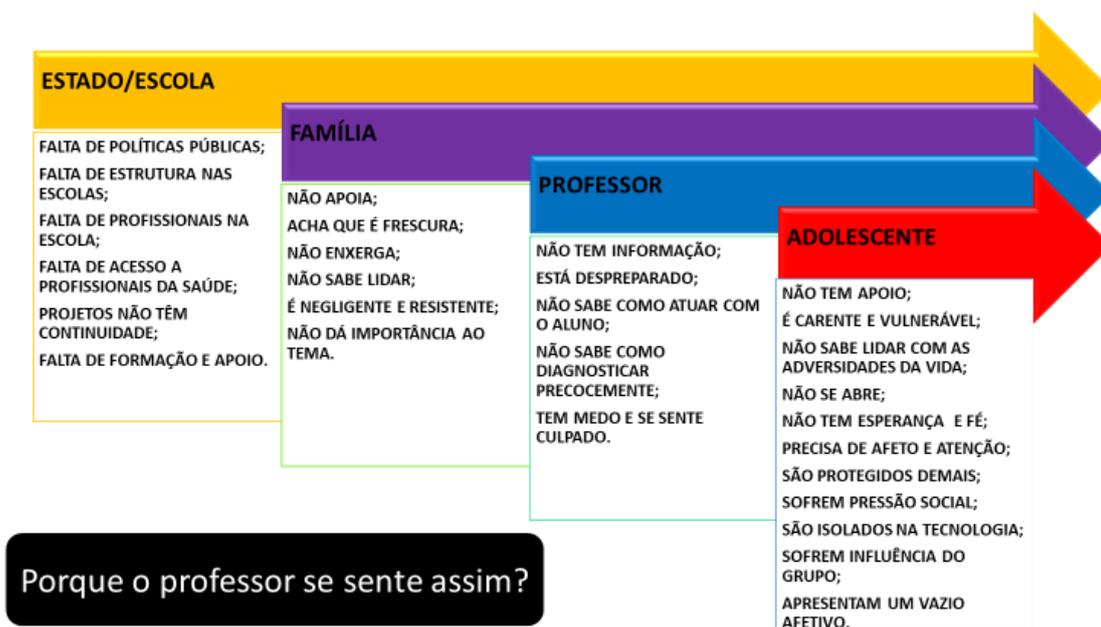
Fonte: Dados da pesquisa.

Muitos professores relataram preocupação, pois, como observam que os casos crescem de forma assustadora, sentem-se despreparados e impotentes frente a essa realidade, sem saber as possibilidades de sua atuação, como pode ser observado no relato do docente 1:

Fico preocupada e assustada, pois mesmo com tanta informação a automutilação só vem crescendo entre os adolescentes (Docente 1).

Quais seriam os motivos apresentados pelos docentes, em relação à questão? Os relatos foram agrupados didaticamente no mapa conceitual (Figura 5), no qual se pode observar que a preocupação deles é decorrente de diversos fatores.

Figura 5 - Mapa conceitual dos motivos apresentados pelos docentes para seus sentimentos em relação ao fenômeno



Fonte: Dados da pesquisa.

A Escola e o Estado, segundo os professores, têm condições precárias para atuar frente ao problema: falta de políticas públicas, escassez de estrutura e de profissionais nas escolas, como pode ser observado no relato dos docentes 28, 22, 60:

Incomodado por não haver políticas públicas para resolver a situação com eficiência (Docente 28).

Me sinto preocupada e incomodada por atuar em um ambiente com casos assim e a falta de materiais teóricos para intervenção escolar e curiosa para saber mais sobre o assunto e de como melhorar minha atuação em situações como essas, visto que é extremamente desgastante para o profissional (Docente 22).

Muito me preocupa e incomoda, principalmente por não haver políticas públicas voltadas para esta questão (Docente 60).

Quanto às famílias, os relatos dos professores denotam preocupação, pois afirmam que as famílias não apoiam os jovens, acham que seus sentimentos são frescura, alguns são omissos, não querem enxergar e negligenciam os filhos:

Sinto-me muito preocupada. Algo precisa ser feito. Muitos jovens vivem isolados em suas tecnologias. Sem atenção, carinho. Precisam de apoio e atenção da família e dos educadores (Docente 9).

É muito preocupante a situação dos adolescentes, mesmo porque muitos não têm diálogo com os pais e, quando vão conversar com eles, decepcionam-se, porque dizem ser besteira ou frescura (Docente 18).

Preocupa-me essa situação dos adolescentes, pois quando converso com a família desses adolescentes, percebo que eles não dão a devida importância ao problema (Docente 24).

A condição do adolescente na sociedade atual também faz parte da preocupação do professor com relação ao tema. Isso porque os jovens não têm apoio ou são protegidos demais, estão carentes e vulneráveis e precisam de atenção e afeto, não sabem lidar com as dificuldades e adversidades da vida, não se abrem e não se expressam, não têm esperança e fé, sofrem pressão social, vivem isolados na tecnologia e apresentam um vazio afetivo.

Preocupado, pois os jovens atualmente sofrem uma grande pressão da sociedade e não sabem lidar com isso. Talvez por um "erro" da sociedade de proteger demais esses jovens, e quando passam por uma situação mais difícil, eles não sabem enfrentar a situação (Docente 2).

Fico extremamente preocupada com a fragilidade de nossos adolescentes, que têm um mundo pela frente, mas estão doentes... sem fé, sem esperança, sem tratamento adequado (Docente 14).

Preocupado com a instabilidade emocional e o sentimento de falta de apoio dos jovens, incomodado de a escola ter tão poucas ferramentas para lidar com situações como esta, mas curioso por entender o que há nos tempos e modos de vida atuais que promovem este tipo de comportamento (Docente 16).

Pelo fato de serem jovens, a maioria das pessoas não os leva a sério (Docente 62).

Quando o foco foi a figura do professor e sua atuação diante do fenômeno, o professor relata que se sente preocupado, incomodado, pois está despreparado, impotente, tem medo e se sente culpado.

Preocupada pelo número crescente de situações e também pelo caminho que os adolescentes enxergam como saída/forma de externarem suas angústias. Insegura por não saber como lidar com as situações que às vezes nos deparamos (Docente 12).

Preocupado por conta das relações sociais que os jovens mantêm nas redes sociais que podem levar a problemas ao tema. Triste porque nos dá uma sensação de impotência diante da situação (Docente 28).

Sinto-me preocupado, pois nem sempre, como profissionais, podemos fazer alguma coisa concreta (Docente 35).

Ficamos impotentes perante a questão (Docente 39).

Muitos querem entender a causa do problema, a causa de os adolescentes estarem sofrendo e se autoagredindo.

Preocupada em saber a verdadeira causa. O que os leva a praticar o ato (Docente 45).

Outra questão refere-se ao tabu, que prejudica a atuação frente ao fenômeno, e à falta de formação:

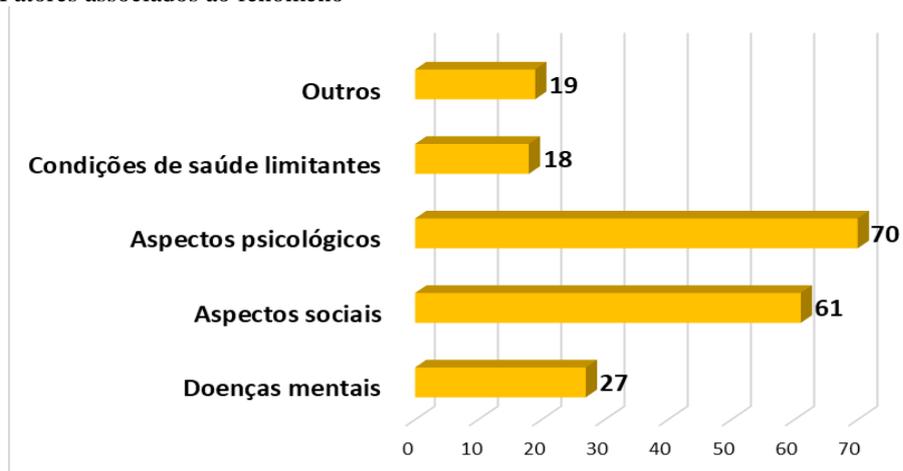
O tema ocupa os espaços escolares de maneira silenciosa e exige dos profissionais da educação, como eu, habilidades que fogem daquelas inseridas em nossa formação. Se o tema é tabu na sociedade como um todo, como lidar com isso no espaço conservador que é a escola? (Docente 38)

Há, no entendimento de alguns professores, um compromisso ético, uma responsabilidade social frente ao contexto.

Incomodada e preocupada, pois isso interfere, além da vida pessoal do aluno, na nossa responsabilidade social enquanto professor, na qualidade da aula e no nosso âmbito profissional (Docente 50).

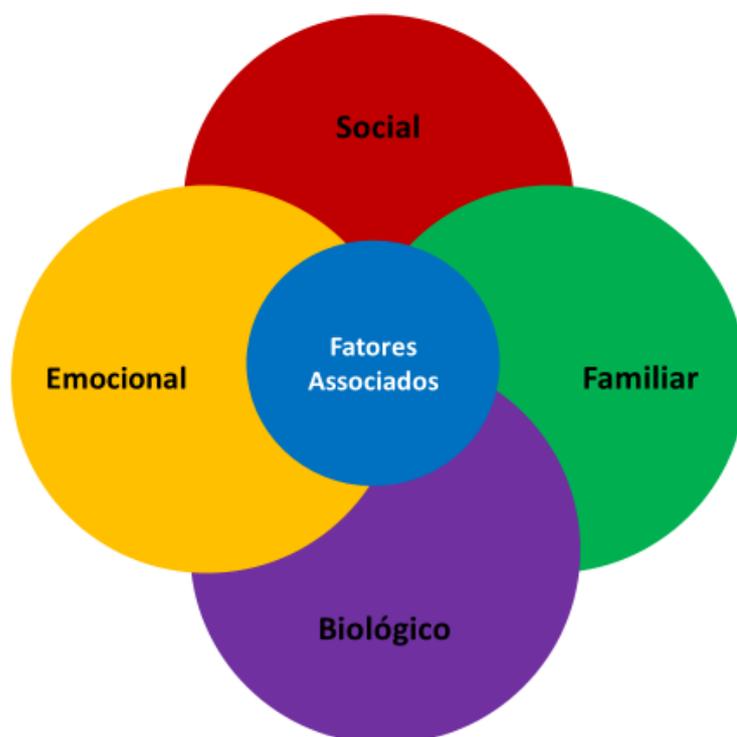
Observa-se que, apesar dos sentimentos dos docentes com relação ao tema serem pautados em preocupação e insegurança e, além disso, da falta de apoio da escola, da família e do poder público, **eles têm um desejo intenso de contribuir, de ajudar os alunos que sofrem de violência autoprovocada.**

Sobre quais **fatores estariam associados a esse comportamento de autoagressão nos adolescentes**, os docentes citaram vários, como pode ser observado na Gráfico 19:

Gráfico 19 - Fatores associados ao fenômeno

Fonte: Dados da pesquisa.

Para melhor visualização desses fatores, eles foram agrupados em grandes dimensões: *familiar, social, emocional e biológico*.

Figura 6 - Mapa conceitual das dimensões do fenômeno

Fonte: Dados da pesquisa.

Alguns professores relataram que os fatores associados ao comportamento de violência autoprovocada são multifatoriais. A maioria dos docentes atribuiu o fenômeno a

dois, três ou mais fatores relacionados, como pode ser observado na fala dos docentes 3, 18, 21:

Esse é um problema multifatorial (Docente 3).

Acredito que são diversos fatores estão envolvidos na autoagressão (Docente 18).

É uma condição multifatorial. Há múltiplos aspectos envolvidos. Há necessidade de um olhar amplo pra atuar nessa questão tão séria e tão negligenciada (Docente 21).

Os **problemas sociais e familiares**, segundo um grande grupo de educadores seriam os fatores desencadeadores dos problemas emocionais, como pode ser observado nos relatos dos docentes 4, 5 e 7:

Sempre que converso com adolescentes nessa situação, eles demonstram grande instabilidade emocional, e o meio em que vivem e convivem sempre têm grande influência nessa instabilidade (Docente 4).

A fragilidade psicológica gerada por uma sociedade dependente de recursos tecnológicos e sem orientação adequada, associada a problemas sociais tais como, preconceitos, bullying e outros, formam um terreno bastante fértil para pessoas mal-intencionadas (Docente 5).

Questões sociais afetam psicologicamente e as questões psicológicas quando não devidamente acompanhadas podem levar a essas atitudes (Docente 7).

Na Figura 7, evidenciam-se, por meio de mapa mental, os aspectos associados ao fenômeno da violência autoprovocada. Para melhor visualização, os fatores estão destacados em cores: *biológico* (roxa), *psicológico* (amarela), *familiares* (verde) e *sociais* (vermelha).

Figura 7 - Mapa conceitual dos aspectos associados ao fenômeno



Fonte: Dados da pesquisa.

O **contexto biológico**, em relação ao fenômeno, foi abordado pelos docentes em suas narrativas, mas de forma muito tímida. Somente o contexto hormonal do adolescente, que nessa fase está em mudança, foi citado.

Não é uma fase muito fácil da vida, com mudanças hormonais e o fato de querer aceitação e a construção de sua identidade (Docente 45).

Os jovens estão numa fase de mudanças biológicas e de muitos questionamentos existenciais (Docente 48).

No que se refere ao contexto da família, os professores entendem que hoje ela contribui para os alunos praticarem a autoagressão, pois está ausente na vida dos adolescentes, não dá atenção aos jovens e não os escuta.

Acho que o adolescente não está sendo ouvidos, principalmente em casa (Docente 40).

Não ter a devida atenção e cuidados por parte da família (Docente 29).

Nos casos que tive contato, poucas eram os adolescentes que tinham acesso à médicos, psicólogos ou qualquer profissional de saúde. As famílias não sabiam ou estavam em negação (Docente 49).

Os **conflitos familiares e a desestrutura familiar**, fatores relevantes, foram muito citados por um grupo importante de professores.

A maioria dos adolescentes do meu convívio com esse tipo de comportamento apresentam situações sociais de risco e/ou conflitos familiares que envolvem ausência familiar além de baixa estima, e/ou necessidade de auto afirmar-se e aparentemente acham prazer ao ver as pessoas preocupadas com sua situação que procuram afirmar ser natural (Docente 22).

As redes sociais é um grande atrativo assim como famílias descompensadas (Docente 30).

Acredito que a falta de referência e desestrutura familiar sejam fatores relevantes (Docente 34).

Houve um período em que automutilação tinha viralizado nas redes sociais, vi muitos adolescentes praticando por influência virtual, eles descontavam todas as suas frustrações sociais e familiares com esse ato. Ainda observo esse tipo de comportamento por abusos familiares, esse mecanismo virou uma ferramenta de escape (Docente 42).

A **superproteção** também foi mencionada por alguns professores como causadora da dificuldade dos jovens para enfrentarem as adversidades da vida.

Os valores familiares hoje, por vezes focado no atendimento a todas as demandas emocionais dos filhos, tem reforçado uma fragilidade emocional. Enfrentar frustração, limites e inseguranças precisa fazer parte da construção do indivíduo. Realizar o enfrentamento e ou aceitação às emoções advindas desta educação torna a criança ou o adolescente mais resiliente, mais corajoso, desvinculando sua avaliação de amor e acolhimento à superproteção (Docente 54).

Atribuo também a uma educação superprotetora, que não prepara os jovens para as frustrações inerentes ao próprio viver. Há uma tendência de infantilizar ao máximo o jovem e com isso, impede-se que ele desenvolva os atributos emocionais que podem fortalecê-lo no momento da adversidade a que todo ser humano está sujeito (Docente 4).

Quanto ao **contexto social**, muitos aspectos foram evidenciados, e de forma intensa. Há pressão exercida sobre os jovens, quanto a resultados, conquistas e carreira, e também quanto a estereótipos, como o padrão social de beleza.

A pressão da sociedade e a imaturidade para enfrentar os problemas da sociedade atual (Docente 2).

Social devido ao estereótipo cobrado e psicológico a lidar com tantas cobranças desse mundo atual (Docente 10).

Acredito que um dos fatores que levem à automutilação sejam as cobranças da sociedade sobre o adolescente (Docente 73).

A influência das redes sociais, o volume de informação que hoje os adolescentes estão sujeitos e o consumo desenfreado em que estão expostos e estimulados (Docente 70).

Influência das redes sociais e conflitos familiares (Docente 6).

E vejo isso crescendo por vários motivos, mas um em especial: o acesso a muitas informações sem as devidas explicações de determinados assuntos. E também a grande busca do ter. Sendo muito influenciada pela mídia (Docente 41).

Durante o ano de 2014, houve um período em que automutilação tinha viralizado nas redes sociais, vi muitos adolescentes praticando por influência virtual (Docente 42).

O mundo atual, as redes sociais e a falta de diálogo acabam por fazer nossos jovens adoecerem (Docente 57).

Outro fator seria a **sociedade atual**, que está emocionalmente doente e exerce influência no jovem.

A sociedade atual está doente emocionalmente e os adolescentes são fruto dessa sociedade. A fraqueza emocional abala todas as estruturas dos adolescentes, até porque os mesmos ainda estão em formação (Docente 12).

A sociedade moderna e toda a ansiedade enfrentada pelos adolescentes diante das evoluções pós-modernas estão provocando doenças mentais e psicológicas. A depressão, por exemplo, é considerada a doença do século XXI (Docente 19).

A **exposição à violência e preconceito**, o término de relacionamentos amoroso e o comportamento do jovem por imitação a ídolos também foram questões citadas.

Jovens costumam também imitar seus ídolos (Docente 45).

Pelo que pude perceber, a maioria dos casos que vivenciei, que 5 adolescentes se automutilaram por estarem apaixonadas pelo mesmo rapaz, pois ele começava a namorar ou ficar cada uma delas e nem chegava a terminar, já as trocava por outra. Um outro caso foi exploração da mãe com a adolescente, pegando toda a responsabilidade da mãe dentro de casa, assumindo 5 irmãos, não tendo tempo para curtir sua juventude e seus compromissos com os estudos. Outro caso foi depressão do Mundo que nos assolam e tratamento com seus amigos e namorado também... outras, dois modismos na escola sem justificativa... (Docente 36).

Alguns professores citam que o fenômeno poderia ocorrer por **modismo** e para **chamar a atenção**.

Alguns se automutilam por modismo entre adolescentes ou por distúrbios psicológicos, como depressão (Docente 1).

Na minha visão isso se deve ao fato de o jovem estar buscando de alguma forma avisar que precisa de um suporte, de um auxílio, e talvez isso seja uma forma de chamar a atenção para o problema que ele esteja passando. Me refiro à automutilação (Docente 44).

Já no **contexto emocional** foram relatados diversos aspectos, como baixa autoestima, sentimentos de angústia e ansiedade, distúrbios psicológicos, depressão, complexo de inferioridade e isolamento.

Esse tipo de comportamento pode estar relacionado à inteligência emocional, não saber lidar com situações adversas, depressão, etc. (Docente 15).

Esse adolescente o tempo confinado e sozinho levam também a fatores emocionais abalados (Docente 7).

Os adolescentes estão se sentindo angustiados demais (Docente 35).

Acredito que as doenças mentais e os problemas sociais estão, na maior parte dos casos, intrinsecamente relacionados. Há um aspecto psicológico que expressa um sofrimento visível que algo não vai bem (Docente 16).

Muita ansiedade no mundo atual (Docente 9).

Acredito que muitos adolescentes não tiveram uma base na infância. E todo adolescente passa por muita mudança física e psicológica. Muitas vezes eles se fecham ou não confiam ou ainda não tem mesmo uma pessoa para ajudá-los e acabam não sabendo como lidar com essa dor ou sentimento de angústia (Docente 63).

Nenhum docente se referiu especificamente à escola e às suas relações como fatores passíveis de desencadear o comportamento de autoagressão. Somente o **bullying** foi citado por alguns poucos educadores.

A falta de afeto por parte dos parentes, o bullying, vítimas de assédio e estupro, entre outros... (Docente 20).

Imaturidade emocional dos jovens para lidar com frustrações e perdas e busca por aceitação do grupo também foram fatores citados pelos docentes.

O jovem quer se enquadrar em grupos sociais da qual as vezes ele não pertence, isso acaba gerando distúrbios psicológicos (Docente 26).

O mundo e as expectativas são frustrantes demais para quem ousa sonhar (Docente 47).

Alguns professores relataram que a própria **fragilidade do jovem**, por estar em uma fase de construção da identidade, seria um fator associado.

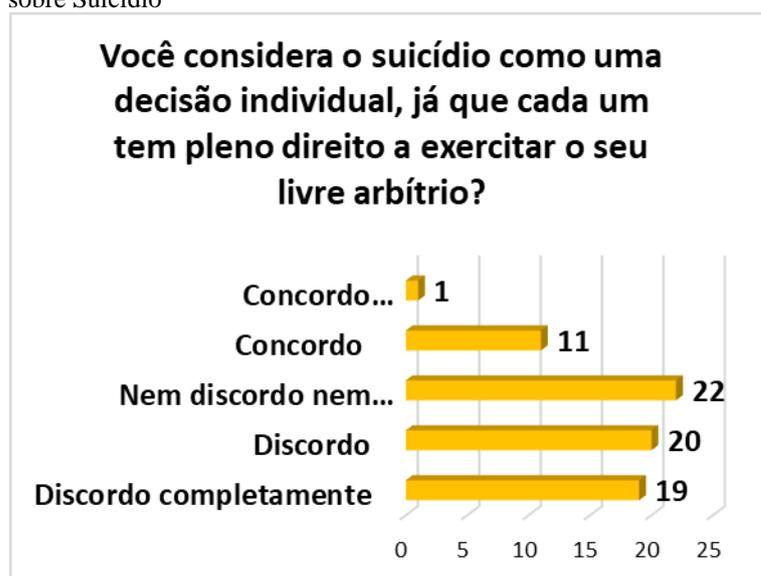
Não é uma fase muito fácil da vida, com mudanças hormonais e o fato de querer aceitação e a construção de sua identidade (Docente 45).

Quanto aos mitos existentes em relação ao fenômeno do suicídio, os dados mostraram-se muito diversos.

Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (2014), preconceitos vêm sendo repetidos historicamente, contribuindo para a continuidade do estigma construído em torno da doença mental e do comportamento suicida. O estigma resulta em um processo que leva as pessoas que sofrem desse fenômeno a se sentirem envergonhadas, excluídas e discriminadas. O conhecimento pode contribuir para a desconstrução desse estigma.

Quanto ao **mito do suicídio** ser uma decisão individual, 54% (39) dos participantes discordaram, 28% discordaram e 26% discordaram completamente. Contudo, 46% (34) demonstraram concordar ou não se posicionaram sobre o assunto, o que reforça o mito (30% - nem discordo, nem concordo).

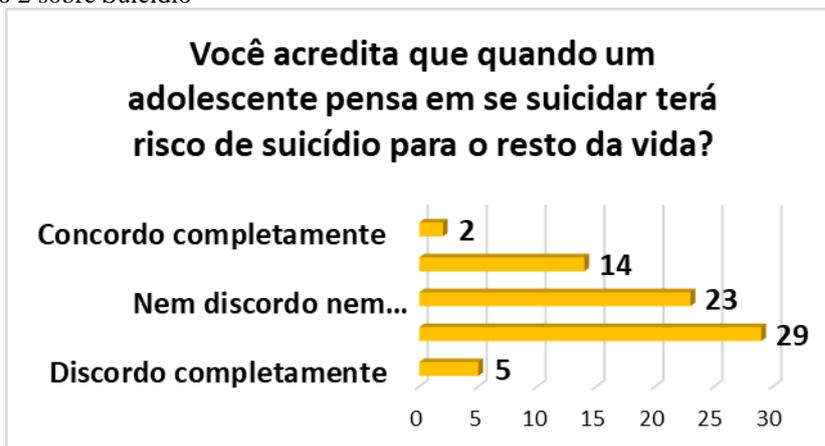
Gráfico 20 - Mito 1 sobre Suicídio



Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto questionados se um adolescente ao pensar em se suicidar teria risco de suicídio para o resto da vida, 47% (34) dos participantes discordaram, 40% discordaram e 7% discordaram completamente. Entretanto, 53% (39) demonstraram concordar ou não se posicionaram sobre o assunto (31% - nem discordo, nem concordo).

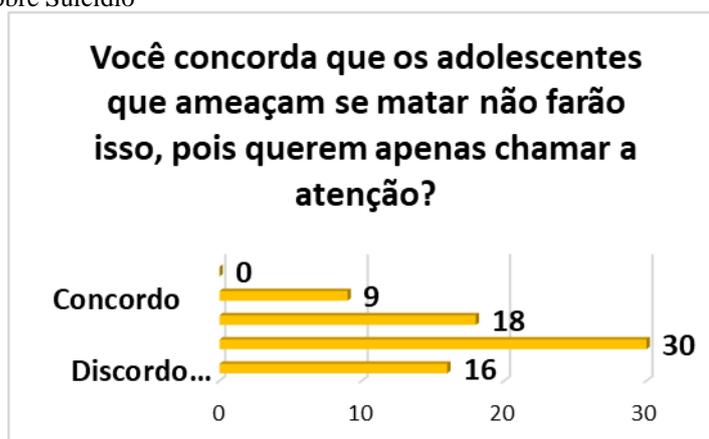
Gráfico 21 - Mito 2 sobre Suicídio



Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere ao mito sobre a real intenção de suicídio, quando questionados se concordam com a afirmativa de que os adolescentes que ameaçam se matar não fariam isso, pois querem apenas chamar a atenção, 63% (46) participantes discordaram, 41% discordaram e 22% discordaram completamente. Entretanto, 37% (27) demonstraram concordar ou não se posicionaram sobre o assunto, e 31% nem discordaram nem concordaram.

Gráfico 22 - Mito 3 sobre Suicídio

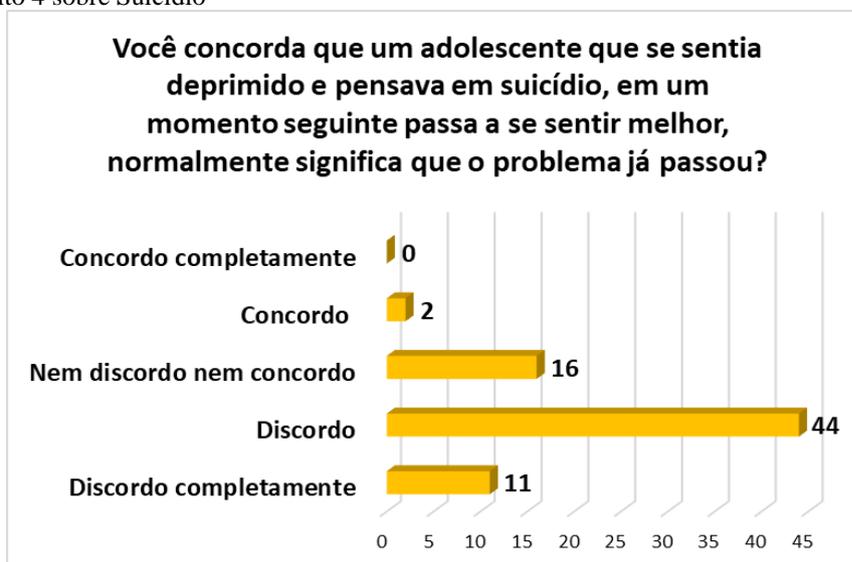


Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere ao mito de que um adolescente que se sente deprimido e pensa em suicidar-se, e que em um momento seguinte passa a se sentir melhor, normalmente significa

que o problema já passou, 75% (55) dos participantes discordaram, 60% discordaram e 15% discordaram completamente. Entretanto, 25% (17) demonstraram concordar ou não se posicionaram sobre o assunto, e 22% nem discordaram, nem concordaram.

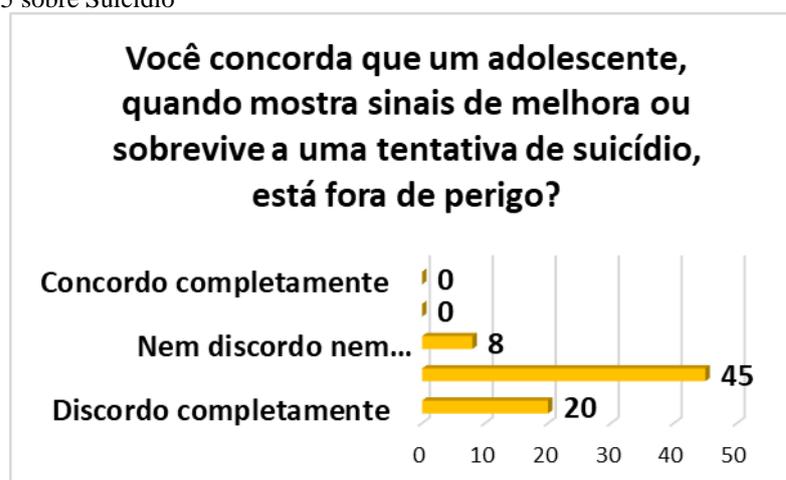
Gráfico 23 - Mito 4 sobre Suicídio



Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto questionados se um adolescente que mostra sinais de melhora ou sobrevive à uma tentativa de suicídio está fora de perigo, 89% (65) dos participantes discordaram, 62% (45) discordaram e 27% (20) discordaram completamente. Entretanto, 11% (08) não se posicionaram sobre o assunto, e 11% nem discordaram nem concordaram.

Gráfico 24 - Mito 5 sobre Suicídio

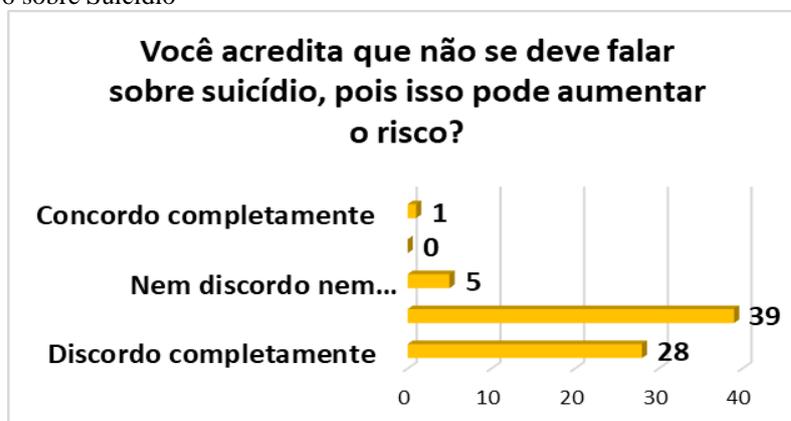


Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere ao mito de que não se deve falar sobre suicídio a um adolescente, pois isso pode aumentar o risco, 92% (67) dos participantes discordaram, 54% (39)

discordaram e 38% (28) discordaram completamente. Entretanto, 8% (6) demonstraram concordar ou não se posicionaram sobre o assunto, e 7% nem discordaram nem concordaram.

Gráfico 25 - Mito 6 sobre Suicídio

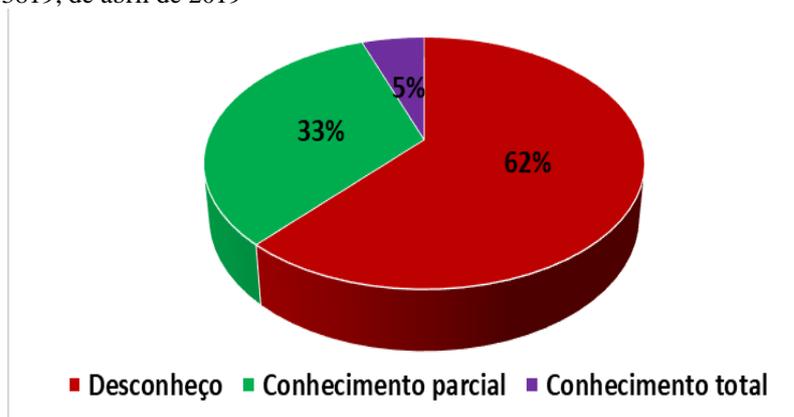


Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre percepção dos docentes com relação aos mitos sobre o suicídio, observa-se o desconhecimento do tema por um grupo de docentes, o que reforça o preconceito e o senso comum. Nos casos em que não há posicionamento (nem discordo nem concordo), o equívoco também prevalece, pois não há postura do docente para lutar contra a desinformação. Nas duas situações é possível observar que o professor, devido a falta de conhecimento, não tem ação consciente com relação ao fenômeno, o que ratifica, portanto, o tabu existente na sociedade.

Ao questionar os docentes se tinham algum conhecimento sobre a Lei que cria a **Política Nacional de Prevenção de Automutilação e Suicídio**, 62% (45) disseram que têm desconhecimento total da Lei; 33% (24), conhecimento parcial; e, 5% (4) demonstraram conhecimento total.

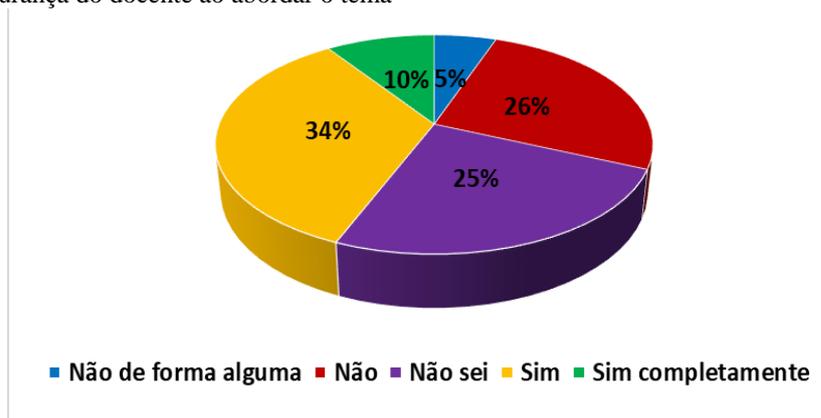
Gráfico 26 - Lei 13819, de abril de 2019



Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto a **segurança dos docentes em abordar o tema com seus alunos**, 44% (32) responderam que se sentem seguros, 10% relataram ter plena segurança. 25% (18) relataram não saber e 31% (23) relataram não se sentirem seguros para abordar o tema, e 5% afirmaram não ter segurança de forma alguma.

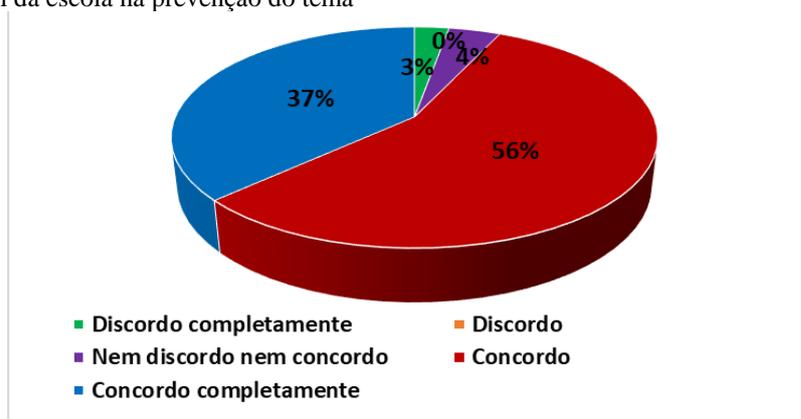
Gráfico 27 - Segurança do docente ao abordar o tema



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao serem questionados se concordam que a **escola tem um papel na prevenção do suicídio**, 93% dos docentes concordaram, 56% (41) concordaram e 37% (27) concordaram plenamente. Contudo, 3% (2) afirmaram que discordam completamente e 4% (3) não se posicionaram (nem concordaram nem discordaram).

Gráfico 28 - Papel da escola na prevenção do tema



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao serem questionados se estão preparados para lidar com um aluno que apresente comportamento autoagressivo, 49% afirmaram não saber, 28% responderam que não, e 23%, que sim.

Gráfico 29 - Preparação do docente para lidar com o fenômeno

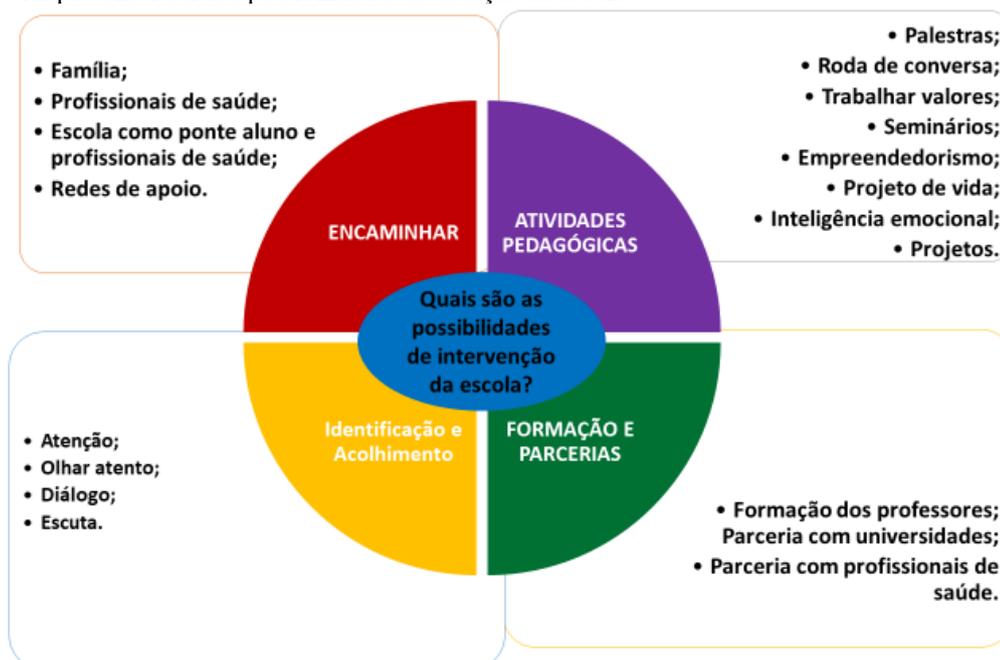


Fonte: Dados da pesquisa.

Diante desses dados, observa-se que os docentes entendem que é papel da escola atuar em relação ao fenômeno; contudo é possível observar também que não se sentem seguros para atender a essa realidade apenas com os conhecimentos adquiridos em sua formação inicial e continuada.

Quando questionados sobre quais seriam as possibilidades de atuação da escola frente ao fenômeno, os docentes citaram diversos aspectos, que foram aqui agrupados em encaminhamento, promoção de atividades pedagógicas sobre o tema, identificação e acolhimento dos alunos e formação com parcerias.

Figura 8 - Mapa conceitual das possibilidades de atuação da escola



Fonte: Dados da pesquisa.

Os professores citaram como alternativas o atendimento da família e o encaminhamento do aluno ao psicólogos e/ou psiquiatras e a outras redes de apoio. O objetivo é que a escola seja uma ponte entre o aluno e os profissionais de saúde.

Apoio psicológico ao aluno e à família (Docente 6).

Encaminhar o aluno para tratamento (Docente 11).

A Escola deve contar com apoio de psicólogos para ajudar os alunos, trazer informações sobre o assunto para os professores (Docente 15).

A escola pode ajudar a detectar o problema e encaminhar o aluno a ajuda competente, como médicos, psicólogos, a família (que pode não ter conhecimento), dentre outros (Docente 21).

Acredito que a escola pode ser uma ponte entre o adolescente e um profissional de saúde, além de atuar dentro da unidade levando palestras e aproximando desse adolescente e família (Docente 24).

A família, terapia e muitas vezes a interação medicamentosa são necessárias para ajudar o aluno a sair dessa situação e permanecer são (Docente 26).

Os professores ressaltaram que seria importante a presença de um psicólogo no espaço escolar, como parte da equipe técnica.

Em primeiro lugar acho que todas as escolas deveriam ter psicólogos para atender todos os alunos. Principalmente os que apresentam qualquer problema social e psicológico, não só ligado ao suicídio. Com isso já ajudaria a diminuir vários problemas e inclusive os ligados ao suicídio (Docente 45).

A identificação dos casos e o acolhimento dos alunos que sofrem do comportamento de violência autoprovocada também se mostrou um possibilidade essencial aos professores pesquisados.

A escola deve criar mecanismos para identificação e informação desses casos. Na minha escola, criei o projeto "Vem que te escuto". Deu muito certo (Docente 39).

O mais importante é ouvir esse aluno e procurar ajudá-lo no que for possível (Docente 26).

Compreensão do tema, atenção e escuta dos alunos, diálogos sensíveis sobre temas que afligem a eles (Docente 18).

A escola cumpre seu papel efetivo de acolher e efetivar a aceitação do indivíduo, bem como busca compreender a sua dor e encaminhar junto a parceiros de serviço para soluções (Docente 23).

A principal atuação é a busca do diálogo, primeiro com aluno, depois com a família. Muitos desses jovens não conseguem ver com quem conversar e pedir ajuda, por isso acabam chegando a extremos, por falta de apoio e tratamento (Docente 64).

Acolher o jovem, conversar, chamar a família para entender o que pode estar acontecendo (Docente 55).

Independentemente das alternativas aqui apresentadas, **importância de falar sobre o tema foi um aspecto muito defendido pelos docentes.**

Outra possibilidade mencionada pelos docentes seria a escola realizar ações pedagógicas voltadas ao tema, como palestras com profissionais especializados, roda de conversa, seminários, projetos e realização de um trabalho com relação a valores, inteligência emocional, empreendedorismo e projeto de vida.

Eu acredito que a escola é um espaço privilegiado para a abordagem de temas que são tabus em outros ambientes, como o familiar e o religioso. Isso porque é um espaço que, ao menos em tese, valoriza o livre debate de ideias e preza o conhecimento (Docente 3).

1) Seminários e palestras de conscientização. 2) Discussão e desenvolvimento de valores. 3) Desenvolver Inteligências emocional, social e relacional. 4) Incentivar projetos de vida e empreendedorismo (Docente 7).

Através de palestras com profissionais capacitados com os alunos (Docente 10).

Muitas!!! Oficinas multidisciplinares como Biologia e Sociologia, em um formato diferente da aula tradicional, sem a pressão por participação, atividades, notas que levem os alunos a buscarem a participação ajudaria bastante na identificação, orientação e combate a essas práticas (Docente 29).

Conscientização através de palestras, projetos, seminários (Docente 20).

A escola tem o papel de informar e discutir o assunto entre os jovens (Docente 56).

Rodas de conversa com grupos de interesse em que conste no máximo DEZ alunos por roda! (Docente 22).

Conscientização da importância da família na vida deste adolescente. Acompanhá-los. Desenvolver temas como autoestima, autoconhecimento, confiança... (Docente 33).

Oferecer um atendimento psicológico para esses alunos. Rodas de conversa e rede de apoio. Palestras ministradas com profissionais da área também seria muito interessante (Docente 46).

Formação dos docentes e parceria com profissionais de saúde foi outro aspecto mencionado pelos professores, nas respostas discursivas. A parceria com os profissionais seria com o objetivo de formação e orientação técnica sobre o tema.

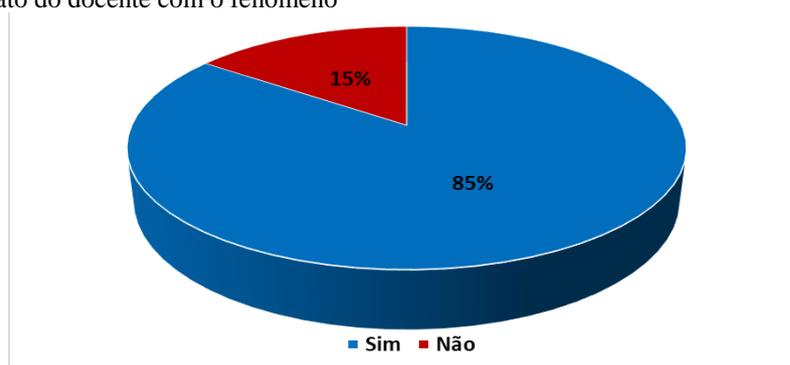
A Escola deve contar com apoio de psicólogos para ajudar os alunos, trazer informações sobre o assunto para os professores (Docente 15).

Alguns docentes disseram não saber como a escola poderia construir, em meio à realidade da violência autoprovocada nos alunos. Outros reforçaram que, diante da condição das escolas e da educação, as possibilidades de atuação eram restritas.

O ambiente escolar pode representar múltiplas possibilidades, porém, com a atual condição de formação dos professores, a intensa carga horária e outros fatores que impedem a constituição de um espaço seguro para o cuidado, temo que as possibilidades de atuação da escola diminuam (Docente 42).

Quanto ao contato dos docentes com uma pessoa que havia apresentado comportamento de autoagressão, a maioria (85%) disse que sim, e somente 15% responderam não.

Gráfico 30 - Contato do docente com o fenômeno



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao perguntar se o docente já havia ou estava lidando diretamente com uma pessoa que apresentasse esse comportamento, 56% afirmaram que não, e 44% responderam sim.

Gráfico 31 - Contato direto do docente com uma pessoa que apresentou um comportamento de autoagressão



Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao questionamento realizado aos docentes sobre **como os professores devem lidar com o fenômeno da violência autoprovocada com seus alunos**, quatro possibilidades foram observadas em seu discurso: encaminhamento, atitude e postura docente, atividades pedagógicas sobre o tema e formação docente (ver Figura 9).

Figura 9 - Mapa conceitual de como o professor deve lidar com o fenômeno



Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos professores relatou que a solução, frente a um aluno se autoagredindo ou demonstrando pensamentos ou falas de ideação suicida, é encaminhá-lo. O primeiro passo do professor é encaminhar à direção ou aos pedagogos da escola, pois entende que eles

poderão tratar do assunto. Após essa ação, o relato é convocar a família. Muitos citam também encaminhamento para profissionais de saúde (psicólogos e psiquiatras) e instituições especializadas.

Deve informar imediatamente à orientação educacional sobre o caso e pedir uma reunião com a família (Docente 5).

Promover diálogo com ele e com a família e, se não tiver embasamento para enfrentar a situação, encaminhar para profissionais capacitados e dar todo o suporte (Docente 7).

Primeiro procurar apoio da equipe pedagógica e diretiva da escola para procurar ajuda de profissionais que possam ajudar esse aluno (Docente 47).

Com carinho e respeito e com apoio da família encaminhá-lo para acompanhamento psicológico num primeiro momento (Docente 73).
No meu contexto, encaminhar para um profissional apto a tratar o assunto (Docente 14).

Incentivaria a pessoa a ligar para o Centro de Valorização da Vida. Para além disso, eu não me sinto preparada (Docente 3).

Outro aspecto muito intenso na narrativa dos professores foi a atitude e a postura do professor frente a essa situação. Palavras como escuta, acolhimento, atenção, diálogo e confiança foram muito utilizadas. A maioria dos docentes afirma que o professor precisa, em um primeiro momento, acolher o aluno, sem julgamentos e preconceitos. Precisa estabelecer um relacionamento de confiança, para que ele saiba que não está sozinho. Precisa ouvir o aluno e conhecê-lo.

Estar atendo, e aberto para acolhida (Docente 13).

Dando atenção, dialogando, mostrando as duas qualidades (Docente 17).

Com muito amor, diálogo, atenção e saber ouvir o aluno. Fazer com que ele se sinta à vontade, seguro e confiante (Docente 20).

A meu ver, o primeiro passo é tentar ganhar a confiança do jovem e, com isso, buscar a possível causa desse sentimento (Docente 27).

Escutar mais o aluno, às vezes, esse aluno só precisa ser escutado (Docente 46).

Com muito carinho, atenção, diálogo, saber ouvir e encaminhar ao pedagógico (Docente 65).

Acolhendo-o, escutando-o. Amenizando suas angústias (Docente 70).

Alguns professores ressaltaram que o caminho “errado” seria o professor observar o comportamento em um aluno e se omitir ou ser indiferente:

O professor tem o papel de tentar ajudar esse aluno de alguma forma, não pode saber e fingir que não sabe (Docente 1).

O professor não deve ser indiferente. Caso não saiba como lidar com a situação, este deve buscar orientação (Docente 39).

Os professores afirmam que **conhecimento/formação é uma necessidade**, para que possam lidar com o tema e acolher o aluno. Entendem que é fundamental ter acesso a formação, buscar conhecimento sobre o assunto e se preparar para essa realidade.

Primeiro devemos buscar muita informação sobre o assunto. O professor pode atuar como um apoiador, orientar a buscar ajuda de profissionais da área, mas o carinho, atenção do professor ajuda muito também (Docente 15).

Tem que estar preparado com alguma formação no assunto (Docente 45).

Só deve ajudar se tiver conhecimento do assunto, se não deverá buscar as informações necessárias (Docente 67).

Nos relatos, algumas ações pedagógicas foram evidenciadas como possibilidades de atuação do professor em relação ao fenômeno. Como exemplos, citaram palestras com profissionais especializados, debate, roda de conversa, conversa sobre casos de superação e projetos. Essas ações teriam como objetivo a discussão de temáticas com as quais os jovens se identificam, para que possam expressar seus pensamentos e sentimentos.

Promoção de conversas em grupo e individual, levar a situação (caso haja condições) a instâncias superiores (coordenador pedagógico, direção, família) (Docente 4).

Deve atuar junto da escola, ouvir o aluno se ele se aproximar, abordar temáticas nas quais os alunos se identificam o possam expressar suas opiniões, sentimentos e percepções (Docente 18).

Trazer textos relacionados a esse assunto e promover debate com seriedade e naturalidade, mesmo não sendo a sua disciplina.... (Docente 41).

Quando questionados se já haviam participado de **formação sobre o tema**, 79% dos professores responderam que não.

Gráfico 32 - Participação em formações sobre o tema



Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere a **formação continuada, promovida pela escola ou pela rede de ensino em que atua**, a maioria dos docentes (79%) afirmou que não participam, e somente 21% responderam sim.

Gráfico 33 - Formação continuada promovida pela escola ou pela rede de ensino em que atua



Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação a **formação continuada realizada com recursos próprios**, a maioria (90%) afirmaram que não a realizam, e somente 10% responderam sim.

Gráfico 34 - Participação em formações sobre o tema com recursos próprios



Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se, a partir desses dados, que o fenômeno se refere a um tema silenciado na formação docente. Apesar das mudanças nas estruturas das licenciaturas, nos últimos anos, a formação está em crise. As licenciaturas ainda estão muito direcionadas para o conhecimento técnico e pouco abordam o contexto prático da atuação docente, os novos desafios desse cotidiano, o conhecimento do que é humano e suas relações, o conhecimento do que é subjetivo, do que é sensível e intuitivo.

Crise no sentido de que fortes questionamentos são colocados quanto a essa formação. Crise porque novas demandas são postas a esses trabalhadores que lidam com a formação do humano e, neste sentido, as tensões não são poucas (GATTI, 2013, p. 52).

Contudo, é esse professor que irá, a partir dos seus conhecimentos e competências, tornar possível a formação do aluno em sua totalidade – social, moral, cognitiva e afetiva – em um contexto sócio-histórico específico:

A educação escolar é uma ação intencional que pressupõe a atuação de um conjunto geracional com outro mais jovem, ou com menor domínio de conhecimentos ou práticas, na direção de uma formação social, moral, cognitiva, afetiva e, num determinado contexto histórico, social e institucional. A ação mais direta, neste sentido, é desenvolvida pelos professores com seus alunos, e são professores, também, os que assumirão outras funções tanto na escola (por exemplo, a direção, a coordenação pedagógica) quanto na rede em geral (supervisão, funções técnicas diversas etc.) (GATTI, 2013, p. 52).

Espera-se do docente a realização de uma formação integral, mas ele é preparado com base em um olhar puramente técnico.

No que se refere ao **acesso a materiais sobre o tema**, 56% afirmaram que sim e 44% responderam não.

Gráfico 35 - Acesso a materiais sobre o tema

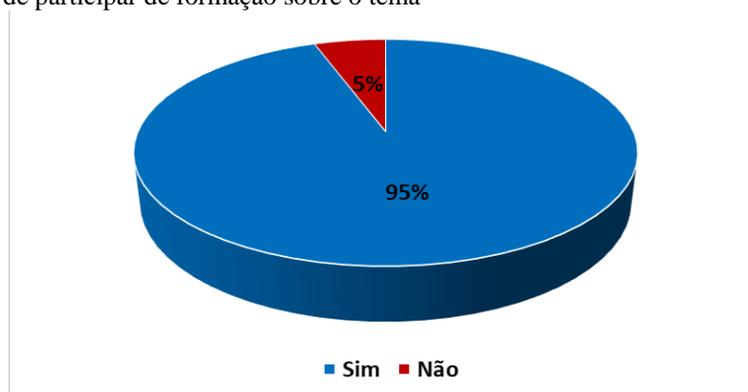


Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados possibilitam perceber que os materiais que estão sendo criados nos últimos anos com relação ao tema não têm chegado aos docentes, o que colabora para que o conhecimento sobre o fenômeno não seja muito expressivo.

Entretanto, ao serem questionados se **gostariam de participar de uma formação sobre o tema**, a maioria (95%) afirmou que sim, e somente 5% responderam não.

Gráfico 36 - Desejo de participar de formação sobre o tema



Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que os docentes desejam participar de formações voltadas ao tema, tanto em sua formação inicial quanto na continuada. Entendem que a formação deve ampliar seu programa para abordar assuntos pertinentes à prática cotidiana do professor, conforme as novas demandas sociais, para dar sustentação a sua futura atuação.

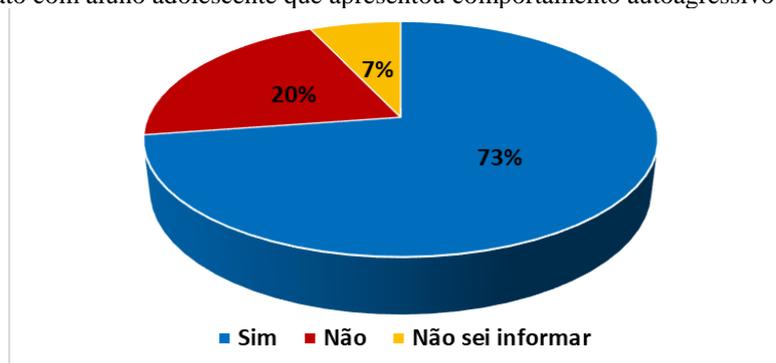
A preocupação com a educação escolar, com a escola, nos reporta a pensar em pessoas, em relações pedagógicas intencionais, portanto, em profissionais bem formados para isso, dentro das novas configurações sociais e suas demandas; profissionais detentores de ideias e práticas educativas fecundas, ou seja, preparados para a ação docente com consciência, conhecimentos e instrumentos (GATTI, 2013, p. 54).

Com relação ao **contato com o fenômeno**, 93% dos docentes afirmaram que já lecionaram para adolescentes que apresentaram comportamento depressivo, 6% responderam negativamente e 1% não soube informar.

Gráfico 37 - Contato com aluno adolescente que apresentou comportamento depressivo

Fonte: Dados da pesquisa.

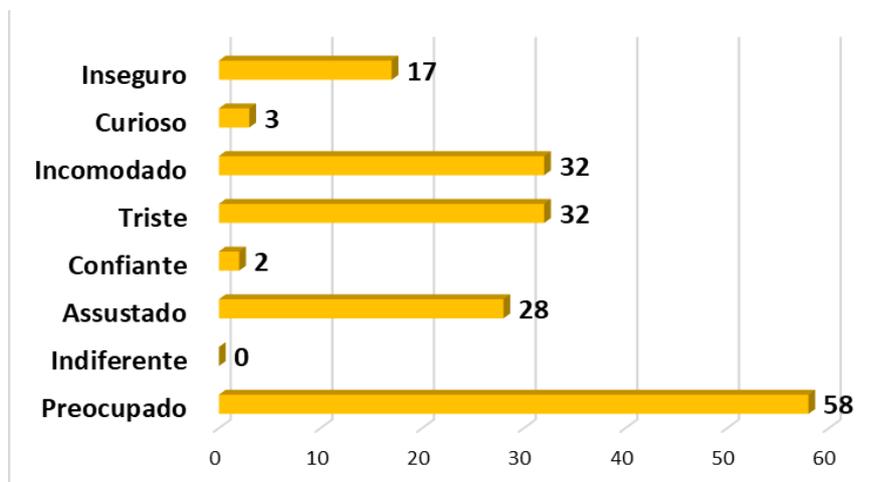
Quando questionados se lecionaram para algum adolescente que apresentou comportamento de autoagressão, 73% afirmaram que sim, 20% responderam não e 7% não souberam informar.

Gráfico 38 - Contato com aluno adolescente que apresentou comportamento autoagressivo

Fonte: Dados da pesquisa.

Para os docentes que responderam que já tiveram contato com adolescente que apresentou comportamento autoagressivo, perguntou-se também como se sentiram: 80% disseram que ficaram preocupados. 44%, que ficaram incomodados e tristes; 38%, assustados; e 23%, inseguros. Três professores afirmaram que se sentiram curiosos frente ao fenômeno, e dois, que se sentiram confiantes. Nenhum professor relatou se sentir indiferente a essa realidade.

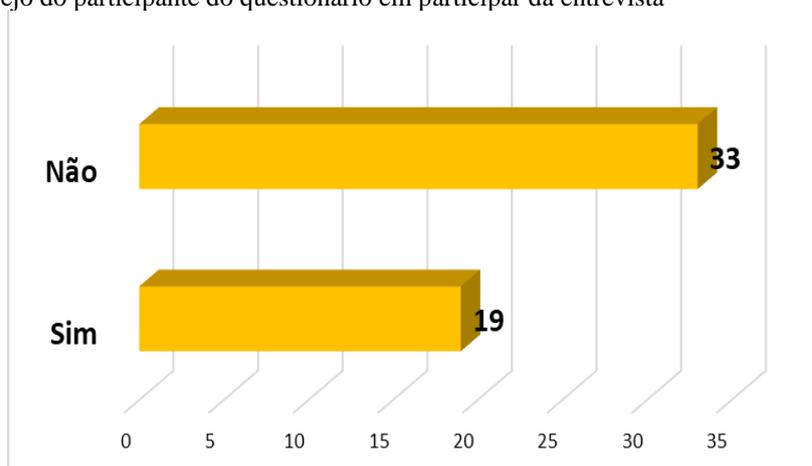
Gráfico 39 - Sentimento do docente quanto ao contato com aluno adolescente que apresentou comportamento autoagressivo



Fonte: Dados da pesquisa.

Para finalizar, os docentes que informaram já ter lecionado para alunos que se autoagrediam foram questionados se desejavam ser entrevistados para relatar sua experiência, para ampliação e aprofundamento da pesquisa: 19 professores (37%) manifestaram-se positivamente.

Gráfico 40 - Desejo do participante do questionário em participar da entrevista



Fonte: Dados da pesquisa.

Os professores que desejaram participar deveriam deixar seus dados para o pesquisador realizar contato e marcar a entrevista. Deram retorno e realizaram a entrevista 12 professores.

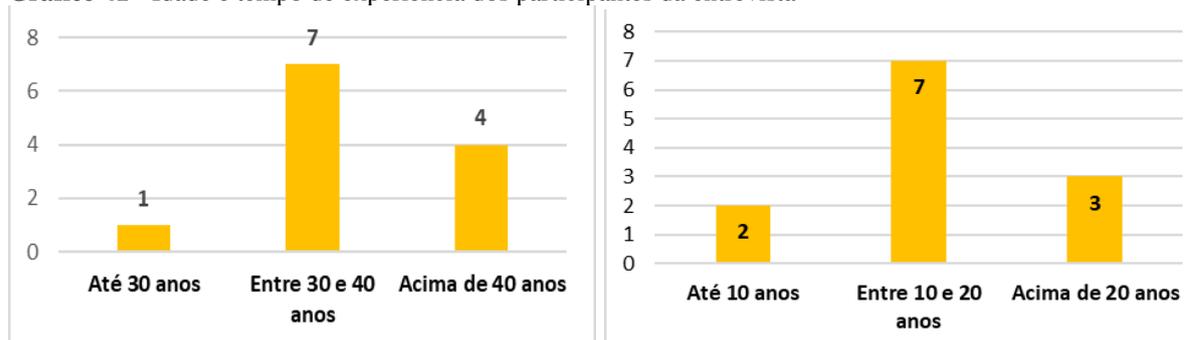
4.2. Resultados das entrevistas

Conforme relatado na seção Metodologia, os participantes que responderam o questionário e relataram ter vivido uma experiência com um aluno que demonstrou comportamento de violência autoprovocada poderiam informar seu desejo de participar da entrevista.

4.2.1 Perfil dos entrevistados

Dos 19 professores que manifestaram desejo de participar, 12 efetivamente realizaram a entrevista. Dos 12 participantes, a maioria (58%) tem entre 30 e 40 anos de idade, 4 têm mais de 40 anos, e somente 1 tem idade inferior a 30 anos. Quanto ao tempo de experiência, 58% dos professores tem de 10 a 20 anos, 3 tem mais de 20 anos e 2, até 10 anos, como pode ser observado no gráfico 41.

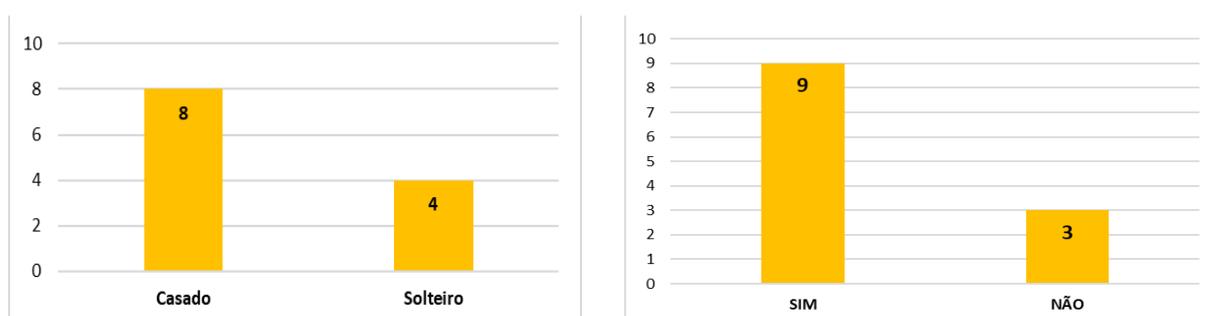
Gráfico 41 - Idade e tempo de experiência dos participantes da entrevista



Fonte: Dados da pesquisa.

Os entrevistados, em sua maioria, são casados (67%) - 8 casados e 4 solteiros, e 75% têm filhos - 9 responderam que sim e 3 responderam que não.

Gráfico 42 - Estado civil e filhos dos participantes da entrevista

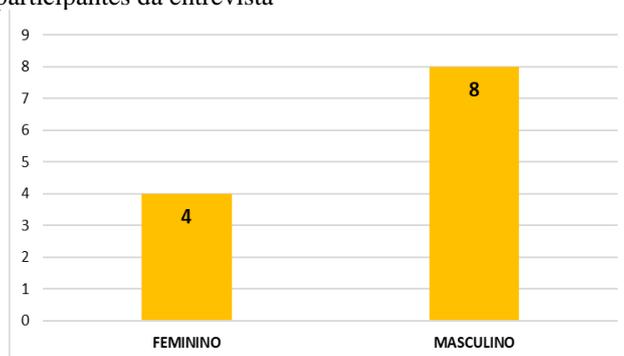


Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao sexo, 67% dos docentes são do sexo masculino: 8 homens e 4 mulheres.

Foi identificado um número maior de professores do sexo feminino na totalidade da amostra dos questionários, contudo nos participantes da entrevista houve predominância do sexo masculino.

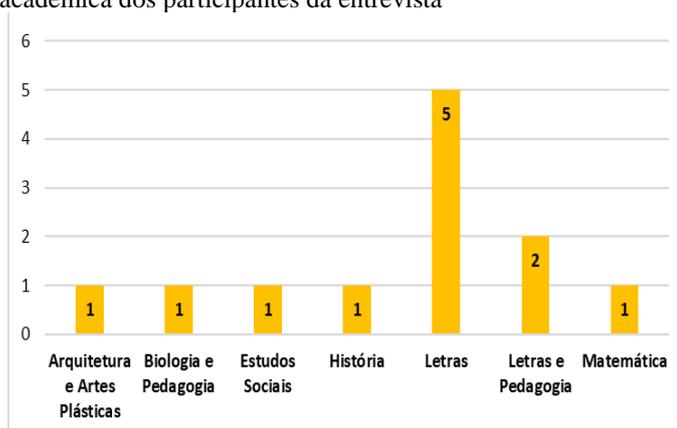
Gráfico 43 - Gênero dos participantes da entrevista



Fonte: Dados da pesquisa

No que se refere a formação, a maioria dos participantes são formados em Letras (lecionando Língua Portuguesa ou Inglês): 5 formados só em Letras e 2 formados em Letras e Pedagogia. As demais disciplinas são representadas por um professor, cada uma delas: Artes, Biologia, Estudos Sociais (Geografia e História), História e Matemática. Dos 12 docentes, 3 declararam ter formação em Pedagogia. Um atua como pedagogo e um outro como diretor de escola, além de atuar como docente.

Gráfico 44 - Formação acadêmica dos participantes da entrevista



Fonte: Dados da pesquisa.

As entrevistas, realizadas pela Plataforma TEAMS, em um tempo médio de 23min e 40 segundos, foram gravadas com consentimento dos entrevistados. Alguns entrevistados não tinham muitas experiências a relatar e se mostravam mais diretos em suas respostas. Outros se

mostraram mais reflexivos, lembrando fatos sobre a escola, os alunos e as experiências vividas, ou realizando reflexões profundas acerca do tema. O tempo de duração da entrevista variou, de 32 minutos, a mais longa, a 10 minutos, a mais curta.

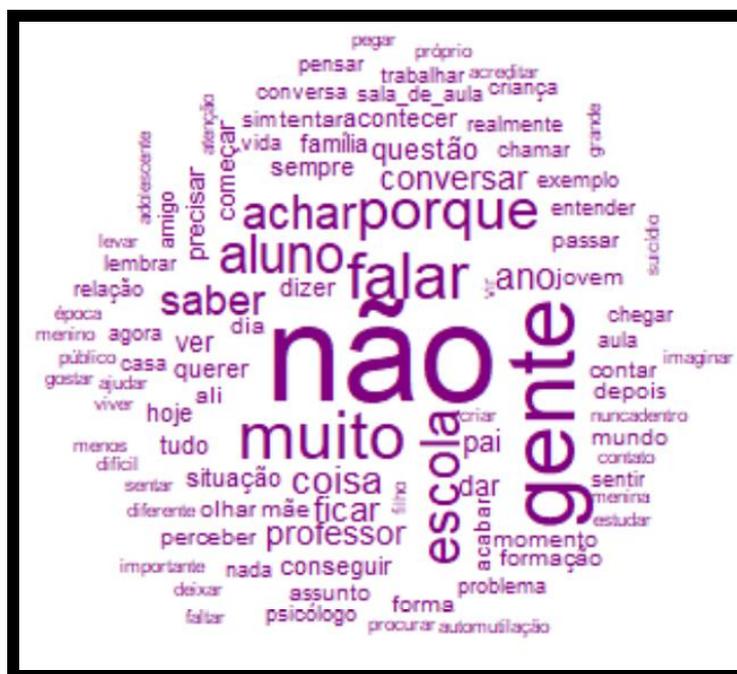
Para analisar o conteúdo das narrativas das entrevistas, conforme descrito em metodologia, utilizou-se o software IRaMuTeQ. Por meio da análise de palavras contidas no *corpus* composto pelas entrevistas transcritas, o software realiza uma análise de palavras e forma combinações por classe e nuvem de palavras.

O *corpus* analisado, composto por 12 textos (narrativas), foi dividido pelo software em 777 segmentos, 3137 formas, 27919 ocorrências, 1985 lemas, 1823 formas ativas, 153 formas suplementares, 664 formas ativas com a frequência ≥ 3 , 35.931789 formas por segmento, 5 classes de palavras e 711 segmentos classificados em 777 (91.51%).

4.2.2 Nuvem de Palavras

Inicia-se a exposição dos dados das entrevistas a partir do IRaMuTeQ com apresentação da Nuvem de palavras (Figura 10).

Figura 10 - Nuvem de palavras



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

A palavra de maior incidência no discurso dos professores, **não**, está no centro da nuvem. Percebe-se, portanto, que o discurso foi permeado pela negativa às questões

apresentadas. Associada às demais palavras próximas ao discurso dos docentes, percebe-se a relação das palavras *não, falar, muito e escola*, que remete à afirmativa de um grupo de participantes de que os assuntos suicídio e automutilação (violência autoprovocada) não são abordados no espaço escolar e na sociedade, o que reforça o tabu existente sobre o tema. Ao combinar as palavras *precisar e começar*, os docentes mostram o caminho a ser seguido: é preciso começar a falar do assunto. *Sim e vida*, associadas às palavras *trabalhar, conversa, pensar, acreditar*, complementam esse sentido e reforçam a necessidade de conversar e trabalhar sobre o tema nas escolas, para mobilizar o jovem a pensar, a acreditar e dizer sim à vida.

Outra palavra que chama a atenção é *gente*, que remete a humano, pessoas, aborda questões emocionais, os sentimentos. O tema apresentado provoca reflexões e lembranças de histórias, experiências, relacionamento entre pessoas (alunos e professor), e também questões voltadas à existência humana.

Ao associar as palavras *aluno, falar, porque, achar, saber, conversar*, observa-se a inquietude dos docentes em entender os motivos que levam um aluno a cometer violência autoprovocada. Há necessidade de conversar com o aluno, levá-lo a falar sobre suas dores, para que o professor possa entendê-lo e ajudá-lo, de alguma forma.

Os sujeitos presentes no discurso dos docentes, *pai e mãe, aluno, adolescente* ou *jovem, professor, psicólogo e amigo* são todos relacionados às suas experiências.

As palavras *questão e problema*, que aparecem de forma mais tímida, na nuvem de palavras, remetem ao tema, pois a violência autoprovocada é uma questão, um problema presente na sociedade e no espaço escolar.

Já as palavras *sala de aula, aula e acontece*, quando associadas, relacionam-se ao ambiente onde essa violência foi praticada ou onde a questão surgiu para o docente.

É observada a relação existente entre as palavras *professor, conseguir, perceber, situação*. O conceito presente nessa combinação está associado à fala dos professores com relação ao desejo de conseguir perceber quando essa situação, da violência autoprovocada, acontece.

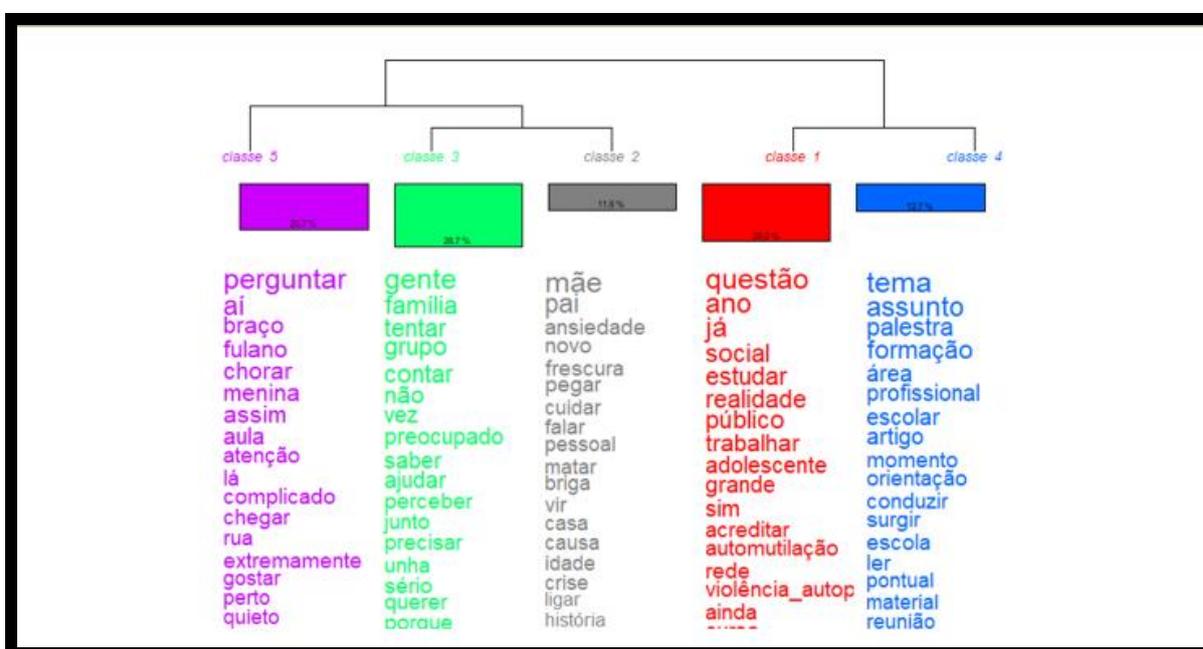
As palavras *assunto e psicólogo* remetem ao conceito de que esse assunto, violência autoprovocada, seja especificamente ligado ao profissional de psicologia. Quando se acrescenta a palavra *procurar*, a relação é com o encaminhamento do aluno que apresenta esse comportamento ao psicólogo.

No que se refere às palavras *momento, formação, estudar e problema*, observou-se a necessidade, apontada pelos docentes, de momentos de estudo e formação sobre o tema.

4.2.3 Classes de Palavras

Além da nuvem de palavras, o software IRaMuTeQ analisou o *corpus* das entrevistas também por meio da Classificação hierárquica descendente. Na análise proposta perceberam-se cinco classes de palavras, organizadas por agrupamentos temáticos. Esses agrupamentos estão relacionados ao tema de formas diferentes e relacionadas. Ao analisar as classes de palavras e sua associação, tem-se um amplo olhar sobre os conceitos presentes no discurso dos docentes com relação ao fenômeno.

Figura 11 - Classificação hierárquica descendente



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

De acordo com as categorias levantadas a partir da análise da Classificação expressa na classificação hierárquica descendente, as cinco classes foram denominadas:

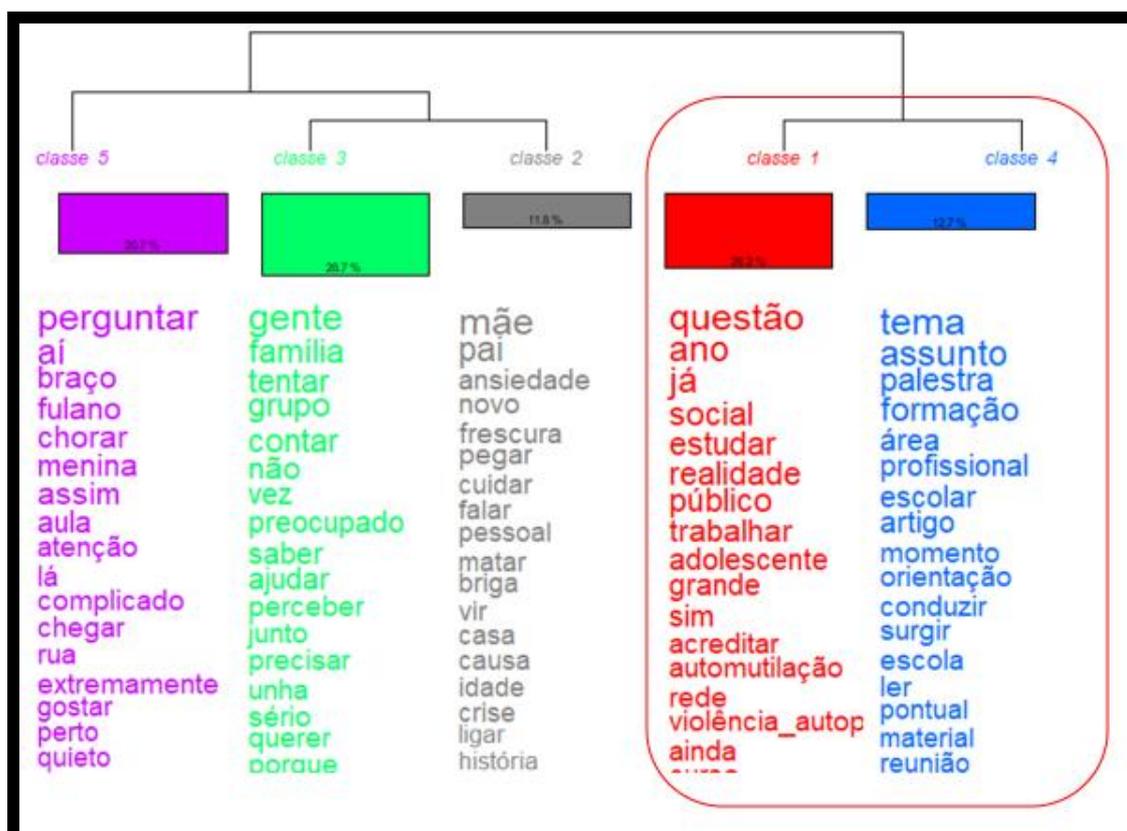
- Classe 1- Contexto Social;
- Classe 2- Contexto Emocional;
- Classe 3- Contexto Familiar;
- Classe 4- Formação Docente; e
- Classe 5- Redes de Apoio.

Há uma associação entre as classes. Todas estão conectadas ao tema central da pesquisa. Entretanto, a partir do dendrograma observou-se uma relação entre elas; guardam

similaridades em relação a seus agrupamentos de palavras. Diante desse contexto, a análise que segue é apresentada nessa ordem, para melhor entendimento.

As classes 1 e 4, conforme figura 12, guardam similitudes em suas composições, sendo respectivamente as que estão voltadas ao contexto social e à formação docente:

Figura 12 - Classes de palavras 1 e 4 associadas

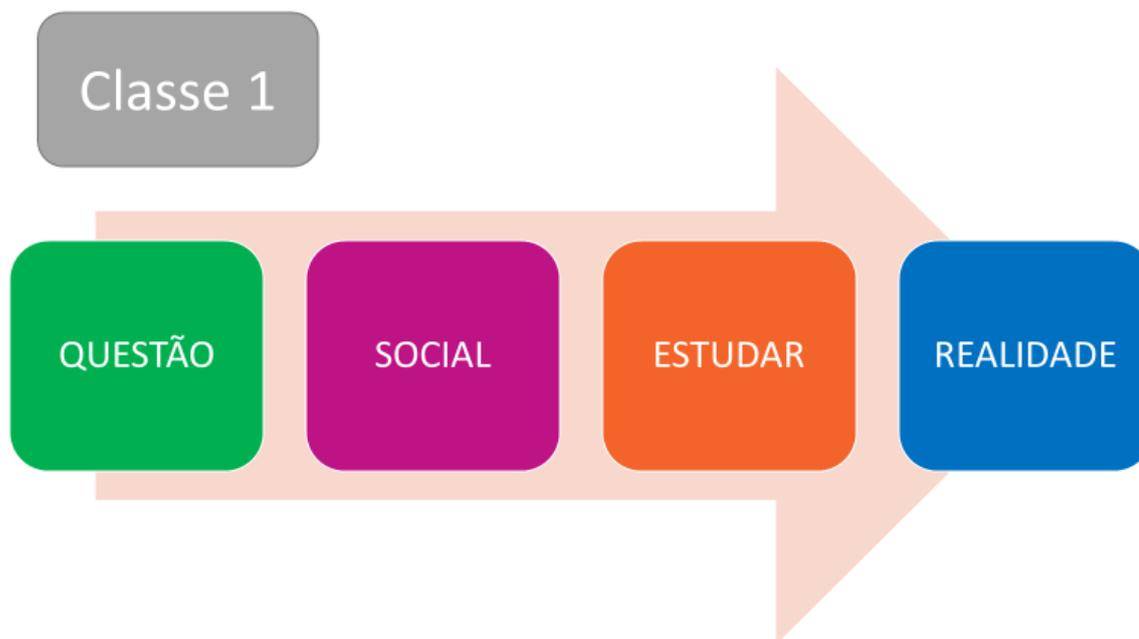


Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

4.2.3. 1 Contexto Social

A primeira Classe de Palavras é formada pelas palavras *questão*, *realidade*, *social* e *estudar* (ver Figura 13).

Figura 13 - Classe de palavras 1



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

O palavra *ano* foi excluída da análise por não representar significado que contribua para entendimento sobre o tema. A palavra foi citada no discurso dos docentes quando se referiam ao ano do ocorrido, ao ano passado, e à turma do aluno (todos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio). Na análise não foram encontradas relações consistentes para serem exploradas no estudo.

Ao associar as palavras citadas na classe, observa-se que o conceito central da classe se refere ao fato de o fenômeno ser uma questão presente, uma realidade no cotidiano do professor, no contexto escolar e social. Para lidar com essa realidade, é necessário estudar e buscar conhecimento.

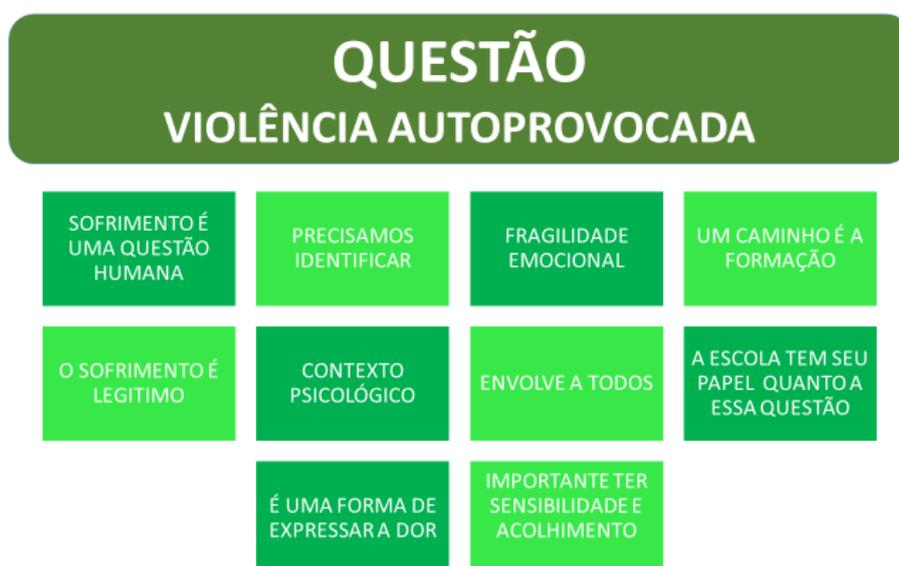
Está falando do segundo estado mais rico da nação que seria assim um absurdo a gente estar falando sobre questões onde a gente ainda não saiba abordar um jovem que tenha pensamentos que não condiz com que a maioria pensa digamos assim (Docente 6).

Eu acho pertinente a formação até vontade eu tenho, mas ultimamente está bem difícil para mim a questão de achar um tempo para eu conseguir me apegar a mais alguma coisa (Docente 4).

Na palavra *questão* percebe-se que o conceito remete às questões que hoje os adolescentes estão vivendo e que diante delas estão sofrendo. Interpretando a fala dos

docentes, tem-se que o sofrimento é visto como uma questão humana que precisa ser entendida e que é legítima no contexto do adolescente. Para os docentes, os jovens vivenciam hoje grande fragilidade emocional, apresentam comportamento de autoagressão como forma de expressar suas dores e vulnerabilidades. Os docentes relataram que a escola tem seu papel na prevenção e posvenção quanto ao fenômeno, e que esse papel envolve a todos. Um dos caminhos para essa atuação da escola é a formação docente, base para que os professores possam identificar os casos, acolher e ajudar os alunos.

Figura 14 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 palavra questão



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

Com base na Figura 14 é possível observar a amplitude e a complexidade que o conceito apresenta no discurso dos professores, abrangendo o tema de forma multifatorial.

Em alguns momentos, a palavra *questão* foi utilizada para identificar o fenômeno, a violência autoprovocada, o suicídio e a automutilação, como uma realidade presente.

É uma **questão** que envolve todas as classes sociais todos os nichos independentes de qual seja, então assim a gente conta casos desde pessoas que tenham uma condição financeira alta e conseqüentemente a nível social acadêmico (Docente 6).

Uma situação muito parecida eu vivi na escola pública, principalmente no que diz respeito à **questão** de corte de pulso, porque eu acho que é uma forma relativamente fácil que eles têm de poder se automutilar (Docente 6).

Gente, houve muitos lamentos das crianças, a gente fica sabendo, não pelo próprio aluno, que às vezes ele tem a **questão** da automutilação, já fiquei

sabendo por outros colegas de suicídio em outras redes, como em Resende, há 3 anos atrás (Docente 4).

Eles se abriram para mim nessa **questão** da automutilação como sendo a única forma deles extravasarem essa dor que eles sentiam e que não conseguia (Docente 9).

A **questão** da ideação suicida do suicídio também é uma realidade sem dúvida alguma bastante, porque até conversando essa semana com os próprios alunos do oitavo e nono ano que a gente está trabalhando um texto sobre adolescência, e o jovem, ele sente tudo com muita intensidade, né? (Docente 7)

Mas o jovem tem essa **questão** de não ter futuro, né, ele não vê isso, mas você lembra, eu, por exemplo, fui muito pobre, mas eu tinha certeza que se estudasse ia me dar bem, assim nesse sentido de ter emprego (Docente 12).

Outro aspecto da palavra **questão** consiste no motivo que levaria um adolescente a desenvolver o comportamento autoagressivo.

Figura 15 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 - palavra questão – motivo para a questão



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

Conforme Figura 15, os motivos seriam multifatoriais, como bullying, problemas emocionais, angústia, sentimentos de inferioridade, problemas com a família, questões voltadas à sexualidade, violência, dificuldade financeira, entre outros.

Acho que até essa **questão** do bullying, de uma forma geral da **questão** do capital dessa onda da gente ter mais em vez de ser mais, a gente está numa busca gigantesca por autoidentidade, você nunca se aceitar propriamente dito (Docente 6).

São adolescentes com uma falta de paciência, eles não conseguem ir de degrau a degrau, e aí às vezes vai para o mundo das drogas, e a própria **questão** emocional de não conseguir lidar com os problemas e partir para esse ponto da automutilação direta (Docente 8).

A gente não fala da palavra suicídio, mas a gente falou, se você está se sentindo oprimido com alguma coisa, tem uma **questão** de angústia, aí o psicólogo explicou o que que era angústia (Docente 12).

Mas na **questão** mental, na **questão** da pessoa se achar feia se achar gorda e querer ser antissocial por achar que as pessoas não vão gostar dela, eu acho que isso tudo acaba sendo de uma certa forma algum tipo de mutilação, seja ela física ou seja ela mental (Docente 6).

E aí a mãe discutia com o pai na minha frente, também tinha uma **questão** de homossexualismo do garoto mal resolvida, e aí um dia eu vendo que o menino tentou mesmo se ferir lá no banheiro (Docente 12).

Ele cita sobre o suicídio altruísta, são três tipos de suicídios diferentes, mas como a nossa sociedade é muito dinâmica eu acho que nos leva hoje a já ter outros motivos para pessoa cometer esse ato que não necessariamente seja somente uma **questão** de violência (Docente 6).

Por que que você está assim, e ele diz, não, meus pais se separaram e aí tá brava a **questão** de dinheiro lá em casa, não está dando (Docente 6).

Que ali pegava uns de 16 anos e tinham uns de 20 e tal ali nessa faixa de jovem eu acho que eles trazem muito isso eu não cheguei a ver e nem vivenciar automutilação, mas essa **questão** de confusão dos sentimentos (Docente 12).

Não só a **questão** financeira, mas emotiva também estava se matando porque é a morte desafio do jogo não é a morte da depressão digamos assim (Docente 5).

Figura 16 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 palavra questão – possibilidades para a questão



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

A palavra **questão** trouxe luz ao discurso dos docentes e à análise das possibilidades frente ao fenômeno da autoagressão, conforme demonstrado no mapa conceitual (Figura 16). Para os docentes, os caminhos para enfrentar essa realidade são proximidade, diálogo, formação, aconselhamento com outros professores, presença do psicólogo na escola e parceria com as famílias.

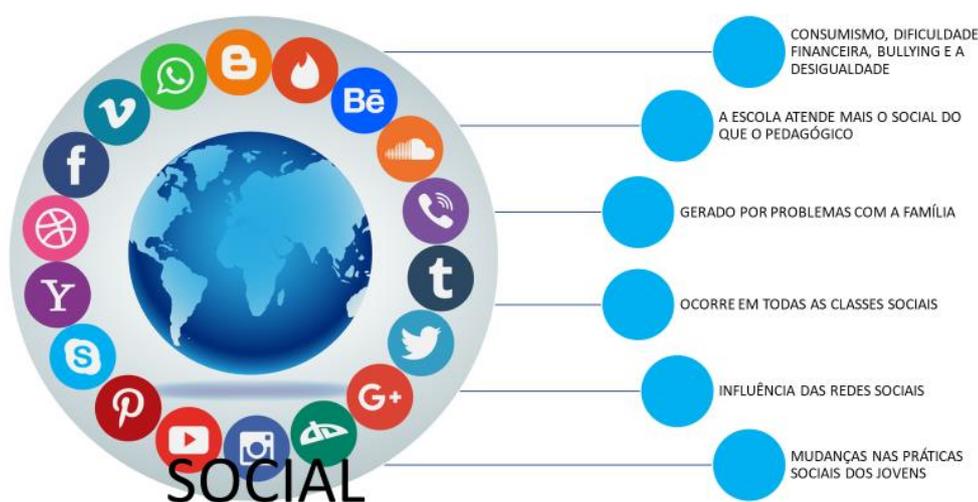
Porque é tanta coisa que está surgindo que a gente não sabe, eu não, como vai ser o procedimento com a **questão** de psicólogos na escola, mas eu acho que é viável, eu acho que precisa de psicólogos nas escolas (Docente 3).

No máximo que a gente pode fazer é levar ela, **questão** de orientação, para fazer a comunicação com os pais, mas o máximo é isso, eu acho, que no caso dos professores e da escola em si (Docente 4).

A gente entendeu que esse período foi um período que tinha vários grupos que a gente não conhecia, eu não tinha contato com criança dessa idade, então eu não sabia, e esses pais souberam por conta dos filhos, porque também eu vejo que é uma **questão** de diálogo (Docente 3).

A palavra **social**, muito frequente na narrativa dos docentes, apareceu no contexto da reflexão sobre os motivos pelos quais os adolescentes apresentam um comportamento de autoagressão. No entendimento dos docentes, os motivos estariam associados a diversos aspectos relacionados ao contexto da sociedade atual, conforme mapa mental apresentado na Figura 17.

Figura 17 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 - palavra social



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

Eu acho que a questão **social** passa a ser muito maior porque até mesmo quando Durkheim ele cria a teoria do suicídio ele é o primeiro sociólogo a estudar os motivos que levam as pessoas a cometerem suicídios (Docente 06).

O consumo foi apontado como um contexto intenso na vida dos jovens, causado pela sociedade capitalista e desigual em que vivem. No entendimento dos docentes, o jovem é estimulado, pelas mídias e pelas redes sociais, a ter, e não a ser. Como ele não detém o poder de compra e, por vezes, vive em condição financeira desfavorável, seus desejos de posse de algum item é frustrado, e essa seria a causa de seu sofrimento emocional.

Então você imagina, só existe o mundo desejável e o mundo vivível, o mundo que a gente vive a projeção do mundo desejável é cada vez maior através das mídias, através das redes **sociais**, de modo geral (Docente 11).

O consumismo, de um modo geral as marcas, e eu digo assim que, por exemplo, as redes **sociais**, e eu falo pessoalmente, quanto mais nós nos desligamos desse mundo que nós projetamos (Docente 11).

Então eu acho que hoje o problema está no contexto **social**, desigualdade **social**, família, os alunos não têm aquela coisa em casa, por exemplo, que eu tive (Docente 1).

O mundo **social** que o mundo projeta, o mundo perfeito, o mundo da maquiagem perfeita da foto da comida, o mundo do consumo pleno das pessoas felizes na piscina no feriado, e as pessoas realizadas profissionalmente economicamente falando, quanto mais a **gente** visualiza isso, traz muita frustração (Docente 11).

O bullying, que foi citado de forma pontual na fala dos professores, seria um causa desse contexto. O jovem não atenderia ao padrão esperado pelos grupos sociais, por não possuir o que os adolescentes desejam hoje, e/ou não teria a aparência física esperada/desejada. Essas “faltas” seriam o motivo de seu sofrimento e da prática de violência autoprovocada.

Eu acho que vai muito do olhar do profissional que está à frente tomar conta do *bullying*, mas eu acho que a maior parte dessa coisa de automutilação, de pensamento suicida, vem muito de casa, contexto **social**, base familiar (Docente 1).

Acho que até essa questão do bullying de uma forma geral da questão do **social**, do capital, dessa onda da gente ter mais em vez de ser mais, a gente está numa busca gigantesca por autoidentidade, você nunca se aceitar propriamente dito (Docente 6).

O aspecto mais evidenciado na fala dos docentes está relacionado à família. Os conflitos familiares são, para eles, um motivo recorrente para a prática da autoagressão em jovens. Eles também ressaltaram que o fenômeno da violência autoprovocada ocorre em todas as classes sociais.

É uma questão que envolve todas as classes **sociais** todos os nichos independentes de qual seja, então, assim a gente conta casos desde pessoas que tenham uma condição financeira alta e conseqüentemente a nível **social** acadêmico (Docente 6).

Nesse contexto, as redes sociais exerceriam grande influência, não só discriminando os padrões dos grupos sociais a que os jovens desejam pertencer, mas também disseminando a prática da violência autoprovocada, o que os incentiva a realizar a autoagressão.

As redes sociais seriam também um canal para que o adolescente em sofrimento pudesse conversar com os professores, conforme afirma o docente 7:

E depois a aluna ela ainda conseguiu me achar nas redes **sociais**, a gente conversou um pouco (Docente 7).

Não foi pessoalmente, mas no *Facebook*, ele veio e encheu o meu *Messenger* de um monte de mensagens, realmente por causa dessa carência que ele tinha e a **gente** percebe cada vez mais nos alunos (Docente 7).

E depois ela ainda conseguiu me achar nas redes sociais, a **gente** conversou um pouco, aí teve um dia que eu pedi a eles para fizessem um trabalho de declamação de poemas e ela me perguntou (Docente 7).

Outro aspecto abordado pelos docentes é o fato de as práticas sociais dos jovens serem muito diferentes das que os docentes vivenciaram. Esse seria um ponto a ser observado, pois hoje os jovens são pressionados por resultados, têm contato intenso com a tecnologia e com o mundo online, são educados de forma diferente.

Eu já refleti porque os jovens estão apresentando esse comportamento de violência autoprovocada não só refletindo como observando os próprios filhos e a consideração é que houve uma mudança muito grande nas práticas **sociais** dos adolescentes (Docente 5).

Quanto ao contexto escolar como Instituição social, os docentes refletem sobre seu papel frente ao fenômeno. Relatam que a escola atende primeiramente ao aspecto social para depois garantir o trabalho pedagógico (acadêmico), para conseguir êxito em sua atuação como

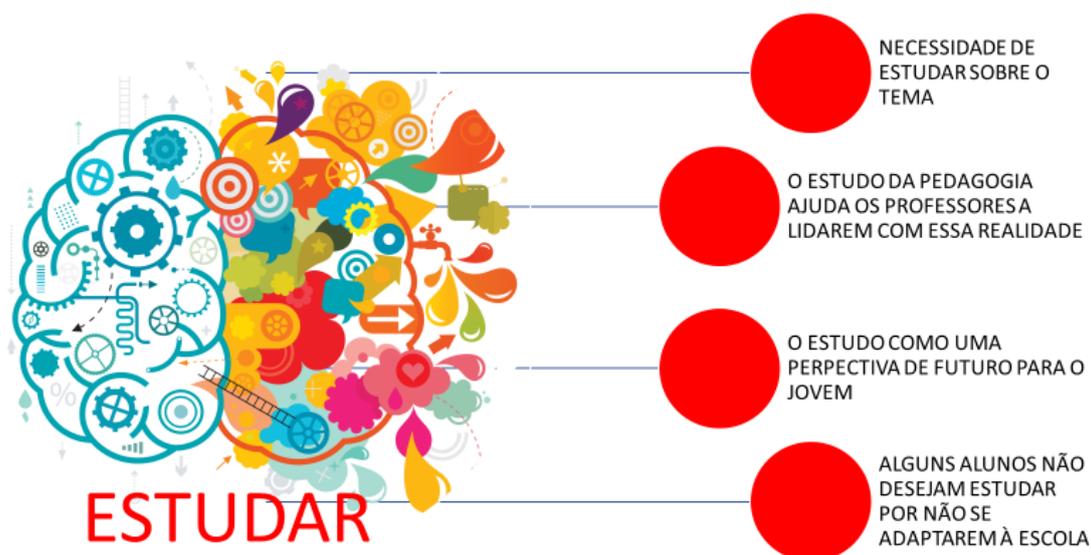
instituição de ensino. Esse olhar foi evidenciado de forma contundente pelo docente 6, que tem formação em Sociologia e História:

Então, muitas vezes principalmente na escola pública, a gente faz o trabalho às vezes mais **social** do que pedagógico, eu acredito que seja muito essa questão (Docente 6).

Eu falo assim, todos nós estamos aqui por uma questão pedagógica, mas acho que a sala de aula ela é o **social**, primeiro o **social**, depois é o pedagógico (Docente 6).

Não adianta eu querer fazer com que os meus alunos entendam a minha matéria se eles estão passando por alguma situação **social** que não vai ter cristo que vai fazer com que eles aprendam, entendeu? (Docente 6).

Figura 18 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 - palavra estudar



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

No que se refere à palavra *estudar*, os conceitos a ela associados em geral foram relacionados à necessidade de o professor estudar o fenômeno, devido a sua relevância no contexto escolar e à gravidade de sua ocorrência entre os jovens.

Então não sinto nenhum constrangimento e nem nenhuma dificuldade para conversar sobre o assunto não, como eu te falei, eu nunca **estudei** sobre esse assunto, mas como você tendo contato com adolescente e às vezes você até vendo alguns programas (Docente 17).

Em alguns casos, os docentes referiram interesse em estudar o tema porque haviam tido contato com um jovem que apresentava esse comportamento.

E esses casos que eu tive contato foram mais específicos de automotivação, os casos de suicídio quando acontece os alunos não dão pistas, a gente já teve lá vários alunos teve um caso recente na cidade, mas por isso que eu comecei a **estudar** esse jogo baleia azul (Docente 5).

Os docentes também afirmaram que os professores que cursaram a graduação em Pedagogia teriam mais conhecimentos sobre o tema, porque estudaram Psicologia da Educação.

Então nessa hora eu até falo que a pedagogia me ajuda muito porque a gente **estuda** a psicologia, né, então a pedagogia acaba me ajudando mais nesse sentido, porque eu acho que a gente realmente precisa para trabalhar com adolescente hoje não tá fácil (Docente 2).

Outro aspecto evidenciado sobre a palavra *estudar* está relacionado ao aluno. Antigamente o estudo seria, nessa perspectiva, uma ponte para um bom futuro, possibilitaria boas oportunidades, mas o cenário atual não é mais assim. Na visão dos docentes, hoje os alunos não têm perspectiva de obter um bom futuro por meio do estudo e da educação, como afirma o docente 12:

Mas o jovem tem essa questão de não ter futuro, né, ele não isso mas você lembra eu, por exemplo, fui muito pobre, mas eu tinha certeza que se **estudasse** ia me dar bem, assim nesse sentido de ter emprego (Docente 12).

Eu sou muito sensível a esses dramas dos meninos, dos alunos, porque o nosso tempo hoje é um tempo diferente do nosso, né, em que a gente **estudando** a gente tinha certeza que iria ter futuro (Docente 12).

Além desse contexto, os professores entendem que alguns alunos praticam a violência autoprovocada por não se sentirem adaptados, não se sentirem parte da escola em que estudam. O exemplo foi relatado pelo docente 9, que se referiu a uma escola de “elite”, na qual dois alunos carentes não se sentiam incluídos.

Um desses jovens no final daquele ano saiu dessa escola e eu não tive mais contato, não consegui mais saber como que ficou depois, porque ficava evidente que nenhum dos dois gostavam da escola, eles não queriam estar **estudando** ali (Docente 9).

E esses dois jovens eles eram muito fora desse padrão, então se sentiam muito excluídos nessa escola, e dava a entender para mim que eles não queriam **estudar** ali, que eles não se sentiam bem em estar ali um tinha ao outro (Docente 9).

Figura 19 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 - palavra realidade



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

A palavra *Realidade* surgiu para afirmar que a violência autoprovocada é uma realidade no contexto dos participantes, assim como na sociedade. Alguns relatam ser mais comum em escolas públicas, e outros, em escolas particulares, e outros, ainda, em escolas localizadas na periferia.

Sim, a violência autoprovocada é uma **realidade**, com certeza (Docente 6).

A questão da droga eu tenho vários alunos usuários, enfim, que infelizmente estão nesse meio ex-alunos assassinados, eu tenho alguns alunos nossos que foram presos dentro dessa **realidade** (Docente 8).

Ao mesmo tempo, se você pega escolas um pouco mais afastadas, como era a minha, por exemplo, a **realidade** é completamente diferente, então acredito que essa questão de você estar trabalhando com famílias que moram mais próximas do centro (Docente 6).

Com certeza a violência autoprovocada é uma **realidade**, é sim, eu acredito que ela seja até mais comum no ambiente particular do que no público (Docente 4).

Sim, percebo que a violência autoprovocada é presente com certeza muito mais na **realidade** (Docente 2).

A questão da ideação suicida do suicídio também é uma **realidade** sem dúvida alguma bastante, porque até conversando essa semana com os próprios alunos do oitavo e nono ano que a gente está trabalhando um texto sobre adolescência, e o jovem, ele sente tudo com muita intensidade, né? (Docente 7)

Entretanto, para observar o fenômeno nos jovens, os professores precisam conversar com os alunos, se possível em pequenos grupos ou individualmente, pois no coletivo, na rotina diária exaustiva de aulas, conteúdos e avaliações, os alunos não expõem esses pensamentos e comportamentos.

Sim, a violência autoprovocada é uma **realidade**, percebo isso principalmente quando a gente tem oportunidade de conversar com aluno porque, dependendo da matéria, língua portuguesa, por exemplo, a preocupação é tão grande com o conteúdo que a gente acaba não tendo tempo ou instrumento para perceber (Docente 5).

Os professores afirmaram que se sentem preocupados com essa realidade, por não terem conhecimento e/ou recursos para ajudar seus alunos.

Principalmente no ano de 2018 que isso foi muito forte também na minha **realidade**, e a gente se sente muito provocado então em cima dessa sensação de provocação de preocupação que eu tive eu comecei (Docente 12).

Eu acho mais fácil a gente atuar como uma forma de percepção melhor da **realidade** porque não tem como você falar, creio que um professor não consiga fazer esse trabalho psicológico porque não tem informação para isso (Docente 4).

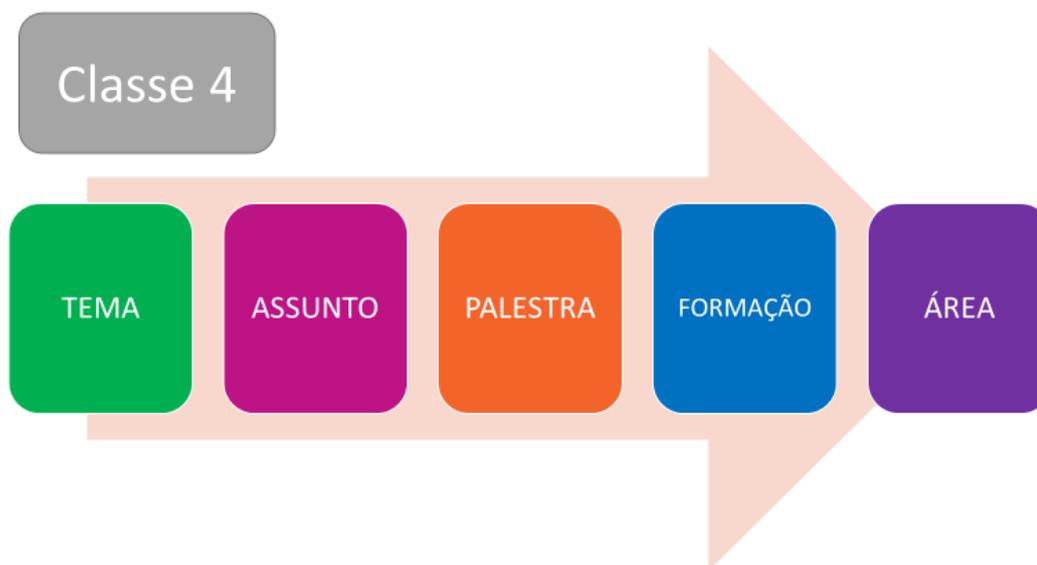
Quanto ao aluno que se autoagride, os professores reforçaram a importância de os docentes conhecerem os alunos, suas histórias e realidades, para poderem perceber e identificar qualquer sinal de sofrimento.

Aí eu ficava pensando na minha situação, que eu falo, poxa às vezes eu falo você tem família e eu realmente não conheço a **realidade** dele (Docente 4).

4.2.3. 2 Formação Docente

Na quarta classe, as palavras *tema*, *assunto*, *palestra*, *formação* e *área* foram associadas (Ver Figura 20).

Figura 20 - Classe de palavras 4



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

Ao abordar a palavra *tema*, os docentes referiram a violência autoprovocada (automutilação, ideação e tentativa de suicídio e suicídio consumado). Entendem que o tema é pertinente e real na sociedade atual e no contexto escolar.

São **temas** pertinentes que devem ser martelados, creio que a gente não deixar de falar é muito importante já (Docente 11).

Tá na moda ficar com depressão, as pessoas falam isso que é a moda, hoje é depressão é a doença do século 21, que eles falam, então eu acho que seria interessante sim abordar esses tipos de **temas** na escola com os pequenos também (Docente 1).

Desse momento fora de sala de aula, onde a **gente** às vezes consegue sair um pouquinho da sala dos professores e se ambienta um pouco mais no universo do aluno, eles expressaram (Docente 9).

Ao serem questionados quanto a sua segurança para falar sobre o tema com seus alunos, um grupo relatou que se sente à vontade, mas a maioria afirmou que não se sente segura. Alguns alegaram que não receberam, sobre esse tema, formação e orientação específica de profissionais da área.

Não me sinto seguro para falar sobre o **tema** até mesmo por uma característica minha de não vou falar de uma coisa que envolve outras áreas da ciência, envolve questões emocionais envolve até a questão (Docente 11).

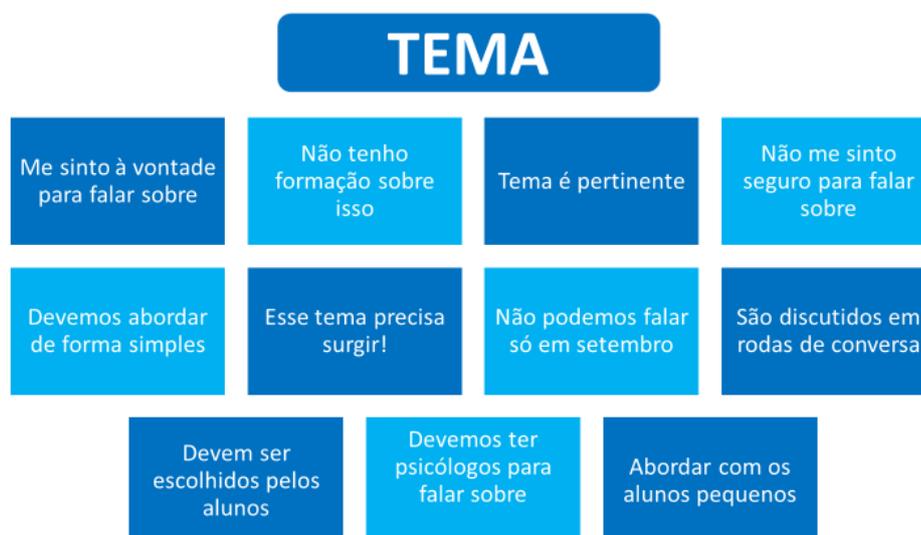
Com eles eu me sinto assim até bem à vontade para falar sobre esse **tema** por causa da empatia que eu tenho por eles, eu também tenho filhos adolescentes, hoje adolescentes, mas eu sempre tive essa coisa de estar bem próxima aos alunos (Docente 7).

Eu acho que eu me sentiria seguro em abordar o **tema**, eu acho que sim, graças a deus eu sempre tive muito contato com os meus alunos, eu acho que eu tenho uma abordagem fácil de lidar com eles (Docente 10).

Não, nunca tive formação sobre o **tema**, nem na faculdade e nem como formação continuada nas escolas que atuo (Docente 4).

Percebe-se, nos relatos, que os docentes têm disposição para abordar o tema, mas que necessitam de conhecimento e formação.

Figura 21 - Mapa conceitual Classe de palavras 4 - palavra tema



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

Sobre a abordagem do tema no espaço escolar, alguns professores afirmaram que ele é trabalhado em alguns escolas no mês de setembro, devido à campanha “Setembro Amarelo”, mas entendem que há necessidade de ampliar esse assunto em diversos momentos.

Tanto que a primeira vez que eu ouvi falar de Setembro Amarelo acho que foi lá [...] tem pelo menos 5 anos, então eu acho que são **temas** pertinentes, não só para serem trabalhados só em setembro... em outras datas (Docente 11).

Dentre as possibilidades de atuação dos professores, eles afirmaram que esse tema precisa surgir na escola, que deve haver ter espaço para essa temática, que ele pode ser trabalhado em rodas de conversa e projetos, de forma simples e desde os alunos pequenos.

Então eu acho que a gente precisa primeiro criar um espaço, e esse espaço obrigatoriamente precisa ter o trabalho do professor como um captador, porque o **tema** precisa surgir, que é o que eu acho difícil hoje (Docente 7).

Eu acho interessante se houvesse mais projetos na escola para trabalhar esse tipo de **tema**, de abordar de uma maneira mais simples, porque eles são pequenos para que eles possam entender (Docente 10).

Outra sugestão é que sejam convidados profissionais de saúde (psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais) para abordagem do tema com pais, alunos e professores, e que os conteúdos a serem trabalhados surjam dos próprios alunos.

Mas é algo que é mais latente nos maiores mesmo, eu não sei se palestras seria o caso trazer psicólogas para trabalhar específico com eles esses **temas**, essas situações, por exemplo (Docente 2).

E tinha também um serviço de conversa com psicólogo, então o que eles começaram a fazer foi introduzir os **temas** na capelania, no que eles chamam de congresso assembleia, que tinha aquela roda de conversa dos jovens (Docente 9).

A formação dos professores, reuniões pontuais sobre esse **tema** com os responsáveis, porque boa parte destes problemas começam em casa, não que a escola esteja isenta, mas boa parte, eu acredito, falando como leigo (Docente 11).

Outra palavra abordada pelos docentes que se refere ao fenômeno da autoagressão é **assunto**.

Figura 22 - Mapa conceitual Classe de palavras 4 - palavra assunto



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

Os professores afirmaram que o assunto está em alta em seu cotidiano, mas é um tabu na escola, assim como na sociedade. Afirmaram, também, que surge no contato individual, não no coletivo da sala de aula. O docente não sabe se faz bem ou não abordar o assunto. Por vezes, o aluno fala sobre o assunto, mas como se um amigo estivesse com o problema. Esse aspecto foi muito reforçado pelo docente 9:

Nunca teve nenhuma abordagem nesse aspecto visando habilitar o professor para lidar com essa situação, isso é um **assunto** que ainda é um tabu, eu acho, dentro das escolas, que isso é um **assunto** que ainda gera um desconforto (Docente 09).

Hoje eu vejo que como esses **assuntos** da violência autoprovocada estão muito em alta, de depressão disso e de aquilo, às vezes é difícil você ver um aluno comentar em sala de aula para todo mundo (Docente 09).

Eu não sabia se eu ia fazer bem para ele ou se tocar naquele **assunto** ia fazer mal para ele, aí eu ficava assim, poxa, melhor então eu nem falar nada, deixa pra um psicólogo, um pedagogo ou a direção ver o que que vai fazer (Docente 09).

Então seria muito importante que esse **assunto** deixasse de ser visto como algo distante do ambiente escolar ou que, tipo, não faça parte do nosso dia a dia, porque faz muito (Docente 09).

Os pais, ou não aceitavam ou não conduziam o **assunto** para um profissional, o **assunto** não vinha e eu também não falava, e aí veio uma reunião, duas reuniões, o menino abandonando na escola, sumindo (Docente 12).

Fazia de tudo para colocar a pessoa para cima, fulano se senta aqui na frente, e tal, vem cá ficar perto de mim, puxava **assunto**, mas nunca no **assunto** (automutilação), parecia que nunca tinha acontecido na minha sala de aula (Docente 1).

Ressaltaram que não têm formação adequada para lidar com o fenômeno que acomete seus alunos. Entendem que, quando ele surge, causa insegurança e desconforto, mas também pode ser considerado uma oportunidade de ajudar o aluno.

Quando um aluno vem falar comigo sobre esses **assuntos** eu vejo como uma oportunidade de ajudar alguém, a primeira sensação é, meu Deus, muito obrigado por esse adolescente estar conversando comigo, então é uma tendência minha, pelo menos (Docente 5).

Na época do jogo baleia azul, a pesquisa foi muito grande e inclusive participei de entrevista na Tv e ministrei palestras para os pais do colégio, busquei esse conhecimento por mim mesmo, e não tenho conhecimento de nenhuma legislação sobre o **assunto** (Docente 5).

Observa-se que o assunto surge no espaço escolar quando algum caso ocorre na escola.

Quando aconteceu isso foi uma comoção, e aí os professores começaram a falar um pouco sobre o **assunto**, mas você sabe que a estrutura de escola do estado não é grandes coisas, então ela tentou o máximo possível (Docente 7).

Nesse conceito também é reforçada a necessidade de realizar palestras e projetos sobre o fenômeno, pois a abordagem normalmente tem ocorrido nas escolas apenas no mês de setembro devido ao “setembro amarelo”:

Não tem trabalho assim específico, como eu estava te falando, setembro, tem Setembro Amarelo, aí se faz naquele mês alguma movimentação a mais em relação a esse **assunto** (Docente 7).

Um **assunto** que foi fazendo parte das conversas, sempre com a ideia de abrir as portas para o diálogo, caso alguém estivesse precisando de uma ajuda, e como eles tinham um psicólogo que ficava 2 vezes por semana na escola para atender alguns casos (Docente 9).

Não sabe o caminho, não direciona, então eu acho que a escola poderia de alguma forma ou com palestra chamar uma pessoa numa linguagem deles que consiga aproximar, que eles se sintam confiantes para conversar sobre aquele **assunto** sobre o que está acontecendo (Docente 3).

A necessidade de realização de palestras sobre autoagressão e temas correlatos a saúde mental, para professores, alunos e pais foi intensamente apontada pelos docentes, quando questionados sobre a possibilidade de atuação da escola frente ao fenômeno.

Sempre traz algum psicólogo para dar uma **palestra** para eles, então o assunto é realmente abordado com eles, porque nas escolas do estado também tem muitos e muitos casos de alunos que se automutilam, que tem essa coisa do suicídio também (Docente 7).

Eu acho que basicamente uma abordagem da escola com relação a isso, **palestras**, talvez algum teatro que possa falar com eles de uma forma mais lúdica talvez, sabe, eu acho que é importante sim (Docente 10).

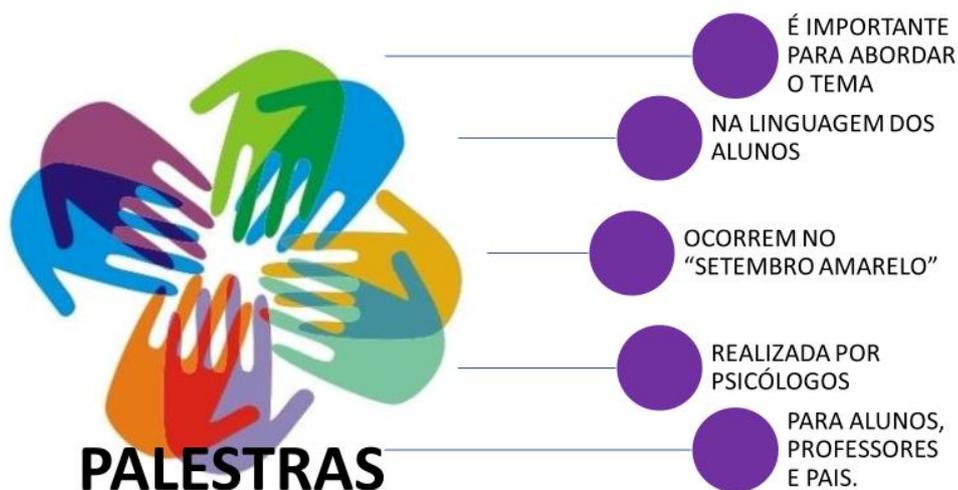
Em momentos de **palestras** eu acho que é um caminho mais eficaz, porque a primeira coisa que eu entendo é que o assunto precisa surgir, e isso tem que ser proporcionado pela escola de uma forma natural (Docente 9).

No entendimento dos professores, as palestras precisam ser realizadas na linguagem dos jovens, se possível por psicólogos, e devem ocorrer em diversos momentos, não somente em setembro.

Não sabe o caminho, não direciona, então eu acho que a escola poderia de alguma forma ou com **palestra** chamar uma pessoa numa linguagem deles que consiga aproximar, que eles se sintam confiantes para conversar sobre aquele assunto, sobre o que está acontecendo (Docente 13).

Mas é algo que é mais latente nos maiores mesmo, eu não sei se **palestras** seria o caso trazer psicólogas para trabalhar específico com eles esses temas, essas situações, por exemplo (Docente 2).

Figura 23 - Mapa conceitual Classe de palavras 4 - palavra palestras



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

Quanto à palavra *formação*, os docentes entrevistados disseram que não participaram de nenhuma formação específica e consistente sobre o fenômeno da violência autoprovocada.

Eu creio que precisamos ter **formações** sobre isso sim, essa questão de prevenção do suicídio, isso é muito falado, mas pouco é direcionado pra gente que lida com esse público de crianças, adolescentes e adultos também (Docente 8).

E **formação** dos professores do corpo técnico da escola falar mais sobre isso mais abertamente, inclusive (Docente 11).

Por falta de conhecimento, os professores acabam reagindo de forma intuitiva, quando enfrentam essa realidade no espaço escolar, mas se sentem preocupados quanto à maneira adequada e eficaz de agir, devido à gravidade das situações que se apresentam.

Não recebi nenhuma **formação**, foi até o que eu escrevi na pesquisa lá, eu, como professor, e por não saber muito o que fazer quando aconteceu comigo, foi meio que assim, poxa, vou passar essa bola para frente (Docente 1).

Reforçaram a importância do apoio de especialistas e da formação continuada, para que possam colaborar com mais segurança e eficiência na prevenção desse problema. Alguns professores buscaram conhecimento quando tiveram contato com algum caso ou tiveram acesso a alguns materiais, devido ao “Setembro Amarelo”, mas agem por intuição e com base em suas experiências, sem informações técnicas:

Nunca tive acesso a nenhum a material de nenhum estudioso e nunca participei de nenhuma **formação**, nada disso, foi mais a prática mesmo de você estar ali com o aluno diariamente e que você vai vendo certas ocasiões (Docente 7).

Então isso que eu estou falando, a gente não tem **formação**, então a gente não sabe pensar, a gente faz assim pelo amor, porque a gente não sabe o que fazer (Docente 12).

Então eu acho muito importante que a gente tenha uma **formação** que a gente tenha não só a **formação**, mas também o tato para lidar com a situação, e eu acho que esse tato envolve você se colocar no lugar do aluno (Docente 9).

Tenho interesse de participar de uma **formação**, seria bastante interessante (Docente 5).

Às vezes a gente escuta eles falando algumas coisas, mas aí é difícil a gente que não tem essa **formação**, difícil a gente saber se aquilo é sério ou não (Docente 4).

A violência autoprovocada é pertinente sim, claro, olha, **formação** muito rápida daqueles cursos de férias, agora uma **formação** ampla da patologia assim especificamente não, até mesmo porque o vocabulário foge um pouco para a gente, então fica muito no da pedagogia (Docente 11).

Segundo o docente 12, a formação é necessária para o professor e para os demais funcionários da escola:

Coordenador de turno, e aí a escola é tranquila nesse sentido, mas precisa de **formação**, precisa de mais detalhamento (Docente 12).

O professor 1 reforçou que seria importante que o assunto fosse abordado na formação inicial do docente e que nas licenciaturas existisse uma disciplina que abordasse a área da psicologia.

Às vezes o aluno chega para conversar com você perguntando sobre carreira, tem muito disso, sobretudo eu acho que professor precisa muito disso, eu acho que tinha que ter até uma parte psicológica de psicologia na **formação** dos professores, alguma coisa assim (Docente 1).

Não nunca tive **formação** sobre o tema, nem na faculdade e nem como **formação** continuada nas escolas que atuo (Docente 4).

Olhar para dentro daquele ser humano, olhar através dos olhos dele e tentar fornecer algo que seja além do material, então eu acho fundamental hoje que não só os espaços escolares, mas os espaços acadêmicos sejam voltados para essa **formação** (Docente 4).

O docente 9 ressalta que seria importante a formação nesse momento, devido à Pandemia da Covid-19 e ao isolamento social a que os jovens estão submetidos:

Sim, eu acho muito importante uma **formação** sobre o assunto o impasse de tudo que a gente está vivendo eu acredito que quando a gente voltar tudo isso ainda vai estar mais atenuado (Docente 9).

Sim creio que seja muito importante a **formação** ainda mais que a gente está vivendo aí num contexto social histórico muito pertinente a isso (Docente 8).

Os docentes apontaram alguns fatores que podem inviabilizar sua participação em formações sobre o tema, como falta de tempo excesso de trabalho, a que os professores estão submetidos em sua rotina:

Eu acho pertinente a **formação**, até vontade eu tenho, mas ultimamente está bem difícil para mim a questão de achar um tempo para eu conseguir me apegar a mais alguma coisa (Docente 4).

Figura 24 - Mapa conceitual Classe de palavras 4 - palavra formação



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

Coerentemente com as reflexões sobre formação, os docentes pesquisados trouxeram em seu discurso a palavra área. Eles entendem que o fenômeno da violência autoprovocada não está dentro de sua área de formação e conhecimento.

Eu sou bem fraco para isso de ajudar emocionalmente as pessoas, eu falo que às vezes eu não consigo nem me ajudar, eu fico com medo é mais de atrapalhar, porque se você tivesse uma **formação** nessa área (Docente 1).

Não me sinto seguro para falar sobre o tema, até mesmo por uma característica minha de não vou falar de uma coisa que envolve outras **áreas** da ciência, envolve questões emocionais, envolve até a questão (Docente 11).

Digamos assim, na questão pedagógica talvez seja mais comum na **área** psicológica do que na **área** pedagógica, então é difícil para nós que ainda não temos acesso a cursos específicos em locais específicos, digamos assim, na academia, na faculdade, uma forma geral (Docente 6).

Outro conceito abordado faz referência à importância da atuação do profissional da área da psicologia e da saúde no espaço escolar e/ou à realização de uma formação com os professores:

Podemos ter um momento para ter essa conversa e captar esses assuntos e direcionar a um profissional da **área**, e o assunto surgindo com naturalidade, partindo do aluno, eu acho que é uma forma de criar um canal, que eu não vejo isso ainda acontecer (Docente 9).

Então de repente uma orientação de alguém da **área** para os professores poder abordar isso com eles e ela abordando isso com os alunos eu acho que ajudaria bastante (Docente 2).

Figura 25 - Mapa conceitual Classe de palavras 4 - palavra área



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

Com base nas classes 1 e 4 associadas, observa-se que o fenômeno, na visão dos docentes, refere-se aos conceitos que estão apresentados na Figura 26.

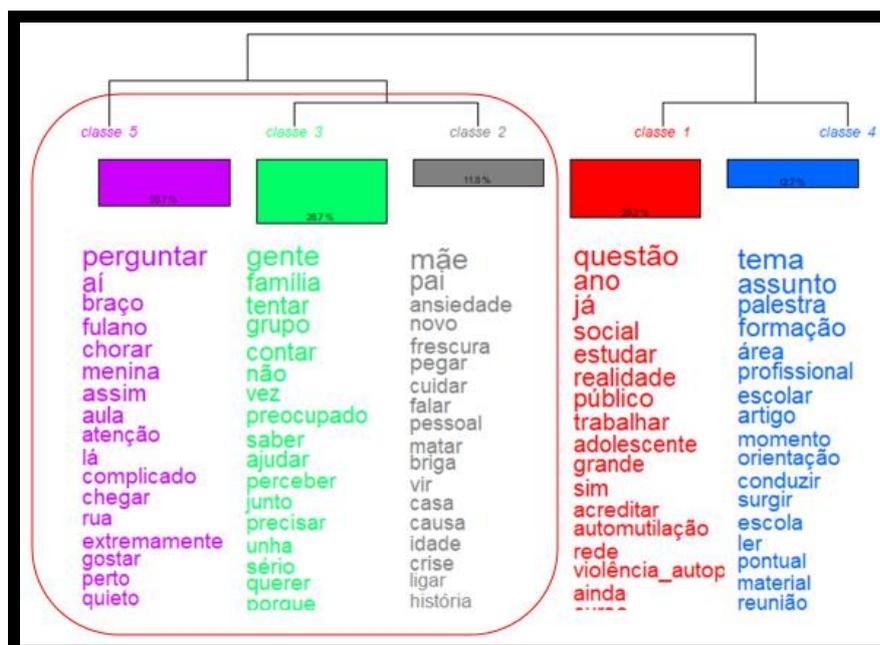
Figura 26 - Mapa conceitual Classe de palavras 1 e 4



Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

A segunda associação é a das classes 2, 3 e 5, respectivamente associadas ao Contexto Emocional dos adolescentes, ao Contexto Familiar e às Redes de Apoio, conforme dendrograma apresentado na Figura 27:

Figura 27 - Classes de palavras 5, 3 e 2 associadas



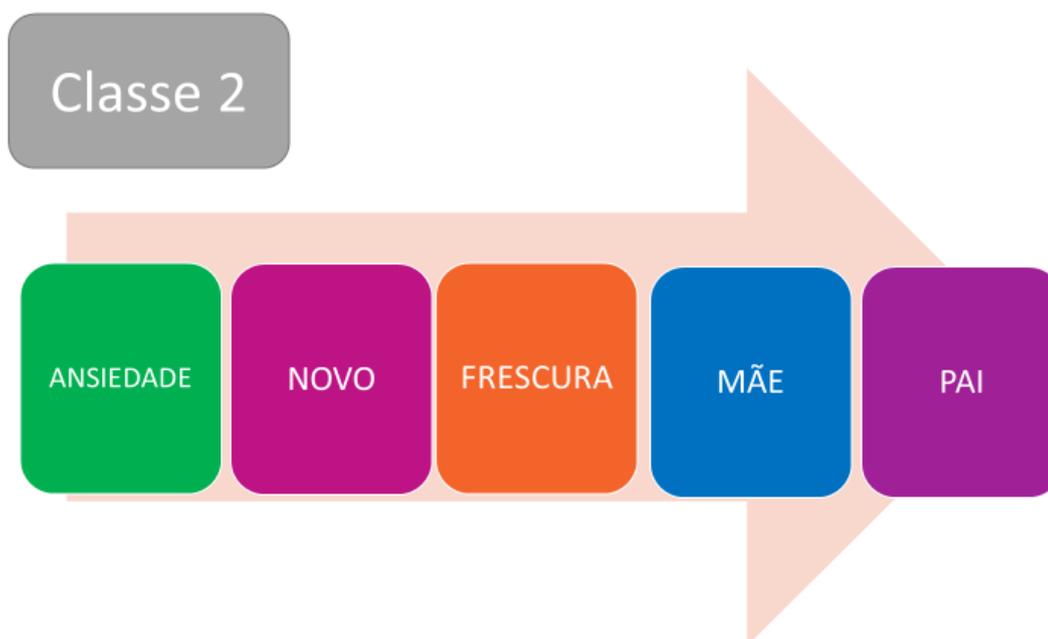
Fonte: Dados organizados pelo IRaMuTeQ.

A análise das classes deste grupo permite reflexões sobre o fenômeno da autoagressão nos adolescentes e suas relações com a família e a escola. Permite também analisar o contexto vivenciado pelos docentes e as relações estabelecidas por eles com os diversos sujeitos envolvidos nas histórias, para assim encontrar alternativas para atuação.

4.2.3. 3 Contexto Emocional

A classe de palavras 2 é composta de cinco palavras: ansiedade, novo, frescura, mãe e pai.

Figura 28 - Classe de palavras 2



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

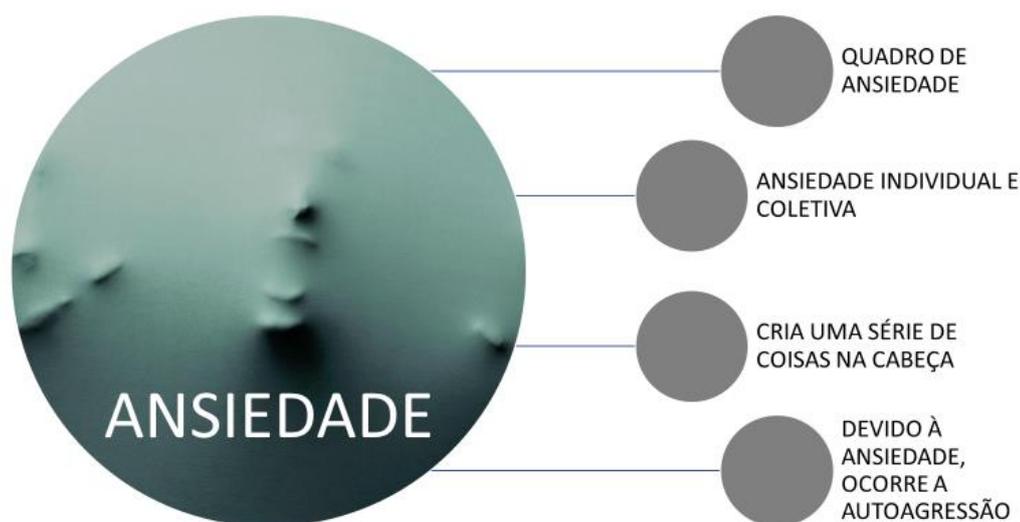
Um dos motivos relatados pelos docentes para os jovens apresentarem um comportamento de autoagressão (automutilação, ideiação ou tentativa de suicídio) é o sofrimento emocional devido a ansiedade. Os docentes relataram que, em suas vivências, os alunos apresentavam quadros de ansiedade e criavam situações e ideias constantes e intensas que geravam esse sentimento. Devido a esse contexto, ocorreu a autoagressão.

Tinha dia que ambulância ia três vezes lá por causa de **ansiedade** e aí as mães começaram a falar que a gente tinha que tomar providência e uma vez eu peguei elas e falei que nós não somos médicos (Docente 12).

Não pergunta e começa a criar uma série de coisas na cabeça e por conta dessa **ansiedade** eu acho que ele começa a praticar esse tipo de atitude eu imagino isso (Docente 3).

Aí amiga dela falou ah! Professora, hoje ela não está bem, ela sofre um pouco de **ansiedade**, então ela hoje não tá legal, e tudo mais, aí eu falei mas o que que foi? (Docente 7).

Figura 29 - Mapa conceitual Classe de palavras 2 - palavra ansiedade



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

Outros docentes alertaram que a ansiedade hoje não está só no contexto individual e jovem, mas também no coletivo. Vive-se hoje em uma sociedade que sofre com a ansiedade:

Uma sociedade que, que vive à base de remédios para **ansiedade**, e quando a gente vai para os mais jovens é impossível não pensar que eles não estão sendo impactados, nós adultos que teoricamente teríamos que ter todos os suportes (Docente 9).

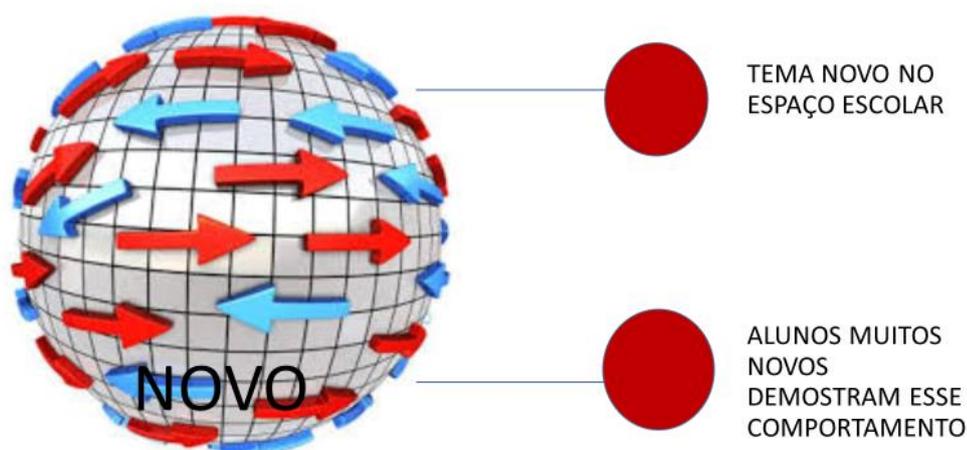
O docente 11 relatou que sofre de ansiedade e que se mutila:

Na minha vida pessoal então eu me mutilo eu tenho um quadro de **ansiedade**, eu tenho tricotilomania, é o nome, então o que que eu faço, eu arranco os pelos da sobrancelha, da barba.

Na classe de palavras 2 temos a palavra **nov**. Ao referir esse conceito, os docentes afirmaram que o fenômeno da Violência autoprovocada é **nov** e crescente na sociedade, no contexto em que eles vivem e na escola.

Agora, em relação a algum tipo de curso material ou algo específico foram mais as capacitações que foram feitas pela nossa escola né, mas que eu particularmente ainda considero muito vago, até porque é um assunto que acho que é relativamente **nov** (Docente 6).

Figura 30 -Mapa conceitual Classe de palavras 2 - palavra novo



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

Alunos muito novos, de 11 a 14 anos, já estão apresentando esse comportamento:

Foram falas muito vazias, não teve um encaminhamento, até mesmo por causa de carência de infraestrutura da escola, nós não tínhamos serviço de orientação educacional, então foi muito assim de conversar e falar nossa, você é tão **nova** (Docente 11).

Quanto à palavra **frescura**, o docente 7 afirma que algumas pessoas, inclusive alguns pais aplicam esse adjetivo para referir-se a sentimentos e conflitos vividos pelos adolescentes. Alguns consideram que são “frescura”, e outros, que se trata de doença. Os pais, ao terem conhecimento da autoagressão, por meio da escola, afirmam que seus filhos têm tudo, que não há motivo para seu sofrimento. Assim, não veem como legítimos os sentimentos dos alunos.

Às vezes até o pai ou a mãe acha que essa **frescura**, como eu falei para você,

ou então eles não têm conhecimento mesmo, ignoram o que tem ou o que que está acontecendo com próprio filho, pela falta de diálogo (Docente 7).

Então você imagina como que esse cérebro está para uma pessoa pegar alguma coisa e conseguir se machucar ela mesmo, uma outra coisa que as pessoas falam muito, ah! é **frescura**, e os outros falam não, é uma doença (Docente7).

Eu, até conversando com os alunos essa semana, eu falei com eles, gente, se tiver sentindo alguma coisa diferente conversa com o pai, com mãe, é importante, isso ah! meu pai e minha mãe não ligam para isso dizem que é **frescura** (Docente7).

Figura 31 - Mapa conceitual Classe de palavras 2 - palavra frescura



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

Os docentes citaram mãe, pai e família com intensidade, reforçando a importância da família como núcleo de cuidado, afeto e como responsável pela condução do aluno. Entretanto, na maior parte das vezes os docentes afirmam que o sofrimento emocional do adolescente estava relacionado aos pais e a conflitos familiares.

Com relação à palavra **mãe** (Figura 32), observa-se, na narrativa dos docentes, a importância da figura materna como representação de cuidado, amor e afeto.

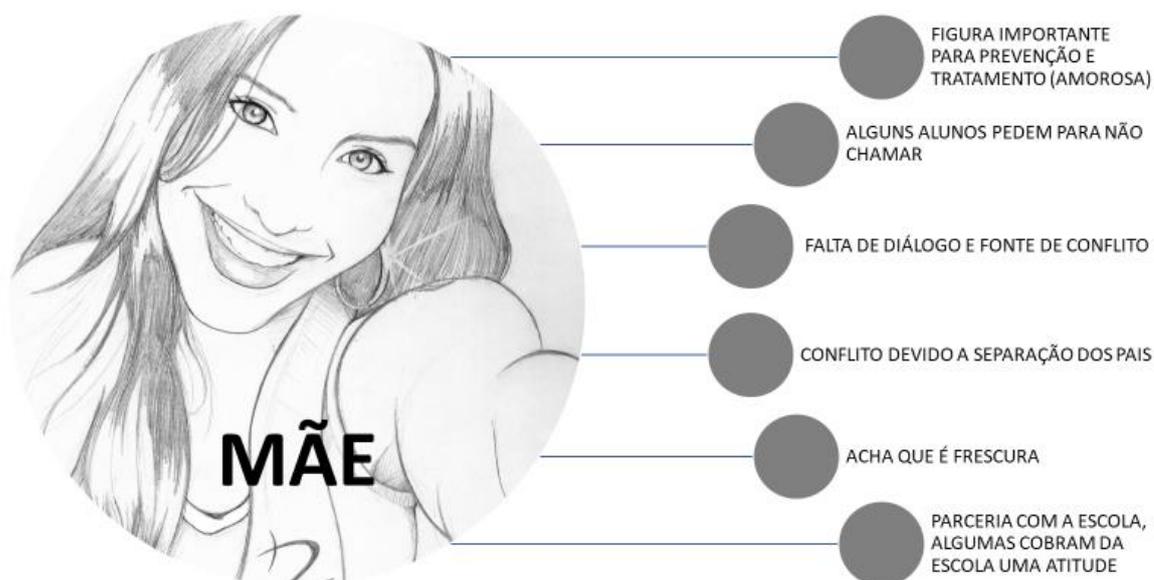
Mas se dão bem e ela é uma **mãe** muito amorosa, eu percebo isso, mas eu vejo que é por conta da situação da pandemia (Docente 3).

Ela é uma **mãe** amorosa, então por isso que eu falo que nem sempre é a família, às vezes é o medo que ele está sentindo, mas não quer falar (Docente 3).

A gente foi discretamente chamando, avisando o que tinha, chamando as **mães** e as **mães** começaram a falar com a gente lá na escola, a gente tem uma relação muito boa com as **mães**, e elas começaram a ver que a gente era parceiro e começaram a informar (Docente 12).

Os docentes ressaltam a importância da parceria entre a escola e a mãe do aluno, para que se tenha êxito na condução dos casos de autoagressão.

Figura 32 - Mapa conceitual Classe de palavras 2 palavra mãe



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

Entretanto, também abordam de forma intensa que existe falta de diálogo e de confiança entre a mãe e o aluno adolescente. Afirmam que existem muitos conflitos nessa relação e, como consequência, distanciamento. Entendem que, em alguns casos, a escola pode ser um refúgio para esses jovens. Essa percepção é reforçada pelo docente 1:

Eu lembro que até as moças falaram com o pai, olha, leva ela em um profissional, porque às vezes ela não conta para você o que que tá acontecendo, não conta pra **mãe**, mas às vezes num psicólogo ela se abre, o psicólogo vai saber como conversar com ela para ela contar (Docente 1).

Não sei o que pai e **mãe** faz teve criança no espírito santo agora que era estuprada pelo tio dos 6 anos de idade até os 10, então, tem cada criança com problema que a gente nem imagina, e a escola talvez é o refúgio (Docente 1).

O lugar aonde ela se sinta melhor porque é todo mundo da idade dela, todo mundo é igual a ela, todo mundo legal, todo mundo brinca e em casa às vezes ela só tem problema, é pai com droga ou a **mãe** alcoólatra, ou alguma coisa assim (Docente 1).

Outros docentes também ressaltaram falta de diálogo, presença e compreensão da família, além dos conflitos entre pai e mãe:

Às vezes até o pai ou a **mãe** acha que essa frescura, como eu falei para você, ou então eles não têm conhecimento mesmo, ignoram o que tem ou o que que está acontecendo com próprio filho, pela falta de diálogo (Docente 7).

Até, como eu falei, pela ignorância às vezes do pai e da **mãe** ou por realmente não ter esse canal aberto com o pai e com **mãe**, então isso tudo eu acho que a escola pode ajudar sim (Docente 7).

Ele começou a ter esse tipo de fala, e então eu falei assim, poxa, claro que vale, você tem família, e daí ele falou, eu não tenho família, e ele até falou, não moro com pai e **mãe**, e assim é bem complicado (Docente 2).

E aí a **mãe** discutia com o pai na minha frente, também tinha uma questão de homossexualismo do garoto mal resolvida, e aí um dia eu vendo que o menino tentou mesmo se ferir lá no banheiro (Docente 12).

Por vezes o adolescente confia mais no professor para dividir suas angústias e sentimentos do que em seus pais, como relata o docente 12:

Mas a sua **mãe** não sabe ela falou não depois da minha melhor amiga da mesma sala a senhora é a segunda pessoa a saber. Menina a mesma coisa parei respirei falei meu deus me ajuda a ajudar naquilo que eu puder (Docente 12).

Alguns jovens citados pelos docentes pediam que a situação (autoagressão) não fosse informada a suas mães.

Você quer que chame sua **mãe**, quer que eu avise a pedagoga? Ela disse não, não, não, não, professora, não avisa não, eu vou melhorar, eu vou melhorar (Docente 7).

E quando eu chamei ela para conversar e ele tava junto, nossa, Ana, foi assim uma coisa que ele chegava a travar o maxilar, tipo assim, diretora, não era para ter chamado a minha **mãe** (Docente 7).

Outro aspecto importante é que algumas mães, ao serem chamadas pela escola para conversar sobre o comportamento de violência autoprovocada dos filhos, relataram que esse comportamento seria frescura. Não demonstraram preocupação, atitude e consciência da gravidade da situação. Nesses casos, a escola buscou orientar a família para buscar tratamento para o jovem e, juntos, escola e família, ajudá-lo. Essa situação é expressa no relato da professor 7:

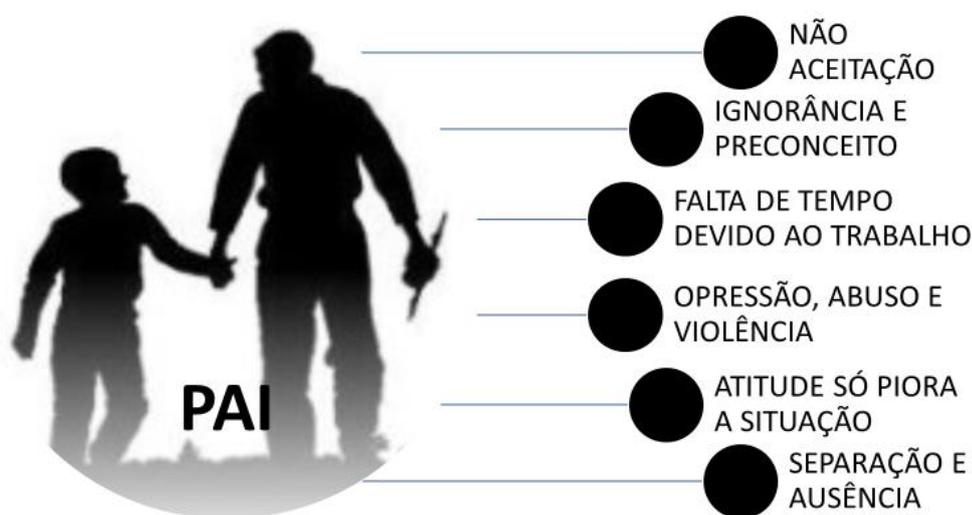
Ele tinha relacionamentos tanto com meninas quanto com meninos, e quando eu chamei a mãe para conversar, a mãe pegou e falou que aquilo tudo era

uma frescura dele, que ele tinha tudo em casa, que ele não tinha necessidade disso porque a mãe dava tudo para ele, então aquilo era frescura (Docente 7).

A **mãe** sempre dizendo que era frescura, mas eu cheguei, falei para ela que era importante que tivesse uma terapia, que ela procurasse alguma coisa, mas o caso era esse, a gente que tentava cuidar da melhor maneira possível dele na escola, mas a família também nada (Docente 7).

Seria para a escola só sinalizar o pai ou a **mãe** que aquilo estava acontecendo e o pai ou a **mãe** tomar uma providência em relação a isso, só que a gente repara que não é isso que está acontecendo hoje (Docente 7).

Figura 33 - Mapa conceitual Classe de palavras 2 - palavra pai



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

Quanto à figura paterna os docentes referem alguns aspectos similares aos da figura materna, quanto a conflitos e falta de diálogo.

Hoje eles não têm essa percepção de futuro, e aí tudo perde o sentido, né, eu acho que esse é um fator, e aí outros que vêm adicionando como **pai** trabalhando não tem tempo, muitas famílias desestruturadas e muitos conflitos (Docente 12).

Você ainda tá aqui porque eu tava prestando atenção nela e ela respondia, ah é assim mesmo, ele sempre faz isso, quer dizer, ela tinha algum aborrecimento com o **pai** mas a escola deu muito apoio (Docente 3).

Não tinha uma vida tão pobre assim, e esse caso eu não sei nem se você ficou sabendo, porque o garoto ele filmou e botou na internet ele se enforcando, entendeu, então tipo assim para falar olha, eu existo, até para o próprio **pai** que era quem criava ele (Docente 7).

E ela não sofria bullying, ela tinha até 2, 3 amigos muito próximos dentro da sala de aula, não sofria bullying nem nada, eu acho que a situação que pegou foi mesmo essa de dentro de casa, pelo o que o **pai** achava que era (Docente 1).

Bagunça, quebrava as janelas da escola, na verdade 2, só que uma tinha uma estrutura familiar organizada com **pai** e mãe, tudo direitinho em casa, trabalhando e tal, a outra os **pais** estavam presos (Docente 5).

Contudo, há uma percepção de atitudes e reações carregadas de violência, opressão, negligência e preconceito mais intensa na figura paterna, apesar de alguns docentes relatarem ser pertinente a ambos, pai e mãe:

Então a gente ainda tem em situações carentes muitos **pais** à moda antiga que resolve a coisa na violência, é mais comum do que a gente imagina, geralmente adolescentes entre 12 e 14 anos (Docente 5).

Por exemplo, a gente teve um caso de uma menina que era lésbica que revelou para o **pai** e entrou em crise de depressão, mas o **pai** confiava muito na gente e a gente conversou, eu dei uns toques nele (Docente 12).

Mas ela era de uma família que o **pai** era líder religioso e tal, então isso era um fator muito estressante para essa jovem (Docente 9).

Pode ser até que alguns tenham preconceito, às vezes os **pais** não entendem, porque a geração mais velha da minha tinha preconceito a gente não entendia e achava que era uma bobeira, ou que era uma coisa de maluco (Docente 3).

A palavra **pai** também foi utilizada no sentido de **pais** (mãe e pai), ambos evidenciados como responsáveis, o que reforça a importância da presença, do acompanhamento e do relacionamento deles com o jovem:

E com os **pais** ele sempre conversaram a gente, às vezes eu acho que até crítica muito a família, né, mas depois a gente vê que não é só a família, então eles conversavam com os **pais** (Docente 3).

A gente entendeu que esse período foi um período que tinha vários grupos que a gente não conhecia, eu não tinha contato com criança dessa idade, então eu não sabia, e esses **pais** souberam por conta dos filhos, porque também eu vejo que é uma questão de diálogo (Docente 3).

Mas não cuidava da maneira devida, e aí ela começou a ser abusada sexualmente por um tio, e aí ela, por causa daquele abuso e o **pai** não ligava para ela, ela pegou e veio para cá (Docente 7).

A gente obriga os **pais** a levar o laudo, a gente fala para ir às reuniões, a gente cria um ambiente de confiabilidade e então ele leva o laudo, aí a gente

encaminha para os professores aquilo que é necessário o professor saber (Docente 7).

Por que que você está assim, e ele diz não, meus **pais** se separaram, e aí tá brava a questão de dinheiro lá em casa, não está dando (Docente 6).

Um contexto importante de ser evidenciado é quando os pais não têm tempo e, no entendimento dos docentes pesquisados, preocupam-se em dar ao filho bens materiais, não olham para o *SER*, o contexto emocional dos adolescentes, como é evidenciado no discurso do docente 7:

E essa falta de tempo que todos eles passam hoje, todo mundo tem tempo para tudo mas não tem tempo para nada, os **pais**, muitas vezes, na sua boa vontade de querer proporcionar o melhor em sentido material e em conforto, me parece que muitas vezes esquecem de olhar para dentro daquele jovem. (Docente 7).

No discurso dos docentes ficou evidenciado que grande parte dos alunos que apresentaram comportamento de autoagressão tinha algum conflito ou distanciamento com os pais. Entretanto, alguns docentes ressaltaram que viveram situações em que a família era parceira, presente e amorosa. Mesmo assim, o comportamento de violência autoprovocada ocorreu, conforme afirmou o docente 12 que, além de docente, é gestor de uma escola Estadual:

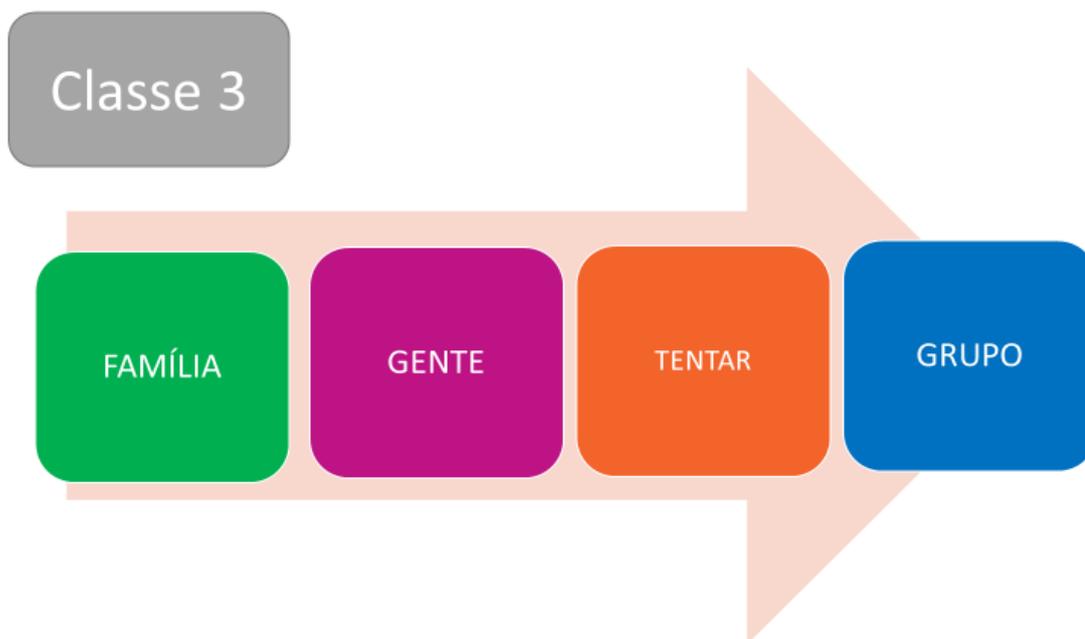
Não sei te dizer precisamente o que é de modo geral é um mal estar com eles mesmos que a gente não sabe explicar geralmente os casos que a gente tinha eram de famílias bem resolvidas **pais** muito atenciosos (Docente 12).

4.2.3. 4 Contexto Familiar

Conforme evidenciado no discurso dos docentes, na Classe 4, as figuras materna e paterna têm grande influência no contexto emocional dos adolescentes. Na Classe 3, essa discussão é aprofundada e ampliada à luz do fenômeno estudado e com perspectiva de atuação e prevenção da violência autoprovocada.

As palavras que compõem a Classe de palavras 3 são: *família, gente, tentar e grupo*.

Figura 34 - Classe de palavras 3



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

Quanto à palavra *família*, os docentes refletem sobre suas influências e impactos na vida do jovem. Refletem também sobre importância de sua atuação na vida do filho adolescente:

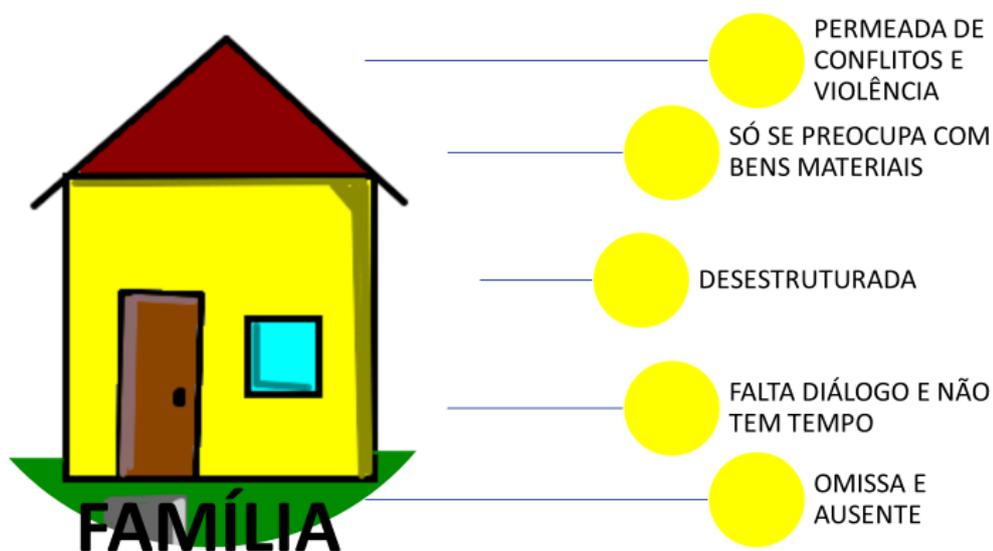
Que são frustrações da vida pessoal de cunho familiar e até mesmo porque a escola tem 20 horas fora da escola e 4 horas dentro do colégio não que o colégio não influencie, mas eu acho que a participação da **família** é essencial em todo o processo (Docente 11).

Como eu falei ela tinha uma **família** muito mal estruturada uma criança muito deixada na rua basicamente e eu percebia que ela escondia muito a roupa no braço e as crianças comentavam que ela ficava sempre machucada (Docente 10).

Muitos deles não moram mesmo com a **família** e por conta de ser EJA também eles não conseguem ter um vínculo muito grande de amizade que que ajuda na escola a amizade ajuda sim eles não têm esse vínculo (Docente 2).

Só que você sabe que por trás dela dessa coisa dela ser meio que bad boy ela tinha alguma fragilidade que eu julgo ser da **família** mesmo por causa de negócios de drogas as coisas assim (Docente 10).

Figura 35 - Mapa conceitual Classe de palavras 3 - palavra família



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

Os docentes afirmam que a desestrutura familiar, os conflitos familiares, as relações familiares baseadas em conflitos, falta de diálogo e falta de tempo seriam fortemente responsáveis pela incidência, nos jovens, da violência autoprovocada.

Então eu acho que hoje o problema está no contexto social, desigualdade social, **família**, os alunos não têm aquela coisa em casa por exemplo que eu tive (Docente 1).

Mas ela era de uma **família** que o pai era líder religioso e tal, então isso era um fator muito estressante para essa jovem (Docente 9).

Hoje eles não têm essa percepção de futuro e aí tudo perde o sentido né eu acho que esse é um fator e aí outros que vêm adicionando como pai trabalhando não tem tempo muitas **famílias** desestruturadas e muitos conflitos (Docente 12).

Falta de profissionais e também infelizmente do acompanhamento da **família** que a gente sabe o que é quase nulo a escola ela vira praticamente um depósito digamos assim e como eu trabalhava em uma escola que ficava na área militar (Docente 6).

Ele começou a ter esse tipo de fala e então eu falei assim poxa claro que vale você tem **família** e daí ele falou eu não tenho **família** e ele até falou “não moro com pai e mãe e assim é bem complicado” (Docente 3).

Ela ficou pouquíssimo tempo e faltava muitas aulas totalmente sem estrutura a **família** dela então eu percebia não muito profundo os cortes, mas aquelas

cicatrizes talvez com gilete não tenho certeza, mas aqueles cortes mais superficiais (Docente 10).

Nesse contexto, a escola torna-se para o adolescente um espaço de refúgio, pois, devido ao tempo e ao relacionamento, na perspectiva do professor 5, ela é uma segunda família, um espaço de acolhimento e troca:

E escola tem um papel nessa questão porque a escola acaba sendo uma segunda **família** né e quando a **família** se desestrutura a criança se entrega mais a querer conversar com a coordenação ou com algum professor que tenha afinidade ou o próprio colega (Docente 5).

A **gente** sabe o quanto que é importante para eles saberem que eles têm com quem contar e muitas vezes é difícil eles contarem com alguém em casa, com a **família** (Docente 7).

Às vezes, nem na escola o aluno consegue encontrar acolhimento e escuta, devido a diversos motivos:

Muitos eram de **famílias** que eram religiosas, buscavam ali no ensino confessional a extensão dessa religiosidade da prática religiosa dentro de um ambiente da escola, então mesmo na escola ele não tinha às vezes para quem correr, para quem recorrer (Docente 9).

Então o cara já não tem um apoio da **família**, não tem um apoio de amigos de uma forma geral, acaba também não tendo esse apoio na escola, então acho que é primordial (Docente 6).

Na época ela era, se eu não me engano, quinto ou sexto ano, tem bastante tempo, e era bem pequena nessa faixa etária, e já com problemas na **família**, então eu achei bem triste (Docente 10).

A omissão e a ausência da família quanto ao comportamento do adolescente seriam, além de geradores de sofrimento, atitudes que inviabilizam a ajuda ao jovem que está sofrendo e apresenta um comportamento de autoagressão:

A gente pegou e tentou trazer ela mais para dentro da escola e tentar também algum tratamento para ela, só que, como ela era menor de idade, que ela precisa de alguém da **família** para acompanhar, então isso já era um problema, porque a **família** também não tinha aquele envolvimento com ela (Docente 7).

Diretora, eu não vou fazer, mas isso, então era aquela coisa de a **família** tinha apoio zero em relação a esse problema dele psicológico, nada (Docente 7).

Por não ter uma **família** muito próxima, então a perda do primo acabou atingindo muito ele, e não soube lidar com isso, e o que eu sinto que eles

também não têm apoio, né, ele mesmo falou que não tem **família** (Docente 2).

Que a **família** não participava de nada e que, com certeza, algumas pessoas falavam que podia o pai ou a mãe alguém podia bater nela, alguma coisa assim, nunca tive uma certeza do que era (Docente 10).

A falta de compreensão e aceitação dos pais com relação à orientação sexual do jovem também foi citada como um conflito que gera sofrimento e, em alguns casos, comportamentos de autoagressão:

Numa delas, que era uma escola confessional, tinha alguns casos da pessoa não obter um auxílio, não auxílio, mas como uma compreensão da **família** em relação, por exemplo, à orientação sexual (Docente 9).

Outro ponto ressaltado pelos docentes foi que algumas famílias se dedicam fortemente a suprir as necessidades financeiras dos jovens, mas deixam de lado os aspectos relacionais, de diálogo e convívio:

Às vezes a **família** não é porque não quer essa correria, nossa, às vezes a pessoa está mais preocupada em suprir a parte financeira e acha que, porque está pagando uma escola, ou porque tá dando uma roupa mais cara (Docente 3).

Os docentes demonstram expectativa de que a família, a partir do conhecimento sobre o contexto de sofrimento do aluno, atue, encaminhe-o para tratamento, enfim, acompanhe e dê atenção à situação. Contudo, em alguns casos a família ignora, não aceita ou não age em busca de uma solução, e isso gera no docente um sentimento de frustração e preocupação:

Pedi para que eles fossem bem discretos, pelos 2 eles não queriam que ninguém soubesse, mas que a gente pudesse manter uma atenção, de repente um diálogo mais próximo com a **família**, procurar essa **família** e pedir uma atenção para **família** indicar o que estava acontecendo (Docente 9).

Com outras pessoas que estão ali para dar apoio a ele, então isso é importante e que a escola faça essa ligação com a **família**, essa ligação de “olha, está acontecendo isso tudo, ele já conversou com a gente” (Docente 7).

Aí eu ficava pensando na minha situação, que eu falo, poxa, às vezes eu falo, “você tem **família**, e eu realmente não conheço a realidade dele” (Docente 2).

“Porque lá em casa também não tem luxo não, eu sou professora ainda”, brinquei assim, te falei, você tem uma **família** que te apoia, “ah, professora, a minha mãe às vezes é assim assim e tal! (Docente 8).

Porque para todo mundo que eles conversavam falavam que era bobeira, que eles tavam querendo chamar atenção, a **família**, como eles mesmos disseram, eles tinham de tudo, né, “então por quê que vocês estão deprimidos?” (Docente 9).

Contudo, alguns professores provocaram reflexões sobre a crítica de alguns docentes às famílias, como se elas fossem responsáveis pelo sofrimento do adolescente. Alguns docentes trouxeram exemplos de que os alunos que apresentaram comportamento de automutilação tinham famílias atenciosas e presentes:

A gente, às vezes, eu acho que até crítica muito a **família**, né, mas depois a gente vê que não é só a **família**, então eles conversavam com os pais (Docente 3).

Brinca, é uma mãe amorosa, então por isso que eu falo que nem sempre é a **família**, às vezes é o medo que ele está sentindo, mas não quer falar (Docente 3).

Não sei te dizer precisamente o que é, de modo geral é um mal estar com eles mesmos que a gente não sabe explicar, geralmente os casos que a gente tinha eram de **famílias** bem resolvidas, pais muito atenciosos (Docente 12).

Quando a gente conversa sobre esse assunto a reação dessas **famílias** é tranquila, porque eles começam a falar, eles contam a verdade, falam o que que está acontecendo, aí vão procurar o laudo e trazem de volta para a gente (Docente 12).

Aí já não é o aluno que está deprimido, não é o aluno que está com o pai preso, então, nesse contexto daquele jogo (da Baleia Azul) ele foi muito mais problemático, porque muito aluno com **família** estruturada e bem estruturada (Docente 5).

A partir das reflexões apresentadas, identificou-se a palavra **gente**, que remete a diversos conceitos e contextos voltados à violência autoprovocada no contexto escolar.

Figura 36 - Mapa conceitual Classe de palavras 3 – palavra gente



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

Os docentes participantes da pesquisa afirmaram que os professores têm um olhar amplo sobre seus alunos. Devido ao volume de alunos por turma, por escola e ao pouco tempo que o docente atende cada turma, por vezes ele não consegue enxergar os alunos em sua individualidade. Diante disso, os alunos enfrentam problemas que os professores nem imaginam.

Eu acho que tem importância primeiro é estar com observação o máximo aguçada possível porque também não é muito fácil dada a quantidade de alunos que a **gente** tem em sala de aula então você também conseguir ter esse olhar clínico de raio x um por um não é fácil (Docente 8)

Essa realidade do professor que tem muitas turmas e volume grande de alunos por turma em alguns momentos inviabiliza o envolvimento com os alunos, a construção de uma relação próxima, afetuosa e baseada em confiança e cumplicidade.

Mas que tinham essas ideias vinculados ao dia a dia deles, e como eu sempre fui professor de cursinho, a **gente** também não tem uma oportunidade de se envolver tanto na vida do aluno (Docente 9).

Em contraponto, muitos professores reforçaram que têm um relacionamento muito próximo com os alunos e que, por isso, conseguem ter conhecimento de suas histórias e sofrimentos.

Acredito que ele não tenha feito nada nesse nível porque ali a **gente** fica sabendo de tudo, um conta para o outro, acredito que não (Docente 2).

Além disso, os docentes ressaltam que, em uma mesma sala de aula, há pessoas, alunos (**gente**) completamente diferentes, com histórias de vida, características e contextos distintos e complexos.

A **gente** não sabe o que a **gente** lida, de dentro de sala de aula parece que está tudo bem, mas não está, a **gente** sabe que tem muita **gente** diferente um do outro ali (Docente 1).

Não sei o que pai e mãe faz, teve criança no espírito santo, agora que era estuprada pelo tio dos 6 anos de idade até os 10, então tem cada criança com problema que a **gente** nem imagina, e a escola talvez é o refúgio (Docente 1).

Porque eu não sei a situação que eles estão vivendo, né, hoje em dia a **gente** não sabe mais, às vezes o desemprego, a família fica nervosa, preocupada, às vezes desconta no filho e ele não entende aquela situação também (Docente 3).

A **gente** entendeu que esse período foi um período que tinha vários grupos que a **gente** não conhecia, eu não tinha contato com criança dessa idade, então eu não sabia, e esses pais souberam por conta dos filhos, porque também eu vejo que é uma questão de diálogo (Docente 3).

Contudo, os docentes refletem e entendem que é possível criar conexões e abrir espaços para que essa relação seja estabelecida e o assunto de saúde mental possa surgir. Acreditam que é possível uma relação de confiança entre escola, família e estudante.

Criar esse canal de confiança, criar esse elo de confiança para tratar desse assunto, porque a **gente** trata de tantos outros assuntos, a **gente** consegue criar uma conexão com nossos alunos e a escola consegue criar um canal de conversa em tantos outros assuntos, por que não esse? (Docente 9)

A forma, no meu caso, como eu só tinha uma aula, era observar mesmo o comportamento e tentar se aproximar, conversar, brincar, como eu falei para você, a **gente** tinha esse hábito de ir no recreio (Docente 3).

E eu acho assim, quanto mais a **gente** estimular para que eles falem e o professor criar essa ponte mesmo, de ser um ouvinte na medida do possível, porque ele tem toda uma rotina para dar conta (Docente 8).

A **gente** obriga o pai levar o laudo, a **gente** fala para ir às reuniões, a **gente** cria um ambiente de confiabilidade, e então ele leva o laudo, aí a **gente** encaminha para os professores aquilo que é necessário o professor saber (Docente 12).

E na escolha dos alunos esse assunto surgiu ali naquele contexto, a maioria deles intencionava como ajudar um amigo que estava passando por aquilo, então a **gente** não tem a ideia se o amigo eram eles próprios, mas o assunto surgiu e foi tratado (Docente 9).

Com outras pessoas que estão ali para dar apoio a ele, então isso é importante, e que a escola faça essa ligação com a família, essa ligação de, olha, está acontecendo isso tudo ele já conversou com a **gente** (Docente 7).

Os professores relatam que precisam ver, desejam identificar os alunos que precisam de ajuda, que estão sofrendo, para que a partir disso possam acolhê-los e encaminhá-los. Ao mesmo tempo, afirmam que não têm conhecimento ou formação para isso.

Às vezes a **gente** escuta eles falando algumas coisas, mas aí é difícil a **gente** que não tem essa formação, difícil a **gente** saber se aquilo é sério ou não (Docente 4).

Eu creio que precisamos ter formações sobre isso, sim, essa questão de prevenção do suicídio, isso é muito falado, mas pouco é direcionado pra **gente** que lida com esse público de crianças, adolescentes e adultos também (Docente 8).

Um curso, alguma coisa para professores seria excelente, porque a **gente** tem muito isso em sala de aula, essa parte de alunos com problemas, passando por situações difíceis e que a **gente** nem imagina, e que talvez o professor às vezes é muito exemplo para o aluno (Docente 1).

Então eu acho muito importante que a **gente** tenha uma formação, que a **gente** tenha, não só a formação, mas também o tato para lidar com a situação, e eu acho que esse tato envolve você se colocar no lugar do aluno (Docente 9).

Contudo, os docentes revelam que, por vezes, mesmo o professor e a escola buscando ajuda, aproximando-se do aluno, encaminhando-o e acompanhando-o, os profissionais não conseguem ajudar.

Só que a **gente** percebeu que, mesmo ele buscando essa conversa com a **gente**, a **gente** tentando orientar, não foi possível a **gente** conseguir abraçar ele de fato (Docente 6).

A **gente** pegou e tentou trazer ela mais para dentro da escola e tentar também algum tratamento para ela, só que, como ela era menor de idade que ela precisa de alguém da família para acompanhar, então isso já era um problema, porque a família também não tinha aquele envolvimento com ela (Docente 7).

Às vezes até **tentava** dar um sorriso, acho que ela até **tentava** mudar, mas não sei se é por conta dessas regras que ela não se aproximava com a **gente** (Docente 7).

Nesse processo, os docentes ressaltam que eles estão dentro de sala de aula, espaço que eles dominam e onde se sentem seguros; entretanto, quando o fenômeno da violência autoprovocada surge nesse espaço, eles se sentem inseguros, preocupados e impotentes.

E ela convidava a **gente**, tinha, eu acho que era um sábado que a **gente** participava, quando tinha um evento na escola, e como a **gente** estava naquele momento de querer ajudar, porque a **gente** ficou preocupado, a **gente** não se importava e tentava fazer de alguma forma (Docente 3).

Porque a **gente** que é educador a **gente** vive muitas coisas diferentes na escola, a **gente** fez um projeto na escola justamente porque a **gente** percebeu que estava tendo muitos casos de alunos com automutilação, aluno arrancando o cabelo (Docente 12).

Colocar ela na primeira carteira na minha frente ali e vou acompanhar o tempo todo, mas mais do que isso eu não sei nem como ajudar, e para a **gente** é horrível também, porque você se sente impotente (Docente 1).

É um momento, mas agora constante um distúrbio mais grave, aí a **gente** precisa realmente buscar outros tipos de ajuda, o que também não é fácil (Docente 8).

Teve um aluno que foi uma coisa muito triste para a **gente**, porque ele era um menino tímido, ficava lá atrás na sala de aula, até um pouco próximo dos meninos bagunceiros, e esses meninos geralmente a **gente** dá uma atenção maior (Docente 11).

Outra informação relevante observada no relato dos docentes é que a palavra *suicídio* em nenhum momento foi proferida pelo docente, em relação ao contexto escolar e aos atendimentos aos alunos que apresentam comportamentos de violência autoprovocada. Constatou-se, pois, que o assunto é um tabu no espaço escolar.

A **gente** não fala da palavra suicídio, mas a **gente** falou se você está se sentindo oprimido com alguma coisa tem uma questão de angústia, aí o psicólogo explicou o que que era angústia (Docente 12).

Então eu acho fundamental que a escola quebre esse tabu, que isso não seja um tabu em nenhum momento dentro da fase escolar, que a **gente** pare de enxergar essas verdades inconvenientes como sendo um universo distante (Docente 9).

São temas pertinentes que devem ser martelados, creio que a **gente** não deixar de falar é muito importante já (Docente 11).

Os professores não sabem explicar o motivo desse comportamento no aluno adolescente e querem entender como podem contribuir, ajudar esses jovens. Buscam ter empatia e se colocar no lugar dos alunos.

Vai ter que ter um outro olhar e a **gente** buscar a informação de como que a **gente** pode ajudar, porque eu, sinceramente, não sei muito como ajudar, como eu falei, a minha forma é observando, é tentando conversar (Docente 3).

Não sei te dizer precisamente o que é de modo geral, é um mal estar com eles mesmos que a **gente** não sabe explicar (Docente 12).

O tipo de fala na forma que uma pessoa se posicionava e como ela se posiciona hoje, e aí tentar sempre chegar ali próximo dele, ali, perguntar e aí irmão, o que está acontecendo? Fala com a **gente** aí (Docente 6).

Verificou algo que está saindo fora do que deveria ser, chamar o aluno, que eu acho que a **gente** que está ali direto tem que partir da **gente** e tentar observar se aquilo continuar envolver as outras esferas, porque às vezes é momentâneo (Docente 8).

A **gente** passa muito por isso, às vezes o aluno briga em casa e vem para a sala de aula e só chora, você não sabe por que ele tá chorando, não sabe, entendeu? (Docente 1)

Até com esse grupo que eu estou dando aula para o primeiro ano a **gente** percebe que a nossa palavra de incentivo faz uma diferença muito grande, e eles falam isso com a **gente** (Docente 3).

Afirmam que não só os jovens estão sofrendo de problemas emocionais, mas também toda a sociedade.

Você tem que parar e respirar, porque a **gente** não está aguentando, estamos todos no limite, eles, então, ainda mais, porque não conseguem, não sabem lidar com tanta novidade ao mesmo tempo (Docente 8).

Então eu acho muito importante que esse espaço seja aberto para essa discussão, que isso não seja mais um tabu, porque a **gente** enxerga em uma sociedade que hoje vive à base de antidepressivos (Docente 9).

E hoje a **gente** vive um mundo muito líquido, um mundo que as coisas são muito rápidas, tem que ser agora, tem que ser para ontem, e esse jovem... (Docente 3).

É eu acho que as pessoas como um todo a **gente** está vivendo um tempo bem difícil para todos, e eles, mais vulneráveis ainda (Docente 12).

É uma questão que envolve todas as classes sociais, todos os nichos, independentes de qual seja, então, assim, a **gente** conta casos desde pessoas que tenham uma condição financeira alta e conseqüentemente a nível social acadêmico (Docente 6).

O sofrimento do adolescente é legítimo. O sofrimento e a dor que ele expressa, quando apresenta comportamento de autoagressão, devem ser considerados como sinais de que

precisa de ajuda e acompanhamento. Seu comportamento não deve ser julgado com base em preconceitos.

Para ele falar, porque às vezes a **gente** acha que é bobo, que é uma coisa que não tem nada a ver, mas na cabeça dele aquilo está crescendo e para ele tem importância (Docente 3).

Em relação a essa questão do adolescente, ninguém grita à toa, às vezes a **gente** tem muito aquele olhar de crucificar, ah, ele é agitado, ela é agressiva porque é falta de caráter (Docente 8).

Mesmo não tendo conhecimento da patologia, a **gente** tem que ter a empatia, ninguém em sã consciência quer se mutilar (Docente 11).

Mas que eu acho que caso isso venha a entrar nesse universo nosso, da educação, visando a **gente** como fonte de informação, que a **gente** consiga perceber que aqueles alunos eles estão comportamento diferente, precisa ter uma atenção maior com eles, seria interessante (Docente 4).

Então uma fragilidade hoje do adolescente para resolver certos problemas é muito grande, porque meus melhores amigos a **gente** resolvia no soco, no chute, no xingamento (Docente 5).

Só que a **gente** não sabe o perfil psicológico dele de fato, para saber se realmente foi uma fase, se não foi, se tem algum tipo de distúrbio, não sei se essa é palavra certa para ser usada (Docente 6).

Alguns docentes referiram falta de estrutura e de profissionais nas escolas, principalmente nas da rede pública de ensino.

Mas por ser de noite também a **gente** não tinha orientadora lá, a diretora algumas noites também, às vezes a diretora até chamava eles, sim, para conversar, conversava na sala, ela sempre dava uma atenção para eles (Docente 2).

Mas na época passou, né, passou porque termina o ano, esse aluno sai de você, ele não é mais seu, ainda mais numa escola de uma estrutura grande, outros chegam, outras problemáticas, e a **gente** não dá cabo do assunto (Docente 11).

E aí o que acontece é o seguinte, na escola pública, infelizmente, que eu trabalhava até o ano passado, e esse ano a realidade é um pouco diferente, a **gente** sabe que há um problema muito grande da estrutura da própria escola (Docente 6).

Só que não deu tempo da **gente** perceber que ele estava com esse problema, aquele aluno que era muito introspectivo, que vivia no mundinho dele, era filho até de dentista (Docente 7).

Então, assim, um colégio de quase 3000 alunos na área de informática, a **gente** tinha um tempo, e eu chegava até 680 alunos, então é um volume

muito grande de aluno que precisa, então a **gente**, quanto mais formação, melhor para lidar com a situação (Docente 5).

Os participantes disseram que o assunto é abordado nos Conselho de Classe e na sala dos professores, mas afirmam que reflexões sobre o contexto dos alunos que apresentam comportamentos de violência autoprovocada são muito superficiais e pontuais.

Então você imagina, cada turma tem em média 40 alunos, às vezes no conselho de classe que a **gente** vai saber que o aluno, tá, então é quase uma questão de sorte você descobrir e conseguir resolver uma situação antes (Docente 5).

Na época, em questão de aconselhamento comentei até na sala dos professores, mas como não eram marcas atuais, vamos dizer assim, ah, ela está se automutilando atualmente, agora, né, então, a **gente** conversou pra ficarmos todos atentos, e foi isso (Docente 8).

E no conselho de classe que tem muito superficial a fala assim, ó fulana, está mal **gente**, oh, ela está ausente porque está tomando remédio forte, então provavelmente teve sim o encaminhamento para o CAPSI, aí teve medicação (Docente 11).

Então, tanto que a **gente** comentava na sala dos professores, poxa, tá ou não tá vindo, ele falou isso para mim e eu fiquei tão preocupada, pensativa, então acaba que os professores que criam um vínculo maior do que eles mesmos entre eles (Docente 2).

Há insegurança em abordar o tema e desenvolver projetos sem conhecimento legal de como atuar com relação a essa realidade. O professor não sabe qual será o impacto de sua atuação no comportamento do adolescente:

Mas aí também surgem questões legais, se esse psicólogo pode atuar desse jeito, tem uma série de questões que a **gente** ficou de resolver agora e esse ano, mas aí entrou a pandemia e a **gente** acabou não fazendo (Docente 12).

A **gente** fica igual um doido querendo encaminhar, vai que eu falo alguma coisa que eu não posso falar por lei e isso me dá um problema grave depois (Docente 5).

E é assim, é muito engraçado que às vezes a **gente** é pego desprevenido, você precisa usar de toda uma psicologia porque, dependendo do que você fala, não se sabe o que essa criatura vai sair dali e fazer (Docente 8).

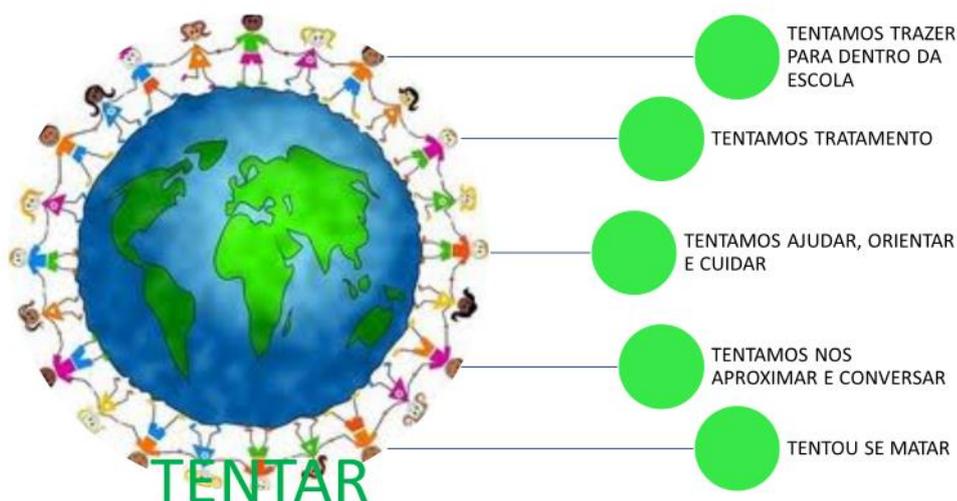
A **gente** está vendo que, na vida moderna, a escola ficou muito com a carga bem pesada, infelizmente tem coisas que não seria para escola ver, isso por exemplo (Docente 7).

Nos relatos é possível identificar que alguns alunos com comportamento de autoagressão são faltosos e que, ao longo do processo de acompanhamento da escola, eles evadem. Diante, disso, a escola perde contato com eles.

Então a **gente** tentava, e aí ela parava e começava a faltar e a **gente** perguntava pra tia o que estava acontecendo, ah, ela sumiu, então realmente era uma situação difícil, tá [...] então foi essa situação que aconteceu com essa menina (Docente 7).

Os docentes usaram a palavra **tentar**, em seu discurso. Diante do fenômeno presente no espaço escolar, os docentes tentam de diversas formas ajudar o aluno e lidar com essa realidade da forma mais adequada.

Figura 37 - Mapa conceitual Classe de palavras 3 - palavra tentar



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

Os docentes tentam trazer o aluno para dentro da escola, para próximo deles, incluindo-o nas atividades escolares. Tentam encaminhá-lo para tratamento. Tentam cuidar do aluno, orientá-lo, por meio de conversas e de uma relação de troca e confiança.

A gente pegou e **tentou** trazer ela mais para dentro da escola e **tentar** também algum tratamento para ela, só que, como ela era menor de idade, que ela precisa de alguém da família para acompanhar, então isso já era um problema, porque a família também não tinha aquele envolvimento com ela (Docente 7).

Então a gente ter esse olhar um pouco mais apurado mesmo, carinhoso, eu acho que não custa você tirar um tempo às vezes para poder elevar uma palavra de esperança e colher dele para **tentar** ajudar (Docente 8).

A forma, no meu caso, como eu só tinha 1 aula, era observar mesmo o comportamento e **tentar** se aproximar, conversar, brincar, como eu falei para você, a gente tinha esse hábito de ir no recreio (Docente 3).

Então eu **tento** trabalhar muito essa questão de ser próximos deles, numa perspectiva de que eles possam confiar em mim, porque confiando em mim eu consigo ter uma noção se eles realmente estão conseguindo trabalhar o que eu estou passando ou não (Docente 6).

Entretanto, o significado da palavra **tentar** é marcado pela dor, e no discurso dos docentes por vezes se refere à tentativa de suicídio e de automutilação realizada por alguns estudantes ou pessoas próximas aos docentes. Esses fatos causam tristeza, preocupação e muitas inquietações aos docentes:

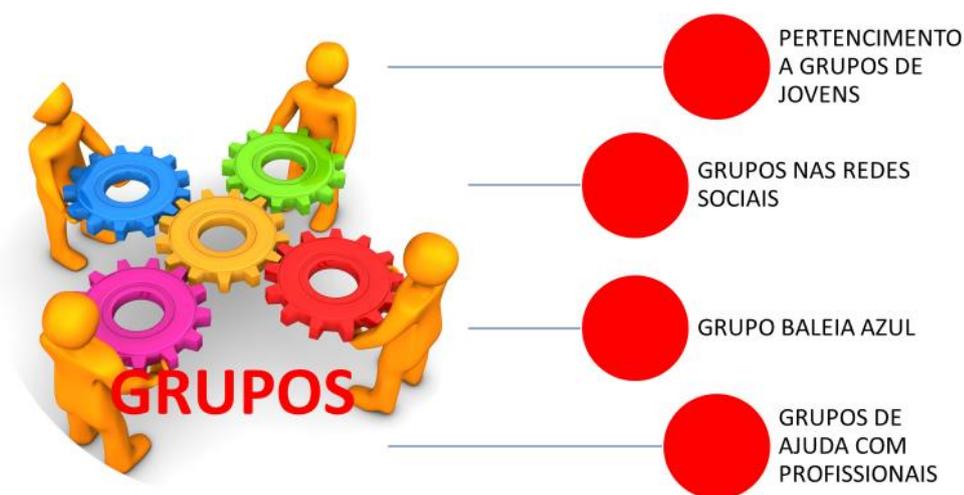
Eu tive, na outra escola privada que eu era diretor também, teve um menino que tentou se matar na escola privada (Docente 12).

Aí que resolveu tanto que o garoto está comigo até hoje, garoto está lindo porque, naquele caso era uma questão boba de resolver, mas ele já estava tentando botar fim na vida dele, e quando vocês conversavam com os pais (Docente 12).

Eu tenho experiências pessoais também porque a minha mãe é depressiva, então a minha mãe até que eu era criança e adolescente por duas vezes ela tentou o suicídio, então isso foi pessoal (Docente 7).

Outra palavra que pertence a Classe de Palavras 3 é **grupos**.

Figura 38 - Mapa conceitual Classe de palavras 3 - palavra grupos



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

A palavra faz parte dos relatos dos docentes com referência aos alunos que na adolescência se identificam e se agrupam. inclusive nas redes sociais. Esse contexto pode ser desencadeador, pode influenciar comportamentos de autoagressão. Como exemplo, o Jogo Baleia Azul, grupo virtual em que os alunos se associavam e eram influenciados a se machucar a até atentar contra sua vida.

Então eu lembro, o aluno também era muito apegado comigo e ele conversava comigo e ele falava disso que não era só esses **grupos** que estavam em evidência no *Facebook*, mas tinha outros que a gente não sabia que estava se formando, e esses alunos por algum motivo estavam entrando nesses **grupos** (Docente 3).

Foi um período, eu não sei agora, porque eu não tenho escutado nada de dois anos para cá, mas aqueles **grupos** que surgiram mais conhecidos como Baleia Azul (Docente 3).

Eles têm tantos **grupos**, e de repente, para poder querer fazer parte e aquelas pessoas darem mais atenção a eles, eles começam a ter essa atitude, e como eu estava falando para você daquela menina que me preocupou mais (Docente 3).

Entretanto, os grupos podem ajudar na prevenção e na posvenção, quando utilizados como suporte emocional aos jovens.

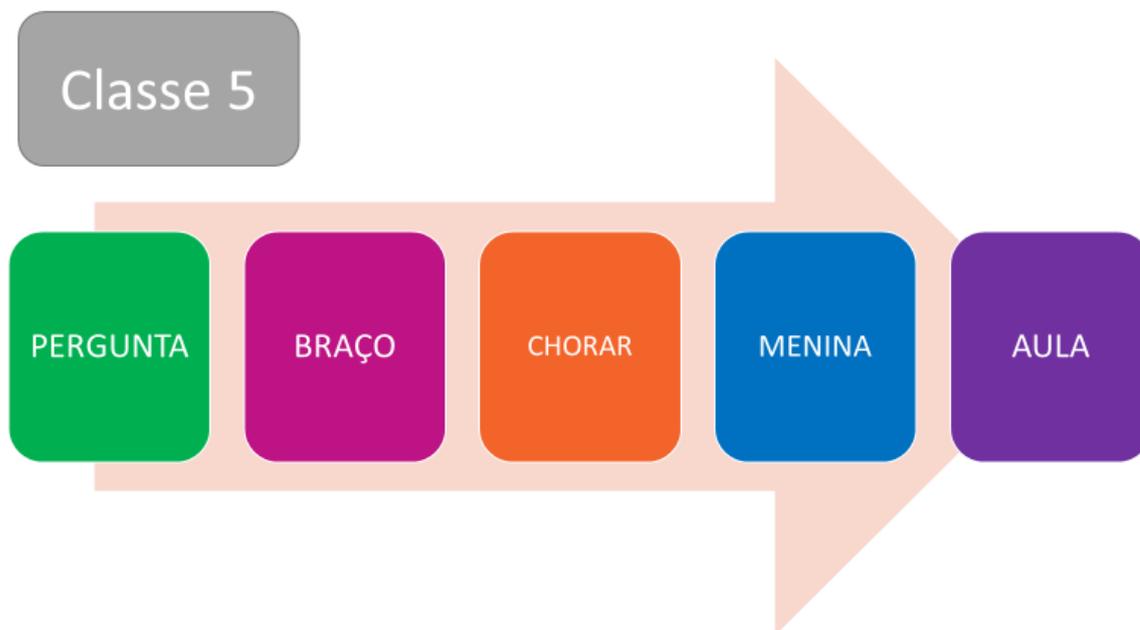
E quando a gente viu que ele fazia parte desse **grupo** aí, da Baleia Azul, aí eu sei que o pessoal ficou tão aborrecido e até a gente tem um **grupo** de pastores que são jovens (Docente 3).

Era ideia para esse ano a gente buscar ajuda de psicólogo, nesse **grupo** tinha psicólogo voluntário para a gente poder entender melhor os sinais, porque a gente percebeu que às vezes uma fala detonava uma crise imensa, porque a gente não sabia que na verdade tem um histórico de depressão, de abandono (Docente 12).

4.2.3. 5 Redes de Apoio

A Classe 5, que é composta das palavras *pergunta, braço, chorar, menina e aula*, permite reflexões sobre a atuação do professor e seu cotidiano com relação a alunos que praticam automutilação e/ou apresentam pensamentos suicidas.

Figura 39 - Classe de palavras 5



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

A primeira palavra a ser analisada na classe é pergunta. Refere-se a diversos contextos em que o professor se pergunta, pergunta ao aluno ou recebe os questionamentos dos alunos com relação ao fenômeno.

Figura 40 - Mapa conceitual Classe de palavras 5 palavra - pergunta



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

Pela narrativa dos professores, percebe-se que, quando se pergunta aos alunos sobre seus motivos de sua tristeza, sobre seus sentimentos, sobre seus comportamentos, o comportamento de autoagressão é revelado. O professor, na maioria das vezes, precisa perguntar, para que o aluno se abra e demonstre seu sofrimento.

Mas às vezes, se você conversar só com um e **perguntar** com ele e tal, aí você vê que alguns têm sintomas depressivos (Docente 1).

E eu chamei ele **perguntando** por que que você faltou, “ah, não vou voltar mais”, e daí ele contou o caso de um acidente que aconteceu com o primo dele, que foi até um acidente bem feio que aconteceu, e então eu falei não (Docente 2).

E aí, numa dessas conversas de pós aula, os alunos estão saindo, uma das meninas estava chorando, e aí eu estava saindo da aula para ir para o intervalo, percebi, e fui **perguntar** se estava tudo bem (Docente 9).

O docente pergunta com o objetivo de ajudar, de entender o que está acontecendo, para que, a partir de um diálogo aberto, do ouvir atento e do elo de confiança estabelecido ele possa compreender a situação e buscar caminhos para contribuir.

Faltava bastante e salteava as aulas, não era uma aluna muito dedicada não, mas essa aluna falou para mim que não via cor na vida, e eu me lembro de **perguntar** para ela assim, o dia estava bastante quente, e eu **perguntei** pra ela assim (Docente 8).

E aí eu **perguntei** se ela fazia algum tratamento médico com psicólogo, enfim ela disse que sim, que sofre de depressão e que estava caminhando (Docente 8).

Eu nunca tinha visto, eu falei assim, o que que foi isso, pensei, ah, ela arranhou o gato, arranhou, ou alguma coisa, mas aí eu vi que estava muito grande e ela estava com a outra mão fechada, e **perguntei** “o que que tem na sua mão?” (Docente 7).

O tipo de fala na forma que uma pessoa se posicionava e como ela se posiciona hoje, e aí tentar sempre chegar ali próximo dele ali, **perguntar** “e aí, irmão, o que está acontecendo, fala com a gente aí (Docente 6).

O docente também pergunta para a família, em busca de respostas, para entender a situação do aluno.

Então a gente tentava, e aí ela parava e começava a faltar, e a gente perguntava pra tia o que estava acontecendo, ah, ela sumiu, então realmente era uma situação difícil, tá [...] então foi essa situação que aconteceu com essa menina (Docente 7).

O conceito *perguntar* também se refere à atitude dos alunos de perguntar aos professores sobre a vida e pedir conselhos. Os professores são referência para os alunos e, devido à proximidade, eles são consultados e convidados a participar de reflexões e decisões da vida dos jovens.

Às vezes o aluno chega para conversar com você **perguntando** sobre carreira, tem muito disso, sobretudo eu acho que professor precisa muito disso, eu acho que tinha que ter até uma parte psicológica de psicologia na formação dos professores, alguma coisa assim (Docente 1).

Outro aspecto importante citado pelo docente 2 é a dúvida: ele deve ou não perguntar? Isso porque há o receio de que o questionamento perturbe o jovem, desencadeie sentimentos e emoções e que isso possa ser pior do que não falar no assunto, ignorar.

Às vezes eu não estou ajudando, e por isso que eu ficava assim, até que ponto eu posso **perguntar**, e até que ponto que eu consigo falar com ele, mas daí ele falava, ah, que não vale a pena viver (Docente 2).

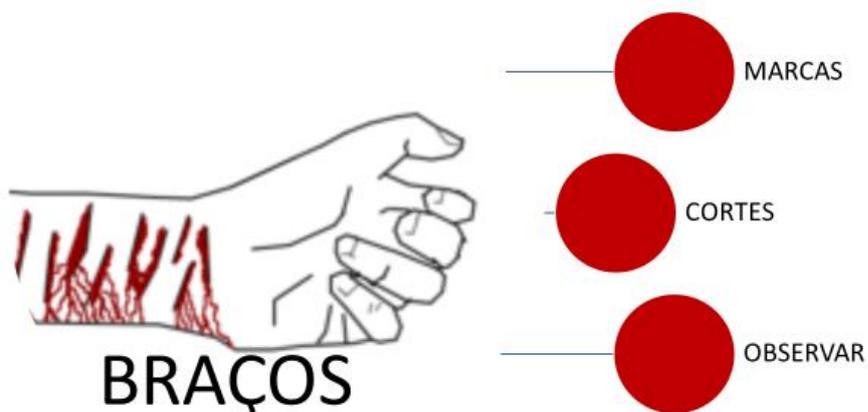
O conceito abordado também se refere ao momento em que os professores se questionam, se perguntam, frente à perda de um aluno por suicídio, sobre o que eles poderiam ter feito, o que poderiam ter feito de forma diferente. A dúvida é permeada de tristeza e culpa frente à morte e ao sofrimento de um aluno.

Como eu me **pergunto** quando eu perco um aluno, poxa, em qual momento que eu falhei, o que que eu deixei de aconselhar, de buscar, de repente, algo além de sala de aula família também, que às vezes a gente vai buscar (Docente 8).

Por último, a docente 7 relata um fato que ocorreu com ela. Depois de perguntar e dar atenção a um aluno em sala de aula, ele disse:

Professora você foi a única que me percebeu. Em sala de aula você era a única que vinha até mim, você é a única que **perguntava** se eu estava fazendo a tarefa você era a única que falava comigo (Docente 7).

Figura 41 - Mapa conceitual Classe de palavras 5 - palavra braços



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

A palavra *braço* refere-se a marcas e cortes provocados pela automutilação. Os docentes referiram situações em sala de aula em que tiveram contato com um aluno que se mutila, ou que o ato ocorreu em sala no momento da aula.

A aluna continuou na escola até o final do ano, mas você via que ela tinha várias marcas no **braço**, e no dia que aconteceu, que fomos na direção, lá a amiga falou, “olha, professor”, na direção já (Docente 7).

Aí os alunos todos olham para a cara da menina, porque foi uma reação minha, um pouco de chamando a atenção, assim, e aí ela começou a chorar, abaixou a cabeça chorando e eu vi o **braço** dela, então eu falei “olha, levanta, vamos lá embaixo, a gente vai limpar isso (Docente 1).

Isso já faz muitos anos, não da automutilação, mas do desejo de suicídio, e aí eu vou falar dela daqui a pouquinho, mas dessa, em relação ao uso da lâmina, ela me mostrou os **braços** (Docente 8).

O **braço** todo cortado, eles fazem um x no **braço**, então eu tive vários casos, várias situações (Docente 5).

O **braço** dela estava todo riscado, e ela, bem negra, você via aqueles risquinhos branquinhos, então foi uma coisa de apavorar todo mundo (Docente 1).

A partir dessa experiência, os docentes criaram o hábito de observar os braços dos alunos.

Uma aluna que a gente reparou, muito marcado o **braço** dela, e ela tinha um pouquinho de queleide e chegou a ficar aquelas marcas de queleide, e não só no **braço** (Docente 7).

Como eu falei, ela tinha uma família muito mal estruturada, uma criança muito deixada na rua, basicamente, e eu percebia que ela escondia muito a roupa no **braço**, e as crianças comentavam que ela ficava sempre machucada (Docente 10).

Mas foi um período que a gente ficou muito assustado e a gente observava os **braços**, até hoje eu tenho esse hábito de ficar observando os **braços** dos alunos, ainda mais aqueles que têm um ato de vestir roupa de frio (Docente 3).

No que se refere à palavra **chorar**, percebe-se que um dos sinais do sofrimento no espaço escolar é o choro do aluno. É um alerta aos educadores, um sinal de que há dor e sofrimento e de que o aluno precisa de ajuda, precisa desabafar.

E a gente viu um número crescente de meninos, e nesse caso, que vinha e **chorava chorava, chorava**, e a gente experimentou ano passado cerca de 12 tentativas de suicídio nessa mesma escola (Docente 12).

E aí numa dessas conversas de pós-aula, os alunos estão saindo, uma das meninas estava **chorando** e aí eu estava saindo da aula para ir para o intervalo, percebi e fui perguntar se estava tudo bem (Docente 9).

Ela sempre senta lá no fundo e na última carteira, e um dia eu estava dando aula e ela tava **chorando chorando** muito, e aí eu cheguei lá atrás para conversar com ela, aí eu falei “o que que aconteceu?” (Docente 7).

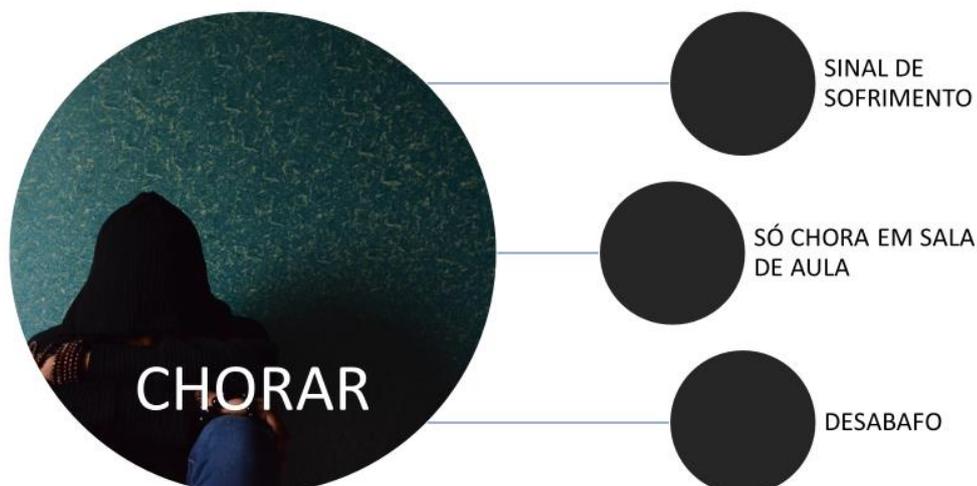
A gente passa muito por isso, às vezes o aluno briga em casa e vem para sala de aula e só **chora**, você não sabe por que ele tá **chorando**, não sabe, entendeu? (Docente 1).

Por vezes esse choro que ocorre na sala de aula ou no banheiro pode ser sinal de automutilação.

Escorria um pouco de sangue, e na hora que eu vi, ela começou a **chorar**, aí eu falei “o que que foi, fulana, que você está **chorando**” e tal (Docente 1).

Ele vai para o banheiro e fica **chorando**, e depois falaram que ele foi para o banheiro e quando voltou para sala de aula o professor observou um pouquinho de sangue e ele foi se autoflagelar no próprio banheiro da escola (Docente 7).

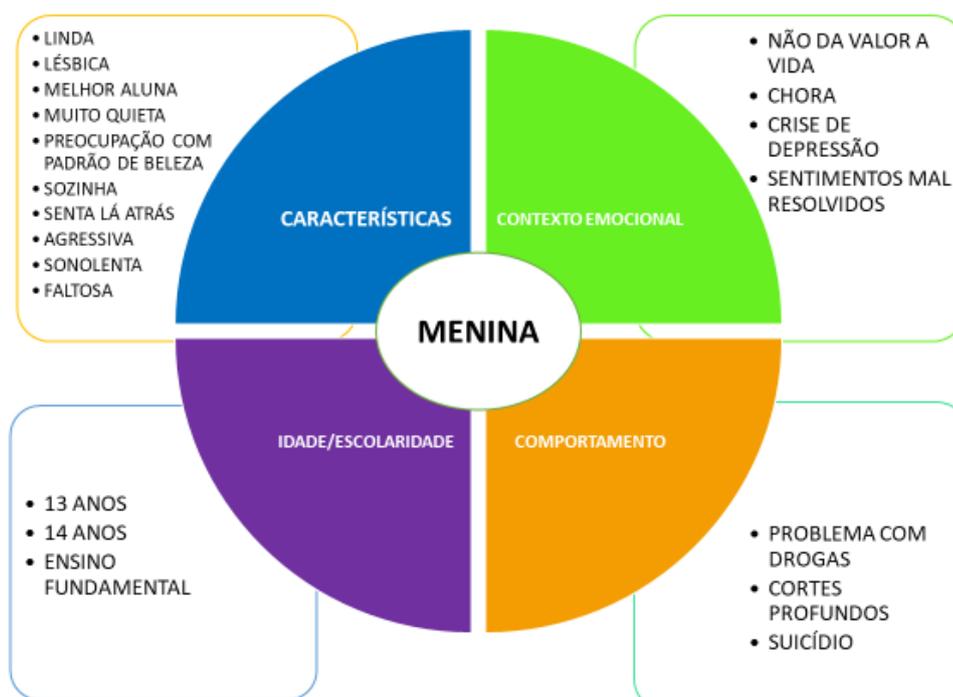
Figura 42 - Mapa conceitual Classe de palavras 5 palavra - chorar



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

A palavra *menina* (sexo feminino) destacou-se na narrativas dos docentes sobre situações vivenciadas com um aluno que apresenta comportamento de autoagressão. Com esse desse conceito, os professores refletem sobre as características dos alunos que se agridem: contexto emocional, idade e comportamento desses alunos no espaço escolar.

Figura 43 - Mapa conceitual Classe de palavras 5 palavra – menina



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

Quanto às características, os docentes disseram que a estudante era linda, lésbica, melhor aluna, muito quieta, tinha grande preocupação com os padrões de beleza, era sozinha, sentava lá atrás, era agressiva ou sonolenta e faltosa.

Agora eu estou lembrando de uma outra situação de uma aluna também dessa escola, uma **menina** linda, você olha para ela e ela é simplesmente linda, mas ela tem um nariz que tem um ossinho aqui e fica o nariz dela diferente (Docente 7).

Por exemplo, a gente teve um caso de uma **menina** que era lésbica que revelou para o pai e entrou em crise de depressão, mas o pai confiava muito na gente e a gente conversou, eu dei uns toques nele (Docente 12).

Eu me lembro que, com certeza, eu fiquei atenta em sala de aula e ela era uma **menina** mais quietinha mesmo, mas de ter levado não eu não me lembro (Docente 8).

Mas nesse ambiente normalmente a gente tem uma padronização, em tudo tem uma padronização, da roupa, tinha a padronização do jeito do cabelo e da maquiagem das **meninas** (Docente 9).

Mas nada que eu tenha acompanhado não, porque essas falas no Conselho de Classe de que a **menina** está sonolenta, se ela estiver sonolenta tá tomando remédio, ela faltou essa semana, então ela pode ter sido encaminhada para uma estrutura municipal (Docente 11).

Quanto ao contexto emocional, a aluna demonstrava não dar valor à vida, chorava, tinha crise de depressão e/ou sentimentos mal resolvidos.

Mas eu observava que tinha alguns alunos com emocional extremamente para baixo, meio depressivos mesmo, mas esses 2 casos específicos, foi um menino e uma **menina** que me relataram, e eu fiquei bem surpresa e com medo do que que eles poderiam fazer com eles mesmos, porque parecia não dá valor à vida (Docente 2).

Por conta de depressão, por conta de sentimentos mal resolvidos, socioemocionais, que não conseguem, e essa **menina** em específico eu não posso falar para você com todas as palavras que ela tinha problemas com drogas (Docente 2).

Quanto à idade e à fase escolar, os docentes relataram experiências com jovens de 13 a 14 anos que cursavam o Ensino Fundamental II.

O primeiro contato foi com uma **menina**, foi uma jovem de 13 anos, ela estava no oitavo ano do ensino fundamental, e eu me lembro que as amigas estavam muito preocupadas, porque começaram a notar (Docente 9).

Então essa **menina** de mais ou menos 14 anos tinha um relacionamento familiar muito conturbado, na escola até tinha um bom desenvolvimento de

modo geral, mas em casa tinha um ambiente um pouco conturbado, e ela dava vazão e fazia cortes muito profundos (Docente 11).

No que se refere ao comportamentos de autoagressão de alunas, os professores relataram casos de uso de drogas, automutilação e suicídio.

Aí os alunos todos olham para a cara da **menina**, porque foi uma reação minha um pouco de chamando a atenção, assim, e aí ela começou a chorar, abaixou a cabeça chorando e eu vi o braço dela, então eu falei, olha, levanta, vamos lá embaixo, a gente vai limpar isso (Docente 1).

E o outro relato da questão do suicídio, aí eu lembrei do caso dessa **menina**, já tem muitos anos, então faz 10 anos que eu dou aula, eu creio que tem uns 7 anos isso, mais ou menos (Docente 8).

Figura 44 - Mapa conceitual Classe de palavras 5 - palavra aula



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

A última palavra da classe 5 é aula. O conceito é apresentado na narrativa dos docentes por ser o local onde ocorreu, conforme grande parte dos relatos, o ato de automutilação.

Aí um dia eu reparei que essa menina sentou lá atrás, e sozinha, aí eu pensei, ah, tudo bem, às vezes ela quer sentar no fundo hoje, e tal, aí tô dando **aula** normal, uma hora eu olhei lá para trás vi que ela estava muito quietinha (Docente 1).

O docente 1 inclusive, relata que, quando ocorreu o fato, ele pensou: por que na minha aula? Isso porque, diante do ocorrido, ele teria que agir.

Às vezes você se sente até um pouco culpado, o que que eu fiz, o que que tá acontecendo, e logo na minha **aula**, depois disso eu fiquei extremamente apavorado (Docente 1).

Os professores também demonstraram, em seus relatos, que a sala de aula é um espaço de conversa e que nela o fenômeno da violência autoprovocada é revelado. Também é nesse espaço que normalmente ocorre a expressão da dor e dos sentimentos dos alunos.

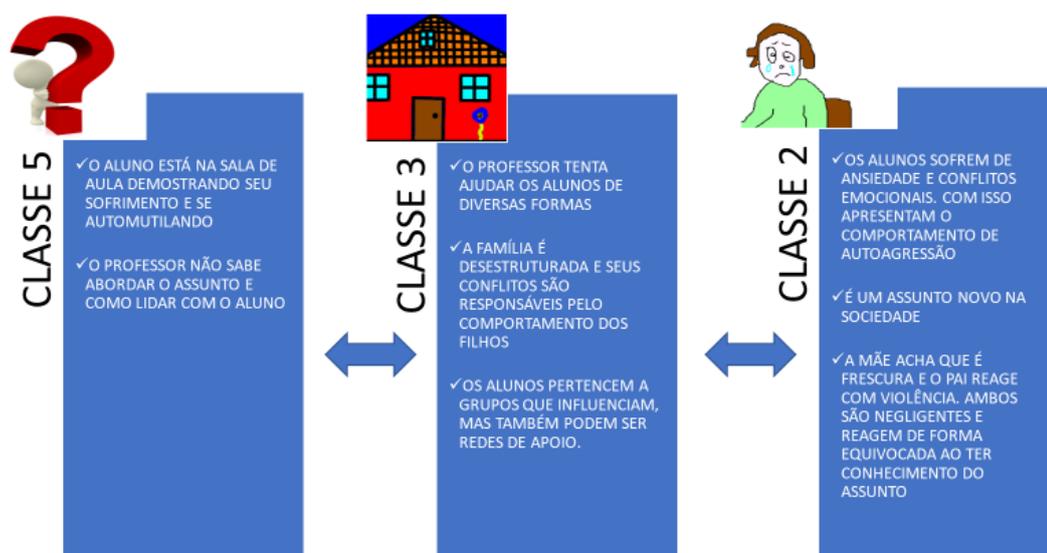
Faltou a primeira semana toda, não sei se por vergonha do que tinha acontecido, depois começou a ir e faltava um pouco, então eu, sempre, na minha **aula** conversava com ela, olha, vem na minha **aula** (Docente 1).

Ela sempre senta lá no fundo, e na última carteira, e um dia eu estava dando **aula** e ela tava chorando, chorando muito, e aí eu cheguei lá atrás para conversar com ela, aí eu falei o que que aconteceu? (Docente 7).

A forma, no meu caso, como eu só tinha uma **aula**, era observar mesmo o comportamento e tentar me aproximar, conversar, brincar (Docente 3).

Ao associar as Classes de palavras 5, 3 e 2, conforme demonstra a Figura 45, é possível observar a realidade do contexto escolar e das vivências dos docentes em relação ao fenômeno da violência autoprovocada.

Figura 45 - Classes de palavras 5, 3 e 2 associadas



Fonte: Dados do IRaMuTeQ.

4.3 Análise e discussão dos dados

A análise dos artigos pesquisados nos últimos 5 anos, com relação às palavras chave voltadas ao fenômeno da violência autoprovocada em adolescentes, ao panorama de materiais técnicos dos últimos 10 anos sobre o tema e aos dados obtidos pela pesquisa, com utilização dos instrumentos questionário e entrevista, possibilitou a percepção da **amplitude do tema** em questão, assim como de sua complexidade e de seus pontos de contradição. Essa complexidade não irá se esgotar nessas reflexões, pois há necessidade de busca de informações e estudos com relação a alguns aspectos citados brevemente no presente estudo. A abordagem desses aspectos também seria relevante para a análise do fenômeno da violência autoprovocada em adolescentes e para a atuação do docente frente a esse contexto. No entanto, são apresentados nesta seção somente os aspectos principais, que contribuem diretamente para o que se propõe neste estudo: analisar de forma profunda e reflexiva a realidade dos professores que hoje têm proximidade com o problema e que o apresentam com sua voz e perspectiva.

Ao entender como hoje os docentes e os demais sujeitos dessa relação (alunos, familiares, pedagogos, diretores) estão lidando com essa realidade, torna-se possível traçar possibilidades de atuação.

Quanto à relevância do tema, os dados permitem constatar que a violência autoinfligida é um fenômeno presente nas escolas que muito preocupa e aflige os docentes.

Observa-se que houve uma **atitude de negação** por parte de um grupo pequeno de professores, quanto à ocorrência do fenômeno em seu contexto próximo. A maioria deles entende que o fenômeno existe, no Brasil, no Sul Fluminense ou em seu contexto escolar. Esse ponto provoca reflexões, pois saber que o fenômeno existe proximamente implica necessidade de agir, implica assumir uma postura de responsabilidade social sobre o tema.

Os docentes demonstraram **consciência da gravidade** do tema, do crescimento do fenômeno nos adolescentes e de sua crescente ocorrência no cenário educacional.

Nas narrativas dos 12 docentes entrevistados observa-se a incidência de mais casos vivenciados com alunos que praticam a automutilação, mas também há relatos de ideação e tentativa de suicídio e de suicídio consumado. Alguns casos relatados de automutilação ocorreram dentro do espaço escolar, no banheiro ou na sala de aula, **impactando os docentes**, a equipe pedagógica e toda a escola.

Os alunos, quando surpreendidos pelo professor abriram-se para eles ou para colegas de turma, a partir de conversas. A partir desse fato, tendo a informação da situação do aluno, os professores procuraram encaminhá-lo para a equipe pedagógica e/ou para a direção. O assunto é levado à direção/coordenação, passa a ser parte da conversa na sala dos professores e no conselho de classe, e os pais são convocados.

No entendimento dos docentes, nos casos de suicídio nem sempre o aluno não dá pistas. Assim, o professor demonstra culpa, por não ter percebido nenhum indício das intenções do aluno.

Quando o professor percebeu, buscou ajuda, e mesmo assim não conseguiu auxiliar o aluno. Também houve um sentimento de incômodo, afinal o fato é relacionado à morte e/ou sofrimento de um aluno. Ele perguntou-se sobre o que poderia ter feito de diferente ou em que errou.

O perfil dos profissionais que participaram da pesquisa, tanto no questionário, quanto na entrevista, é de **docentes experientes**, que já têm mais de quatro anos no exercício de suas atividades, a maioria deles com mais de 11. De acordo com as contribuições teóricas de Huberman (1992, p 39), esses professores já “sobreviveram” ao período inicial da carreira:

[...] O aspecto da “sobrevivência” traduz o que se chama vulgarmente o “choque do real” a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional.

Segundo Marcelo (2009, p. 13), são professores considerados peritos em sua atividade profissional, pois já têm alto nível de conhecimento e destreza na realização de sua prática pedagógica:

O contraste entre professor perito e professor principiante. É importante assimilar que, quando falamos de professores peritos, estamos a falar não só de um professor com pelo menos 5 anos de experiência, mas também de pessoas com elevado nível de conhecimento e destreza, coisas que não se adquirem de forma natural, mas que requerem uma dedicação especial e constante.

Contudo, apesar da experiência e de anos de docência, a maioria deles **nunca teve acesso a materiais** oficiais que abordam o tema da violência autoprovocada em adolescentes. Nenhum professor afirmou ter recebido uma formação sistematizada, ampla e sólida sobre o tema.

Observa-se, no panorama de materiais técnicos sobre o tema, que nos últimos anos houve aumento do número de materiais que abordam o assunto, inclusive criados por redes e Instituições de ensino. Também foram criadas leis que abordam o tema no contexto dos

adolescentes e direcionam ações que devem ser realizadas pelas unidades de ensino quando um aluno apresenta o comportamento de autoagressão. Mesmo assim, os docentes não demonstraram conhecimento do assunto, dos materiais e das legislações vigentes.

Apesar de o fenômeno estar presente e ser real no contexto escolar, de ser um problema de saúde pública entre os adolescentes, os docentes não tiveram contato com o tema na formação inicial, tampouco na formação continuada, no decorrer de sua carreira profissional.

O estudo de Moreira e Bastos (2015) revela que é importante que os profissionais de educação, em conjunto com outros profissionais da saúde e da assistência social, participem de treinamentos e programas de capacitação continuada, pois assim terão suporte e conhecimento dos assuntos relacionados ao sofrimento, à depressão e à conduta autodestrutiva em crianças e jovens e poderão abrir diálogo sobre o tema com os atores escolares.

Sousa *et al.* (2017) ratificam a importância de os profissionais de saúde e professores serem capacitados para que possam ajudar as crianças e adolescentes que apresentam sinais que alertam para o risco de suicídio.

Quanto à formação inicial, percebe-se como o currículo das universidades estão distantes da realidade educacional e não preparam o docente para os desafios a serem enfrentados no cotidiano da escola.

A estrutura e o desenvolvimento curricular das licenciaturas, entre nós, aí incluídos os cursos de pedagogia, não têm mostrado inovações e avanços que permitam ao licenciado enfrentar o início de uma carreira docente com uma base consistente de conhecimento, sejam os disciplinares, sejam os de contextos sócio-educacionais, sejam os da práticas possíveis, sem seus fundamentos e técnicas (GATTI, 2009, p. 95).

Alguns docentes com formação em Pedagogia, além de sua licenciatura específica, afirmaram que a Pedagogia ajuda a enfrentar essa realidade, devido ao fato de o currículo desse curso contemplar a disciplina Psicologia da Educação com uma carga horária significativa. Entretanto, afirma que isso não é suficiente, pois esse fenômeno especificamente não foi abordado nessa disciplina. Inclusive, alguns docentes afirmaram a necessidade de a temática ser inserida na formação inicial do professor em todas as licenciaturas.

As etapas da formação inicial, inserção e desenvolvimento profissional deveriam estar muito mais inter-relacionadas, de forma a criar aprendizagens coerentes e um sistema de desenvolvimento da profissão docente (MARCELO, 2009, p. 13).

A maioria não teve acesso nem a uma formação pontual sobre o tema. Sendo assim, o conhecimento dos professores sobre o tema é superficial e empírico, baseado em suas experiências práticas, em sua história de vida, em percepções, em suas noções e no senso comum.

Uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre o ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos (TARDIF, 2000, p. 216).

Quando o professor recebeu alguma informação sobre o tema foi porque teve acesso à campanha do “Setembro Amarelo”, ao CVV, ou a alguma reportagem ou artigo. Comprova-se, nesse caso, a importância dessas instituições e movimentos para que o assunto chegue à sociedade e aos educadores.

É fundamental que os docentes tenham **formações voltadas ao tema**, pois, a partir da formação e do conhecimento, poderão ter mais segurança para realizar abordagens em sala de aula. Provavelmente, terão mais empatia, mais atenção ao comportamento dos alunos e abertura para o diálogo.

Ao encaminhar os casos de violência autoprovocada, os professores esperam que a equipe técnica e pedagógica tenha condições de resolver a situação, pois não sabem como agir, ficam assustados e com medo, visto que não têm conhecimento pleno desse tema.

Como a ocorrência desse fenômeno envolve os diversos espaços e atores da escola, a formação não é necessária só aos professores, mas a toda comunidade escolar.

Diante da fragilidade da formação inicial, a escola precisa ser um espaço de formação sobre o tema.

Uma comunidade de prática constitui-se num ambiente que sustenta suficiente engajamento voluntário e mútuo entre seus membros, objetivando, por meio da busca de conhecimentos e geração de aprendizagem. Esses conhecimentos estão intimamente conectados à prática dos membros dessa comunidade (SILVA; DAVEL, 2007, p 55).

Por meio de **comunidades de prática** e troca entre pares é possível refletir sobre a violência autoprovocada e o contexto do adolescente na sociedade, para que se possa enfrentar este e outros desafios impostos à educação escolar, conforme alerta Lima (2011, p. 10521):

A educação escolar vive dias de apreensão. Os novos tempos têm surpreendido as escolas, seus professores e gestores com novos modelos de organização familiar que representam novos alunos em sala de aula, com novas posturas e comportamentos, geralmente com os elementos básicos da socialização primária não atendidos.

Segundo Lima (2011), uma **escola reflexiva** como organização aprendente é entendida como um sistema integrado e complexo que promove processos de aprendizagem pessoais e coletivos, envolvendo professores e alunos e desenvolvendo uma cultura escolar de aprendizagem. Essa escola é reflexiva, pois qualifica, não só os que aprendem (alunos), mas também os que ensinam (professores). Esse autor observa que o conceito de escola reflexiva é essencial, pois atualmente o conhecimento se mostra volátil e de difícil domínio em sua totalidade. Diante dessa realidade, é válido investir em mecanismos de aprendizado individual e coletivo.

Essa necessidade é fundamentada na própria pesquisa, pois se constata que alguns professores reforçam e alimentam os mitos existentes na sociedade sobre o fenômeno do suicídio e da automutilação e que outros não se posicionam contra esses mitos (nem concordo/nem discordo).

Infelizmente, por desconhecerem o tema, alguns professores acabam reforçando muitos **mitos existentes na sociedade**. Para eles, o aluno pratica a automutilação por prazer ou simplesmente para chamar a atenção, como se a dor e o sofrimento não fossem legítimos e verdadeiros. Reforçam o mito de que os jovens são muito intensos e exagerados em seus sentimentos e em seus discursos, e que a pessoa que diz que deseja se matar não tem de fato vontade de cometer uma violência contra si mesma.

Segundo Fortes e Macedo (2017), o corte realizado na automutilação é um ataque ao próprio corpo, com o objetivo de apaziguar a dor, de possibilitar a restauração das fronteiras perdidas do corpo. O sangue que corre restaura e alimenta o sentimento de estar vivo, intensifica a sensação de vida. Os autores afirmam que é na adolescência que esse fenômeno surge, pois é nessa fase que o sujeito sofre diversas transformações, sensações e o desinvestimento das ligações com o contexto infantil. Esse desinvestimento significa para o adolescente o abandono, a perda da imagem dos pais e da onipotência da infância, para assim construir novos modelos identificatórios.

Nesse contexto traumático da adolescência, a automutilação ocorre como uma expressão da intensidade psíquica. Assim, esse momento da descarga da dimensão elaborativa da intensidade da psique é denominado ato-dor.

Fortes e Macedo (2017) entendem a automutilação como um ato para descarregar a dor psíquica, sem finalidade de prazer ou autodestruição. Na adolescência, pode ceder espaço com acompanhamento e tratamento especializado. Há possibilidades de o sujeito existir na presença do outro e de si mesmo, endereçando a sua dor à escuta. Diante desse entendimento,

entender o sofrimento mental dos adolescentes como próprio é fundamental; não se pode, portanto, observá-los com olhar moral, sem lhes dar voz.

Outro mito que surgiu de forma tímida no discurso de um professor foi que a pessoa apresenta esse comportamento por falta de fé. Ele refere-se ao suicídio como um “pecado”, como era compreendido antigamente, quando não havia conhecimentos científicos sobre o tema. Durante séculos o suicídio foi considerado, por razões religiosas, o pior dos “pecados”. Falar sobre o tema era motivo de medo e vergonha perante a sociedade. A **construção histórica do tema legitima o tabu** que o envolve: é crime, pecado e/ou loucura. Esses conceitos reforçam o preconceito e o estigma sobre o tema.

Violência autoprovocada, automutilação, ideação ou tentativa de suicídio e o suicídio consumado são temas **silenciados** no espaço escolar. Não se fala do assunto na escola e na sociedade.

O suicídio é considerado um problema de saúde pública; entretanto, não é um tema divulgado e debatido de forma efetiva pela sociedade, pois ainda é um assunto extremamente estigmatizado. Os tabus criados sobre o tema prejudicam a discussão e a conscientização da população, que precisa ter conhecimentos sobre o tema, para que possa superar os mitos, tabus e estigmas. Para isso a escola é extremamente importante.

A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2014) pontua que esses **estigmas e tabus** são fatores que impedem a prevenção do suicídio. Para que a escola e os docentes possam atuar no enfrentamento dessa realidade, a superação desses tabus e mitos é fundamental.

Infelizmente, apesar dos estudos e das campanhas apontarem que há necessidade de se falar sobre o tema em busca da prevenção, o assunto ainda é um tabu. Incomoda a todos, professores e familiares.

Almeida (2018) reforça que o tema suicídio precisa deixar de ser um tabu e um estigma social e passar a ser entendido com um problema de saúde coletiva que atinge a todos, mesmo que alguns grupos estejam sujeitos a maior risco.

Moreira e Bastos (2015) afirmam que o comportamento suicida existe desde os tempos antigos da humanidade, tendo mudado através do tempo apenas a forma como é compreendido ou não pela sociedade. Segundo os autores, é preciso avançar muito no entendimento desse fenômeno, especificamente no campo da educação.

Carneiro e Coutinho (2015) afirmam que o contexto do adolescente com sofrimento emocional é complexo; no entanto, é necessário que a área da saúde e também a da educação busquem estudá-lo e compreendê-lo. Esse entendimento é essencial para que se promova uma

efetiva aprendizagem, pois os problemas que nela interferem não podem ser pensados sem observação do contexto escolar, contexto familiar e social dos alunos.

Para lidar com o sofrimento do aluno adolescente é necessário empatia, o que ficou evidente no discurso dos participantes da pesquisa. **Empatia, acolhimento, diálogo e relação de confiança** foram abordagens excessivamente relatadas pelos docentes como fundamentais para lidar com o fenômeno.

Fukumitsu (2014) afirma que há necessidade de empatia, em relação às pessoas que estão vivendo esse sofrimento. O foco não seria a cura, mas o cuidado para que possam ressignificar seu desespero existencial e descobrir formas de trabalhar seus conflitos. Entretanto, nem sempre isso é suficiente para a pessoa optar pela vida, pois o fenômeno é complexo e permeado por múltiplos fatores.

Os docentes apresentaram em seus relatos muitos questionamentos, inquietações e reflexões sobre o motivo pelos quais os alunos apresentam comportamento de autoagressão.

Fukumitsu (2014) alerta que não se deve compreender o fenômeno do suicídio direcionando o olhar só para as causas, pois o comportamento suicida é multifatorial; portanto deve ser acolhido também pelos fatores de risco, pois o ato suicida envolve o contexto individual, social e cultural.

Nas reflexões dos participantes da pesquisa, a **desestrutura da família e o contexto social** aparecem como motivos com maior intensidade. Apesar disso, os docentes entendem que a ocorrência do fenômeno é multifatorial; por isso o relacionam com o contexto emocional, social (e familiar) e biológico do aluno.

Quanto ao **contexto social**, os docentes evidenciaram diversos aspectos que influenciam o adolescente a apresentar comportamento de autoagressão: consumismo, a desigualdade social, dificuldade financeira, mudanças sociais, entre outros. O relato dos docentes ratifica o entendimento dos autores sobre o contexto social ser o desencadear desse processo.

Almeida (2018), com base nos estudos de Durkheim, afirma que o suicídio deve ser compreendido como toda morte que resulta de um ato realizado pelo indivíduo que tem consciência da consequência de sua decisão. Nesse sentido, ele pode ser explicado como uma questão social, visto que varia conforme o grau de interação do indivíduo com a sociedade.

No relato dos docentes, percebem-se ainda muito preconceitos e julgamentos sobre o aluno que comete a violência autoinfligida e sobre a **culpabilização de sua família**.

Um dos exemplos abordados no artigo de Almeida (2018) sobre esse tema ressalta a **influência do contexto familiar**. O autor afirma que, para Durkheim, a família serve como um fator de controle do suicídio, pois quando se constitui uma família os que a comandam são instituídos de responsabilidades e de funções. Quando o indivíduo se afasta desse contexto, perde o sentido da vida, pois não encontra a função protetora e auxiliadora da instituição familiar.

Outro exemplo coerente com os relatos dos docentes refere-se ao suicídio anômico, defendido por Durkheim (*apud* Almeida 2018), como o mais presente na sociedade moderna. Os docentes relataram que a **sociedade está doente**.

Essa forma de suicídio está ligada à transição da solidariedade mecânica para a solidariedade orgânica, que corresponde a um período em que a consciência coletiva e a moral estão enfraquecidas. Com o surgimento da sociedade industrial, a consciência coletiva perdeu seu poder de regulação social e a sociedade entrou num estágio de anomia. A sociedade fica doente quando as pessoas não cooperam umas com as outras e, assim, vivem sem harmonia. Diante da mudança nas relações da sociedade, os laços entre os indivíduos se enfraquecem, em decorrência da diminuição da consciência coletiva.

Diante do exposto, Almeida (2018) esclarece que esse tipo de suicídio está intimamente ligado a alterações na sociedade que, quando se vê perturbada, com crises econômicas e ou políticas, decorrentes de guerras ou revoluções muito radicais, torna-se incapaz de exercer a moral sobre os sujeitos. Sendo assim, a desigualdade torna-se a fonte do mal.

Ao encontro dos relatos dos docentes, Souza *et al.* (2017) observam que vários jovens tentam ou cometem suicídio devido a desilusões amorosas ou ao consumo de álcool e de outras drogas. Já para crianças até 14 anos, os fatores que têm maior impacto são conflitos familiares, como tensões, rigidez e ausência de diálogo, separação, divórcio dos pais e abuso sexual.

Esse contexto foi demonstrado na fala dos docentes participantes da pesquisa. Segundo eles, grande parte dos alunos apresentava **conflitos familiares**, como separação dos pais, tensões na relação com o pai ou com a mãe e, principalmente, ausência de diálogo. No entanto, alguns docentes relataram casos de famílias parceiras, presentes no espaço escolar, que têm uma sólida atuação educacional com os filhos e que, mesmo assim, o fenômeno se tornou presente. Portanto, a condição familiar é importante, mas não decisiva ou determinante para que o adolescente apresente comportamento de violência autoprovocada.

Almeida (2018) acredita, inclusive, que muitas medidas podem atenuar o problema, mas que não serão suficientes, pois a desigualdade social é muito grave, o que gera vantagens e benefícios para poucos. O modo de produção capitalista ensina às pessoas a cultura do “ter”, e não do “ser”. Outro aspecto evidenciado na fala dos docentes é o impacto que o consumo e o capitalismo têm nos adolescentes e em sua educação familiar. Os docentes relatam que muitas famílias se preocupam muito mais em prover bens aos filhos do que manter com eles uma relação de diálogo, atenção, cuidado e respeito.

Entretanto, o fenômeno **não está relacionado a uma dimensão específica**. É um processo multidimensional, complexo e dinâmico que irá compor um cenário de crise. Sendo assim, qualquer interpretação isolada seria reducionista e irresponsável.

Ao longo do estudo os educadores relataram que a **depressão e a ansiedade** estão fortemente presentes na sala de aula e na vida dos alunos adolescentes.

Os estudos de Melo e Sieba (2017), realizados nos últimos anos, evidenciam que é expressivo o número de adolescentes, em média com 16 anos, que apresentam sintomas depressivos. A depressão é um distúrbio que pode atingir todas as pessoas em suas diversas fases da vida, entretanto a depressão em crianças e adolescentes é um tema pouco explorado. Os autores ressaltam que seus estudos apontam maior preocupação dos profissionais com a necessidade de diagnóstico cada vez mais precoce da depressão na adolescência, pois ela é um primeiro indicativo de vulnerabilidade. Acende um alerta para outras doenças e fenômenos, como a violência autoprovocada. Afirmam que há, também, uma ligação intensa entre depressão e suicídio.

Nos relatos dos docentes, a ocorrência do fenômeno em meninas foi evidenciada. Os autores Melo e Sieba (2017) encontraram, em seu estudo, que o gênero feminino apresentou com maior intensidade os sintomas de depressão. Nesse gênero os sintomas são mais excessivos e frequentes.

Outro aspecto evidenciado nas vivências dos docentes foi a **influência de grupos e jogos** na ocorrência do comportamento de autoagressão entre os jovens. Almeida (2018) relata o caso que repercutiu há pouco tempo em toda a sociedade, o Jogo Baleia Azul, que desafiava e ameaçava os jovens.

Segundo Dinamarco (2011), muitos indivíduos buscam o isolamento, a partir de um contexto de sofrimento emocional diante das situações da vida e da estranheza da realidade. Esses indivíduos, com o advento da internet podem desfrutar, ainda que anonimamente, da possibilidade de encontrar alguém com sintoma semelhante ao seu.

Os docentes disseram que alguns alunos que demonstravam comportamento de violência autoprovocada afirmavam que a vida não tinha sentido. Observaram também que os alunos não tinham perspectiva de vida e de futuro.

Os autores Moreira e Bastos (2015) refletem sobre esse fato, ao afirmarem que o desejo de morrer seria o caminho para os atos de autodestruição e representam a insatisfação do indivíduo com o seu modo de vida atual. Esse desejo é manifestado em frases como: *a vida não vale a pena, não tem sentido, o que eu deveria fazer é morrer*, entre outras.

Frankl (2020) reforça que o **sentido da vida** se modifica ao longo da trajetória do indivíduo, mas jamais deve deixar de existir. De acordo com sua teoria, a Logoterapia, é possível descobrir o sentido da vida de três diferentes formas: trabalhando, experimentando ou encontrando alguém ou pela atitude que se toma frente a um sofrimento inevitável.

Percebe-se, com as reflexões dos autores, a importância da reflexão do sujeito em sofrimento sobre sua vida, a elaboração de seu sofrimento para que possa ressignificar sua trajetória, seus sentimentos, mudar suas atitudes, enfrentar suas dores e construir uma missão, uma meta de vida. Para isso, o jovem precisa de acompanhamento, tratamento com um especialista e acolhimento das pessoas que estão ao seu redor.

É importante ressaltar que, ao longo da pesquisa, os docentes **não perceberam a escola**, o ambiente escolar, como um detonador desse comportamento. Alguns professores citaram o **bullying**, mas de forma muito tímida e pontual. Contudo, a literatura sobre o tema mostra o contrário.

Carneiro e Coutinho (2015) defendem que o espaço escolar está em um contexto ambíguo, na sociedade. Marcado por padrão de homogeneidade, pode legitimar as desigualdades sociais, excluindo aqueles que apresentam alguma diferença em relação a esse padrão de normalidade social.

Sousa *et al.* (2017) afirmam que os fatores de risco ao suicídio estão associados aos fatores neurobiológicos, escolares, sociais e mentais, e dentre eles a relevância da ansiedade. Os autores afirmam que todos esses fatores podem ser prevenidos, mas para isso devem ser identificados e tratados por especialistas. Estão associados ao suicídio os conflitos familiares, problemas na escola, bullying, impulsividade e depressão. Há escassez de estudos sobre o tema, o que pode gerar sua invisibilidade nas políticas e programas de proteção. Quando analisam os fatores escolares, os autores explicam que os problemas de relacionamento na escola, o bullying, o abandono escolar, as crises disciplinares e a dificuldade de interação social contribuem para a incidência de comportamentos de autoagressão em jovens.

Quanto ao *Bullying*, Souza *et al.* (2017) alertam que atualmente ele é um problema que merece atenção, e observam que há estudos que comprovam a associação entre comportamento suicida e *bullying*. As vítimas desse mal são muito mais suscetíveis a sofrer emocionalmente, apresentam baixa autoestima, isolamento social e sintomas depressivos. Existe ainda uma relação do *bullying* com a insatisfação com a imagem corporal.

A análise do **perfil dos alunos** que apresentaram o comportamento de autoagressão, conforme relatos dos docentes, revelou que ele apresenta variadas características. Os alunos podem ter um perfil introspectivo (são muito quietos, ficam isolados e não criam vínculos com os colegas ou com a escola) ou um perfil agressivo, violento e descomprometido. Por vezes o aluno tem um excelente desempenho escolar, mas apresenta um comportamento faltoso.

Os autores Moreira e Bastos (2015) afirmam que atitudes de arrogância, enfrentamento e força podem ser, na verdade, um pedido de ajuda, de apresentação de limites, de carinho, de expressão de dúvidas, angústias e sofrimento.

No relato dos docentes, ficou evidenciado que muitos alunos com comportamento de violência autoprovocada são **faltosos** e acabam evadindo da escola ou se transferindo de unidade escolar. Sousa *et al.* (2017) afirmam que as faltas estão interligadas ao isolamento social e ao comportamento suicida. Também podem estar relacionadas com o medo e a vergonha de lidar com esses problemas. As crianças que se suicidam têm um histórico anterior de problemas de desempenho e dificuldades acadêmicas. Entretanto, não se sabe se são provocados por situações estressantes na vida ou por distúrbios de atenção, aprendizagem, conduta, ansiedade e depressão. Sendo assim, o autor alerta que qualquer mudança súbita e dramática no rendimento escolar deve ser observada e levada a sério.

Devido à evasão, perde-se o acompanhamento e o histórico do aluno. Assim, seria importante um sistema de acompanhamento desses casos pelas Instituições de Estado, envolvendo a área da saúde, a da assistência social e a da educação.

Quanto à **idade**, os docentes informaram que suas vivências com o problema foram relacionadas a alunos com 13, 14 anos de idade. Na literatura, essa idade é apontada como de grande ocorrência do fenômeno.

Moreira e Bastos (2015) defendem que a adolescência é uma fase de modificações biológica, psicológicas e sociais que normalmente vêm acompanhadas de angústia e conflitos. Tem-se observado aumento de comportamento suicida nessa população. A idade de 15 anos seria a mais crítica para a manifestação do fenômeno. Esses autores apontam aumento dos índices em jovens, a maioria deles maiores de 14 anos. Entretanto, em alguns países os dados

têm aumentado de forma alarmante em crianças menores de 15 anos, bem como na faixa etária 15-19 anos.

É observado no discurso dos docentes que eles se surpreendem, quando o adolescente que apresenta o comportamento de autoagressão é um aluno com bom desempenho, quietinho, bonito, família estruturada, com condição financeira boa. É como se o professor não esperasse esse comportamento em um aluno com esse perfil. Talvez seja porque os alunos que apresentam um comportamento de autoagressão fujam do “padrão de normalidade” criado pelos educadores: ou porque acreditam que esse perfil de aluno está dentro de um padrão de sucesso e de bem-estar social, por isso não teria motivo para apresentar esse comportamento, ou por perceberem o comportamento de autoagressão como um desvio, algo ruim, fora do normal, agressivo, mórbido, portanto não coerente com o que se entende como um “bom aluno”.

Luckow e Cordeiro (2017) afirmam que, para entender a exclusão dos alunos que apresentam comportamentos fora do padrão de normalidade, é preciso considerar que a escola está inserida em uma sociedade capitalista, marcada pelo processo de exclusão, de inclusão precária, instável e marginal. Quanto à atenção à saúde mental de adolescentes, os autores observam que somente a partir do século XXI esse público saiu da invisibilidade e recebeu ações de intervenção. Sendo assim, o aluno que apresenta esse comportamento ainda é estigmatizado.

Para mudar esse cenário, é imprescindível que os docentes tenham maior **conhecimento sobre o aluno adolescente**, sobre suas características e vulnerabilidades. As crenças dos docentes provenientes do senso comum tornam-se um reforço aos mitos sobre o tema e impedem sua efetiva atuação do docente, pois eles questionam e julgam o aluno e a legitimidade de seus sentimentos. É preciso que eles avancem para uma visão mais técnica e ampla do fenômeno, dos sentimentos e as emoções dos jovens e do sofrimento humano, para que assim possam contribuir para a formação integral do alunado.

Tourrette e Guidetti (2012), que estudarem a teoria de Wallon sobre o desenvolvimento afetivo e social de adolescentes, afirmam que a personalidade torna-se autônoma, nessa fase, e que o sujeito se percebe como uma unidade. Questiona sobre a razão de ser das pessoas, de si mesmo e do mundo que o cerca e, principalmente, sobre o sentido da vida.

Nessa fase surgem crises emocionais que podem ser acompanhadas por ideação suicida, tentativa de suicídio, suicídio consumado, depressão, ansiedade, automutilação, entre outros. Os autores Moreira e Bastos (2015) afirmam que ter pensamentos suicidas uma vez ou

outra é normal, pois esses pensamentos fazem parte do desenvolvimento e da passagem da infância para a vida adulta, à medida que busca compreender a vida, a morte e o significado da existência. Sendo a adolescência uma fase de intensas mudanças e movimentos de dependência e independência, caracterizados por conflitos e contradições, esses comportamentos podem ser apenas a busca de sua identidade, sendo assim superados. O pensamento suicida torna-se anormal, segundo os autores, no momento em que o suicídio parece ser a única alternativa para a solução dos problemas. Assim, torna-se um sério risco de tentativas de suicídio ou suicídio. A intensidade e profundidade desses pensamentos diferencia um jovem saudável de um jovem que se encontra à margem de uma crise suicida.

Os autores explicam que o adolescente sofre três lutos ao longo do desenvolvimento dessa fase: o luto do corpo infantil, o luto pela identidade e papel infantil e o luto pelos pais da infância. Segundo Griffa e Moreno (2011, p. 13), “[...] os fenômenos sociais de delinquência, do vício, da prostituição e da promiscuidade sexual estão associados a fase adolescente, embora não sejam exclusivos desse período”.

É preciso, portanto, refletir sobre a **fase da adolescência**, entender as transformações biológicas, emocionais e principalmente sociais que os jovens vivenciam em um contexto de intensa transformação social. Entender novos comportamentos, conflitos e crises se faz necessário para superar paradigmas e, assim educar, atuar e prevenir riscos a esses jovens.

Nessa fase, o sujeito está no espaço escolar, mas infelizmente em muitas escolas não é dada a devida atenção ao desenvolvimento emocional dos adolescentes, pois a principal preocupação da escola e dos professores, por vezes a única, é o cumprimento do currículo, dos planos de ensino para cada disciplina ou a conclusão da escolaridade (DORIN, 1978). Nesse cenário, o conhecimento técnico e o conteúdo são os únicos focos do processo ensino-aprendizagem, e não há tempo nem espaço para reflexões sobre os aspectos sociais e emocionais dos alunos. Esse aspecto foi evidenciado na fala dos docentes, que discutiram que a escola precisa atuar no contexto social, para assim possibilitar o desenvolvimento pedagógico.

Seria importante que os educadores ampliassem seu olhar e refletissem sobre seu papel nessa fase do desenvolvimento e agissem de forma a contribuir com esse processo de transformação que sofre o adolescente. Assim, poderia cumprir seu papel de formar seu aluno de forma integral e garantiria o rendimento escolar e o processo ensino aprendizagem.

Pouco se fez presente nos relatos dos docentes o **aspecto biológico**, no que se refere à ocorrência do fenômeno. Entretanto, há autores que discutem e comprovam a relevância dessa dimensão.

Em relação ao aspecto cognitivo, Souza *et al.* (2017) explicam que alterações neurocomportamentais desencadeadas pela puberdade podem ter influência no suicídio, pois os impulsos e as mudanças emocionais são intensos e constantes, nessa faixa etária. Explicam também que a limitada aptidão das crianças e adolescentes para resolver problemas pode aumentar o risco de suicídio, pois eles não teriam estratégias para lidar com as situações de estresse. A fase do final da infância e início da adolescência é crítica, devido às intensas transformações internas e externas que ocorrem nos aspectos emocional, físico e social. Esse aspecto é evidenciado pelos docentes, no que se refere à forma como os adolescentes estão sendo educados, protegidos, sem contato com frustrações.

Souza *et al.*, (2017) observam que a **fragilidade emocional** dos jovens em aceitar suas características físicas, as mudanças intensas que ocorrem nessa fase e a dificuldade para lidar com a diferença do outro reforça a importância da família e da escola, quanto a investigar e identificar o sofrimento emocional dos adolescentes, para encaminhá-los para tratamento com um especialista.

Entretanto, é percebido no discurso dos participantes que grande parte das famílias não está presente na vida dos adolescentes, não tem com eles um relacionamento próximo, baseado em confiança e diálogo. Assim, entende-se que esse contexto é um fator crítico para desencadear sofrimento aos adolescentes, ou, pelo menos, não contribui para prevenção e posvenção do fenômeno.

O fator predominante no discurso dos docentes é que a desestrutura da família seria o principal motivo para o aluno apresentar um comportamento de autoagressão. Os professores mostram-se surpresos quando o aluno demonstra esse comportamento, quando tem uma família de estrutura convencional (pai e mãe), presente, amorosa, que mantém uma relação de respeito e diálogo com o filho e que tem uma situação financeira estável. Outro aspecto importante a ser analisado com profundidade seria esse conceito de família estruturada. Afinal, hoje há uma ampliação e uma modificação desse conceito.

Entretanto, os autores legitimam o discurso dos docentes, de que a família seja um fator de risco para desencadear o comportamento de autoagressão nos adolescentes.

Souza *et al.* (2017) afirmam que, para crianças até 14 anos, os fatores que têm maior impacto são os conflitos familiares, o ambiente marcado por tensões, rigidez e ausência de diálogo, separação, divórcio dos pais e abuso sexual.

Moreira e Bastos (2015) concluem que a prevalência de ideação suicida é alta e que está intensamente relacionada a fatores como depressão, uso de álcool e outras drogas, problemas de relacionamento com os pais, tristeza e solidão.

Melo e Sieba (2017) ponderam sobre a importância do relacionamento dos pais com os filhos, pois os estudos têm mostrado um elo forte entre depressão e contexto familiar. Os adolescentes que apresentam sintomas depressivos percebiam suas famílias como desestruturadas. Sendo assim, segundo os autores, o contexto familiar é fundamental para o desenvolvimento do adolescente, pois possibilita um ambiente de proteção, tranquilidade e afeto, para enfrentamento das adversidades cotidianas, que são percebidas de forma intensa nessa fase da vida. Esse vínculo é fundamental para a construção da personalidade do sujeito. Muitas das características emocionais, cognitivas e comportamentais dos adolescentes são oriundas dessa relação e constituídas de acordo com a forma de criação adotada por eles.

Observa-se, no estudo realizado pelos autores, que o suporte social mais significativo no início da adolescência está no contexto familiar, e que nos anos posteriores esse apoio já é transferido para os pares. Essa rede de apoio próxima é muito importante. À medida que o adolescente cresce, as relações de amizade adquirem maior peso, devido ao desprendimento dos pais. Essas relações têm grande influência para que o adolescente se sinta seguro e procure um profissional especializado, pois a doença ainda é muito estigmatizada pela sociedade.

Almeida (2018) também aponta como fatores de risco o padrão da família e lembranças de fatos negativos durante infância. Contudo, afirma que a família também é fator de proteção e que a prevenção do suicídio se dá por meio de fatores protetores e pela diminuição dos fatores de risco no contexto individual e coletivo. Como fatores protetores, o autor cita: o relacionamento com a família e o apoio familiar; boas habilidades sociais; confiança em si mesmo; busca e abertura a conselhos; integração social; bom relacionamento com colegas de escola, professores e outros adultos e ajuda de pessoas relevantes.

Tanto o relacionamento familiar como o relacionamento com os colegas e professores podem ser fatores de proteção, quanto ao comportamento de autoagressão.

No que se refere ao **relacionamento professor** e aluno, observa-se, nos relatos, que alguns professores atuam de forma coletiva e não conseguem enxergar seus alunos individualmente. Esse fato é justificado pelo volume de alunos nas salas de aula e pelo pouco tempo de contato do professor com cada uma das turmas.

Entretanto, diversos professores pontuaram que observaram e identificaram a ocorrência do fenômeno nos alunos no relacionamento de sala de aula. Alguns alunos procuraram os professores nas redes sociais, para falar sobre seus sentimentos e angústias. Portanto, há possibilidades de abordagem do aluno que apresenta o problema, apesar de a

realidade educacional não ser favorável à construção desse olhar e desse relacionamento individual.

Os professores relataram que os problemas emocionais dos alunos não são expostos no coletivo da turma, mas aparecem na individualidade, quando são questionados e ouvidos de forma individual. Quando o professor ou a escola abre espaço para falar, os alunos expõem esses pensamentos e comportamentos e o fenômeno aparece.

Entretanto, por não obter conhecimento do assunto, suporte e infraestrutura nas escolas, alguns professores têm receio de perguntar, de agir e falar sobre o tema. Quando o assunto surge, alguns professores reagem de forma errada, com espanto e pânico.

Fukumitsu (2014) evidencia as fases de conduta e manejo psicoterapêutico para lidar com crises suicidas. Para o profissional de educação, o primeiro passo é perguntar e explorar os sentimentos e a intenção do suicídio. Em seguida, compreender, confirmar e acolher o sentimento de impotência e solidão, adotando uma postura de acolhimento e escuta, se possível, envolvendo a família. O último passo seria encaminhar e acompanhar o jovem.

Os docentes afirmaram que perguntam aos adolescentes sobre seus sentimentos e os motivos pelos quais estão sofrendo. A partir do que percebem, encaminham os alunos. O acolhimento dos alunos foi um outro ponto muito explorado pelos docentes.

Fukumitsu (2014) destaca a necessidade de os profissionais terem disponibilidade afetiva, compaixão e capacidade de afetar e acolher o outro com sua atitude. Enfatiza a preocupação com a tolerância dos profissionais ao se relacionarem com uma pessoa que vive sem sentido e “sem sabor”. Essa disponibilidade pode oferecer a sensação de alívio para a solidão existencial e tranquilidade para o desespero desse sujeito.

Nesse contexto, percebe-se que o professor está no caminho certo, quanto a sua atuação frente aos alunos que apresenta comportamentos de autoagressão. Em linhas gerais, os depoimentos revelam que os docentes entendem que devem abordar o aluno, acolhê-lo e, após identificar seu comportamento ou sofrimento emocional, encaminhá-lo

No entanto, é necessário refletir que o professor não poderá atuar sozinho no enfrentamento dessa realidade, pois está inserido em uma Instituição de ensino. Sua atuação não pode ser de forma ingênua, pois a transformação não está só em suas mãos, mas também na articulação de diversos profissionais, instituições e ações do poder público. O docente tem possibilidades, mas também limitações, em sua atuação.

Observa-se, nas vivências dos docentes participantes do estudo, que, ainda que em **atividades pontuais**, as escolas realizaram algumas ações voltadas ao tema, por exemplo, com a campanha “Setembro Amarelo” ou a partir de uma vivência de um caso de aluno que

apresentou esse comportamento no contexto escolar. Essas ações surtiram efeito, pois o tema, que surgiu dos alunos, foi evidenciado. Portanto, mesmo por meio de ações não sistemáticas e constantes, abrir a possibilidade de falar sobre o assunto em alguns momentos no ambiente escolar já é um passo extremamente importante no combate e na prevenção da violência autoprovocada.

Quando o fenômeno ocorre no espaço escolar, algumas escolas relatam o fato aos pais e não fazem mais nada, por vezes nem acompanham mais o aluno. Os professores não têm informação sobre as providências e o encaminhamento que foi feito, como se o fato fosse corriqueiro ou não ameaçasse a vida do aluno. Quando conversam sobre o fato, são falas informais e superficiais, nos Conselhos de Classe ou na sala dos professores.

Outras escolas, a partir da vivência, buscam conhecimento, parcerias, criam projetos e ações em busca de prevenir a autoagressão. Há professores “curiosos” que, ao constatarem o fenômeno em um aluno, buscam conhecimento sobre o assunto. Propõem parcerias com profissionais de saúde ou instituições de saúde ou da área de Assistência Social, criam momentos de discussão e escuta aos jovens. No entanto, normalmente fazem tudo isso com conhecimento empírico, portanto com insegurança.

De acordo com os relatos, a escola convoca a família para contar o ocorrido e solicitar o encaminhamento para profissionais de saúde. Muitos professores não têm nenhum retorno sobre o aluno, após encaminhá-lo à equipe técnica pedagógica. Sendo assim, não há entendimento, alinhamento e comunicação entre esses atores, para que se constitua uma rede de apoio a esses adolescentes em sofrimento emocional. E a escola pode ser esse agente articulador.

Carneiro e Continho (2015) evidenciam a importância da atuação da escola sobre o tema, ao informar que grande parte dos casos são encaminhados diretamente ao setor de psiquiatria, o que demonstra que ela ocupa um lugar bastante expressivo na identificação e no encaminhamento de crianças e adolescentes.

Alguns deflagraram em seu discurso as **mazelas das escolas** que não inviabilizam, mas dificultam a atuação do docente frente ao fenômeno. Segundo alguns professores isso acontece devido ao volume de trabalho do docente. Outro aspecto são as salas de aula cheias, o que faz com que o professor acabe atuando principalmente com o coletivo dos alunos. Pouco contato e atenção individual constitui um aspecto que dificulta ao professor a percepção do comportamento e dos sentimentos de seus alunos. Esse aspecto torna a identificação dos casos um processo difícil e complexo.

Outros relatos dos professores são de que a falta de estrutura das escolas públicas dificulta o encaminhamento e o trabalho sobre o tema. Como exemplo, na maioria das escolas não há pedagogo, ou/e quando tem, é um professor remanejado, sem formação para atuar na coordenação e orientação aos alunos.

Alguns professores afirmaram que os docentes não têm o que fazer, devido às mazelas educacionais: falta de formação, falta de profissional qualificado, excesso de alunos por turma/escola e volume de trabalho.

Sobre o contexto de crise da educação e o papel dos educadores nesse cenário, Gallo (2014) afirma que, no processo educativo, os docentes são devorados pela realidade e passam a compor um sistema, tornando-se peças da engrenagem da máquina social, reproduzindo-a e fortalecendo suas normas em suas atitudes cotidianas.

Entretanto, vários professores referiram ações das escolas e dos educadores que contribuíram para o enfrentamento dessa realidade.

Sendo assim, diante do contexto atual da sociedade e da instituição escolar, os educadores precisam romper com paradigmas e ideias preconcebidas, buscar conhecimento, olhar e pensar fora dos padrões, e encontrar alternativas para atuação e transformação da realidade. Nesse sentido, a escola precisa ser um espaço de escuta, reflexão, formação e acolhimento para os alunos, professores e para a família.

Infelizmente, em muitas escolas não é dada a devida atenção ao **desenvolvimento emocional** dos adolescentes, pois a principal preocupação, por vezes, é o cumprimento do currículo, dos planos de ensino para cada disciplina, ou a conclusão da escolaridade (DORIN, 1978). Nesse cenário, o conhecimento técnico e o conteúdo são os únicos focos do processo ensino-aprendizagem, não havendo tempo nem espaço para reflexões sobre aspectos sociais e emocionais.

Dorin (1978) contribui com orientações para essa atuação acontecer, ao explicar que é importante desenvolver **competências emocionais** no espaço escolar porque assim será possível ao aluno dominar suas emoções e sentimentos pois esse domínio é essencial para que se consiga efetiva aprendizagem;

É fundamental, portanto, que a escola seja **palco de discussão sobre as emoções**. Fortes e Macedo (2017) ressaltam que a condição de expressar a dor em palavras é de suma relevância para que o sofrimento psíquico se constitua como tal.

Outro aspecto evidenciado na narrativa dos docentes é que o professor e a escola precisam conhecer os alunos, de forma singular e individualizada. Precisam ver o adolescente

com respeito e ter escuta ativa, para que possam entender, perceber suas angústias e encaminhá-lo, quando necessário.

Criar espaços de escuta e troca foram ressaltados como fundamentais para a prevenção e detecção de casos, e isso é possível fazer na escola, com postura aberta do professor e da equipe pedagógica, e com um clima de confiança nessas relações.

A importância dos momentos de discussão, escuta e reflexão sobre temas atuais e relevantes. A vida e a realidade dos jovens devem ser ressaltadas, no âmbito da escola, em projetos, palestras e roda de conversas, para que coletivamente temas pertinentes ao interesse dos adolescentes/alunos sejam tratados coletivamente

Lima (2011, p. 10528) propõe que:

A escola precisa ser reflexiva, pois são as pessoas que dão sentido a essa Instituição. O espaço escolar é criado e recriado pelo convívio. Através da palavra, as pessoas se exprimem, confrontam as ideias, desejos e experiências, assumem responsabilidades e organizam-se.

A família também precisa ser acolhida e receber apoio, e não ser julgada ou ameaçada, se não souber como lidar com essa realidade. Alguns pais têm reação agressiva ou de negação, e querem bater no filho. Estas frases exemplificam o posicionamento dos pais: *É só brincadeira, não é de verdade. Ele não vai fazer nada. É só uma fase.* Esse modo de ver o problema, certamente, impede o tratamento do adolescente.

Lima (2011, p. 10533) explica que é papel da escola estimular essa proximidade e esse relacionamento:

Uma boa escola tem famílias estrategicamente presentes na escola, desempenhando o papel fundamental que lhes cabe, o de serem pais e mães presentes na vida escola de seus filhos. Por isso, eventos com as famílias são importantes, desde que bem planejados quanto ao motivo de trazer a família para a escola. É importante que no processo de formação continuada, o tema “relacionamento com as famílias” seja trabalhado com os professores (LIMA 2011, p. 10533)

Para que isso seja possível, o clima escolar precisa estimular relações de cuidado, respeito e confiança. Tunic e Ribeiro (2017) explicam que um clima escolar favorável é um fator positivo para o desempenho escolar dos alunos e para a eficácia do trabalho docente.

Grande parte dos docentes pontuaram a necessidade da **presença do psicólogo** na escola, para atuar juntos aos alunos, ou pelo menos para realizar palestras com profissionais qualificados, com o objetivo de desenvolver formações e apresentar orientações da área de saúde sobre o tema.

A presença do psicólogo na escola é fundamental, apesar de ser sabido que ele sozinho não consegue realizar o trabalho de prevenção e posvenção, pois há necessidade de uma rede de apoio composta por diversos profissionais e Instituições.

Os autores Silva e Ferreira (2014) afirmam que, infelizmente, o contexto econômico atual não se mostra favorável à incorporação de novos profissionais no espaço escolar. Os autores reforçam que esses profissionais são de extrema importância para a prevenção desses problemas sociais com os quais os educadores lidam no cotidiano. Para enfrentá-los, uma alternativa para as escolas, segundo ele, é buscar parcerias com redes de apoio oferecidas pelo Estado e por especialistas

Ter um profissional de saúde atuando no espaço escolar para promover discussões sobre temas voltados à saúde mental com toda a comunidade escolar, encaminhando os alunos observados e acompanhando-os ao longo do seu processo de tratamento, seria ideal para a prevenção efetiva do comportamento de autoagressão no espaço escolar.

É preciso que a escola seja **palco de reflexão sobre a saúde mental**, com foco nos alunos e também nos docentes. No estudo, alguns professores pontuaram que não sabem lidar com suas próprias emoções; portanto, como poderiam lidar com as emoções dos alunos? Um professor relatou, na entrevista, que pratica automutilação. Sendo assim, a **atenção à saúde mental do docente é fundamental** e imprescindível.

Segundo os estudos de Larocca e Girardi (2011), embora os professores demonstrem apreço e carinho pela profissão, vivenciam um processo de sofrimento, devido ao trabalho, ao cansaço e à desmotivação quanto a baixos salários, falta de suporte e apoio, falta de reconhecimento e de clima relacional nas escolas.

Assim como o professor não consegue atuar com êxito sem suporte da escola, a escola não consegue atuar sem suporte do Estado. As **políticas públicas** viabilizam que as escolas possam atuar no enfrentamento dessa realidade.

Moreira e Bastos (2015) concluem seu estudo afirmando que o Brasil avançou, quanto à prevenção do suicídio, mas que são necessários maiores investimentos em estratégias que visem à prevenção do comportamento suicida na população jovem e adolescente. Afirmam que o suicídio é prevenível, desde que o adolescente receba apoio e tratamento.

Silva e Ferreira (2014) defendem que, para enfrentar esse contexto, a escola precisaria do suporte da família e do Estado. Precisa provocar uma mudança do comportamento do aluno além dos muros da escola, e para isso a atuação de uma equipe multidisciplinar formada de psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais é essencial. Essa equipe analisaria e

diagnosticaria as causas dos problemas sociais detectados, com o objetivo de trabalhar de forma preventiva.

Com ou sem a presença desses profissionais na escola, é urgente e imprescindível falar de emoção no espaço escolar, não como doença, mas como parte que integra o ser humano e suas relações.

Segundo Santos (2007), as emoções e os sentimentos são interações às quais não tem sido dada suficiente ênfase, na pesquisa em ensino, apesar de todos entenderem que o tema é relevante para as interações sociais. De acordo com a autora, as emoções desempenham função social e têm papel decisivo nas interações, pois constituem adaptações singulares que compõem o mecanismo com o qual os organismos regulam sua sobrevivência social.

Durante muito tempo a emoção foi entendida como oposta à razão. Valorizada como uma das capacidades mais refinadas da espécie humana, a razão era considerada como completamente independente da emoção. Entretanto, recentemente a neurociência tem investigado como a emoção integra os processos de raciocínio e de tomada de decisões (Santos 2007, p. 181).

Conforme elucida Shulman (2014), aspectos fundamentais, como as características físicas e psicológicas dos alunos, são ignorados, pois são considerados apenas os princípios gerais e técnicos do ensino.

É preciso repensar a escola, recriar o ensino e seus objetivos, refletir sobre novos processos de aprender. É preciso, também, repensar novos meios de contribuir para o desenvolvimento do educando e de renovar a atuação da escola e do educador, nesse sentido.

É urgente falar de emoção no espaço escolar, refletir e discutir sobre o tema, com o objetivo de desenvolver os alunos nessas competências tão importantes e essenciais para se viver com qualidade, produtividade e bem-estar. Essas competências são necessárias para o aprendizado de todos os outros conteúdos pertinentes ao currículo escolar. Santos (2007, p. 184) aponta essa relevância:

Os aspectos afetivos emocionais têm papel determinante no processo de desenvolvimento e constituição (organiza e social) do indivíduo. Além disso, as emoções desempenham um importante papel no processo de construção de significados em sala de aula, estando relacionados aos impulsos, interesses e motivações dos estudantes e do professor no trabalho com o conhecimento científico nas aulas (SANTOS, 2007, p. 184).

Assim, é fundamental e urgente incluir a saúde emocional e as competências emocionais na escola, afinal a aprendizagem não se faz sem sentimento, emoção e todos os

contextos que envolvem as relações humanas. O ato de aprender e de se desenvolver é construído no espaço escolar com base nessas relações sociais, permeadas por vivências e conflitos entre indivíduos no decorrer da vida escolar e do cotidiano do aluno. Conforme Oliveira (1995, p. 55), ao pensar educação a partir das contribuições de Vygotsky (1984):

O percurso de desenvolvimento do ser humano é, em parte, definido pelos processos de maturação do organismo individual, pertencente a espécie humana, mas é a aprendizagem que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que, se não fosse o contato do indivíduo com um determinado ambiente cultural, não ocorreriam.

5 CONCLUSÕES FINAIS

Objetivou-se, no estudo aqui relatado, dar voz aos professores e investigar como percebem seus limites e possibilidades de atuação frente aos comportamentos de violência autoprovocada entre alunos adolescentes. A intenção foi ouvir o professor, entender, em sua perspectiva, essa triste realidade e, fazendo relação com autores e estudos recentes, propor caminhos e ideias a serem adotados, para abordagem desse assunto.

O estudo evidenciou que a violência autoprovocada em adolescentes é um fenômeno presente no espaço escolar, portanto relevante para o educador, e que a discussão sobre o tema saúde mental é fundamental, nas escolas.

Os resultados apontam que é preciso repensar a escola, construir uma escola que seja palco de reflexão sobre a vida, sobre as dores humanas, sobre as emoções e a saúde mental. Ela precisa ampliar seus objetivos, seu currículo e transcender teorias e conteúdos voltados ao saber construído historicamente pela humanidade. Deve ampliar seu olhar para o subjetivo, para o que faz parte do humano, e propiciar momentos de discussão, escuta e reflexão sobre esses temas.

Falando sobre o fenômeno, trazendo-o a luz, é possível diminuir o estigmas e tabus que persistem na sociedade. É imprescindível falar sobre o tema, pois ignorá-lo só contribui para o sofrimento e para a falta de assistência às pessoas que sofrem.

Entretanto, sozinhos, o docente, a família e a escola dificilmente conseguem superar os desafios impostos pela natureza do problema investigado, devido a sua complexidade e amplitude social. Ressalte-se que não são responsáveis pela incidência do fenômeno.

Apesar de entenderem que a violência autoaflicta é provocada por múltiplos fatores, os docentes percebem a família como um dos fatores que desencadeiam o fenômeno nos adolescentes. Entretanto, apesar dos conflitos familiares serem realmente um fator de risco, a família também pode exercer um papel de proteção. Além disso, como há muita desinformação, a família precisa ser acolhida e orientada a procurar ajuda, a entender o contexto do adolescente e aprender a lidar com um tema tão delicado, carregado de preconceito, vergonha e culpa. A escola pode ser uma ponte entre a família e as redes de apoio.

Há, entre os docentes, necessidade de entender os motivos de os alunos apresentarem comportamento de autoagressão, e há culpabilização de atores sociais quando ocorre um caso dessa natureza. Entretanto, esse não é o caminho para o entendimento e tratamento do problema.

A partir do estudo amplo e interdisciplinar sobre o tema realizado ao longo deste estudo, analisando autores que perpassam diversas áreas, como a sociologia, a psicologia, a filosofia e educação, constatou-se que o fenômeno é extremamente amplo, complexo, e que sua natureza não se reduz a um contexto ou aspecto isolado e simples. Sendo assim, não há um sujeito responsável por ele; contudo, na percepção da sociedade recai sobre alguns atores sociais a responsabilidade pela ocorrência do fenômeno, por exemplo, a escola, a família ou o próprio adolescente.

Ao analisar amplamente essas áreas, percebe-se que há uma produção social e subjetiva que sustenta esse fenômeno. Em uma sociedade totalmente desigual, há uma produção desse comportamento e, diante disso, a ocorrência do fenômeno não está isoladamente relacionada a transtornos mentais, diferenças de classe social, conflitos familiares ou mazelas educacionais. Na verdade, é resultado de um todo complexo permeado por todas essas realidades. Portanto, não é um fator isolado que gera o comportamento de violência autoprovocada, pois o momento social é que produz esse fenômeno. A sociedade, a partir dessa realidade, está doente.

É necessário e urgente que se ampliem as políticas públicas e as redes de apoio voltadas a saúde mental para atender a esse público adolescente e seus familiares. A ampla comunicação sobre a temática e sobre as redes de apoio também é fundamental.

Contudo, apesar da triste e escassa realidade das escolas, quanto a infraestrutura e falta de profissionais especializados, existem possibilidades de enfrentamento. As escolas não devem se eximir dessa responsabilidade e negligenciar um aluno ou até mesmo um docente que precisa de ajuda. Buscando subsídios, parcerias e orientações com especialistas, a escola e os docentes têm possibilidades de contribuir com a prevenção e posvenção do fenômeno, observando seus alunos, encaminhando os casos suspeitos, trazendo temas voltados a saúde mental para serem discutidos no espaço escolar, que deve ser de escuta e acolhimento. Essas ações, fundamentais e simples, que trazem grande apoio aos alunos que sofrem com comportamentos de violência autoprovocada, podem salvar vidas.

Entretanto, para tornar possível essa intervenção, os professores e demais profissionais da escola precisam de conhecimento e formação sobre o tema, para que se sintam seguros, preparados, e possam intervir de forma adequada nessa realidade.

Para observar e entender seus alunos adolescentes, o professor também precisa de conhecimento, entendimento de seu desenvolvimento biopsicossocial, e esse conhecimento também é escasso na formação do professor.

Um aspecto essencial para a escola trilhar o caminho da prevenção do fenômeno nos alunos adolescentes é a formação dos educadores. Nessa modalidade de ensino, principalmente (mas não só nela), é preciso pensar em uma formação de professores que transcenda as estratégias de ensino, o conteúdo das disciplinas, o contexto didático, a preparação para avaliações externas, o que tradicionalmente se aborda como fundamentação para a atuação eficiente do professor. Muito além disso tudo, há necessidade de abordar e cuidar de outras dimensões, como a humana e a da subjetividade do sujeito.

Atualmente há manuais, estudos e legislações com relação à incidência da violência autoprovocada na escola e nos adolescentes, mas poucos educadores conhecem esses dados e materiais. Assim, o presente trabalho tem como objetivo divulgar conhecimentos sobre todas as dimensões que constituem o tema e, se possível, contribuir para a formação do docente.

Assim, o professor terá uma diretriz, uma atuação mais fundamentada, segura e reflexiva. Obviamente, não existe receita pronta, pois o fenômeno envolve o humano, a subjetividade, e a realidade de enfrentamento do tema é muito complexa e impactante. Além disso, o assunto é permeado por dados alarmantes, por preconceitos e tabus, por sofrimento e morte.

Já que a formação inicial não realiza essas abordagens, a escola pode ser o lugar dessa discussão. Precisa ser um lugar de reflexão sobre a prática, um espaço de formação.

Outro aspecto importante voltado à prevenção do fenômeno é a proximidade do professor com seu aluno, o que sustenta essa relação. No contexto estudado, a relação de confiança entre professor e aluno mostra-se imprescindível. Essa relação precisa ser construída com base em confiança, diálogo e respeito, para que as dores emocionais possam ser manifestadas e compartilhadas.

Este estudo apresenta um horizonte para os educadores com relação ao fenômeno, para que venham a atuar de forma assertiva na prevenção e posvenção do fenômeno. Dessa forma, a escola poderá cumprir o compromisso ético de preservar o aluno, sua integridade, e formá-lo em sua totalidade, como sujeito que se constrói de muitas formas e em diversas relações, sociais, biológicas ou psicológicas.

O desejo é que os dados e resultados da presente pesquisa sejam divulgados com a publicação de artigos em periódicos, bem como com participação em seminários, simpósios e congressos que abordem a formação dos professores diante dos novos desafios da educação. Há intenção, por parte da pesquisadora, de realizar formações nas escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, objetivando a divulgação da pesquisa e a ampliação dos conhecimentos dos docentes com relação ao fenômeno e suas interfaces com a prática

docente. A intenção é, principalmente, propiciar abertura de diálogo nas escolas, com relação ao tema de estudo. Afinal, falar sobre a violência autoprovocada, trazer o tema para o debate e reflexão, já é um passo importante para a prevenção.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. M. O Suicídio: contribuições de Émile Durkheim e Karl Marx para a compreensão desse fenômeno na contemporaneidade. *Aurora*, Marília, v. 11, n.1, p.119-138, Jan./Jun., 2018.
- ALVES, N.; LEITE, G. org. **O Sentido da Escola**. 4. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- _____. **Política Nacional de Prevenção de Automutilação e Suicídio**. Lei nº13810, de 26 de abril de 2019.
- _____. **Marco Legal: saúde, um direito de adolescente**. Ministério da Saúde, Secretária de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e Jovem. - Brasília, Editora do Ministério da Saúde, 2007.
- _____. **MS. Prevenção do suicídio no nível local: orientações para a formação de redes municipais de prevenção e controle do suicídio para profissionais que a integram**. Universidade Estácio de Sá, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Ministério da Saúde, Estado do Rio Grande do Sul, 2011.
- _____. **O Suicídio e a automutilação tratados sob a perspectiva da família e do sentido da vida**. Brasília: Ministério da Mulher Família e dos Direitos Humanos, 2019.
- _____. **O suicídio: informando para prevenir**. Brasília: Associação Brasileira de Psiquiatria e Conselho Federal de Medicina, 2014.
- _____. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Ministério da Saúde Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e Controle Social. Universidade de Brasília, Brasília. Observatório de Saúde e Populações Vulneráveis - Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- CAMARGO, B. V., Justo, A. M. Resenha - IRaMuTeQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. **Temas em Psicologia**. Vol. 21, nº 2, 513-518, 2013.
- CAREGNATO R. C.; MUTTI R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de Conteúdo. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, 15(4), P679-84. out-dez 2006.
- CARNEIRO, C.; COUTINHO, L.G. Infância e adolescência: como chegam as queixas escolares à saúde mental? **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 56, p. 181-192, abr./jun. Editora UFPR, 2015
- CASTORINA, José A. FERREIRO, Emília. LERNER, Délia. OLIVEIRA, Marta K. **Piaget e Vygotsky: Novas contribuições para o debate**. São Paulo: Ática, 1995.
- CFM. **Comportamento suicida: Conhecer para Prevenir**. Associação Brasileira de Psiquiatria, Conselho Federal de Medicina, 2009.
- CFP. **O Suicídio e os desafios para a psicologia**. Conselho Federal de Psicologia - Brasília: CFP, 2013.

CVV - **Centro de Valorização da Vida**. Disponível em <https://www.cvv.org.br/conheca-mais/> Acesso em: outubro 2020

DINAMARCO, A. V. **Análise exploratória sobre o tema de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na internet por grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DORIN, L. **Psicologia da Adolescência** 5. ed. São Paulo. Ed. do Brasil, 1978.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

DURKHEIM, Émile, 1858-1917. **O suicídio: estudo de sociologia**/Émile Durkheim. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FAZENDA, Ivani. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. Ivani C. A. Fazenda (org.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FORTES, I.; MACEDO K. M. Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, v. 20(38), p. 353-367, 2017.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de Sentido, um psicólogo no campo de concentração**. Traduzido por Walter o. Schlupp e Carlos C. Aveline. 49. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2020.

FREI, F. A utilização de Formulários Google para Avaliação Continuada: Aplicações no Ensino de Estatística para Cursos Universitários. **Revista Tecnologias na Educação**, Ano 9 –/Vol.23, dezembro de 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 64. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FUKUMITSU, K. O. O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. **Psicologia**, USP, v. 25, n. 3, p. 270-275, 2014.

GATTI, Bernardete A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**, Editora UFPR, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013.

_____. Formação de Professores no Brasil: Características e Problemas. 1355 **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out-dez 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa?** 4. ed. São Paulo, Atlas, 2002.

GRIFFA, M. C; MORENO, J. E. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento: adolescência, vida adulta e velhice**. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. *In* **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992, p. 39.

IBGE. Dados Geográficos e Estatísticos do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/rio-de-janeiro.html>. Acesso em agosto de 2019.

LAROCCA, Priscila. GIRARDI, Paula Giulce. **Trabalho, satisfação e motivação docente: um estudo exploratório com professores da educação básica**. PUC/PR. Curitiba, 7 a 10 de novembro de 2011.

LIBÂNIO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed., revisada e ampliada. Goiânia: MF Livros, 2008.

LIMA, João F. L. A escola como organização aprendente e o processo de gestão na Educação Básica. **EDUCARE**. PUC/PR. Curitiba. Nov. 2011.

LUCKOW, H., I.; CORDEIRO, A. F. Concepções de Adolescentes e Educação na Atuação de Profissionais do CAPSi. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n.2, p.393-403, abr./Jun. 2017.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. **Form. Doc.** Belo Horizonte, v. 01, n 01, p. 109-131, ago/dez 2009.

_____. Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. **Sísifo**. Revista de Ciências da Educação, 8 p. 7-22, 2009.

MARQUETTI, F. C. O suicídio e sua essência transgressora. **Psicologia**, USP, v. 25, n.3 p. 237-245, 2014.

MELO, A.K.; SIEBRA, A. J.; MOREIRA, V. Depressão em Adolescentes: Revisão da Literatura e o lugar da a Pesquisa Fenomenológica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n.1, p. 18-34, jan./mar. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico. **Perfil epidemiológico dos casos notificados de violência autoprovocada e óbitos por suicídio entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil**, 2011 a 2018. Volume 50, setembro de 2019.

MORIN, Edgar, 1921. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento / Edgar Morin. Tradução de Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOREIRA, L. C.; BASTOS, P. R. Prevalência e fatores associados a ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo. Volume 19, n. 3, p. 445-453, set/dez, 2015.

OMS. **Prevenção do suicídio**: Manual para professores e educadores. Organização Mundial da Saúde, Departamento de Saúde Mental, Transtornos Mentais e Comportamentais, Genebra, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Folha informativa atualizada em agosto de 2018**. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 30/03/2020

RIO GRANDE DO SUL. Comitê Estadual de Promoção da Vida e Prevenção do Suicídio do Estado do Rio Grande do Sul/ Comissão da Criança e do Adolescente. **Guia Intersetorial de Prevenção do Comportamento Suicida entre crianças e adolescentes**, 2019.

SANTOS, Flávia M. T. As emoções nas interações e a aprendizagem significativa. **Rev. Ensaio**. Belo Horizonte. Vol. 9, nº 2, p. 173-187. jul/dez 2007

SÃO PAULO, **Lei Nº 17.237**, de 14 de novembro de 2019.

SECRETARIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Guia de Articulação Escolar**. Versão Temática. O Suicídio e a escola reflexões com educadores. Material de apoio aos profissionais da Região Metropolitana III. Setembro de 2018.

SHULMAN, L. S. **Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma**. **Cadernos Cenpec**. São Paulo, v.4, n. 2 p. 196-229, dez. 2014.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Jader C. de Souza; DAVEL, Eduardo. Da ação à colaboração reflexiva em comunidade de prática. **RAE**. Vol. 47 nº3. jul./set. 2007.

SILVA, L. G.; FERREIRA, T. J. O papel da escola e suas demandas sociais. **Periódico Científico Projeção e Docência**, v.5, n.2, p.6-22, dezembro 2014.

SOUSA, G. S. *et al.* Revisão de literatura sobre suicídio na infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, 22(9):3099-3110, 2017.

TARDIF, M. e RAYMOND, D. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério**. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 73, dezembro 2000/ p. 209 a 244

TOURRETTE, C.; GUIDETTI, M. **Introdução à psicologia do desenvolvimento: do nascimento à adolescência**. 2. ed., Petrópolis, RJ. Vozes, 2012.

TUNICE, Lúcio M. da Cruz. RIBEIRO, Maria T. de Moura. **As mudanças na cultura e no clima escolar e seus impactos no papel de liderança na escola: um estudo de caso**. III CONISE UNISAL, outubro 2017.

APÊNDICE

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

Prezado(a) professor(a):

O objetivo deste questionário é obter informações sobre os participantes deste estudo e investigar como lidam com os alunos que apresentam comportamentos de automutilação e ideação suicida e como compreendem suas possibilidades de atuação. O foco do estudo está nos docentes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Assim, solicito que considere sua atuação como docente nesses segmentos específicos, para responder ao questionário.

Não há respostas certas ou erradas, e suas respostas são confidenciais.

Agradeço sua colaboração.

ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA
Pesquisadora

01) Idade: (Obrigatória)

- 20 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- 51 a 60 anos
- Mais de 61 anos

02) Gênero: (Obrigatória)

- Masculino
- Feminino
- Outro

03) Você tem filhos: (Obrigatória)

- SIM
- NÃO

04) Se respondeu sim, qual é a idade deles? (Opcional)

- Criança de 0 a 12 anos
- Adolescente de 13 a 18 anos
- Adulto maior de 18 anos

05) Você atua em escola: (Obrigatória)

- Pública
- Particular
- Em ambas

06) Qual seu grau de instrução? (Obrigatória)

- Ensino superior completo
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutorado

07) Qual disciplina leciona? (Obrigatória)

- Português
- Inglês
- Espanhol
- Artes
- Educação Física
- Matemática
- Ciências/Biologia
- Física
- Química
- História
- Geografia
- Sociologia
- Filosofia
- Ensino Religioso
- Nenhuma das anteriores

08) Quanto tempo de experiência você tem como professor? (Obrigatória)

- Até 3 anos
- De 4 a 10 anos
- De 11 a 20 anos
- Acima de 21 alunos

09) Você considera a automutilação e a ideação suicida nos adolescentes um fenômeno presente no Brasil? (Obrigatória)

- Sim
- Não

10) Você considera a automutilação e a ideação suicida nos adolescentes um fenômeno presente na região Sul Fluminense? (Obrigatória)

- Sim
- Não

11) Você considera a automutilação e a ideação suicida nos adolescentes um fenômeno presente no seu contexto escolar? (Obrigatória)

- Sim
- Não

12) Você considera a automutilação e a ideação suicida nos adolescentes um fenômeno crescente e importante de ser estudado? (Obrigatória)

- Sim
- Não

13) Como você se sente sobre o tema? (Obrigatória)

- Preocupado
- Indiferente
- Assustado
- Confiante
- Triste
- Incomodado
- Curioso
- Inseguro

14) Justifique sua resposta à pergunta anterior: (Opcional)

15) Quais fatores estariam associados a esse comportamento de autoagressão nos adolescentes? (Obrigatória)

- Doenças mentais
- Aspectos sociais
- Aspectos psicológicos
- Condições de saúde limitantes
- Outros

16) Justifique sua resposta à pergunta anterior: (Opcional)

17) Você considera o suicídio como uma decisão individual, já que cada um tem pleno direito a exercer o seu livre arbítrio? (Obrigatória)

- 1. Discordo completamente
- 2. Discordo
- 3. Nem discordo nem concordo
- 4. Concordo
- 5. Concordo completamente

18) Você acredita que, quando um adolescente pensa em se suicidar, terá risco de suicídio para o resto da vida? (Obrigatória)

- 1. Discordo completamente
- 2. Discordo
- 3. Nem discordo nem concordo
- 4. Concordo
- 5. Concordo completamente

19) Você concorda que os adolescentes que ameaçam se matar não farão isso, pois querem apenas chamar a atenção? (Obrigatória)

- 1. Discordo completamente
- 2. Discordo
- 3. Nem discordo nem concordo
- 4. Concordo
- 5. Concordo completamente

20) Você concorda que o fato de um adolescente que se sentir deprimido e pensar em suicídio, e em um momento seguinte passar a se sentir melhor normalmente significa que o problema já passou? (Obrigatória)

- 1. Discordo completamente
- 2. Discordo
- 3. Nem discordo nem concordo
- 4. Concordo
- 5. Concordo completamente

21) Você concorda que um adolescente, quando mostra sinais de melhora ou sobrevive a uma tentativa de suicídio, está fora de perigo? (Obrigatória)

- 1. Discordo completamente
- 2. Discordo
- 3. Nem discordo nem concordo
- 4. Concordo
- 5. Concordo completamente

22) Você acredita que não se deve falar sobre suicídio, pois isso pode aumentar o risco? (Obrigatória)

- 1. Discordo completamente
- 2. Discordo
- 3. Nem discordo nem concordo
- 4. Concordo
- 5. Concordo completamente

23) Você se sente seguro para abordar o tema suicídio e comportamentos de autoagressão com seus alunos? (Obrigatória)

- Sim
- Não
- Não sei informar

24) Você tem conhecimento da Lei 13819, de 16 de abril de 2019, que Institui a Política Nacional de Prevenção de automutilação e suicídio? (Obrigatória)

- Sim, já tive acesso à lei
- Sim, ouvi falar sobre a lei
- Não

25) Você concorda que a escola tenha um papel na prevenção desse tema? (Obrigatória)

- 1. Discordo completamente
- 2. Discordo
- 3. Nem discordo nem concordo
- 4. Concordo
- 5. Concordo completamente

26) Entende-se violência autoprovocada como o suicídio consumado, a tentativa de suicídio e a automutilação com ou sem ideação suicida. Diante desse contexto, você está preparado para lidar com um aluno que apresente um comportamento autoagressivo? (Obrigatória)

- Sim
- Não
- Não sei informar

27) Você já teve contato com uma pessoa que apresentou comportamento de automutilação, ideação suicida, tentativa de suicídio ou suicídio consumado? (Obrigatória)

- Sim
- Não

28) Em seu contexto pessoal, você já viveu ou vive essa realidade de lidar com uma pessoa com comportamento de automutilação, ideação suicida, tentativa de suicídio ou suicídio consumado? (Obrigatória)

- Sim
- Não

29) Você já participou de alguma formação continuada sobre esse tema, promovida pela escola ou pela rede de ensino em que atua? (Obrigatória)

- Sim
- Não

30) Você tem alguma formação profissional que tenha sido realizada com recursos próprios que lhe possibilitou discutir e conhecer esse tema? (Obrigatória)

- Sim
- Não

31) Você já acessou a algum material sobre esse tema? (Obrigatória)

- Sim
- Não

32) Você gostaria de participar de uma formação sobre o tema? (Obrigatória)

- Sim
- Não
- Não sei informar

33) No seu entendimento, quais são as possibilidades de atuação da escola com relação ao fenômeno da automutilação e ideação suicida? (Opcional)

34) No seu entendimento, de que forma o professor deve lidar com um aluno adolescente que apresenta um comportamento de automutilação e/ou ideação suicida? (Opcional)

35) Você já lecionou para um aluno adolescente que apresentou um comportamento depressivo? (Obrigatória)

- Sim
 Não
 Não sei informar

36) Você já lecionou para um aluno adolescente que apresentou um comportamento de automutilação, ideação suicida, tentativa de suicídio ou suicídio consumado? (Obrigatória)

- Sim
 Não
 Não sei informar

37) Caso a resposta seja sim, como você se sentiu? (Opcional)

- Preocupado
 Indiferente
 Assustado
 Confiante
 Triste
 Incomodado
 Curioso
 Inseguro

38) Caso você já tenha vivenciado a experiência de lecionar para um aluno adolescente que tenha apresentado um comportamento de autoagressão, você deseja ser entrevistado sobre essa experiência, para aprofundamento desta pesquisa? (Opcional)

- Sim
 Não

39) Em resposta positiva, informe seu nome completo e a escola em que atua: (Opcional)

APÊNDICE B

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nome:

Idade:

Gênero:

Casado:

Com filhos:

Escola em que atua:

Escola pública ou particular:

Formação profissional:

Qual disciplina leciona:

Tempo de experiência como professor:

BLOCO I – RELEVÂNCIA DO ESTUDO

- Você considera a violência autoprovocada (automutilação, ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado) em adolescentes um fenômeno presente no Brasil que merece ser estudado? Por quê?

BLOCO II – FORMAÇÃO SOBRE O TEMA

- Quais informações e conhecimentos você já tem sobre o tema?
- Você já teve acesso a algum material sobre esse tema? Foi instrutivo para você, esse material? Como contribuiu? O que deixou a desejar?
- Você tem conhecimento da Lei 13819, de 16 de abril de 2019, que Institui a Política Nacional de Prevenção de automutilação e suicídio? O que você pensa sobre a lei?
- Você já participou de alguma formação continuada promovida pela escola ou pela rede de ensino em que atua, ou com recursos próprios, com relação ao tema? Como foi? Você gostou de participar? Como contribuiu? O que deixou a desejar? Você gostaria de participar de uma formação sobre o tema? Por quê?

BLOCO III - RELATO DA EXPERIÊNCIA

- **PESSOAL** - Em seu contexto pessoal, você vive ou já vivenciou uma experiência convivendo com uma pessoa que apresentou um comportamento de violência autoprovocada? Deseja relatar essa experiência?
- **PROFISSIONAL** - Você já lecionou para um aluno adolescente que apresentou um comportamento de violência autoprovocada? Como foi essa experiência? Como você se sentiu? Como se relacionou com esse aluno? Que providências foram tomadas pela escola ou por você, diretamente? Você está preparado para lidar com essa situação? Se você pudesse reviver essa situação, como agiria?

BLOCO IV – POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO

Na sua opinião, quais fatores estariam associados a esse comportamento de autoagressão nos adolescentes? Como você se sentiria ao abordar o tema com seus alunos? Como a escola e o professor poderiam falar sobre esse tema? Quais possibilidades a escola e o professor têm para atuar frente a esse fenômeno, para lidar com esse aluno? Você concorda que a escola deve ter um papel, na prevenção desse tema?

APÊNDICE C
PROJETO DE INTERVENÇÃO

PROJETO DE INTERVENÇÃO PARA FORMAÇÃO EM SERVIÇO
VIOLÊNCIA AUTOPROVOCADA, ADOLESCÊNCIA E ESCOLA:
diagnóstico atual e possibilidades

Por Ana Paula Lemos Oliveira

OBJETIVO GERAL:

- Desenvolver intelectual, emocional e intuitivamente o professor em relação ao comportamento de violência autoprovocada em alunos adolescentes, com foco na prevenção e identificação dos casos.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

- Apresentar os índices crescentes de automutilação ou tentativa de suicídio em adolescentes no Brasil e a Política Nacional de Prevenção de Automutilação e Suicídio;
- Verificar os conhecimentos prévios dos professores com relação ao tema da violência autoprovocada;
- Conceituar a violência autoprovocada (automutilação, ideação e tentativa de suicídio e o suicídio consumado) e a fase da adolescência em suas diversas dimensões;
- Relacionar a violência autoprovocada à adolescência e ao contexto escolar;
- Estimular a reflexão sobre as possibilidades da escola e do professor frente a essa realidade;
- Provocar reflexões sobre as competências necessárias aos docentes para enfrentamento dessa realidade; e

- Indicar como o professor deve lidar com um aluno que apresenta comportamento de violência autoprovocada.

JUSTIFICATIVA:

- Os números alarmantes de adolescentes que estão se suicidando e automutilando, que estão apresentando comportamentos de violência autoprovocada;
- O crescimento dos casos observados no ambiente escolar;
- A necessidade de se falar sobre o tema, para prevenção do fenômeno em toda a sociedade;
- A falta de conhecimento e formação dos docentes com relação ao fenômeno.

PÚBLICO ALVO: Professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

DESENVOLVIMENTO:

✓ Estrutura Curricular

Dimensões conceituais:

- Relevância do tema - Dados sobre o fenômeno;
- Informações conceituais sobre violência autoprovocada, compreendendo automutilação, ideação e tentativa de suicídio e o suicídio consumado;
- Informações sobre fatores de risco, fatores de proteção e mitos com relação ao tema;
- Informações sobre a fase da adolescência e seu desenvolvimento biopsicossocial; e

- Informações sobre as competências docentes para atuar na dimensão das emoções e do subjetivo/intuitivo.

Dimensões prática:

- Possibilidades da escola e do professor frente a essa realidade;
- A postura do professor frente ao aluno que apresenta comportamento de autoagressão;
- Como identificar um aluno que está sofrendo emocionalmente; e
- Encaminhamentos necessários nesses casos.

✓ Organização do Curso

Duração total: 32 horas (8 encontros de 4 horas)

CONTEÚDOS	DURAÇÃO	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
1º Encontro			
Sensibilização sobre o tema	30min	Dinâmica de resgate de memórias da adolescência	Papel, caneta, lápis de cor e canetinha
Especificando o público-alvo Apresentar o contexto adolescente e suas relações com o tema (vulnerabilidade)	2 horas e 30 min.	Discussão em pequenos grupos com plenária	Tecnológicos (eslides) ou lápis e caneta
Relevância do fenômeno Apresentar os dados da Organização Mundial da Saúde com relação ao fenômeno.	30 min.	Exposição teórica	Tecnológicos (eslides)
Legislação Apresentar a Política Nacional de Prevenção de Automutilação e Suicídio e o Conceito de violência autoprovocada. Relacionar educação e saúde.	30 min.	Exposição teórica	Tecnológicos (eslides)

2º Encontro			
Sensibilização sobre o tema	30min	Narrativas da vivência dos docentes entrevistados	-----
Conceituação do fenômeno Conceito de automutilação e suas relações com a dor psíquica	1 hora e 30 min.	Exposição teórica *convite a uma psicóloga para discutir a dimensão psicológica	Tecnológicos (eslaides)
Conceituação do fenômeno Conceito de suicídio na dimensão social	2 horas	Discussão em grupo com relação a influência do social com relação ao fenômeno Exposição teórica	Papel, caneta, lousa e tecnológicos (eslaides)
3º Encontro			
Sensibilização sobre o tema	30min.	Poesia ou música para reflexão sobre o sentido da vida	Poesia, música e estrutura de som
Conceituação do fenômeno Conceito de suicídio nas dimensões psicológica e existencial.	2 horas	Exposição teórica *convite a uma psicóloga para discutir a dimensão psicológica	Tecnológicos (eslaides)
Conscientização dos riscos e possibilidades de prevenção Fatores de risco, proteção e os mitos com relação ao tema Redes de apoio e cuidado	30 min.	Exposição teórica	Tecnológicos (eslaides)
Conscientização sobre o papel da escola e da família com relação ao tema Relacionar o papel da escola, da família, dos profissionais de saúde e das redes de apoio	1 hora	Dinâmica de júri simulado com a representação de cada ator envolvido no caso apresentado	-----
4º Encontro			

Sensibilização sobre o tema	1 hora	Apresentação de vídeos do CVV com depoimentos de jovens e discussão sobre os sentimentos provocados nos docentes	Tecnológicos (som e datashow)
Conceituação sobre competências docentes Competências docentes quanto a dimensão das emoções e do subjetivo/intuitivo	3 horas	Discussão em grupos com relação as competências do professor no século XXI Exposição teórica	Papel, caneta, lousa e tecnológicos (eslaides)
5º Encontro			
Sensibilização sobre o tema	1 hora	Construção de um desenho que represente o tema da violência autoprovocada em alunos adolescentes	Papel, caneta, lápis de cor e canetinha
Atuação prática no âmbito da escola Possibilidades da escola e do professor na prevenção e posvenção do suicídio e na promoção da vida	3 horas	Tempestade de ideias Exposição teórica	Papel, caneta, lousa e tecnológicos (eslaides)
6º Encontro			
Sensibilização sobre o tema	1 hora	Simulação de casos reais	-----
Atuação prática do professor Postura do professor frente ao aluno que apresenta comportamento de autoagressão (pergunte, ouça e procure ajuda)	3 horas	Exposição teórica	Tecnológicos (eslaides)
7º Encontro			
Sensibilização sobre o tema	30 min.	Narrativas da vivência dos docentes entrevistados	-----
Identificação e encaminhamento Como identificar e encaminhar os casos	3 horas	Discussão em grupos com a criação de um “passo a passo” para	Papel, caneta, lousa e tecnológicos

suspeitos (sinais de alerta e instituições parceiras)		o professor	(eslaides)
		Exposição teórica	
8º Encontro			
Sensibilização sobre o tema	30 min.	Leitura de um texto que ressalte a importância do educador na vida do aluno	-----
Proposta de intervenção Reforço as possibilidades de atuação docente e prevenção e posvenção Indicação de manuais e materiais de apoio		Criação de proposta de intervenção no espaço escolar para a prevenção do suicídio	Recursos variados
		Apresentação em grupo de forma criativa	

***Observações:** convite a um psicólogo para abordar as questões emocionais sobre o tema.

✓ Sensibilização

1º Encontro: Dinâmica de resgate de memórias:

- Criação de um desenho a partir do resgate das memórias da adolescência.
- Reflexão em grupo sobre: Como foi ser adolescente? Quais dificuldades você enfrentou? Quais eram os sentimentos e emoções envolvidas nessa fase? Quais mudanças ocorreram com relação ao contexto da adolescência atual?

2º Encontro: Contar, a partir das narrativas dos docentes, duas vivências de docentes com alunos que apresentaram comportamentos tentativa de suicídio e propor reflexão em grupo sobre essa questão no cotidiano escolar.

3º Encontro: Refletir em grupo sobre o sentido da vida por meio de uma música ou poesia, com base nos elementos que compõem a Logoterapia.

4º Encontro: Apresentação de vídeos do CVV com depoimentos de jovens e discussão sobre os sentimentos provocados nos docentes diante desses relatos. Formar um círculo para depoimentos e compartilhamento de reflexões.

5º Encontro: Construção de um desenho que represente o tema da violência autoprovocada em alunos adolescentes. Após a construção, socializar o desenho e suas representações.

6º Encontro: Simular, com a ajuda de quatro alunos, uma conversa entre professor e aluno a partir de situações reais e propor uma reflexão do grupo sobre cada caso.

7º Encontro: Contar, a partir das narrativas dos docentes, duas vivências de docentes com alunos que apresentaram comportamentos de automutilação e propor reflexões em grupo sobre essa questão no cotidiano escolar.

8º Encontro: Leitura e discussão de um texto que ressalte a importância do educador na vida do aluno nas diversas dimensões da vida humana.

✓ **Empreendimento**

- Criação de proposta de intervenção no espaço escolar para a prevenção do suicídio e apresentação em grupo de forma criativa, no último encontro;
- Junção das propostas apresentados e dos materiais desenvolvidos pelo grupo em um portfólio da turma.

REFERENCIAL TEÓRICO

- Apresentado na dissertação

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Professor Robison Baroni

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu **Ana Paula Lemos Oliveira**, pesquisador responsável pelo projeto de pesquisa intitulado **ADOLESCÊNCIA, AUTOMUTILAÇÃO E IDEIAÇÃO SUICIDA: novos desafios para a atuação docente**, comprometo-me dar início a este projeto somente após a aprovação do Sistema CEP/CONEP (em atendimento ao Artigo 28 parágrafo I da Resolução 510/16 e XI.2 item A ou da Resolução 466/12).

Em relação à coleta de dados, eu pesquisador responsável, asseguro que o caráter de anonimato dos participantes desta pesquisa será mantido e que as suas identidades serão protegidas.

As fichas clínicas e/ou outros documentos não serão identificados pelo nome.

Manterei um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio.

Os Termos assinados pelos participantes serão mantidos em confiabilidade estrita, juntos em um único arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade por um período mínimo de 05 anos.

Asseguro que os participantes desta pesquisa receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Termo de Assentimento (TA, quando couber), Termo de Uso de Imagem (TUI, quando couber) e TI (Termo Institucional, quando couber).

Comprometo-me apresentar o relatório final da pesquisa, e os resultados obtidos, quando do seu término ao Comitê de Ética - CEP/UNITAU, via Plataforma Brasil como notificação.

O sistema CEP-CONEP poderá solicitar documentos adicionais referentes ao desenvolvimento do projeto a qualquer momento.

Estou ciente que de acordo com a Norma Operacional 001/2013 MS/CNS 2.2 item E, se o Parecer for de pendência, terei o prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir da emissão na Plataforma Brasil, para atendê-la. Decorrido este prazo, o CEP terá 30 (trinta) dias para emitir o parecer final, aprovando ou reprovando o protocolo.

Resende, 25 de maio de 2020.

ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA

ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA**Consentimento pós-informação**

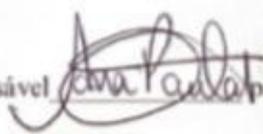
Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **"ADOLESCÊNCIA, AUTOMUTILAÇÃO E IDEACÃO SUICIDA: novos desafios para a atuação docente"**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do(a) participante

Rubricas: pesquisador responsável _____ participante _____ 2/2



ANEXO B**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa **“ADOLESCÊNCIA, AUTOMUTILAÇÃO E IDEACÃO SUICIDA: novos desafios para a atuação docente”**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Ana Paula Lemos Oliveira**.

Nesta pesquisa pretendemos **investigar como os docentes lidam com os alunos que apresentam comportamentos de automutilação e ideação suicida e como compreendem suas possibilidades de atuação**, realizaremos o estudo por meio de **questionário e entrevista**. O questionário será aplicado para toda a população mencionada no estudo (220 participantes), conforme a disponibilidade dos mesmos em participar da pesquisa. Com base nessas informações serão analisados os dados referentes a cada pergunta e a compreensão geral sobre o fenômeno pesquisado. Será utilizada a ferramenta do Google Forms para resposta e se necessário formulário em papel. Irão participar da entrevista os professores respondentes do questionário que assinalarem que já vivenciara uma experiência com aluno com comportamento suicida e/ou autodestrutivo e que desejem participar. Com a entrevista semiestruturada será possível realizar uma análise com maior profundidade sobre o tema a partir dos relatos de experiência e das compreensões do participante, suas crenças, valores, motivações e atitudes.

Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. **Os benefícios consistem em participar de uma pesquisa que irá contribuir para a construção de possibilidade de atuação do docente frente ao tema pesquisa e ter a oportunidade de refletir sobre o tema e dividir seus relatos de experiência e os riscos serão de desmobilização do participante, caso ele se emocione ao relembrar situações vividas, histórias profissionais ou pessoais com relação ao tema, diante da complexidade da temática e de sua natureza**. Entretanto, para evitar que ocorram danos, **caso algum professor se sinta desconfortável em responder o questionário ou a entrevista ele será**

liberado de participar. Por ser um tema que envolve fatos fortes e que mobilizam emocionalmente, será dada atenção total as condições do participante durante a coleta dos dados, caso ele se desestabilize será tranquilizado pelo pesquisador e questionado se deseja continuar a pesquisa. Sendo respeitada sua condição humana. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo procedimento que visem à reparação e o direito à indenização.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a). Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador por telefone, no número **(24) 99995-5244** **será permitida inclusive ligações a cobrar** ou e-mail no endereço **lemospedag@yahoo.com.br**.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – Centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br. O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.

ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA**Consentimento pós-informação**

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **ADOLESCÊNCIA, AUTOMUTILAÇÃO E IDEIAÇÃO SUICIDA: novos desafios para a atuação docente**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do(a) participante

Rubricas: pesquisador responsável _____ participante _____ 2/2

ANEXO C

OFÍCIO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA



Universidade de Taubaté
 Autarquia Municipal de Regime Especial
 Reconhecida pelo Doc. Fed. nº 18.824/78
 Reconhecida pela Portaria CEE/SP nº 241/73
 CNPJ 42.172.163/0001-22

PPGPD - Pro-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
 Rua Visconde do Rio Branco, 210 - Centro Taubaté-SP 12020-040
 Tel: (12) 3625-4277 Fax: (12) 3622-2347
 pppg@unitau.br

Ofício nº PPGEDH -001/2020

Taubaté, 08 de janeiro de 2020

Prezado (a) Senhor (a)

Vimos por meio deste, solicitar permissão para realização de pesquisa pela aluna **ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA**, do Mestrado Profissional em Educação, da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido durante o corrente ano de 2019 e 2020, intitulado "**ADOLESCÊNCIA, AUTOMUTILAÇÃO E IDEAÇÃO SUICIDA: novos desafios para a atuação docente**".

O estudo será realizado nas Escolas Firjan SESI de Resende, Volta Redonda e Barra Mansa, sob a orientação da Prof. Dra. Débora Inácio Ribeiro. Para tal, será realizada a coleta de dados com os 220 docentes que lecionam nos segmentos de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, por meio de questionário e entrevista, junto a população a ser pesquisada. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Ressaltamos que o projeto da pesquisa passará pela apreciação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade de Taubaté.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos a disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Educação, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.080-000, telefone (12) 3624-1857, com a secretária Rita de Cássia Foroni Oliveira.

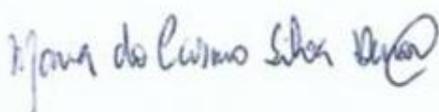
No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,



Prof. Dra. Ana Maria Gimenes Corrêa Calli
 Coordenadora do Mestrado Profissional em Educação

Ilmo. Sr. Giovanni Lima dos Santos
 Gerente de Educação Básica da Rede Firjan SESI
 Endereço: Av. Graça Aranha, nº1 - Centro
 Rio de Janeiro - RJ





Universidade de Taubaté
 Agência Municipal de Regime Especial
 Reconhecida pelo Doc. Fed. nº 78.32478
 Reconhecida pela Portaria CEE-OP nº 241/15
 CNPJ 49.179.143/0001-22

PPGG – Proreitoria de Pesquisa e Pós-graduação
 Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro Taubaté-SP 12222-040
 Tel.: (12) 3623.4211 Fax: (12) 3623.2047
 ppogg@unitau.br

Ofício nº PPGEDH –002/2020

Taubaté, 08 de janeiro de 2020

Prezado (a) Senhor (a)

Vimos por meio deste, solicitar permissão para realização de pesquisa pela aluna **ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA**, do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido durante o corrente ano de 2019 e 2020, intitulado **"ADOLESCÊNCIA, AUTOMUTILAÇÃO E IDEIAÇÃO SUICÍDA: novos desafios para a atuação docente"**.

O estudo será realizado na Escola Municipal Doutor Juiho Caruso, sob a orientação da **Prof. Dra. Débora Inácio Ribeiro**. Para tal, será realizada a coleta de dados com os 220 docentes que lecionam nos segmentos de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, por meio de questionário e entrevista, junto à população a ser pesquisada. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Ressaltamos que o projeto da pesquisa passará por apreciação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade de Taubaté.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Educação, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.080-000, telefone (12) 3624-1657, com a secretária **Rita de Cássia Foroni Oliveira**.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


 Prof. Dra. Ana Maria Gimenes Corrêa Galil
 Coordenadora do Mestrado Profissional em Educação

Sr.ª Rita de Cássia Andrade
 Secretária de Educação do Município de Volta Redonda
 Endereço: Rua São João, 651, 27253-360 São João
 Volta Redonda – RJ


 Aúrea Costa Schocair
 Subsecretária / SME
 Mat. 086.789 PMVR

ANEXO D**AUTORIZAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ADOLESCÊNCIA, AUTOMUTILAÇÃO E IDEAÇÃO SUICIDA: novos desafios para a atuação docente

Pesquisador: ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 33968620.4.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.217.708

Apresentação do Projeto:

O presente estudo tem como objetivo investigar como os docentes lidam com os alunos que apresentam comportamentos de automutilação e ideação suicida e como compreendem suas possibilidades de atuação. Diante desse objetivo será realizada uma pesquisa com professores de seis escolas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio do Sul do Estado do Rio de Janeiro, sendo três públicas e três particulares. A pesquisa será de natureza aplicada, exploratória e descritiva e será realizada através de uma abordagem qualitativa e quantitativa. Utilizando os instrumentos de questionário e entrevista semiestruturada. Pretende-se com o referido trabalho entender como os docentes lidam com os alunos que apresentam comportamentos de automutilação e ideação suicida e como compreendem suas possibilidades de atuação para, através da voz dos docentes, evidenciar alternativas para a atuação do educador junto aos alunos que sofrem emocionalmente.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar como os docentes percebem seus limites e possibilidades de atuação frente aos comportamentos de automutilação e ideação suicida entre alunos adolescentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequada avaliação de riscos e benefícios.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cep@unitau.br



Continuação do Parecer: 4.217.708

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pendências atendidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos apresentados adequadamente

Recomendações:

Caso ocorra qualquer mudança metodológica importante, como a alteração na forma de coleta de dados ou do instrumento de coleta em decorrência do isolamento social em virtude da COVID 19, a alteração deverá ser informada ao CEP/UNITAU por meio de uma emenda postada na Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 14/08/2020, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1562907.pdf	09/07/2020 20:59:41		Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	TERMO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR_RESPONSAVEL.pdf	09/07/2020 20:57:41	ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE DISSERTACAO.pdf	09/07/2020 20:55:08	ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	09/07/2020 20:48:32	ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	09/07/2020 20:48:04	ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA	Aceito
Declaração de	ESCOLA_PREFEITURA.pdf	25/05/2020	ANA PAULA LEMOS	Aceito

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cep@unitau.br



**UNITAU - UNIVERSIDADE DE
TAUBATÉ**



Continuação do Parecer: 4.217.706

Instituição e Infraestrutura	ESCOLA_PREFEITURA.pdf	13:47:00	OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	ESCOLA_PARTICULAR.pdf	25/05/2020 13:48:26	ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	25/05/2020 13:36:37	ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	25/05/2020 13:30:51	ANA PAULA LEMOS OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATE, 17 de Agosto de 2020

Assinado por:
Wendry Maria Paixão Pereira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cep@unitau.br